Ao seu am.' conselheiro José D'Almeida

off. o autor

A HISTORIA ECONOMICA

VOLUME II

EDADE MEDIA

OBRAS DO MESMO AUCTOR

Os Reprobos (poema). — Esgotado.

O Poema do Trabalho.

A Eleição Camararia do Porto e a politica actual do paiz (1895).

A Historia Economica. Vol. I — *Edade antiga.*

A Historia Economica. Vol. II — *Edade media.*

A ENTRAR NO PRÉLO

A Historia Economica. Vol. III — *Edade media.*

A Historia Economica. — *Edade moderna.* (2 volumes).

A Historia Economica. — *Edade contemporanea.* (2 volumes).

ADRIANO ANTHERO

A HISTORIA ECONOMICA

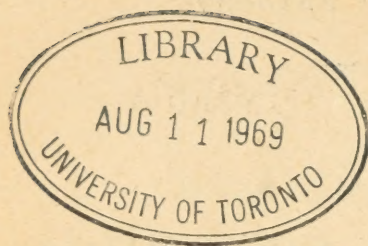
VOLUME II

EDADE MEDIA

PORTO

TYP. DE A. J. DA SILVA TEIXEIRA, SUCCESSORA

Rua da Cancella Velha, 70

1906

A HISTORIA ECONOMICA

CAPITULO I

Idéa geral do movimento economico na edade media

Necessidade de estudar a historia politica e social d'este periodo, para bem se apreciar o movimento economico. — Primeiras invasões dos barbaros. — Fundação dos differentes Estados a que essa invasão deu logar. — Acção do christianismo, para corrigir a rudeza dos barbaros e a desordem social. — Consequencias que se seguiram d'aquellas invasões. — Acção economica de alguns dos reis barbaros : Theodorico, Dagoberto e Carlos Magno. — Invasões posteriores dos Arabes, Normandos, Magyares e Sarracenos, e sua influencia. — Como essas invasões determinaram o feudalismo. — Influencia da organisação feudal na sociedade. — Abusos dos nobres. — Como esses abusos deram logar á instituição da *Paz e Tregoa* de Deus e ás communas. — O que foram essas instituições e influencia que exerceram. — Instituição da *cavallaria* e seus effeitos. — Cruzadas, causas que as determinaram, e influencia que exerceram, especialmente no movimento economico. — Engrandecimento do poder real. — Explorações e emprezas maritimas. — Accidentes politicos da Asia e da Africa. — Povos que tiveram a preponderancia economica d'esta epoca: Gregos ou Bysantinos, Arabes, Italianos, Hollandezes e Allemães. — Figura secundaria dos Francezes, Inglezes, Hespanhoes e Portuguezes. — Estado economico embrionario dos Russos e dos Scandinavos. — Importancia dos Judeus. — Productos commerciaes da edade media. — Inexploração da hulha. — Regimen da propriedade e das classes trabalhadores. — Atrazo da agricultura. — Pe-

queno desenvolvimento das industrias, em geral. — Circumstancias particulares do commercio, n'esta epoca. — Instituição dos *consulados* e *fundacos*. — Direito commercial. — Moeda. — Letras de cambio. — Banqueiros: Lombardos, Cahorsinos, Astiatas, Judeus e Templarios. — Odio aos Judeus. — Sua expulsão de varios paizes. — Communicações. — Conclusão.

Conforme o systema já por nós adoptado na historia antiga, para apreciar em particular o movimento economico dos differentes povos que tiveram a preponderancia mercantil da edade media, é mister examinar primeiramente, embora a largos traços, a historia politica e social d'este periodo. Porque a rotação politica, determinando a engrenagem e successão dos governos e a sua influencia na administração publica; e o estado social, ora tumultuario na invasão dos barbaros, ora comprimido no regimen feudal, ora mystico e aventuroso nas cruzadas, com as aspirações democraticas sob as communas e a absorpção dos poderes na centralisação real, durante os ultimos seculos: serviram de elementos poderosos ao progresso de cada nação.

*

* *

A edade media começou com a invasão dos barbaros, pelos fins do seculo IV, depois de Christo.

Esses barbaros eram então formados por tres familias principaes, a saber:

1.º Os Germanos, situados entre o mar Baltico e o Danubio, o Vistula e o Rheno, que comprehendiam os Allemães, os Francos, os Saxões, os Anglos, os Suevos, os Burguinhões, os Herulos, os Vandalos, os Lombardos, os Godos e outros.

Os Godos, originarios da Scandinavia, onde existe ainda uma provincia do seu nome—a Gothia ou Gottlandia—tinham vindo, atravez do Baltico, para as margens do Boristhenes (Dnieper); e ahi se dividiram ainda em Godos do Este ou Ostrogodos, Godos do Oeste ou Wisigodos, e Gepidos ou Retardatarios, assim chamados, por terem executado mais demoradamente a emigração para o sul.

2.º Os Slavos, estabelecidos entre o mar Negro e o Baltico, tendo por principaes tribus os Polacos, os Russos, os Bosnios, os Bulgaros e os Servios.

3.º Os Tartaros, que, originarios do plató central da Asia, comprehendiam os Hunos e Magyares, Alanos, Avaros, Turcos e outros.

Os Germanos tinham habitos sedentarios e uma organisação democratica, já festejada por

Tacito[1]. Não tinham cidades, e viviam a vida dos campos, obedecendo fielmente aos seus chefes. Decidiam os negocios nas assembleias politicas; e, embora soffressem numerosos deslocamentos, provenientes das invasões e das guerras, retomavam logo a vida sedentaria e o trabalho rural.

Os Slavos, mais sedentarios ainda que os Germanos, occupavam-se tambem com mais persistencia no amanho das terras e tratamento dos gados.

Só os Tartaros é que, vindos de uma região rude, pouco favorecida pela natureza, e de habitos nomadas e pastoris, como era o plató central da Asia, tinham tambem uma existencia nomada e guerreira. Lançavam adiante de si rebanhos consideraveis, e, os homens validos a cavallo e as mulheres, velhos, creanças e enfermos em carroças, passavam, como tempestade destruidora, atravez dos povos que invadiam.

O amor pela independencia e liberdade individual e o respeito pelos seus chefes era egual em todos os barbaros; e isso mesmo devia concorrer para o seu odio aos Romanos, que, durante tan-

---

[1] Tacito, *De situ, moribus et populis Germaniæ libellus.*

tos seculos, comprimiram a liberdade dos outros povos, e que, sob o despotismo da sua organisação politica, atrofiaram de todo a independencia individual. O declinar do imperio era já conhecido d'elles; porque alguns imperadores tinham já admittido um sem numero de barbaros nas legiões romanas. Só restava atacal-o e destruil-o. D'ahi as primeiras invasões.

Para fallarmos apenas das principaes, os Wisigodos, sob Alarico, desde o anno 395, percorreram toda a Grecia, passaram atravez da Illyria, e, entrando varias vezes na Italia, tomaram e saquearam Roma, em 410. Ataulfo, successor de Alarico, esposou a filha do imperador Honorio, e foi fundar em Barcellona (412) o primeiro reino gothico. O seu successor, Wallia, mudou depois a capital para Tolosa.

Os Suevos, vindos das margens do Baltico, sob Radagasis, desceram para o sul da Europa. No caminho, juntaram-se-lhes os Vandalos e Alanos; e, caindo todos sobre a Italia, foram vencidos, em Florença, por Stilicão, director de Honorio, em 406. No anno seguinte, porém, augmentados dos Burguinhões, lançaram-se todos elles sobre as Gallias. Os Burguinhões ficaram no valle do Rhodano, nas ferteis campinas do Jura, e no alto e medio Rheno; e, em 413, fun-

daram um reino, que teve por capital, primeiramente, Lyão, e depois Worms. Os outros barbaros cairam sobre a peninsula hispanica, estabelecendo-se os Alanos na Lusitania, os Suevos na Galliza, e os Vandalos na Andaluzia. Mas estes, chamados em 430 á Africa pelo conde Bonifacio, para o auxiliarem contra a mãe, e commandados por Genserico, derrotaram o proprio conde, fundaram o imperio de Carthago, e, passando outra vez á Europa, saquearam e devastaram a cidade de Roma.

Os Hunos, estabelecidos primeiramente na região situada entre o mar Negro e o Danubio, conquistaram os terrenos dos Ostrogodos; afugentaram os Alanos e Wisigodos; e, após isso, retiraram-se para a Sarmacia (Russia), entregando-se ahi a frequentes aggressões. Meio seculo depois, commandados por Attila, invadiram a Gallia, onde fizeram horriveis morticinios. Vencidos por Theodorico, rei dos Wisigodos de Tolosa, passaram á Italia, expulsaram diante de si os Venedos, que foram fundar Veneza, e marcharam sobre Roma. Desistiram, porém, de a tomar, pelos rogos do papa Leão I, que veiu ao seu encontro, e retiraram-se para a Panonia (Hungria). O seu immenso imperio desappareceu pela morte de Attila, seu rei (453).

Os Ostrogodos aproveitaram esse abatimento dos Hunos, para se estabelecerem tambem na Pancnia. O mais notavel dos seus chefes, Theodorico, irrompeu sobre a Italia, conquistou toda a peninsula, e escolheu Ravenna por capital do seu reino (493).

Os Francos principiaram tambem as suas invasões, desde 428, invadindo as Gallias e a Hespanha e tomando differentes cidades, até que constituiram o imperio franco.

Em 568, os Lombardos, que se tinham estabelecido nas planicies do Danubio, irromperam sobre a Lombardia, e ahi constituiram um reino, tendo por capital Pavia, que em breve se estendeu por toda a Alta Italia, comprehendida a propria Toscana, e depois se dilatou pelas regiões de Capua, Tarento e Benavente. Esse Estado, que teve muitos reis, amantes da ordem e cuidadosos do aperfeiçoamento das leis e da administração da justiça, subsistiu até 774, em que o ultimo d'elles, Didier, foi vencido e o seu territorio conquistado por Carlos Magno.

Desde 437 a 586, os Anglo-Saxonios, estabelecidos ao norte da Europa, invadiram e conquistaram parte da Inglaterra, propriamente dita, e do sul da Escossia, formando a chamada heptarchia, constituida pelos sete reinos de Kent,

Sussex, Wessex, Essex, Est-Anglie, Northumbria e Mercia.

Finalmente, chegado já o estado romano ao ultimo extremo, e proximo da sua ruina, sob Romulo Augusto, os Herulos, commandados por Odoacro, tomaram primeiramente Ravenna, e depois Roma (476), o que arrastou a queda de todo o imperio [1].

*

* *

A agitação e desordem proveniente d'estas successivas irrupções, o estado tumultuario, incerto e destituido de segurança e de garantias, de toda a sociedade, deviam trazer completamente o marasmo do commercio e da industria. Só o repouso e tranquillidade social os poderia animar.

O primeiro elemento para essa tranquillidade foi a constituição dos reinos barbaros,

---

[1] Raffy, *Répétitions écrites d'Histoire Universelle.* — Jorge Weber, *Historia Universal,* traduzida por Delfim d'Almeida. — Cesar Cantu, *Historia Universal,* traduzida por Antonio Ennes. — Guizot, *Historia da Inglaterra,* traduzida por Maximiano de Lemos. — Henri Martin, *Histoire de France.*

que foi acantonando essas hordas fluctuantes e estratificando as camadas revoltas.

Em 413, fundou-se o reino dos Burguinhões, tendo por capital primeiramente Lyão e depois Worms. Em 419, fundou-se o dos Wisigodos de Tolosa e de Hespanha, que se estendia desde o Garona até o Ebro, e que teve por capital Barcellona, e depois Tolosa. Em 435, os Vandalos sob Genserico, fundaram o imperio de Carthago. Em 448, sob Meroveu, ou sómente, em 481, sob Clovis, fundou-se o reino dos Francos, tendo primeiramente por capital Tournay e depois Paris. Em 493, Theodorico, tendo vencido Odoacro, fundou em Ravenna o reinado dos Ostrogodos, e subjugou toda a peninsula italica. Em 568, os Lombardos, vindos da Allemanha, depois de terem occupado o Danubio, irromperam tambem na Italia, e, tomando a Lombardia, escolheram Pavia por capital do seu reino.

*

* *

Estas successivas irrupções dos barbaros e o estado tumultuario que d'ellas resultou, deviam produzir consequencias extraordinarias. Apontaremos as mais importantes para o commercio.

Uma d'ellas, que importou a reconstrucção da nova sociedade, foi terminar com o despotismo romano, que estava explorando o mundo, e abrir com isso novos horizontes á civilisação futura. Ao poder de um colosso, carregando com vara de ferro sobre os povos opprimidos, substituiu-se o movimento rude, é certo, mas cheio de vida d'esses invasores, e o sentimento da liberdade individual, quasi desconhecido dos antigos [1]. Á civilisação gasta e immoral de uma nação gangrenada substituiu-se a independencia, actividade e simplicidade habitual dos barbaros.

Faltava adoçar-lhes a aspereza, corrigir-lhes os costumes. Essa foi a obra do christianismo, cuja influencia começou a preponderar no seculo IV, e que se achava já completamente organisado no fim do seculo V, embora soffresse ainda depois d'isso differentes modificações.

Os principios de egualdade, caridade e liberdade, que formam a base da sua doutrina, e a prohibição da escravatura, faziam de per si a cathechese do povo; as perseguições dos primeiros christãos acendravam a propaganda, e cha-

---

[1] Guizot, *Histoire Générale de la Civilisation en Europe*, pag. 24.

mavam a sympathia dos opprimidos e desgraçados, sempre interessados pelos que soffrem. Os proprios patricios tinham abraçado, em grande parte, essa religião, arrastando com elles os mais consideraveis representantes do poder temporal.

Por isso, o christianismo se propagou com uma rapidez enorme, por entre os escombros da sociedade; e, adoçando os costumes e transformando a crueldade dos temperamentos, na santidade da sua doutrina, approximou os vencedores dos vencidos, lançando os fundamentos da fraternidade humana.

Ao mesmo tempo que espiritualisava os sentimentos e levantava na sociedade um mundo moral, em contraposição ao diluvio de força bruta que assolava a Europa, alargava o dominio da geografia, pela extensão das suas missões. Dava por seus mosteiros e abbadias, emquanto se não desviaram da missão primitiva, protecção ás artes pacificas do trabalho; e ia formando lentamente o estrado da nova civilisação.

Outra consequencia das irrupções barbaras, foi que as relações economicas entre o oriente e o occidente cessaram quasi de todo; já porque as necessidades dos barbaros dispensavam os objectos luxuosos do oriente, e os seus costumes eram avessos ás artes delicadas dos Gregos; e já

porque o sobresalto e agitação das luctas e das invasões afugentavam os negociantes. Só mais tarde, como veremos, as cruzadas renovaram as communicações interrompidas.

Constantinopla, porém, graças á posição e boa fortuna, pôde conservar por muito tempo a independencia, concorrendo tambem para isso o ter quebrado as relações com a Europa occidental. Constituiu o centro onde se acolheram os foragidos e os restos da civilisação antiga, e conservou as relações commerciaes com a Asia e com o Egypto, explorando sempre o trafico indiano [1].

Outra consequencia da invasão dos barbaros, foi a destruição quasi completa do commercio e da industria dos Romanos.

Embora vivendo da espoliação dos outros povos, os Romanos tinham a sua civilisação propria; e o enorme consumo do seu grande centro, a riqueza dos seus patricios, o luxo dos seus habitos, a corrupção dos seus costumes, tinham trazido comsigo a ostentação e o desperdicio, a necessidade de um grande mo-

[1] Scherer, *Histoire du commerce de toutes les nations*, traducção franceza de Henri Richelot e Charles Vogel.

vimento economico e de uma grande rede industrial. Da mesma fórma, embora debaixo de um jugo de ferro e no deslumbramento fatuo de uma corrupção enorme, Roma abrigava em si o que havia de mais rico nas artes, na industria e no commercio; e esta riqueza estendia-se tambem por muitas das provincias conquistadas [1]. A invasão barbara, porém, caindo como avalanche n'um solo ajardinado, destruiu na passagem e abafou, debaixo dos seus costumes simples e guerreiros e dureza do seu temperamento, quasi tudo o que achou de bello e de efeminado, bem como as tradições e manifestações da civilisação antiga.

E, comtudo, nem todos os reis barbaros eram avessos á industria e ao commercio; antes alguns houve que tentaram oppôr-se á torrente, preparando a reconstrucção economica. Um d'elles foi Theodorico.

Esse rei, que, segundo vimos, constituiu em Ravenna o reino dos Ostrogodos, desde 493 a 526, fôra educado em Constantinopla, onde adquirira o gosto pelas artes, pelas industrias

[1] *Historia Economica*, vol. I.

e pela civilisação. Por isso mesmo, além dos melhoramentos materiaes que ordenou, como o embellezamento de Pavia e Ravenna, a reparação das muralhas de Roma e o levantamento de muitos edificios, additou e reformou a legislação; policiou o reino; restabeleceu a segurança dos campos e das cidades; protegeu as letras; e desinvolveu muito o commercio.

Merece tambem menção especial o rei da França, Dagoberto, que, egualmente, se esforçou por fazer levantar o commercio e a industria, decretando varias providencias economicas, e entre ellas a creação da celebre feira do *Lendit,* nas planicies de S. Diniz, arredores de Paris, que se tornou grande centro das mercadorias de Hespanha, Provença, Lombardia, Gran Bretanha, assim como dos vinhos e azeites da Europa meridional e das pelliças do norte [1].

Mas a sociedade estava rude de mais, para que esses e outros esforços isolados podessem conter as ortigas das ruinas ou cimentar o estrado da reconstrucção economica. A propria influencia civilisadora do christianismo e os seus

---

[1] Noel, *Histoire du Commerce du Monde*, vol. I, pag. 124.

effeitos salutares iam-se lentamente estiolando. Era preciso um braço forte, herculeo, quasi maravilhoso, que, no meio da desordem que ainda reinava na sociedade, viesse coadjuvar aquella influencia. Foi essa a obra de Carlos Magno (771 a 814).

Quando elle começou a sua missão, a propria natureza conspirava ainda contra a organisação social; porque, até na Hespanha, Italia e Gallias, havia provincias inteiras convertidas em desertos e infestadas de miasmas. Faltavam os braços para a agricultura e para a industria, faltava a segurança para o commercio, faltava a aptidão para as artes. Ainda por cima, os monopolios prendiam a iniciativa; e as grandes fomes, causadas pelas devastações e pelas más colheitas, eram continuas.

Carlos Magno tratou de atalhar a todos estes males. Para desinvolver a agricultura, além dos incitamentos directos, estabeleceu os dizimos em favor da egreja, interessando-a assim no augmento da producção. Para desinvolver a industria, creou e organisou as corporações industriaes; e, nas suas *Capitulares,* consignou-lhes differentes privilegios. Para incitamento do commercio, estabeleceu differentes feiras como as de Aix-la-Chapelle, Bardenwick, perto de Ham-

*

burgo, Magdeburgo, Erfurt, Bamberg, Ratisbonna, e Lorck, no caminho de Constantinopla; e mandou emissarios seus — *missi dominici* — por differentes provincias do imperio, para fazerem propaganda commercial e industrial e ensinarem as respectivas leis e regulamentos. Para levantar a instrucção, creou diversos estabelecimentos scientificos, e animou as letras, apezar de não saber lêr.

Construiu caminhos novos, e fez reparar os antigos. Cuidou da segurança do transito; e a facilidade das communicações mereceu-lhe sempre especial cuidado. Foi elle o primeiro que se lembrou de juntar o Rheno ao Danubio por um canal, obra executada depois sob Luiz de Baviera. A propria navegação fluvial tomou tambem uma certa actividade. Tournay sobre o Escalda, Maestricht sobre o Mosa, Worms e Mayença sobre o Rheno, tornaram-se entrepostos das mercadorias expedidas de Frisa e da Germania.

Finalmente, Carlos Magno, estendendo as suas conquistas ao norte, que até ahi se tinha conservado afastado do resto da Europa, e fazendo com isso recuar os limites do imperio até o Oden e o Theiss, alargou a area onde as suas reformas podiam applicar-se, ampliando tambem

com isso o dominio da geografia e do commercio [1].

*

* *

A par das invasões dos primeiros seculos da edade media, houve duas outras, que influiram tambem poderosamente no progresso da Europa: a dos Arabes, no seculo VIII, e a dos Normandos, nos seculos IX e X. E, ainda no seculo IX, houve outras duas de menor importancia, a dos Magyares e a dos Sarracenos, cujos effeitos, comtudo, se devem notar.

Os Arabes entraram na Hespanha em 711, aproveitando-se das dissensões entre o monarca reinante, Rodrigo, e os filhos do rei deposto, Vitiza. Commandados por Tarik, derrotaram completamente o exercito de Rodrigo em Guadelete; e, irrompendo na França, foram detidos na carreira por Carlos Martel, que os venceu na batalha de Poitiers. Refluiram então de novo para a peninsula hispanica, e ahi dominaram por sete seculos.

---

[1] Scherer, *obr. cit.* — Noel, *obr. cit.* — Henri Martin, *obr. cit.* — Perigot, *Histoire du commerce français.*

A influencia d'esse povo na Europa foi grandemente civilisadora. Soube elevar a agricultura, industria e commercio a um altissimo gráo de esplendor. As letras e sciencias receberam egualmente o seu influxo. Os proprios costumes se adoçaram debaixo da sua conquista; porque, se durante a guerra, o seu fanatismo e o impeto do seu temperamento os tornava crueis e sanguinarios, terminada ella e estabelecidos definitivamente no territorio conquistado, eram tolerantes e trataveis.

A Hespanha, onde as invasões dos primeiros seculos tinham abafado uma civilisação relativamente adiantada, levantou-se e civilisou-se de novo, sob a permanencia dos Arabes [1]; e, mesmo na Italia e no centro da Europa, se fez sentir poderosamente a influencia d'este povo.

Emquanto aos Normandos, eram conhecidos por este nome collectivo os povos que habitavam a Noruega, Suecia, Dinamarca, Finlandia, e, em summa, todas as costas e ilhas do Baltico.

Habituados desde a sua mocidade aos perigos e luctas do mar, exerciam assiduamente a

---

[1] Modesto Lafuente, *Historia General de España*, vol. I.

pirataria. Tinham como os Germanos o sentimento vivo da liberdade, a mesma lingua, a mesma escripta runica, a mesma religião e costumes. A rapina, a guerra e os habitos militares, constituiam a sua principal preoccupação. A sua grande bravura correspondia á sua grande ferocidade, inspirada na religião cruel d'Odin [1].

Depois de terem percorrido e infestado os mares do norte, e alargado os dominios da geografia pelas ilhas de Islandia e Setlandia, e pela propria Irlanda, desceram nos seus barcos ao longo das costas, devastando as regiões por onde passavam. Quando recolhiam á patria, iam carregados de despojos.

Parte da Allemanha, os Paizes-Baixos, a França, a Hespanha, mesmo Portugal, sentiram as suas invasões, e foram victimas da sua rapina e da sua crueldade. Principalmente na França, não sómente as regiões costeiras, mas as proprias margens dos rios que elles subiram até o coração do paiz, soffreram longa e pesadamente a invasão e conquista dos Normandos; e parte

[1] Odin era a principal divindade dos antigos Scandinavos, que elles reputavam como pae de todos os outros deuses e do mundo.

d'elles ahi se estabeleceram definitivamente, como senhores da Normandia.

Atravessaram tambem o estreito de Gibraltar, e foram assolar egualmente as costas do Mediterraneo, conquistando uma parte da Italia. Com o nome de Dinamarquezes, partilharam das conquistas d'Inglaterra. E, até na Russia, o normando Rurich, estabelecendo-se em Novgorod, começou a serie dos seus monarcas.

Mas no meio da sua ferocidade e conquista, levaram comsigo o cunho da independencia; ampliaram os conhecimentos geograficos; lançaram nas costas septentrionaes da Europa o germen d'esse espirito navegador, que, mais tarde, distinguiu os seus habitantes; e foram desinvolvendo o commercio nas regiões que iam dominando [1].

Os Sarracenos eram as populações provenientes do cruzamento dos Arabes com os Berberes. Tendo por capital Tunis, assolaram todas as costas do Mediterraneo. Em 831, assenhorearam-se da Sicilia, passaram d'ahi á Italia, e, tomando Brindisi e Tarento, ampliaram as suas excursões até ás visinhanças de Roma. Depois tomaram

---

[1] Depping, *Histoire des Normands*. — Scherer, *obr. cit.*, vol. I.

Malta, a Corsega, a Sardenha e as ilhas Baleares. Levaram a sua audacia até o ponto de se estabelecerem na Provença e nos desfiladeiros dos Alpes e do Pó [1]. Faziam da pirataria e escravidão o seu principal negocio, e castravam os escravos, para os venderem como eunucos. As perturbações das suas invasões, o receio da sua pirataria, a falta de segurança do Mediterraneo e das suas costas, por causa da crueldade e da rapina d'esse povo, foi uma das causas anticonomicas d'essa epoca.

Os Magyares, pertencentes á raça uralo-altaica, e vindos como os Hunos do plató central, tinham-se estabelecido na região dos Carpathos; e, chamados em 992 pelo rei da Germania, Arnulfo, contra os Slavos da Moravia, em poucos annos, conquistaram as planicies do Theiss e da Panonia. Em 899, devastaram a Carinthia. Em 900, foram até ás vertentes dos Alpes. Em 995, invadiram a bacia do Pó. Assolaram depois a Italia e as regiões do Alto Danubio, e levaram as suas correrias até á Alsacia, Lorena e parte da Borgonha. Invadiram a Saxonia, Baviera e

---

[1] Consiglieri Pedroso, *Historia Universal.* — Cantu, *Historia Universal,* vol. VI.

Franconia. Tentaram tambem invadir a Hespanha, para se apossarem dos thesouros do kalifa; mas foram detidos nos Pyreneus pelo conde de Tolosa, Raimundo Pons.

Essas invasões começavam a tornar-se verdadeiramente ameaçadoras para a Europa occidental, quando o imperador da Allemanha, Henrique, o Caçador, os venceu em Mersebrugo (934), e seu filho Othão I os esmagou na batalha de Augsburgo.

Então os Magyares, exhaustos de forças, estiveram quarenta annos em quietação, a recobrarem-se do seu abatimento. No fim d'esse periodo, encontraram o novo ducado d'Austria e o reino da Baviera, cuidadosamente organisados e abastecidos de fortalezas; e, por isso, em vez de irromperem para o occidente, foram atacar de preferencia o imperio grego, cuja fraqueza os animava. N'esse proposito, penetrando na Thracia e Macedonia, avançaram até os muros de Constantinopla; mas foram repellidos com muitas perdas. Soffrendo tambem, posteriormente, uma derrota completa em Andrinopla, reentraram na Hungria; e, cuidando então principalmente da exploração do solo feracissimo, em breve attrairam colonias de Musulmanos, Bohemios, Polacos, Gregos, Armenios, Saxonios, Thuringios,

Suecos e Cumanos, que fizeram progredir a agricultura, e promoveram o desinvolvimento economico do paiz [1].

*

* *

As invasões dos barbaros determinaram o estabelecimento do feudalismo, que dominou, principalmente desde o seculo X ao seculo XIII, e que, segundo a expressão de Oliveira Martins, se caracterisava — pela identificação da propriedade e da soberania — permanencia hereditaria da concessão — e vassallagem expressa, unicamente na prestação do contingente militar [2].

Como é sabido, a organisação feudal, dividindo o paiz em pequenos regulos independentes do governo central, em quasi todas as suas relações politicas e sociaes, e, representando, por assim dizer, uma federação monarquica *sui generis,* começou por fazer mudar a distribuição da população; porque, se até ahi a sociedade se

---

[1] Dussieu, *Ensaio historico sobre a invasão dos Hungaros.* — Consiglieri Pedroso, *Historia Universal.*

[2] *Historia de Portugal* de Stephens, traduzida por Silva Bastos e prefaciada por Oliveira Martins.

compunha de massas de homens, sedentarias ou errantes, o feudalismo trouxe o isolamento dos differentes senhores, a grande distancia uns dos outros.

Ora, ao passo que, d'este modo, tinham de manter a segurança dos seus feudos e de os defender contra as invasões e cubiça dos outros senhores, eram interessados no desinvolvimento agricola dos seus dominios e na paz e tranquillidade dos seus territorios. E, se viviam retirados, e conservavam a desegualdade de condições sociaes entre elles e os colonos, prejudicando assim a liberdade e relações economicas entre uns e outros, iam comtudo preparando o futuro, n'essa creação da ordem e da segurança publica.

Por outro lado, essa mesma circumstancia dos feudaes viverem retirados nos seus castellos e nos seus dominios, mais afervorava entre elles os sentimentos de familia; e a mulher, a companheira d'essa solidão, tomava na alma do marido o imperio natural. A guerra, as luctas e aventuras cavalleirosas da sociedade, que facilmente se increspava em toda a superficie, a qualquer leve agitação politica, ou a qualquer resentimento particular, afastavam, de certo, frequentemente, o senhor para longe da sua habitação. Mas, no regresso, a familia retomava o

seu poder, e, como é natural, a mulher exercia mais vigorosa a sua influencia.

Finalmente, acabadas como estavam as invasões, e adoçados os costumes pela paz e pela influencia christã, o feudalismo, acrisolando o sentimento da familia, devia augmentar consideravelmente a noção da consciencia, da dignidade e do valor pessoal [1].

Por isso, a instituição feudal, a principio, contribuiu poderosamente para o estrado da civilisação, e, sequentemente para o desinvolvimento economico da sociedade, que lhe anda annexo.

*

* *

Mas, como, em geral, acontece, os senhores foram abusando grandemente do seu poder, e a opportunidade e vantagem do feudalismo foi degenerando successivamente na oppressão do povo, nas guerras e luctas particulares, na propria espoliação dos mercadores e viandantes.

Foi assim que os nobres chegaram a estabe-

---

[1] Guizot, *Histoire Générale de la Civilisation en Europe.*

lecer por toda a parte direitos de portagem sobre as mercadorias, collocando, na passagem dos rios e gargantas das montanhas, homens armados, para garantirem essa medida. E, não contentes com isso, obrigavam os negociantes a desembarcar, descarregar e desembalar as mercadorias, nos respectivos feudos, para que os habitantes do logar tivessem preferencia na compra.

Muitas vezes a importação e exportação era tambem prohibida, e taxado o preço dos generos. E os mercadores eram frequentemente despojados [1].

E tudo isto com as desordens e anarquia resultantes da invasão dos barbaros, com a limitação do poder real, desregramento dos costumes e orgulho crescente dos nobres, trouxe mais ou menos revolta a sociedade, até o seculo X, por meio das luctas e guerras particulares.

Ora essa oppressão do povo e esses abusos, com respeito ao commercio, deram logar ao estabelecimento das communas. As guerras particulares deram logar á *Paz e á Tregoa de Deus.*

---

[1] Cantu, *Historia da Italia,* vol. VII. — Laurent, *Histoire de la Philosophie.* — Fernando Garrido, *Historia de las classes trabajadoras.*

*

* *

Quanto ás communas, que eram especies de municipios, organisados pela iniciativa do povo, com a protecção do rei, embora existissem mais ou menos indefinidas, incertas e a medo, desde o seculo IV, foram, por assim dizer, recozendo nas cinzas, até que definitivamente se organisaram, pela insurreição communal do seculo XI. Dominaram desde então, com toda a força, até o fim do seculo XII; e começaram depois a decair até o seculo XV, em que desappareceram. Tiveram por auxiliar a propria monarquia, ciosa do poder feudal e desejosa de reivindicar para si as garantias da nobreza. E, trazendo comsigo a emancipação da burguezia, e a lucta das classes, que havia de provocar o triumpho da democracia, contribuiram efficazmente para o desinvolvimento da civilisação. Juntamente, pela união dos operarios, foram preparando a consideração pelo trabalho e o amor pela industria.

Como acontece em todas as collectividades, dentro da propria communa, se foi estabelecendo muitas vezes a differença de posições, e surgindo nos dirigentes uma outra especie de senhores. Mas nem por isso ficou perdido o fructo da

sua elaboração; e, pelo contrario, sempre a influencia economica do seu estabelecimento foi preparando o levantamento das classes trabalhadoras.

Por isso mesmo, estas classes, respirando livremente no seio das communas, se uniram entre si, creando as *corporações d'artes e officios*, conhecidas tambem pela denominação de *guildas* ou *jurandas e mestrias*.

Supposto variasse a organisação d'estas communidades, nos differentes paizes da Europa, os traços geraes eram quasi os mesmos. Consistiam em associações d'industriaes da mesma cidade, exercendo a mesma profissão e agrupados de ordinario no mesmo bairro e na mesma rua, que se uniam e auxiliavam mutuamente, para se defenderem contra o inimigo commum, a saber: contra os officiaes do senhor feudal, que os tributava a capricho; contra os artistas estrangeiros, que vinham tirar-lhes uma parte do seu trabalho; contra os individuos da mesma profissão, que, isoladamente, lhes creavam uma concorrencia perigosa, instruindo na sua arte grande numero de aprendizes.

Como diz Perigot, « se, mais tarde, essas corporações se tornaram oppressivas para os individuos e mesmo funestas para o commercio, pelo

abuso da rotina, foram, na meia edade, a garantia do trabalho e a defeza do fraco contra o oppressor. Representavam uma pequena communa dentro de outra maior, tendo os seus magistrados e os seus rendimentos. Fundavam-se, é certo, no privilegio, mas tambem n'essa epoca havia apenas privilegios ou direitos excepcionaes, na falta de liberdades geraes »[1].

Comprehendiam tres ordens de pessoas — os aprendizes, os obreiros e os mestres.

Os aprendizes não exerciam nenhum direito. Gozavam apenas da protecção juranda; e, a não serem filhos de mestres, pagavam pela aprendizagem um tanto á corporação, e, n'algumas das cidades reaes, tambem um tanto ao proprio rei. Não podiam abandonar os mestres, e trabalhavam para elles. Em troca, eram alojados, vestidos e alimentados pela sociedade.

Os obreiros, cujo numero era indeterminado, gozavam já de certos direitos. Só eram admittidos como taes, depois de terem feito alguma obra especial e de valor. O seu trabalho era remunerado. Não podiam abandonar os mestres, mas tambem não podiam ser despedidos sem razão.

---

[1] Perigot, *obr. cit.*

Os mestres gozavam de muitos privilegios. Era reduzido o seu numero; e, para ser preenchida a vaga dos que falleciam, requisitavam-se muitas formalidades, além do eleito pagar um tributo á corporação, e muitas vezes ao proprio rei. Uma d'essas formalidades consistia no concurso, para o candidato se mostrar habilitado a exercer o cargo; e os outros mestres, depois de *jurados,* isto é, depois de ajuramentados, é que presidiam a esse concurso. Do facto dos examinadores terem de ser *jurados* ou ajuramentados, é que proveiu a denominação de *jurandas.*

Estas associações uniam tambem os seus membros por laços religiosos; pois, cada uma d'ellas era collocada sob o patronato de um santo, e uma parte da receita era applicada a obras de beneficencia.

Os estatutos regulamentavam o trabalho, a qualidade dos productos, a fiscalisação das imperfeições e falsificações, o policiamento da corporação, a decisão das contendas dos seus membros. E havia magistrados superiores e inferiores, que tinham a seu cargo zelar o cumprimento d'esses estatutos e decidir as respectivas questões.

O trabalho não podia ser executado por conta

propria, nem no domicilio de cada membro, e só por conta da corporação e na officina commum [1].

*
* *

A *Paz e a Tregoa de Deus* foram os meios empregados pela egreja, a partir do seculo x, para reprimir a espoliação e o roubo e combater os abusos das guerras particulares.

Como já dissemos, a anarquia proveniente da invasão dos barbaros, o desregramento dos costumes e orgulho dos nobres, trouxeram sempre, com mais ou menos intensidade, até o seculo x, a espoliação dos bens individuaes e do clero, e a vindicta das offensas ou melindres pessoaes, por meio das guerras e luctas particulares.

Com o governo de Carlos Magno, que prohibiu essas contendas n'uma das suas capitulares, e empregou tambem a sua energia em manter a ordem nos seus vastos dominios, a situação foi

---

[1] Fernando Garrido, *obr. cit.* — Perigot, *obr. cit.* — H. Kauser, *Ouvriers du Temps Passé.*

*

differente. Mas, no fraco governo dos seus successores, continuou a desordem geral; e essa vindicta das offensas privadas e reparação dos melindres pessoaes, por meio de guerras particulares, entrou nos costumes como um direito. Só os burguezes e villãos o não tinham; mas os nobres, os senhores feudaes, os gentishomens dirimiam as suas questões no campo da batalha, e por tal fórma que toda a sociedade se tornou revolta por semelhantes contendas.

Os proprios jurisconsultos não contestavam esse direito, e apenas tratavam de lhe diminuir os abusos e regular o exercicio.

Por outro lado, os assaltos á propriedade particular, a espoliação dos viandantes e mercadores, e a usurpação dos rendimentos do clero, constituiam praticas frequentes, de que os proprios nobres abusavam.

Por isso cada senhor que se julgava offendido na sua honra ou ferido nos seus interesses, não tinha outro juiz senão Deus e a sua espada; e, na falta de uma auctoridade superior, para dirimir as contendas e fazer justiça, podia oppôr a força á força e punir de per si as offensas pessoaes. E, no seculo x e sob o governo dos ultimos successores de Carlos Magno, as guerras de provincia com provincia, de aldeia com aldeia,

a ladroagem organisada nos caminhos, a corrupção, a desordem, o assassinio, tocaram o seu zenith [1]; sem que o poder central tivesse força para reprimir semelhantes excessos.

Foi então que a egreja tomou a missão sublime de acabar com as extorsões e guerras particulares, ou, pelo menos, diminuir a desordem, prestando á sociedade o maior e mais difficil serviço d'esse tempo.

Tão inveterados estavam os abusos que ella não pôde atacal-os desde logo radicalmente; e só, pouco a pouco, foi tratando da sua completa repressão. Por isso, tendo collocado os templos, clerigos, religiosos, religiosas, cemiterios, mosteiros, creanças, peregrinos, mulheres, trabalhadores, instrumentos do trabalho, segundo as leis dos concilios, na *Paz de Deus,* isto é, na paz perpetua, de modo que, em tempo nenhum, podiam ser offendidos ou espoliados, não prohibiu, desde logo, radicalmente, a guerra entre os senhores feudaes, e apenas lhe limitou

---

[1] Conta Raoul Glaber que os fortes matavam, assavam e comiam os fracos e attraiam as creanças para as devorarem. — Ernest Semichon, *La Paix et la Trève de Dieu,* vol. I, pag. 5.

a duração, estabelecendo com isso *a Tregoa de Deus*.

A primeira medida promulgada n'este sentido foi a do concilio celebrado em 989, ao sul da França, no mosteiro de Chanoux, em Poitou, pela qual eram excommungados os ladrões dos bens da egreja, e os que atacavam os clerigos inermes. Depois, em concilios successivos, celebrados tambem na França, foi-se ampliando a prohibição, por fórma que, já no fim do seculo X, se tinha prescripto que todas as contendas fossem submettidas ao juizo secular da localidade, se o houvesse, e, na sua falta, á respectiva auctoridade ecclesiastica. E, em 1031, nos concilios de Bourges e Limoges, bem como, em 1041, no de Tuluges, embora a egreja não podesse acabar de todo com as guerras particulares, proclamou a sua suspensão, ou, por outras palavras, a *Tregoa de Deus*, desde quarta-feira á noite a segunda-feira de manhã, no tempo que vae do primeiro dia do advento á oitava da epiphania, e da primeira segunda-feira que precede a quaresma, até á primeira segunda-feira depois da oitava do pentecostes; e, além d'isto, em certas festas do anno.

Da mesma fórma, proclamou a *Paz Perpetua* para com os religiosos, religiosas, cemiterios,

mosteiros, creanças, peregrinos, mulheres, trabalhadores, instrumentos do trabalho, feiras e mercadores que as frequentassem [1].

Para fazer respeitar estas decisões, empregou as armas da excommunhão, poderosas, n'esse tempo; usou tambem da prédica e das penas temporaes; conseguiu que o rei e os nobres jurassem obediencia ás suas resoluções; e pôde organisar no povo e na nobreza a *associação da paz,* incumbida de vigiar e fazer manter aquellas deliberações [2]. E, para que a acção moral da egreja tivesse maior preponderancia, accresceram as pestes frequentes, que atormentavam os espiritos, e mais receiosa tornavam a excommunhão. Especialmente, a peste que, no fim do seculo X, assolou o sul da França e que, pela sua grande intensidade, mais funda impressão produziu, contribuiu efficazmente para a maior influencia do clero.

A *Paz e a Tregoa de Deus,* que primeiramente foram proclamadas no sul da França e sanciona-

---

[1] Rambaud, *Histoire de la Civilisation Française.* — Ernest Semichon, *obr. cit.*, vol. I.

[2] Esta associação chamava-se *paziagium* ou *paxiogium,* ou *compensus commune pacis.* Ernest Semichon, *obr. cit.*

das pelo governo, estenderam-se pelo resto do paiz e pela Normandia. D'ahi passaram á Inglaterra, protegidas pelo rei Canuto e por Guilherme, o Conquistador, bem como á Italia e Hespanha; e, mais tarde, no fim do seculo XI, á propria Allemanha[1].

Ao terminar do seculo XIII, essa instituição tinha declinado juntamente com a decadencia do poder da Egreja e da efficacia dos interdictos religiosos; mas, em compensação, tinha crescido o poder da realeza, e os reis avocavam a si a manutenção da ordem e a repressão dos abusos.

Em todo o caso, por espaço de tres seculos, a *Paz e a Tregoa de Deus* contribuiram grandemente para o estabelecimento da ordem, repressão dos abusos e doçura dos costumes; e, protegendo a propriedade e o commercio, prestaram enorme serviço á civilisação, e por consequencia ao movimento economico.

*

* *

Não podemos fechar a apreciação geral do feudalismo, sem frisar o papel importante que,

---

[1] Ernest Semichon, *obr. cit.*, vol. II.

n'uma grande parte dos senhores feudaes ou simplesmente dos nobres, representou n'este periodo essa instituição, filha d'um sentimento apaixonado, que se chamou a *cavallaria*.

A *cavallaria* era o antigo uso germanico de que o joven, na edade de quinze annos, fôsse armado cavalleiro por seu pae ou por qualquer chefe, na assembleia dos homens livres.

A principio, a cerimonia foi muito simples. Mas, no seculo XII, a egreja interveiu, e fez do armamento do cavalleiro, como da coroação real, um sacramento, misturando ás antigas cerimonias germanicas outras cerimonias religiosas.

Era timbre do cavalleiro ser gentil e dedicado pela sua dama, brioso pelo seu proprio caracter e decidido nas emprezas e nos perigos. Não devia atacar os fracos e as mulheres, antes devia protegel-os. Não podia tambem atacar deslealmente o seu inimigo, nem faltar á fé jurada, sob pena de passar por traidor. Da mesma fórma, os arautos não podiam ser offendidos.

É bem de vêr que a assimilação d'estes principios, accentuando o respeito pela mulher e o amor pela familia, e acendrando o estimulo da dignidade pessoal, devia, no meio dos excessos que resultam sempre de um sentimento apaixo-

nado e orgulhoso, influir poderosamente nos costumes da sociedade [1].

*

* *

O feudalismo e as communas fixaram, como já vimos, os senhores, vassallos e burguezes nos limites do seu feudo e no ambito do seu burgo. Mas o desejo de aventuras e de conquistas não estava de todo apagado, e a *Tregoa e a Paz de Deus,* trazendo o aborrecimento dos castellões, faziam sonhar novas emprezas.

Para que este sonho se convertesse em realidade, bastava incentivo que as determinasse, propaganda que as suggerisse; e a guerra dos christãos e mahometanos, essa lucta religiosa da Asia e da Europa, com as prégações do clero, preparou a occasião.

Por isso, a Europa se arremessou contra a Asia, desde o seculo XI até o seculo XIII, no movimento geral das cruzadas.

O sentimento religioso e mystico, foi certa-

---

[1] Alfredo Rambaud, *Histoire de la Civilisation Française,* vol. I. — Jeronimo Brocardo, *Historia del comercio, de la industria y de la economia politica,* traducção hespanhola de Lorenzo Benito. — Ernest Semichon, *obr. cit.,* vol. II.

mente o primeiro e principal incentivo que fez despertar o movimento; mas, ao lado d'elle, cada individuo tinha outro ideal. Nos principes e cavalleiros, preponderava o amor da guerra e das aventuras. Nas classes baixas, o desejo de se subtrairem á situação intoleravel creada pelo estado social; porque a egreja proclamava que o servo que seguisse os cruzados, não podia ser detido pelo senhor; que teria direito de vender as suas terras, sem o consentimento d'elle; e que tambem o devedor não podia ser perseguido pelo credor, ou accusado nos tribunaes. Finalmente, nos burguezes das cidades, dominava o amor do lucro [1].

Já antes d'isso, as peregrinações a Jerusalem tinham chamado a attenção para o commercio oriental, porque os proprios peregrinos eram muitas vezes commerciantes, e os que não eram, aproveitavam o ensejo, para traficarem nas mercadorias do Levante.

Vinham de longe estas peregrinações [2], mas, até o fim do seculo x, só podiam fazer-se por mar,

[1] Alfredo Rambaud, *obr. cit.*

[2] Michaud, *History of the crusades*, traducção ingleza por W. Robson. — Heyd, *obr. cit.*

travessia longa e perigosa; porque o Mediterraneo andava infestado de piratas.

Por isso, até ahi os peregrinos eram raros; e apenas, de quando em quando, qualquer navio italiano, especialmente d'Amalfi, indo para Alexandria, levava alguns monges, já resignados ao martyrio, ou alguns aventureiros obscuros, dispostos á especulação. Mas, desde o principio do seculo XI, a conversão dos Hungaros ao christianismo, reabriu o caminho do Danubio, ha tanto tempo fechado por essas hordas barbaras; e os peregrinos do norte e do occidente da Europa, concorreram por milhares a esta nova estrada, organisando numerosas caravanas.

Ora, a contemplação da riqueza e do luxo oriental; a vista de Constantinopla e das cidades que ficavam no caminho da peregrinação; o contacto com os Gregos, mais civilisados que o resto da Europa; e a convivencia de differentes povos, resultante d'essas peregrinações: não podiam deixar de incutir tambem no espirito dos peregrinos o amor do luxo, o estimulo da civilisação, e, sequentemente, o incentivo do commercio. Tanto mais que os christãos poderam então commerciar nos bazares orientaes os tecidos maravilhosos, as tapeçarias e joias, que os Judeus até ahi ven-

diam muito caras, occultando-as das vistas communs, e as especies, tão caras e apreciadas como o ouro; e todos esses objectos se tornaram por isso mais accessiveis.

No fim do seculo XI, as conquistas dos Turcos Sedjukidas, na Asia Menor, Syria e Palestina, vieram deter bruscamente essa corrente, que se tinha estabelecido, ha perto de um seculo, entre o oriente e occidente. O caminho por terra foi cortado aos peregrinos, e a viagem por mar foi tolhida aos mercadores. Á tolerancia dos Kalifas Fatimistas do Cairo, succedeu o fanatismo brutal das hordas turcomanas. Feridas, assim, nos seus habitos, nas suas crenças, nos seus interesses, e, ao mesmo tempo, inspiradas por um sentimento mystico, as populações occidentaes e meridionaes da Europa e as da Allemanha, levantaram-se n'esse impeto geral das cruzadas [1].

Logo, na primeira (1096), *os Francos* [2] fundaram o reino da Palestina, e o principado de Odessa. Aquelle facto fez de Beyruth, de Tripoli e S. João d'Acre postos christãos; e este lançou a guarda avançada dos Europeus além do Eufrates, até o coração da Mesopotamia.

---

[1] Heyd, *obr. cit.*

[2] Eram denominados assim todos os cruzados.

Cada anno depois d'isso, numerosos peregrinos seguiam o valle do Danubio, atravessavam o imperio grego, cruzavam as costas da Asia, e, traçando o caminho de Antiochia, iam dar a Jerusalem. Os que voltavam de lá, emocionavam os conterraneos com a narração das riquezas do oriente; alguns faziam-se commerciantes; e todos fascinavam com a miragem do luxo e da grandeza que tinham presenciado.

Ao mesmo tempo, as cruzadas iam creando successivamente differentes estados christãos, como Antiochia, a Pequena Armenia, Chypre, Rhodes; e differentes colonias commerciaes, como S. João d'Acre, Joppé, Tyro, Cezarea, Naplosa, Beryto: estados e colonias que se tornaram outros tantos centros de movimento mercantil com a Europa.

Demais, a cruzada de 1204, como veremos na historia dos Bysantinos, teve por consequencia o restabelecimento do imperio latino em Constantinopla, o desmembramento do imperio grego em principados feudaes, governados por dynastias francezas ou italianas, e a posse de Veneza em quasi todos os portos e ilhas do Archipelago e mar Jonio, e nas costas do mar Negro.

Facilitaram-se d'este modo as relações com a Asia. E, á proporção que essas regiões e os seus

caminhos se tornaram mais conhecidos, attendeu-se tambem com mais cuidado aos interesses economicos, e as cruzadas se converteram de expedições religiosas em expedições politicas e commerciaes.

Quando os Musulmanos foram tomando conta d'esses estados e colonias fundadas pelos christãos, e se tornou mais difficil reconquistar Jerusalem, os Europeus trataram de se estabelecer solidamente nas costas, occupando o littoral da Syria e Cilicia; e as feitorias Venezianas e Genovezas cobriram os portos do Archipelago e Mar Negro. Para completar a rede que involvesse todo o oriente musulmano, só faltava tomar o littoral do Egypto, com os portos de Rosetta, Damietta e Alexandria, onde ia dar a corrente commercial mais importante — a que levava a Suez e ao Cairo, pelo Oceano Indico e pelo Nilo, as mercadorias da India e da Africa.

Foi este o pensamento das cruzadas de 1218 a 1248. E, se ellas não conseguiram esse desideratum, os christãos continuaram ainda senhores dos transportes e commercio do Mediterraneo [1].

---

[1] Pigeonneau, *Histoire du Commerce de la France*, pag. 126 e seguintes. — Heyd, *obr. cit.*

Ora os effeitos d'estas expedições religiosas foram notabilissimos.

Estabeleceram ellas mais estreitas relações entre os senhores feudaes, vassallos e burguezes, pela necessidade commum da defeza, pela convivencia na guerra, pelo auxilio mutuo contra os obstaculos geraes, e pela fraternisação nos perigos e nas luctas.

Diminuiram o poder feudal, acabando com muitos dos pequenos feudos, que não poderam resistir ás despezas de taes expedições; abateram o orgulho dos grandes feudatarios, tornando-os mais necessitados de dinheiro, e por isso mais dependentes da sociedade e até dos proprios colonos, que muitas vezes lh'o emprestavam ou adiantavam; modificaram os odios de classe entre os christãos, substituindo-os pelo odio religioso contra os Musulmanos; alargaram os conhecimentos geograficos e desinvolveram o desejo de viagens; crearam novas necessidades, e despertaram o gosto pelos productos da Asia e da Africa.

Finalmente, as cruzadas tiveram para o commercio a extraordinaria consequencia de reabrirem as communicações economicas do oriente com o occidente.

E, de facto, já vimos que a invasão dos barbaros tinha separado socialmente essas duas par-

tes do mundo. Constantinopla prendera-se, é verdade, no principio, aos povos occidentaes pelas suas relações, pelo seu commercio, pelos seus habitos; mas, abrigada e defendida, pela sua posição, contra os ataques dos barbaros, quebrára de todo essas relações; e com isso ficou tambem interrompido o commercio da Asia.

É certo que, depois da crise mais violenta das invasões dos barbaros, se fez sempre na Europa um certo commercio com as regiões levantinas, embora insignificante, pelas fronteiras occidentaes e orientaes do imperio de Bysancio. A Italia, por meio dos Amalfitanos e Venezianos, teve sempre algumas relações com a cidade de Constantinopla, e mesmo com o Egypto e com a Syria. Ao norte do mar Negro, o antigo caminho das caravanas do Ponto Euxino para os paizes do Baltico foi tambem explorado pelos Arabes. Mas o estabelecimento das relações commerciaes frequentes do occidente com o oriente, que trouxeram comsigo o levantamento das cidades italianas; a animação commercial do transito pelo Danubio; o estabelecimento de caminhos de commercio regulares por toda a Europa; e a organisação de uma classe industrial e commercial: tudo isso foi obra das cruzadas.

Com essas mesmas relações, espalharam-se

novamente na Europa a seda, as especies e muitos outros productos asiaticos; despertaram necessidades novas; e a maneira de viver foi muito influenciada pelo exemplo do oriente e pelo fausto da côrte bysantina.

*

*   *

As cruzadas terminaram no seculo XIII; o feudalismo estava já decadente; e as communas precisavam do auxilio da realeza, que por isso mesmo começou a engrandecer-se desde o seculo XII, até concentrar em si as forças vivas do estado. E, se esta concentração, degenerou mais tarde, n'um perenne absolutismo, entorpecendo a acção do progresso, n'este periodo, concorreu para o estabelecimento completo da ordem, e preparou, pela unidade da sua acção e pela extensão da sua força, as grandes explorações do seculo XVI, que foram determinadas pelos acontecimentos anteriores.

E, com effeito, assim como havia geralmente na Europa uma anciedade por novas aventuras, quando a lucta religiosa das cruzadas veiu encher o vazio dos animos audazes, tambem, no fim da edade media, a estratificação das classes

sociaes, debaixo do poder centralisador dos reis, o marasmo do absolutismo e a compressão da realeza, trouxeram o sonho ardente de novos horizontes.

A humanidade é como a crisalida, que, n'este labutar constante do progresso, tende continuamente a romper o involucro da prisão. E, no fim d'este periodo, se estavam acabadas as luctas dos barbaros e as luctas religiosas com o oriente; se, nos limites de cada estado, o espirito dos cidadãos tinha de se aferrolhar nas grades do poder real: restava para além dos mares um mundo desconhecido. Portugal foi quem primeiramente rompeu o involucro, aventurando-se a novas descobertas, e os outros paizes seguiram-lhe o exemplo.

Essas emprezas maritimas, que encheram já o seculo XV, desde a tomada de Ceuta, sob D. João II, em 1415, embora pertençam cronologicamente á edade media, foram o rebate da nova civilisação do seculo XVI, e, como taes, hão de ser apreciadas no logar competente.

Essa época aventurosa, sonhadora de novos mundos e audaciosa de novas empresas, foi tambem assignalada pela queda de Constantinopla, em 1453, que espalhou pela Europa as luzes concentradas n'esse ultimo refugio do mundo

*

antigo. A renascença, que depois illuminou a entrada da historia moderna, teve todos esses elementos por impulsores; e, por isso mesmo, os apreciaremos egualmente, e com mais detenção, no IV volume d'esta obra.

*

* *

Na Asia e Africa, não houve semelhantes accidentes sociaes. O seu regimen, com pequenas excepções, foi o despotismo; e a sua preoccupação, a conquista e reconquista dos differentes povos que se alternaram na preponderancia. Torna-se, porém, necessario, fazer uma breve exposição d'esses povos, porque temos de nos referir a elles, no decurso do nosso trabalho.

Quando caiu o imperio do occidente, Constantinopla possuia ainda na Europa a Thracia, a Macedonia, o Epiro e a Grecia; dominava ainda a Asia Menor, a Syria até o Eufrates, e o Egypto; e mais tarde veiu a dominar tambem uma grande parte da Armenia [1]. No resto da Asia, governavam

[1] Cantu, *Historia Universal*, vol. IV, pag. 205. — Raffenel, *Résumé de l'histoire du Bas-Empire*.

os Persas, os Indios, os Chinezes, e outros povos de menor importancia. Na parte septentrional da Africa, preponderavam os Vandalos, que se tinham apossado do littoral do norte, os Ethiopes, e outros povos rudes. E a parte central e meridional era ainda desconhecida.

O poder dos Persas augmentou no seculo VI, alargando-se pelas possessões dos Bysantinos, e conquistando o Egypto, sob Cosroes II. Mas, no seculo VII, appareceram os Arabes em scena; e, já no principio do seculo VIII, dominavam todo o Egypto, o resto da Africa septentrional, e a maior parte da Asia, desde o Sinai até os esteppes do Turquestão, e desde o valle de Cachemira até ás vertentes do Tauro, como veremos com mais largueza, quando tratarmos especialmente d'esse povo.

O predominio dos Arabes, embora se fraccionasse successivamente em differentes governos independentes, como a Hespanha, a Mauritania, a Africa Propria e o Egypto, prolongou-se em plena força até o seculo X. N'este seculo, porém, os Turcos, que habitavam o Turquestão e o norte da China, e que muitos escriptores designam tambem pelo nome de Tartaros, vieram fixar-se na Persia e Asia Menor, arrastando comsigo as populações submettidas; e foram constituindo

successivamente, nos paizes conquistados, differentes dynastias, de que as mais celebres foram as dos Gaznevides, a dos Sedjucidas ou Sedjukidas, e a dos Ottomanos [1].

A dos Gaznevides teve por capital Gazna, e reinou na Persia e no Industão, desde 960 até 1139 [2]. A dos Sedjucidas ou Sedjukidas foi constituida por Togrul Beg, neto de Sedjuk, d'onde veiu o nome á dynastia; e esse Togrul Beg conquistou o imperio dos Gaznevides, bem como Balk, Kovaresm, Taberistam, a Persia, Bagdad, a Georgia, a Armenia, a Syria, uma parte da Asia Menor, e diversas regiões da Asia Central.

Em 1074, Solimão fundou um segundo estado Sedjukida, em Konieh ou Iconium, capital, que, em 1076, transferiu para Nicea; e esse estado, que se chamou tambem imperio de Roum ou Iconium, comprehendia dois terços da Asia Menor, a Cicilia e a Armenia.

---

[1] Hammer, *Histoire de l'empire Ottoman*, traduzida em francez por M. Docher, vol. I.

[2] *Dictionnaire Universelle d'Histoire et Géographie* de Bouillet, na palavra *Gaznevides*.

Por morte de Kilidg-Arslau, successor de Solimão, Alep, Damasco, Antiochia e Mossul, formaram tambem pequenos principados de menor importancia.

Quando a Asia estava assim dominada pelos Turcos, os Mongoes, commandados por Gengiskan, desde 1206 a 1224, conquistaram a parte central d'esse continente, a Persia, a China Septentrional, a Corea, metade da Russia. Mas o seu poder logo se dividiu em varios estados, mesmo antes de terminar o seculo XIII [1].

Emquanto á Africa, os Arabes arrancaram, segundo dissemos, o Egypto aos Gregos. Em 869, essa mesma região foi conquistada pelos Turcos, e em poder d'elles se conservou, até 968, voltando então para o poder dos Arabes, na dynastia dos Fatinistas, que se tornaram independentes do kalifa, e fizeram do Cairo a sua capital. Em 1171, Saladino, chefe de uma nova dynastia turca, apoderou-se do Egypto; e essa dynastia foi substituida, em 1254, pelos Mamelukos

[1] Como o Turquestão foi uma região conquistada pelos Mongoes, tambem se lhes applicou o nome de Tartaros.

que o governaram, desde então, juntamente com a Syria [1].

No meio d'esta lucta dos Turcos e Mongoes, é que surgiu o movimento das cruzadas; e, segundo já notámos, por virtude d'ellas, se constituiram no Oriente varios estados christãos e varias colonias commerciaes dos Europeus.

Dos estados citaremos os seguintes:

O reino de Jerusalem, conquistado por Godofredo de Bouillon, na primeira cruzada, em 1099; tirado aos christãos, por Saladino, em 1187; entregue pelos Turcos a Frederico II, da Allemanha, em 1229; e perdido de vez, pela conquista dos mesmos Turcos, em 1239. Compunha-se da Palestina, e tinha como feudos mais im-

[1] Pelo nome de Mamelukos, designavam-se a principio os membros da guarda real dos Mongoes, que era formada de escravos. Os imperadores turcos adoptaram a sua organisação, embora nem todos os membros da guarda real fossem escravos; e tão importante se tornou essa guarda que n'aquelle anno de 1254, foi elevado ao throno um dos seus membros, Noureddin-Ali, d'onde resultou a denominação generica de Mamelukos para todos os membros d'essa dynastia.

portantes os principados da Galilea e Tiberiades, o condado de Tripoli, que ficava entre o Libano e o mar da Phenicia, e o condado de Edessa, que era olhado pelos christãos como o *boulevard* de Jerusalem [1].

Antiochia, que foi erigida em principado independente, no seculo XI. Foi depois tomada pelos Mamelukos, no seculo XIII, e pelos Turcos, em 1516. Este principado prolongava-se, ao longo do mar, desde o golfo de Issus até Laodicea, de Tarse até Alep, do Tauro até ás ruinas de Palmira.

O condado de Tortosa, que Raymundo de Tolosa, na primeira cruzada, installou em Anterade, na Phenicia, dando-lhe aquelle nome.

O imperio de Nicea, que se compunha do ducado de Nicea ou da Bythynia, da Lydia, de uma parte da Phrygia, e das costas do Archipelago até Epheso. Miguel Paleologo reuniu-o ao seu imperio, em 1261; mas os Turcos apoderaram-se de Nicea, em 1333, e a conservaram, d'ahi por diante, em seu poder.

Trebizonda, que fôra já provincia do imperio grego, com o nome de Thenia, mas por fórma

---

[1] Poujoulat, *Histoire de Jerusalem.*

que os seus governadores, decorados com o titulo de duques da Chaldea, gozaram, durante certo periodo, de uma independencia completa.

Por occasião da conquista de Constantinopla pelos Latinos, em 1204, essa provincia formou um imperio á parte — o de Trebizonda, sob Alexis I, principe da familia dos Commenes; mas, já em vida d'elle, os seus limites foram reduzidos ao espaço comprehendido entre Thermodon, ao oeste, e Phase, ao nascente. A invasão dos Tartaros, em 1224, veiu a proposito salvar os restos d'esse imperio, sempre ameaçado pelo sultão de Iconium; porque, depois de elles terem derrotado o mesmo sultão, estabeleceram-se além do Eufrates, deixando tranquillo o imperio de Trebizonda, e contentando-se com um tributo de vassallagem. Em 1461, Trebizonda foi definitivamente conquistada pelos Turcos [1].

A pequena Armenia, que era situada ao oeste do Eufrates, entre a Colchida, a Cappadocia e a Comagêne. Os Gregos apoderaram-se d'ella, em 1079, e, juntando-lhe depois a Cilicia, fizeram um reino, de que Anazarbe ou Cezarea de Cilicia era a capital. Em 1182, esse reino foi tomado por

[1] Heyd, *obr. cit.*, vol. II.

Rupen, da familia dos Pagratidas. No seculo XIV, (1373), a dynastia dos Rupenianos foi deposta pelos Mongoes; e, desde então, o reino deixou de ter existencia privativa, e passou dos Mongoes para os Turcos Sedjucidas, e d'ahi para os Ottomanos.

Chypre, que foi conquistada aos Arabes, em 1191. O conquistador, Ricardo, Coração de Leão, deu-a depois a Guy de Lusignam, que fundou o reino de Chypre, e cujos descendentes a possuiram por alguns seculos. Por fim, Catharina Cornaro, uma das successoras de Lusignam, vendeu essa ilha aos Venezianos, em 1489; e, os Turcos em 1570, se apoderaram d'ella.

Finalmente, Rhodes, onde em 1310, os cavalleiros de S. João de Jerusalem estabeleceram um governo proprio, depois de terem arrebatado essa possessão aos imperadores do oriente.

Entre as colonias commerciaes, citaremos S. João d'Acre, Jaffa ou Joppé, Tyro, Cezarea, Naplosa, Beryto, Heraclea [1].

Todos esses estados e colonias foram acabando, pouco e pouco, na lucta com os Arabes e Turcos. Em 1291, subsistia apenas S. João

---

[1] Michaud, *History of the cruzades,* traducção ingleza de Robson. — Heyd, *obr. cit.*

d'Acre, e poucas mais; e, sendo esta cidade tomada n'esse anno por Kelavoun, sultão do Egypto, seguiu-se a expulsão completa dos christãos.

Tambem o poder dos Mongoes foi sendo reduzido, pouco e pouco, pelos Turcos, de modo que, desde 1381 a 1387, já estes, sob o sultão Amurat I, conquistaram toda a Asia Menor; e, no fim da edade media, preponderavam tambem no resto do continente, assim como em Constantinopla e na Grecia.

*

* *

São estes os principaes factos que, em geral, determinaram a rotação social e politica da edade media. Vejamos agora como elles influiram especialmente na industria e no commercio.

*

* *

Os povos que tiveram a preponderancia economica n'esta epoca, foram os Gregos ou Bysantinos, os Arabes, os Italianos, os Hollandezes e os Allemães.

Portugal e Hespanha, que tinham de abrir ao mundo as portas do Oceano Atlantico e inaugura-

rem o systema colonial moderno, só preponderaram no fim d'esta época; havendo apenas uma honrosissima excepção para o sul de Hespanha, onde Barcellona foi uma das principaes cidades mercantis da edade media. A Dinamarca, a Suecia e a Russia, que haviam tambem de entrar no movimento geral economico do periodo immediato, não passaram, n'esse ponto, durante a edade media, do estado embryonario. A propria França e Inglaterra, que tinham de resplandecer mais tarde na primeira plana, occuparam tambem n'esta época um logar secundario, na historia do commercio.

E, em verdade, a França, que tinha sido muito arruinada pelos barbaros, apezar dos esforços de Carlos Magno, só começou a recobrar-se do seu abatimento nas cruzadas, e nunca pôde attingir logar proeminente na edade media. Apenas, em algumas cidades do sul, por exemplo. Marselha, Montpellier, Aigues-Mortes e Avignon, houve sempre um commercio desinvolvido.

Sobretudo a cidade independente de Marselha teve uma grande importancia economica. Fez até negocio com os proprios cruzados, importando directamente os productos do Levante, e chegou a ter nos portos da Syria estabelecimentos privativos. Estava em pleno poder, quando, no fim das cruzadas, Carlos Anjou se

apoderou d'ella, terminando com a sua independencia. Depois, decaiu de tal fórma que, em pouco tempo, foi excedida, não só pelas republicas italianas, mas até por Montpellier, e pelas outras cidades meridionaes da França [1].

A Inglaterra, apezar dos Normandos e dos Saxões, e do seu genio maritimo e commercial, só começou, por assim dizer, a sua iniciação mercantil, com a promulgação da grande carta, em 1251, que, além de estabelecer a ordem legal do reino e a constituição politica da nação, consignou muitos preceitos attinentes ao negocio, como por exemplo a uniformidade de pesos e medidas. Depois Eduardo III (1330 a 1377) empregou todos os esforços para o desinvolvimento da industria e da agricultura, abrindo largos horisontes ao movimento economico da Inglaterra. Mas o grande acordamento commercial d'esse paiz é posterior a este periodo, e deve-se principalmente á grande Isabel [2]. Quando tra-

[1] Pigeonneau, *obr. cit.* — Perigot, *obr. cit.*

[2] Scherer, *obr. cit.* — Thorold Rogers, *The Industrial and Commercial History of England.* — Cunningham, *The Growth of English Industry and Commerce, during the early and middle ages.* — Ashley, *The Introduction to English Economic History, and theory,* vol. I.

tarmos da historia moderna, teremos occasião de o vêr detidamente.

Dos outros estados commerciaes que acima apontámos, o primeiro que aproveitou a influencia economica das cruzadas, foi a Italia. As suas republicas, de Veneza, Genova, Amalfi e Piza, e, a par d'estas republicas, muitas outras cidades, foram as grandes recoveiras do commercio oriental. Veneza, devido principalmente ao seu maior poderio, foi a que teve maior quinhão; mas Genova, a sua rival, quasi a egualou.

Da Italia, o commercio com o Oriente passou ao norte e oeste da Europa, e de tal forma que essas regiões lhe fizeram séria concorrencia.

A Allemanha viu, assim, animado commercialmente o caminho do Danubio, por onde eram importadas as mercadorias do Levante. O Rheno, graças ao intermedio da Italia, e á communicação terrestre pelos Alpes, tornou-se tambem uma arteria d'esse commercio. E a Hollanda converteu-se no entreposto mais consideravel de toda a Europa [1].

---

[1] Scherer, *obr. cit.* — Noel, *obr. cit.* — Heyd, *obr. cit.*

*

* *

A par dos estados constituidos, os Judeus, espalhados por toda a parte, representaram tambem um papel importante no commercio d'este periodo. Em virtude da hostilidade geral contra elles, evitaram o commercio maritimo; porque ahi menos se poderiam defender, menos se poderiam encostar á tolerancia ou protecção dos estados, e mais frequentemente se achariam em contacto com as raças inimigas. Mas concentraram o seu cuidado no commercio terrestre, especialmente no mercantilismo dos objectos preciosos, na agiotagem do dinheiro, no lucro dos emprestimos, e nas operações bancarias e cambiaes d'esta época.

As relações com as differentes regiões da Europa e mesmo do oriente, Persia e China, eram-lhe relativamente faceis, pelos laços religiosos. Por toda a parte, achavam correligionarios. A sua riqueza e a abundancia de dinheiro de que dispunham, e que muitas vezes emprestaram aos proprios imperantes, conquistavam-lhes a protecção de muitos governos. A sua affinidade com os Syrios coadjuvava-os no commercio das mercadorias do Levante. E o imperador Carlos Magno,

por uma protecção esclarecida, concedida ao seu culto, ligou-os á grandeza do imperio e aos seus projectos de renovação commercial; de modo que, desde então, foram intermediarios das relações que o mesmo imperador estabeleceu com os Musulmanos. E o trafico d'escravos a que egualmente se entregavam, concorreu para augmentar semelhantes relações.

Por outro lado, os medicos judeus eram numerosos; estudavam nos livros arabes; e, quando tratavam de applicar os conhecimentos assim obtidos, recorriam a remedios orientaes, que só podiam adquirir-se pelo commercio do Levante.

Já no seculo IX, os Judeus faziam por terra ou por mar a longa viagem da India e da China, levando eunucos, escravos dos dois sexos, pelliças, sabres, armas brancas; e trazendo em troca almiscar, áloes, camphora, canella, seda e outros productos analogos.

Foi assim que a riqueza e commercio dos Judeus augmentaram prodigiosamente na edade media; e as perseguições que soffreram e de que adiante fallaremos, já tiveram origem remota na inveja despertada por essa prosperidade [1].

---

[1] W. Heyd, *obr. cit.* — W. Cunningham, *obr. cit.* — Ashley, *obr. cit.*

*

* *

No fim da edade antiga, os principaes productos do commercio oriental eram ainda as sedas; as especies, que os Gregos e Romanos misturavam nos alimentos; os perfumes, que elles espalhavam profusamente no corpo e no vestuario, e consumiam profusamente nos templos; o marfim, de que faziam moveis luxuosos; joias e pedras preciosas da India e da Persia; perolas do mar Indico; objectos de ouro e prata; drogas tinturiaes e tecidos delicados. E estes mesmos productos continuaram a ter egual procura e estimação em todo o percurso da edade media.

Tambem, n'esta epoca, alguns generos coloniaes, que mais tarde se receberam da America, taes como o assucar e o algodão, vinham da Asia. Tambem os escravos continuaram a ser um dos mais importantes generos de commercio; e as pelliças tiveram egualmente grande estimação e procura.

Claro está que os productos alimentares, os animaes domesticos e objectos necessarios á vida,

constituiam, como sempre aconteceu, artigos indispensaveis do commercio universal [1].

A hulha, o pão da industria, é que ainda então era pouco explorada, embora a sua historia comece com o mundo civilisado.

Com effeito, já os Chinezes conheciam o carvão de pedra e o empregavam, especialmente para cozer a porcellana. Os Gregos conheceram tambem a hulha, mas o seu consumo era então muito pequeno. Era apenas empregada por alguns ferreiros e fundidores de bronze, na falta de lenha; e, entre os Romanos, a extracção foi ainda mais restricta.

Na edade media, os primeiros povos que exploraram este producto, foram os Flamen-

---

[1] Heyd, na sua *Historia do Commercio do Levante na Edade Media*, vol. II, aponta as seguintes mercadorias como constituindo objecto das principaes transacções entre o oriente e occidente:

Escravos, alóes, alunite, ambar, balsamo, madeira de sandalo, pau do Brazil, camphora, canella, cardamomo, cravo, cochenilha, coral, costus (substancia medicinal), algodão, incenso, galanga (outra substancia medicinal), myrabolante (especie d'ameixa propria para as pharmacias), zedoar (raiz purgativa), galanga, gengibre, gomma adragante, gomma lacca, anil, marfim, laudano, mastic, mumia (especie de alcatrão mineral da Persia), almiscar, nóz de galha, nóz moscada, perolas, pedras preciosas, pimenta, rhuibarbo, seda, objectos de ouro e prata, porcellana, assucar e tecidos.

*

gos. Diz-se até que o uso da hulha foi inaugurado entre elles, em 1049, por um pobre ferreiro dos arredores de Liége, chamado Halloz ou Hulloz, d'onde proveiu o nome do combustivel.

No seculo XIII, explorou-se a hulha em New-Castle, que era consumida pelos ferreiros, cervejeiros e outros industriaes de Londres. Mas espalhou-se o boato de que o cheiro do fumo prejudicava a saude publica; e o clamor geral chegou a ponto que, em 1306, o parlamento pediu ao rei que prohibisse o uso de tão *pernicioso producto*.

Por isso, Eduardo I, n'esse mesmo anno, prohibiu com graves multas o uso da hulha, como prejudicial á saude publica; e essa prohibição manteve-se até o fim da edade media, embora os industriaes fossem reagindo, pela carestia e raridade da lenha, e pelo reconhecimento de que o fumo da hulha não era prejudicial e de que este combustivel dava mais calor do que a lenha.

Na França e Allemanha, ainda a hulha se começou a usar mais tarde, e tambem soffreu eguaes prohibições [1].

---

[1] Bainier, *La Géographie appliquée à la Marine, au Commerce, à l'Agriculture, à l'Industrie et à la Statistique*, vol. I. — *Géographie Générale de France.*

*

* *

Para apreciar a industria da edade media, convem examinar o regimen da propriedade e a organisação das classes trabalhadoras.

Pelo que respeita á propriedade, havia terras allodiaes, terras enfeudadas, terras censiticas, terras emphyteuticas, e terras de servidão ou colonato.

A primeira classe comprehendia aquellas cuja propriedade era plena e absoluta. Constituiam pequeno numero; porque, geralmente, os seus possuidores, ameaçados por um visinho poderoso, preferiam fazer *auto de recommendação* e dar-lhe ou vender-lhe os predios que possuiam, recebendo-os novamente em seguida, mas a titulo de feudo.

As terras enfeudadas eram as que o senhor concedia ao feudatario, n'uma especie de dominio util, reservando para si o dominio directo, com privilegio de jurisdicção e outros direitos magestaticos. O feudatario tinha obrigação de ajudal-o em tudo. A cada mudança de dono, tinha de prestar novamente vassallagem; e, se a não prestava, o nobre podia avocar as terras e casti-

gar o feudatario. Este achava-se, portanto, sujeito ao feudo que fabricava, e acompanhava a sua mudança e fluctuação de senhor para senhor.

Nas terras censiticas, tambem o censuista só tinha o dominio util, e durante a sua vida. O herdeiro já precisava de nova investidura. Distinguia-se, porém, do feudatario, porque, embora ficasse obrigado a serviços pessoaes que tornavam servil a sua condição, podia, quando quizesse, deixar as terras, entregando-as ao senhor.

A emphyteuse, que vinha já do tempo dos Romanos, era a simples concessão do dominio util de qualquer predio, mediante uma pensão annual. Confundia-se com o feudo, á parte a jurisdicção e privilegios regalistas dos senhores feudaes.

Finalmente, na servidão ou colonato, os colonos, chamados servos de gleba, nada possuiam como proprio. Estavam condemnados a cultivar o predio que seus paes tinham cultivado, contentando-se em retirar o que fosse necessario, para viverem miseravelmente, e dando o resto ao proprietario. Estavam ligados á terra que possuiam; eram vendidos, doados e trocados com ella; e não podiam testar ou legar coisa nenhuma, nem receber qualquer herança ou doação.

No fundo, não havia differença capital n'estas

especies de propriedade. Estava sempre, de um lado, o feudal que mandava despoticamente; e, do outro lado, o trabalhador, explorado por elle, que não podia largar a terra, como não podia largar a protecção do senhor. Mesmo os que tinham essa liberdade, pela natureza da instituição, não podiam sacudir o jugo, sob pena de ficarem desamparados e sujeitos ás perseguições e vexames [1].

Emquanto á escravidão, embora continuasse n'este periodo, foi diminuindo successivamente; já porque augmentava o numero dos libertos, pelo facto dos senhores remirem muitos escravos, que não podiam sustentar; já porque a egreja prescrevia a liberdade dos escravos, em muitos casos, por exemplo, quando serviam de padrinhos na pia baptismal, ou quando o senhor não era christão; e já porque a egualdade e fraternidade, prégada pelo christianismo, determinava muitos dos seus proselitos a darem carta d'alforria [2].

---

[1] Cibrario, *L'Economie Politique dans le moyen âge.* — Fernando Garrido, *obr. cit.*

[2] Havemos de vêr surgir a escravatura negra, com mais força, na edade moderna, como systema de colonisação para as regiões americanas; mas não podemos agora antecipar a apreciação d'essa nova phase.

E, ao mesmo tempo que ia diminuindo essa hedionda exploração de carne humana, tambem a sorte dos proprios escravos ia melhorando.

Da mesma forma, a desegualdade dos libertos foi tambem cada vez menor. Já Constantino os egualara aos cidadãos romanos; e, por fim, desappareceu de toda a parte a differença civil que os tinha vilipendiado.

No seculo x, appareceram os domesticos assalariados; e, no seculo XIII, os villãos, que representavam uma especie de servos, sujeitos ao pagamento de uma renda fixa ou variavel.

Os villãos não estavam presos á terra; mas estavam, em muitos laços civis, dependentes dos senhores. Por exemplo, morrendo sem filhos, tudo o que tinham, passava para os mesmos senhores [1].

Todas estas differenças sociaes constituiam outros tantos embaraços da agricultura, da industria e do commercio, que só podem vegetar com pujança no seio da liberdade.

Mesmo os cidadãos livres tinham de luctar com a prepotencia dos nobres, com o commer-

---

[1] Fernando Garrido, *obr. cit.*

cio desleal dos competidores, e, ás vezes, com as extorsões e despotismo da realeza; sobretudo emquanto o trabalho associado sob as guildas, jurandas ou mestrias não começou a tornar-se preponderante.

A propria egreja, cuja acção nos primeiros tempos tanto influiu no movimento economico, afastando-se da primitiva missão, pelo decorrer dos seculos; querendo sobretudo firmar o edificio da sua grandeza na soberba dos seus membros e predominio da classe; e contrariando muitas das leis determinantes do progresso: embaraçou tambem o desenvolvimento social.

Por exemplo, a apotheose da pobreza e a fulminação dos ricos prejudicava o trabalho. A indignação contra o luxo retardava o adiantamento das artes. A condemnação da usura embaraçava os emprestimos, e, sequentemente, as emprezas que dependiam do capital. Emfim, as doações ecclesiasticas, o estabelecimento de mosteiros com grandes propriedades, e a amortisação de terrenos, prejudicavam a agricultura, principalmente, desde que os monges deixaram de cuidar assiduamente da lavoira.

A curia romana chegou até, no seculo XII, a prohibir qualquer lucro proveniente da venda de mercadorias, e qualquer juro ou qualquer em-

prestimo remunerado. E, só no seculo XV, admittiu a taxa legal, considerando e prohibindo apenas como usura o excesso d'essa taxa.

É certo que, nos primeiros tempos da edade media, em que não foi tão grande a necessidade de levantar capitaes para a industria e commercio, como depois, tambem a prohibição do juro e da usura não foi tão prejudicial. E, por outro lado, na rudeza d'esses tempos; em que, no meio da oppressão vinda dos Romanos, se tornava preciso redimir os opprimidos, que eram os pobres, e fulminar os oppressores, que eram os ricos; e, por causa da idolatria, a fé e a devoção estavam acima do trabalho, e o luxo representava a exploração dos escravos ou do povo pelos senhores: a egreja, prégando a pobreza e investindo contra os ricos, contribuia, n'esse ponto, para a egualdade das classes, e sequentemente para a civilisação.

Desde, porém, que, mudaram as circumstancias sociaes, a persistencia nos antigos principios era um anachronismo, em opposição á torrente do progresso, que vinha perturbar o movimento economico do mundo.

Os Judeus, que podiam fazer usura, é que enriqueciam na especulação dos emprestimos; e os christãos, que se prendiam com os preceitos da

egreja, sentiam-se embaraçados na acquisição dos capitaes [1].

Por isso, á proporção que a sociedade se ia desinvolvendo e que o trafico mercantil ia augmentando, especialmente no ultimo quartel d'este periodo, a acção do clero foi tambem perdendo a influencia economica dos primeiros tempos.

Nem sómente a doutrina da egreja e a organisação do trabalho prejudicavam a industria e o commercio. A ignorancia geral; o modo hostil, ou, pelo menos, reservado, como eram tratados os estrangeiros, a ponto de se consagrar pelo uso o chamado *direito d'albinato,* a saber, a successão de reis nos bens de quantos falleciam no reino; o direito de naufragio, pelo qual se podiam apprehender livremente os objectos naufragados; as fomes e pestes frequentes; a propria abundancia de leprosos; a difficuldade das communicações; a taxação do preço dos generos; e as restricções ou prohibições impostas á importação e exportação: augmentavam tambem a desordem.

---

[1] W. J. Ashley, *An Introduction to English economic history and theory.*

Realmente, a animadversão pelos estrangeiros afugentava a cooperação de muitos braços, competentes para o incitamento economico do paiz. O direito de naufragio representava a usurpação da propriedade alheia, e importava muitas vezes o retraimento do commercio maritimo. A difficuldade das communicações, o pequeno desinvolvimento dos transportes, e o atrazo da agricultura, traziam as fomes repetidas. A falta de hygiene produzia a peste. O descuido no tratamento e o contagio propagavam a lepra. Finalmente, as medidas restrictivas da venda e compra dos generos e da importação e exportação dos productos coartavam o consumo, e cerceavam o estimulo da producção e commercio.

*

* *

Por tudo isto, a industria, em geral, não podia ter grande desinvolvimento, sobretudo até o seculo XI; porque, desde então, a sociedade entrou n'uma phase mais progressiva.

Emquanto á agricultura, o mal começava pela organisação da propriedade, de que já fallámos. As terras estavam accumuladas nas mãos dos nobres, que as não grangeiavam de per si, mas pelos seus feudatarios, censuistas, emphyteutas e co-

lonos. Geralmente, os cultivadores só tinham o usufructo, e mesmo a sua permanencia na propriedade ficava dependente do senhor. E tudo isto, a par da condição servil dos trabalhadores, prejudicava a acquisição, e apagava o estimulo do trabalho.

Por outro lado, os censuistas e foreiros, sujeitos a encargos pesados, podiam libertar-se, abandonando a terra que grangeavam; e, muitas vezes, usaram de semelhante recurso, tornando assim incultos muitos dos terrenos.

Os proprios lavradores eram obrigados, ás vezes, a dedicar-se a um só genero de cultura, em beneficio de qualquer outra industria, como, por exemplo, em certas regiões de Italia, á cultura da amoreira.

A elevação do juro, proveniente do emprestimo de capitaes, era tambem muito grande; por forma que o rendimento das terras não compensava a usura, e a falta de numerario obstava ao melhoramento do solo.

Havia, demais a mais, grande desproporção entre as terras cultivadas e as pastagens, proveniente, em parte, das causas já apontadas, e, em parte, de medidas excepcionaes com que os governos favoreciam a creação dos cavallos, pelas necessidades da guerra e do transporte.

E mesmo, nas terras cultivadas, em regra, empregavam-se pouco a irrigação e os estrumes, excepto nos jardins.

Acontecia tambem, muitas vezes, que os interdictos da egreja ou os caprichos dos principes prohibiam o commercio com certas regiões, obstando com isso á troca dos productos agricolas, e por consequencia ao desinvolvimento da cultura.

O abuso da caça contribuia egualmente para a depreciação da lavoira.

A paixão dos senhores por semelhante *sport* era proverbial, e os sacerdotes catholicos não ficavam atraz. O escandalo foi tão grande que varios concilios prohibiram ao clero o exercicio d'este divertimento; mas a egreja, depois d'essa prohibição, vendia licenças para caçar, a troco de esmolas e fundações piedosas, não faltando nunca pretexto que justificasse a dispensa.

Ora os nobres e prelados reuniam um enorme sequito de caçadores, ás vezes centenas; e não só chegavam a prohibir que se arroteassem e cultivassem terrenos incultos, mas destroçavam até os predios já cultivados [1].

[1] Fernando Garrido, *Historia das classes trabalhadoras*, pag. 192. — Cantu, *Historia Universal*, vol. VI.

E, como se não bastassem tantos inconvenientes, para prejudicar a agricultura, acresceram as continuadas guerras publicas e particulares, pelo menos até o seculo XI.

É, pois, intuitivo que a agricultura não podia fazer grandes progressos.

Havia excepção no sul da Hespanha, porque os Mouros e Judeus foram muito habeis em aproveitar a vantagem da irrigação; na Lombardia, que desde muito cedo foi bem cultivada; e, na Hollanda, que se distinguiu egualmente n'esse genero [1].

E tambem as terras dos conventos contrastavam com o atrazo geral; porque eram mais respeitadas no tempo das guerras e das luctas, com medo da excommunhão; e porque os monges eram mais instruidos e melhores cultivadores. Especialmente os da ordem benedictina foram verdadeiros restauradores da agricultura e infatigaveis arroteadores das charnecas [2].

Mas, de resto, a industria agricola constituia por quasi toda a parte uma desolação.

Só desde o seculo XI em diante, quando se

---

[1] Cibrario, *obr. cit.* — Fernando Garrido, *obr. cit.* — Cantu, *Historia da Italia*, vol. VII.

[2] *Histoire de l'agriculture, par les auteurs du Cours complet d'agriculture.* — Cibrario, *obr. cit.*

foram creando e desinvolvendo as communas, que tinham de viver dos proprios rendimentos, em cujo seio respirava a liberdade, e cujos membros, naturalmente industriosos, tinham de buscar no solo o fermento do trabalho, é que a agricultura se foi desinvolvendo por meio d'ellas. E como triste contraste, os conventos foram, desde então, esquecendo o antigo cuidado da lavoira.

*

* *

Pelo que respeita ás outras industrias, além dos inconvenientes apontados e da má organisação das classes trabalhadoras, a falta de emprego da hulha e do anil tambem as prejudicava.

Ainda assim, a edade media não foi tão destituida n'esse ponto, como geralmente se julga.

Os mosaicos, frescos, quadros a témpera, e vitraes, que ainda se encontram por toda a parte, eram notabillissimos.

Da mesma forma, apparecem ainda hoje exemplares d'armas, joias, baculos, vasos, relicarios, amuletos, lampadas de bronze e de barro, imagens christãs, e figuras de diversos idolos pagãos, que mostram grande adiantamento n'esse genero.

Os pergaminhos, fabricados em grande quantidade, eram admiraveis pela brancura, frescura e malleabilidade; e as suas illuminuras, pela fixidez e viveza de côres e perfeição dos desenhos, constituem ainda hoje verdadeiras obras primas.

A pintura e a musica, a architectura e a esculptura obtiveram tambem um grande renome, sobretudo até o seculo XII, em que dominou a escola grega; porque, desde então, principicu a sobresair a escola italiana.

A differença estava em que, geralmente, as industrias eram exercidas em pequena escala e em poucos paizes.

Ainda assim, preponderou com grande intensidade a fabricação do vidro na Italia; a tecelagem tambem na Italia e na Hollanda; a pesca tambem na Hollanda; a navegação na Italia, na Hollanda, na Allemanha, no sul da França e da Hespanha. Na metallurgia, tambem a Hollanda teve a primazia. Finalmente, nas bellas-artes, foi grande a superioridade da Italia.

*

* *

Emquanto ao commercio, as suas condições eram muito differentes das actuaes. Não exis-

tiam correios, e por isso os negociantes d'um paiz não podiam entreter correspondencia regular com as regiões distantes.

Raros individuos sabiam lêr e escrever; o papel era artigo de luxo, que poucos obtinham [1]; e as moedas, pesos e medidas, variavam, de estado para estado, de cidade para cidade, e, ás vezes, de logar para logar.

Era portanto muito difficil que os mercadores d'um paiz podessem regular as suas contas com os d'outros paizes, a não ser directamente, de per si, ou por seus enviados, ou podessem arranjar lá pessoa de sua confiança. Tinham de negociar, por elles proprios, ou por caixeiros ou empregados seus, e acompanhar ou fazer acompanhar as mercadorias ao logar do destino, transportando-as, depois, na mesma forma, ao logar do retorno.

Por esse motivo, ainda não existia o commercio, feito por commissarios ou consignatarios [2]. E isso deu logar a duas outras instituições da eda-

---

[1] *Memorial de chronologie, d'histoire industrielle et d'economie politique,* na palavra *papier.*

[2] Cantu, *Hist. de Italia,* vol. v.

de media: a dos *consulados* e das *fondas* ou *fundacos*.

A instituição dos *consulados* prende-se com a jurisdicção commercial. Desde tempos antigos, houve juizes especiaes, para decidirem as contendas mercantis. Havia-os já nos Gregos e Romanos. E essa instituição sobreviveu á queda do imperio do occidente, por forma que alguns dos barbaros, por exemplo, os Wisigodos, a adoptaram; e, depois, a Allemanha, as republicas da Italia, e a peninsula iberica a desinvolveram.

Chamavam-se *consules* os magistrados que decidiam essas questões. Creados, primeiramente, para as controversias interiores, o desinvolvimento do commercio maritimo, as circumstancias já mencionadas, e a necessidade de vigiar, proteger ou castigar os negociantes da metropole, em paizes estrangeiros, fizeram que differentes estados mercantes enviassem taes magistrados ás cidades orientaes, onde os seus cidadãos maior trafico exerciam.

A principio, os consules limitavam-se a acompanhar os navios, que navegavam em épocas fixas e em grande numero. Mas, quando o commercio tomou um desinvolvimento maior e os estados christãos obtiveram dos principes estrangeiros dif-

ferentes privilegios, esses magistrados passaram a residir n'aquellas cidades [1].

*

* *

Emquanto ás *fondas* ou *fundacos*, desde que augmentou o commercio dos Europeus na Asia e na Africa, e se não podia fazer por commissão ou consignação, precisavam elles, para mutua segurança e protecção, de se concentrar e apoiar alli reciprocamente. E por isso trataram de obter dos respectivos governos a posse de estabelecimentos que servissem, ao mesmo tempo, de armazens, bazares, casas de vivenda, hoteis e fortalezas. Foram esses estabelecimentos que se chamaram *fondas* ou *fundacos* [2].

*

* *

Dois corpos de lei constituiram o direito maritimo d'esta edade — o *Consulado do mar* e as

---

[1] Cibrario, *obr. cit.*

[2] Noel, *obr. cit.*, vol. I. — Heyd, *obr. cit.*, vol. II.

Regras de Oleron, contendo os antigos costumes, observados anteriormente e de commum accordo pelos navegantes.

O *Consulado do mar* foi, no seculo XIII, acceito geralmente, como lei commum, nas costas do Mediterraneo; mas as suas principaes disposições, tiradas dos usos locaes, eram mais antigas. Uns escriptores attribuem a sua confecção á cidade de Amalfi, outros a Pisa, outros a Genova, e outros a Barcellona, onde effectivamente se imprimiu pela primeira vez, em 1494.

As *Regras de Oleron,* assim chamadas, porque a mais antiga collecção que se conhece, foi feita na ilha de Oleron, em 1266, regeram a Europa Septentrional, a França (excepto a Provença e o Languedoc), Flandres, Inglaterra, Paizes-Baixos Septentrionaes e Castella.

Os *Julgamentos de Damme,* as *leis de West Capelle,* e a *compilação de Wisby* de Gottland, são traducções das *Regras d'Oleron,* com alguns additamentos. Antes d'essas collecções, existiam as *Taboas d'Amalfi,* a *Ordo et Consuetudo Maris,* de Trani (1063), o *Constitutum Usus,* de Pisa (1160), a *Capitolare Nauticum,* de Veneza, cuja data se desconhece, mas que foi talvez a mais antiga das leis citadas. E todas essas compilações se inspira-

vam nos mesmos principios do *Consulado do mar* e *Regras de Oleron* [1].

*

* *

E entretanto, apezar d'este limitado movimento industrial, a Europa deve á edade media tres invenções, que constituiram tres alavancas indispensaveis do progresso e da civilisação: a bussola, a polvora e a imprensa.

Os effeitos maravilhosos d'estas invenções principiaram a accentuar-se na edade moderna; mas a sua gloria refulge como aurora boreal, entre os negrumes da edade media.

Foram os Chinezes que primeiramente descobriram a acção da terra sobre os magnetes, sem tirarem partido d'essa descoberta. Na Europa, só no seculo XII, é que se conheceu que a agulha magnetica se voltava para o norte; mas collocava-se para isso n'uma haste de palha e n'um vaso de agua, não passando d'um divertimento.

---

[1] Cibrario, *obr. cit.*, vol. II. — Depping, *Histoire du commerce entre le Levant et l'Europe*, vol. II. — Pardessus, *Collection des lois maritimes*, vol. I. — Bedarride, *Droit commercial*, liv. II. — *Du commerce maritime, introduction.*

E no seculo XIV, é que os Europeus se lembraram de a collocar livremente suspensa n'um ponto de apoio, e dentro d'uma caixa, chamada bussola [1].

Esta descoberta permittiu então aos marinheiros o poderem-se orientar, sem necessidade de olhar para as estrellas, e portanto de dia ou de noite e mesmo com ceu encoberto, e navegar mais facilmente em pleno mar, fóra da vista das costas [2].

Emquanto á polvora, já os Bysantinos preparavam um fogo, chamado *greguez*, por meio de uma certa mistura, em que entrava o petroleo; e o arremessavam por um tubo sobre os navios ou maquinas inimigas. Os Chinezes tinham tambem descoberto um pó combustivel, feito de enxofre, salitre e carvão, que era uma especie de polvora, de que usaram, desde o seculo XIII, para fogos d'artificio; e o empregaram, em 1233, contra um exercito de Mongoes, que cercava uma cidade chineza.

Mas entre os Europeus, a polvora só foi co-

---

[1] *Encyclopedia portugueza*, publicada sob a direcção de Maximiano de Lemos, na palavra *bussola*. — Seignobos, *Le Moyen Age*.

[2] Os marinheiros dinamarquezes já faziam isso mesmo, ha muito tempo, sem bussola.

nhecida no seculo XIV, ignorando-se até se foram os Arabes ou os Allemães que a inventaram; e, já n'essa data, foi empregada na guerra e nos canhões.

Emquanto á imprensa, era tambem antiga na China e Japão. Já no anno 770 da nossa era, uma imperatriz japoneza mandou imprimir e distribuir pelo povo um milhão de exemplares dos cantos budhistas. Esses antigos pedacinhos de papel impresso não chegaram até nós; mas ainda existem, por um preço estimativo, que attinge proporções de loucura, os canticos impressos em 1198 e 1211 [1].

Na Europa, os homens da edade media, como os da edade antiga, escreviam á penna, e tinham sómente manuscriptos. Os livros constituiam luxo reservado aos homens da egreja, aos principes, senhores e ricos burguezes. Foi então que, depois de varios esforços e experiencias, para poder obter facilmente a reproducção de qualquer escripto, Guttemberg, no meado do seculo XV, descobriu a imprensa [2].

---

[1] Ladislao Batalha, *O Japão por dentro.*

[2] Seignobos, *obr. cit.* — *Encyclopedia portugueza* já citada, na palavra *imprensa.*

* * *

O systema da moeda n'este periodo foi muito complicado e defeituoso; e concorreram para isso differentes circumstancias.

Por um lado, o privilegio de a cunhar e de a britar, isto é, de lhe alterar o valor, sob o mesmo peso e toque, era exercido, não só pelos imperantes, mas tambem, por algumas das principaes cidades; e, em certas nações, estendia-se a muitos nobres, arcebispos, bispos, mosteiros, que gravavam no dinheiro as suas divisas particulares. Por exemplo, Merida (Emerita), na Hespanha, e Braga (Bracara Augusta), em Portugal, exerceram semelhante direito [1].

E era frequente essa britagem da moeda, porque a Europa conhecia então poucas minas de ouro e prata e as explorava mal. Por isso, os imperantes, e os que tinham aquelle privilegio, usavam, frequentes vezes, d'esse meio, como recurso financeiro.

Effectivamente, as unicas minas que forne-

---

[1] Aragão, *Descripção geral das moedas*. — Octave Noel, *obr. cit.*, vol. I.

ciam ouro, eram as de Hespanha e Hungria. Vinha tambem algum ouro em pó da Africa, e algumas palhetas dos rios italianos. E não se exploravam ainda as minas de prata de Harz.

Por outro lado, as compras realisadas na India e na China pagavam-se de ordinario em dinheiro de contado ou em metaes preciosos; porque essas regiões não tinham necessidade dos generos europeus [1].

Além d'isso, faltavam, geralmente, as moedas de cobre. Os Romanos tiveram dinheiro d'essa especie, e tambem os proprios Godos, depois das primeiras invasões. Mas, após isso, cunharam-se unicamente peças d'ouro ou prata, ou d'esses dois metaes reunidos. Favorecia-se d'este modo o commercio externo, mas o movimento economico interior ficava prejudicado; já porque era necessario cunhar moedas muito pequenas, apropriadas ás transacções miudas, que facilmente se perdiam e difficilmente se guardavam; e já porque a rapidez da sua passagem de individuo para individuo mais favorecia a falsifica-

[1] Cesar Cantu, *Historia d'Italia,* vol. VII, pag. 92. — Pigeonneau, *obr. cit.*

ção, pelo menor cuidado que se tinha com ellas.

No intuito de obstar a semelhantes embaraços, os imperantes augmentaram caprichosamente a liga do dinheiro; mas esse expediente mais complicou a situação.

Finalmente, não havia uma unidade monetaria real ou imaginaria que servisse de estalão commum: porque, embora, geralmente, o systema monetario se bazeasse na libra, mesmo n'esse ponto, houve sempre uma enorme variedade.

Assim, até Carlos Magno continuou a adoptar-se a libra romana, correspondente a 12 onças, ou 327,453 grammas, e dividida em 20 soldos e cada soldo em 12 dinheiros. Este principe substituiu-lhe a libra de dezeseis onças ou 409 grammas, tambem dividida em 20 soldos, e cada soldo em 12 dinheiros. Mas começou a variar o valor do soldo e do dinheiro, e até o numero das partes aliquotas da libra, de modo que ella se tornou em simples moeda ideal, variando de paiz para paiz, e, ás vezes, de região para região.

Não obstante essas differenças e complicações, havia certas moedas que preponderavam no mundo mercantil, e representavam, por assim

dizer, um dinheiro internacional. E, por isso mesmo, nos occupamos d'ellas n'este capitulo, independentemente das noções que teremos d'apresentar, na historia particular de cada povo.

Até o seculo XI, eram correntes em quasi todos os mercados do mundo os soldos d'ouro bysantinos ou *solidos,* tambem conhecidos por *aureos,* que pesavam uma das setenta e duas partes da libra romana, e correspondiam aproximadamente, segundo alguns escriptores, a 3$013 reis da nossa moeda, e, segundo outros, a 2$786 reis ou 1$800 reis; bem como outras moedas d'ouro, provindas egualmente do imperio grego, a saber, o meio soldo e o terço de soldo ou *triens,* que tinham a metade e o terço d'aquelle valor, e os obulos, que, aproximadamente, correspondiam a 1$271 reis.

Todas estas moedas foram tambem conhecidas pela denominação generica de *bezantes* e mesmo de *obulos;* mas a primeira d'estas designações applicava-se mais propriamente aos meios soldos, e a segunda especialmente aos obulos propriamente ditos.

Entre os Arabes de Hespanha, havia o *maravedi* ou *morabitino* d'ouro, que variava muito de peso e valor, e o *dinnar,* correspondendo ao soldo ou aureo bysantino. Em prata, havia tam-

bem o maravedi de valor muito variavel, e, além d'isso, o *dirhem*, que pesava 2,95 grãos inglezes [1], e, em cobre, os *feluces* ou *felous,* que eram pouco usados.

Entre os Francos e mesmo na Italia, o systema dos Romanos foi, mais ou menos, seguido até Carlos Magno. Mas este principe, como já dissemos, introduziu-lhe grandes transformações. Á libra romana de doze onças ou 327,453 grammas, substituiu a libra de dezeseis onças ou 409 grammas, chamada a *libra grossa* ou *carolina*, que se dividia tambem em 20 soldos, e cada soldo em 12 dinheiros; e d'ahi se derivou depois a divisão da libra em dois marcos, de oito onças cada uma.

De harmonia com estas modificações, se cunharam as novas moedas; mas o valor das respectivas peças foi logo variando, por forma a continuar a antiga complicação monetaria.

A par d'isso, a moeda d'ouro foi desapparecendo da circulação, e foi-se estabelecendo grande variedade de dinheiro, até que, em 1262, S. Luiz reduziu os typos monetarios a duas peças de pra-

---

[1] O grão inglez é egual a $0^{gr},0647$, e o portuguez, a $0^{r},498047$.

ta, que vieram a preponderar na França, e tiveram grande acceitação por toda a Europa — os *grossos tornezes,* que valiam 190 reis, approximadamente, e os *parisis,* que valiam, pouco mais ou menos, 238 reis. E ambas ellas foram tambem divididas em 20 soldos, e cada soldo em 12 dinheiros.

Na Inglaterra e Allemanha, estava muito espalhada a *esterlina* (sterling), moeda de prata, que, a principio, valia aproximadamente 912 reis; e teve, desde o seculo XIII, muita voga, mesmo nos outros estados.

E tambem a Allemanha creou o florim, o pfenning e o kreuzer, que tiveram curso em toda a Europa central, e pouco e pouco se tornaram no que eram ultimamente; a saber, o florim, com o valor de 3$704, o pfenning, com o valor de dois reis, e o kreuzer, de cincoenta reis [1].

Na peninsula iberica, sob os Suevos, a unidade que dominou, foi uma especie do triens dos Romanos, tambem chamado *terço,* e que portanto valia aproximadamente 12 reis.

Sob os Wisigodos, que nunca adoptaram a re-

---

[1] Scherer, *obr. cit.*, vol. I, pag. 184. — Rodrigo Affonso Pequito, *Livro de Contabilidade Commercial,* pag. 33.

forma de Carlos Magno, a base monetaria foi relacionada com a libra, dividida da seguinte forma:

1 libra = 8 onças = 4608 grãos inglezes
1 onça = 8 oitavos = 576 grãos inglezes
1 oitavo = 6 tomins = 72 grãos inglezes
1 tomin = 5 quilates ou siliquas = 12 grãos inglezes

N'este sentido, a unidade do ouro era o *soldo* egual a $\frac{1}{6}$ da onça, da finura de 23 quilates e tres quartos de quilate, correspondendo ao valor de 3$424 reis.

A unidade de prata era dupla, a saber: o *soldo,* egual tambem á sexta parte de uma onça como o soldo d'ouro, e o *dinnario,* egual ao dinnar, oitavo da onça.

Este systema, que preponderou até Fernando e Isabel, soffreu differentes modificações. Uma d'ellas foi a mudança de nome, pela introducção da palavra *maravedi* ou *morabitino*, adoptada dos Mouros, que designou o soldo d'ouro, no tempo da conquista de Toledo. Por seu lado, os morabitinos soffreram tambem differentes alterações no seu valor e peso, e, até na sua denominação. Por exemplo, no tempo de Affonso VI, receberam o nome de *alfonsi*. Soffreram uma outra mudança, no tempo de Fernando II, que, em 1157, cunhou os *leões* de prata, do valor de meio soldo; e

ainda muitas outras, que nós mencionaremos, quando tratarmos especialmente da historia de Hespanha.

Na Italia, até Carlos Magno, dominou geralmente o systema romano; mas, depois d'isso, a Lombardia adoptou a reforma que elle introduziu, a par do bezante e obulo grego, de que já fallamos.

Á proporção, porém, que se foram levantando as republicas italianas e cunhando moeda propria, foi esta dominando nos mercados da peninsula, e até no Oriente e no resto da Europa.

D'essas moedas, as mais estimadas geralmente, eram os florins de Florença e os ducados de Veneza e Genova.

Florença, no principio do seu poder, fabricou o florim de prata, com o peso de 43 $\frac{1}{5}$ grãos inglezes, que valia 111 reis, aproximadamente. Depois, em 1252, fabricou o florim d'ouro, com o toque de 24 quilates e o peso de 72 grãos inglezes, que valia aproximadamente 2$225 reis; e, para lhe dar uma reputação superior, fel-o d'ouro o mais fino.

Esta moeda veiu a correr com differentes denominações, taes como *fiorino d'oro, fiorino de sugello, fiorino de galeo, fiorino largho, ducado, escudo;* e veiu tambem a variar no peso e no valor.

Mas a sua reputação tornou-se, desde logo, universal.

Os Venezianos, em 1200, fabricaram o ducado de prata, que valia aproximadamente 776 reis.

O ducado de ouro, só o cunharam em 1284. Era de uma pureza quasi egual ao florim de Florença, e valia aproximadamente 2$127 reis. O ducado de conta, porém, foi calculado, segundo alguns escriptores, a 650 reis, e, segundo outros, a 720 reis.

Alguns annos depois d'aquella data, os ducados d'ouro passaram a chamar-se *zechinos* ou *sequins*; e o nome de ducado começou a applicar-se a outra moeda de prata, cunhada já posteriormente á edade media.

Os ducados de Genova, tambem chamados *florins* ou *genovinos*, a principio não valiam tanto como os florins de Florença; mas, depois, tiveram um valor quasi egual, e mesmo superior, adquirindo tambem uma reputação universal [1].

---

[1] William Ridgeway, *The origin of metalic currency and weigt standards.*—W. R. Shaw, *The history of currency.* —Noel, *obr. cit.*, vol. I. — Scherer, *obr. cit.*, vol. I. — Cantu, *Histoire d'Italie*, traducção franceza, vol. IV. — Peruzzi, *Storia del commercio e dei banchieri de Firenze.* — Pigeonneau, *obr. cit.* — Garnier, *Histoire de la monnaie.* — Goury de Rosland, *Essai sur l'histoire economique de l'Espagne.*

*

* *

Ora, por um lado, esta variedade de moedas e a differença de typo, de peso, valor e toque, tornava essencial a profissão de individuos competentes, para apreciarem essas differenças; e provieram d'ahi os cambistas, incumbidos d'essa missão.

Por outro lado, a expansão do movimento commercial, depois de renovadas as relações commerciaes da Europa e da Asia, veiu a tornar a moeda insufficiente para as transacções mercantis; já pelas despezas do transporte; já pela pouca segurança e perigos da conducção; e já, pela referida variedade de typo, de peso, valor e toque. E d'ahi nasceu a letra de cambio regular, que se suppõe datar do principio do seculo XIV, embora se não conheça exactamente a sua origem, e que alguns escriptores attribuem aos Italianos e outros aos Judeus.

Como vimos no primeiro volume d'esta obra, já no mundo antigo havia titulos fiduciarios, equivalendo a letras de cambio imperfeitas, em que o acceite e o indosso eram suppridos por um acto

á parte, que certificava a negociação do mandato [1].

Mas tambem essa forma rudimentar de credito desappareceu com a invasão dos barbaros, para reapparecer mais perfeita, após o seculo XIV, sob a forma de letra de cambio; e, ainda assim, contendo apenas o mandato de pagamento. O indosso, com as suas consequencias juridicas, appareceu depois.

Com a letra de cambio, começou tambem a vulgarisar-se o emprestimo a juros, conhecido a principio, indistinctamente, pelo nome de usura.

O emprestimo remunerado existia já, como vimos, na antiguidade, e continuou durante a edade media, apezar da doutrina da egreja. Mas o desinvolvimento do commercio proveniente das cruzadas, a necessidade de adquirir capitaes para esse desinvolvimento, a ruina financeira de muitos nobres, e o acrescimo do luxo, pela importação de costumes orientaes e pelo crescente apuramento da vida social, fizeram subir a taxa dos juros, e levaram a egreja, no seculo XII, a prohibir a usura, com toda a vehemencia. A prohibição não foi observada rigorosamente, mes-

[1] *Historia Economica,* vol. I: Edade Antiga, pag. 6.

*

mo pelos catholicos; porque alguns continuaram n'essa agencia, deduzindo os juros do capital, na occasião do contracto. Mas aproveitou sobretudo aos Judeus, que, por isso mesmo, e porque dispunham do numerario, concentraram a grande força d'esse commercio. Os inconvenientes da prohibição da egreja tornaram-se tão graves que differentes estados, no seculo XIV, tiveram de fazer a distincção do juro licito e da usura, e por fim a propria egreja adoptou essa distincção.

*

* *

O augmento commercial proveniente das letras de cambio, o emprestimo a juros, a usura e os cambistas, deram tambem logar á instituição de bancos e de banqueiros, já conhecida na antiguidade, mas que principalmente se affirmou, quando as cruzadas puzeram em communicação mais directa o oriente e o occidente.

A principio, os proprios cambistas, incumbidos da troca e verificação da moeda, faziam de banqueiros, accumulando as funcções d'emprestadores de dinheiro e depositarios de valores. E essas funcções eram exercidas por uma categoria especial de pessoas, conhecidas, em ge-

ral, pelo nome de *Lombardos, Judeus, Cahorsinos, Astiatas,* e até pelos proprios Templarios.

Sob a denominação de *Lombardos,* confundiram-se todos os Italianos que preponderaram nas operações bancarias até o seculo x; porém as republicas de Veneza, Florença e Genova, sendo os estados mais poderosos de Italia, deram tambem o maior contingente para essa profissão. Os numerosos banqueiros italianos tinham correspondentes espalhados por toda a Europa, e nos mercados mais afamados da Africa e Levante.

A denominação de *Cahorsinos* ou *Cadurcianos,* como lhes chamou Oliveira Martins [1], empregava-se, especialmente, para designar uma classe de banqueiros, estabelecidos sôbretudo na cidade de Cahor, e espalhados tambem pelo resto da França, com differentes correspondentes na Suissa, Allemanha, Inglaterra e outras regiões. E tão triste celebridade adquiriram, pelos abusos commettidos, que a palavra *cahorsino* se tornou epitheto de má fé.

Os Astiatas, da cidade d'Asti, formavam tam-

---

[1] Oliveira Martins, *O Banco.*

bem tribus de financeiros e agiotas, que se espalhavam por toda a Europa.

Os Judeus, expostos á perseguição dos povos e dos reis, trataram de se entregar ao commercio dos objectos que facilmente se podessem esconder e transportar, como por exemplo, dinheiro, ouro, pedras preciosas e letras de cambio. Por isso, e porque as relações com os seus correligionarios por toda a parte do globo os ajudava na profissão de banqueiros, obtiveram, desde o seculo x em diante, a preponderancia, até sobre os proprios Lombardos. Os abusos que commetteram tambem n'esse ramo de negocio, o excesso da usura, a crueldade de que usavam para com os devedores, d'involta com as paixões religiosas e com a inveja dos christãos, trouxeram a perseguição contra elles, em differentes estados da Europa, e produziram as medidas de expulsão decretadas no seculo xiv e xv. Na Inglaterra, foram expulsos, em 1290. Na França, foram expulsos por Filippe Bello, em 1306; e, sendo chamados novamente por Carlos vi, foram novamente expulsos, em 1396. Na Allemanha, foi Saxe que deu o alarme, em 1432, banindo-os do seu territorio; e, successivamente, Spira, Mayença, Baviera, Brünn, Olmutz, Erfurt, Helbronn, Genova, Mecklemburgo, Pome-

rania, Styria, Carinthia, Carniola, Wurtemberg, Salzeburgo, Nuremberg, Ulm, e Zurich, na Suissa, seguiram esse exemplo.

As cidades mais importantes da Allemanha foram então decretando a creação de bancos proprios, destinados egualmente a facilitar as transacções, emprestar dinheiro, cambiar moeda e descontar letras de cambio.

Na Hespanha, tambem os Judeus foram expulsos pela rainha Isabel, em 1492; mas, já em 1401, o municipio de Barcellona tinha fundado um banco importante, que era conhecido pelo nome de *Taula de Cambi*.

Nas cidades de Italia, não foi decretada a expulsão dos Judeus; mas a iniciativa dos Italianos não se deixou atrofiar pela concorrencia d'elles, nem esperou pelo excesso da usura para a creação de bancos nacionaes. O primeiro que se fundou, foi, em 1157, o de Veneza, chamado ao principio *Monte* e depois *Banco del Giro*, e que successivamente se foi melhorando, até adquirir uma importancia capital no commercio da peninsula [1].

---

[1] Scherer, *obr. cit.* — Henri Martin, *obr. cit.* — Pigeonneau, *obr. cit.* — Buckingham, *obr. cit.*

Á proporção que os Judeus iam sendo expulsos d'um paiz, refugiavam-se, nos outros paizes; e, por fim, uma parte d'elles fixou-se na Italia, outra na Africa, e o maior numero na Hollanda, o estado mais tolerante e hospitaleiro para com elles.

*

* *

Emquanto ás communicações, as antigas vias romanas tinham sido arruinadas; já pelo povo, para impedir o curso dos barbaros; já pelos proprios barbaros, durante a guerra; e já pela acção corrosiva do tempo. Tanto mais que os proprietarios dos pequenos dominios que resultavam da feudalidade, não tinham, pelo seu isolamento e pelo seu egoismo, grande interesse em facilitar as communicações. E accresciam ainda as frequentes portagens de que já fallámos.

Caiam por isso as pontes, embaraçavam-se os rios, e difficultavam-se os transportes. E o que valeu, para que não fosse completa a ruina, é que, por um lado, muitos caminhos estavam confiados á guarda dos monges, como por exemplo o do monte de S. Bernardo, onde o Padre Bernardo de Mantua instituira um hospicio, e o dos Alpes, entre Lucques e Modena, collocado

sob a vigilancia dos monges de S. Peregrino de Sechia.

Por isso, a viação pouco se desinvolveu n'esta época. Só Carlos Magno tentou levantal-a, mas a sua iniciativa desappareceu, pela incuria e fraqueza dos seus successores.

Na segunda parte da edade media, porém, desde o seculo XI, á proporção que as cidades e aldeias se foram constituindo em communas e municipios, e procuraram favorecer o commercio, cuidaram tambem da reparação e segurança dos caminhos e da abolição das portagens, concorrendo assim para o melhoramento das communicações [1].

Em todo o caso, a viação foi sempre inferior ao tempo dos Romanos, e o que restava de bom, provinha d'esse tempo. Não existia ainda o systema de canaes da França, Hollanda, Allemanha e Russia, que tanto vieram desinvolver as communicações na edade moderna; e a viação maritima achava-se ainda reduzida aos mares interiores, á navegação costeira, e á bacia do Mediterraneo.

De resto, as communicações terrestres do

[1] Cesar Cantu, *obr. cit.*, vol. v, pag. 70.

commercio com o oriente eram quasi as mesmas da antiguidade. Desde a embocadura do Indus, ao interior da Persia, pela provincia de Sedjestan (Sevistan), e desde o Pendjab, pelos altos platós do Afghanistan, a Kabul e Gazna, que se tornaram grandes emporios de trasbordo. De lá, as caravanas seguiam, por um dos lados, para o Korassan, ao oeste, e, por outro lado, para a Bukaria, ao norte, onde se encontravam com as mercadorias vindas da China pela Asia Central. Por isso, Samarkanda, Bukaria, e Pelikund (Baykend), que ficava tambem n'essa direcção, eram grandes centros mercantis.

Para o transporte das mercadorias da China, havia dois caminhos, um atravez de Thian-Chan, e outro, muito mais difficil, atravez de Thibet.

Havia tambem outro caminho importante, que ia dar á Syria, pelo Eufrates, rio navegavel, desde o golfo Persico até pequena distancia do Mediterraneo. A partir da cidade de Basra e da de Bagdad, tambem ligada ao Eufrates por um canal, formava-se uma corrente continua de mercadorias, que subiam o rio, ou seguiam, ao longo das margens, um caminho de caravanas. Havia n'este percurso dois pontos importantes: Rakka, antiga Callinicum, e Balis. Um pouco ao oeste, encontrava-se Haleb (Alep), emporio commercial

do norte da Syria, como Damasco, era do centro. D'Haleb, seguia-se para Antiochia, já perto do mar.

Um outro ponto onde iam bater as mercadorias, era Trebizonda, muito frequentada pelos negociantes musulmanos e armenios. Ficava n'este caminho a antiga Arze ou Arzen, cidade muito industrial e commerciante. Destruida, em 1049, pelos Sedjucidas, os seus moradores emigraram para uma outra cidade, que ficava proxima — Theodosiopolis, mudando-lhe o nome em Arze-Roum ou Erzerum, que se tornou depressa um grande centro commercial.

Finalmente, fez-se tambem o trafico do Oriente pelos portos acantonados ao longo das costas do mar Caspio, desde Abeskoun e Asterabad, ao sudeste, a Derbent, ao oeste. Os generos exportados por essa via eram levados, na maior parte, para a Russia, pelo Volga.

Mas o caminho maritimo da Alexandria era o mais proprio e o mais directo para os productos da India. Vinham por mar até Aden. D'ahi subiam pelo mar Vermelho até Aidab, no alto Egypto e arredores do cabo de Elbea. De lá iam ás costas de camellos até o Nilo, atravez do deserto, deixando o mar Vermelho, pelo perigo da navegação. Kus, acima de Coptos (Kift), no Nilo,

era o ponto extremo onde iam dar os transportes por terra. As mercadorias desciam depois em barcos até Damietta ou Rosetta; e, d'ahi para Alexandria, havia dois caminhos. O primeiro, formado pelo canal de Chabur, era o preferido pelos marinheiros; mas o seu accesso apenas era possivel, durante as inundações do Nilo. O segundo, que era formado por um dos braços d'este rio, subdividia-se em duas bacias successivas, até seis milhas da Alexandria. D'ahi por deante, a conducção era por terra.

Na Europa, e com especialidade ao sul e occidente, preponderavam ainda as antigas vias romanas.

Para se ir da Italia á Allemanha, seguia-se a antiga estrada que costeava o lago Como, atravessava o Bregaglia e o collo do Septimer, passava em Coire (Chur), e ia dar ao lago Constança. Por isso mesmo, ahi se desinvolveu uma certa actividade commercial, durante a edade media, de modo que as cidades do lago Constança entretiveram activas relações com as do medio e alto Rheno.

No sudeste da Allemanha, as communicações foram muito poucas e difficeis, pela ferocidade dos Hungaros, a não ser no tempo de Santo Estevão, que empregou todos os esforços para

os civilisar (1038 a 1045). Por morte d'elle, continuou a desordem. Mas os reis André (1045 a 1060) e Ladislau (1077 a 1095) restabeleceram a ordem, e contiveram as barbaridades do povo; e começou então a fazer-se por ahi, em grande escala, o transito para o Oriente, como já vimos [1], aproveitando-se egualmente para isso os antigos caminhos romanos, atravez dos Alpes e Carinthia [2].

*

* *

Temos percorrido a largos passos o enorme periodo da edade media. Vinhamos do mundo antigo, deslumbrados pelo resplendor da civilisação romana, mas opprimidos debaixo d'uma atmosphera cerrada de despotismo, que abafava as liberdades politicas e a autonomia individual. E, por outro lado, a immoralidade dos costumes, a effeminação das raças civilisadas, tinha quebrantado o brio, apagado o patriotismo e pervertido as consciencias.

No fim do primeiro volume, appellámos para o

---

[1] Pag. 66.

[2] Heyd, *obr. cit.*

christianismo, afim de levantar a dignidade e sublimar o dever; mas não era em sangue morbido ou peitos gangrenados que podia germinar a vida nova. Só nas raças fortes e não combalidas, embora grosseiras e rudes, havia de fazer-se a revolução social.

Foi essa a primeira efficacia da invasão dos barbaros. Destruiram, é certo, uma civilisação adeantada, mas sob as ruinas cresceram vigorosas as raizes de outra sociedade, mais propria á transformação da consciencia universal.

Depois, foram-se estratificando os escombros d'essas ruinas, fixando as hordas dos conquistadores, e reapparecendo a ordem. E o sol da caridade christã, como o sol de Deus, que derrete as nevoas geladas, foi alumiando as trevas da barbaria e dulcificando o peito e os corações.

Vimos então o movimento das cruzadas, como o ultimo incendio das intolerancias guerreiras. O oriente e occidente approximam-se. A consciencia do povo começa a palpitar no centro das communas. Os reis alliam-se com elle, para depois o despojarem. A agricultura, a industria e o commercio refervem no cadinho de uma aspiração infinita. E as tres grandes pregoeiras da civilisação moderna: a bussola, a polvora, a imprensa, annunciam a largueza de novos horisontes, a inicia-

ção de novos processos de trabalho, e a eterna transmissão da palavra e do pensamento.

Ao longe, muito longe, um resplendor ignoto alumiava as portas d'uma nova epoca e d'um mundo encoberto, que os Portuguezes adivinharam. E as estrophes gloriosas, eternas e divinas d'este pequeno povo, que, pelo seu genio, alargava em mais de metade as raias do universo, harmonisavam-se com os eccos sublimes da renascença.

CAPITULO II

Os Gregos ou Bysantinos

Grandeza do imperio grego ou bysantino, quando caiu o imperio romano. — Admiravel situação de Constantinopla. — Importancia que lhe vinha da antiga Bysancio. — Historia politica do imperio bysantino. — Productos. — Industrias. — Como se introduziu a fabricação da seda no mesmo imperio. — Commercio. — Intermediarios d'esse commercio. — Preponderancia que n'elle tiveram os Italianos, especialmente os Venezianos, Genovezes e Pisanos. — Privilegios que obtiveram em Constantinopla. — Participação dos Allemães, Russos, Khazares, Bulgaros, Hungaros e outros povos tambem n'esse commercio. — Influencia da legislação grega no movimento economico dos Bysantinos. — Importação e exportação. — Centros principaes. — Moeda. — Communicações. — Conclusão.

Com a queda do imperio do Occidente e o assolamento da Italia pelos barbaros, o mundo romano olhou para Constantinopla, como para a sua representante legal. O imperio grego, que a tinha por capital, comprehendia então directamente debaixo do seu dominio a Asia Menor e a Syria até o Eufrates; possuia, na Africa, o Egypto, e, na Europa, a Thracia, a Macedonia, o Epiro e a Grecia; e, além d'isso, as provincias que não tinham ainda soffrido o jugo dos barbaros, na Hes-

panha e nas Gallias, não quebraram de todo o laço que as unira ao mesmo imperio [1]. Subsistia, pelo menos, o reconhecimento legal da sua soberania, embora, de facto, a distancia a que se achavam, a visinhança dos barbaros, e o abandono e desprezo de Constantinopla por ellas, tornasse aquelle laço n'uma simples formalidade, e, na essencia, os condes ou governadores fossem os verdadeiros senhores d'essas provincias. E a agitação da Europa, as luctas incessantes dos barbaros e da população romana, as invasões successivas que augmentavam a desordem, e a rudeza dos costumes dos invasores, faziam que os restos da civilisação antiga tendessem a refugiar-se n'essa capital.

A sua posição, nos limites do occidente e oriente; commandando dois mares, cujas costas foram a séde da civilisação do mundo antigo; quasi tocando na Asia; no meio de regiões importantes, pelo seu commercio e pela sua producção; rodeada de extensos e ferteis campos de vinhas e cereaes; no caminho das communicações mais frequentes da antiguidade; e de facil defeza contra as invasões: tinha por si

---

[1] Cantu, *Historia Universal*, traduzida por Antonio Ennes, vol. IV, liv. VIII, cap. I.

as melhores condições de grandeza e prosperidade.

Ahi se fundara, no seculo VII antes de Christo, a cidade de Bysancio, que andou fluctuando, sob o dominio de Dario, de Xerxes, de Sparta e de Athenas, até que, alliando-se com os Romanos e auxiliando-os na guerra contra Mithiridates, gozou, em recompensa, d'uma independencia completa, á sombra do protectorado de Roma. No primeiro seculo, depois de Christo, essa cidade foi, como toda a Thracia, de que fazia parte, absorvida no imperio. Em 193, declarou-se por Piscenius Niger, e sustentou tres annos de cerco contra Septimo Severo, que a fez saquear e arrazar. Reedificada pela vontade de Caracalla, retomou o seu esplendor, sob Constantino, que a escolheu para capital dos seus estados, e lhe deu o seu nome; e, com a queda do imperio do occidente, ficou, segundo dissemos, pela sua posição, e porque resumia em si os restos da civilisação antiga, representando o ultimo refugio do mundo romano, embora sob a influencia e transformação resultante do contacto com o oriente.

Já antes d'essa transformação, Bysancio era uma cidade notavel pelo seu commercio. Os productos vindos do norte e do Ponto Euxino (Mar Negro), escravos, gado, peixe salgado, mel, cera

e cereaes, desde remotas eras, concorriam aos seus mercados, em troca do vinho e azeite do sul, e formavam um dos ramos principaes do seu trafico. Os proprios Bysantinos iam pela Asia dentro ao encontro das caravanas orientaes.

Mas, desde que o imperador Constantino transformou essa cidade na capital do seu imperio, ella attraiu como um sol todos os luzeiros da civilisação antiga.

E comtudo, se, dentro d'ella, havia a ostentação do luxo, a concentração do commercio asiatico, a segurança contra as invasões exteriores, a riqueza e abundancia dos objectos artisticos e das pompas orientaes, a sociedade era mordida pelo odio e lucta das facções. Em vez das agitações patrioticas da guerra, ou das investigações profundas da arte e da sciencia, as discussões estereis d'um formalismo theologico absorviam os cuidados.

Como nos pantanos cobertos de flôres, apodrecia o animo e o estimulo n'um luxo gangrenado, n'uma corrupção mansa e deleteria, que, á semelhança dos venenos demorados, ia contaminando lentamente os organismos. Nenhum rasgo de genio, ou traço d'essa immortalidade que fica reluzindo, como os fogos fatuos dos cemiterios, nas ruinas das nações. Por tudo isso, é que o im-

perio foi caindo insensivelmente n'essa extrema fraqueza, que trouxe a absorpção final.

*
* *

A vida politica do estado e o pouco valor moral dos seus imperadores contribuiram tambem poderosamente para esse resultado.

Logo, á morte de Constantino, os seus filhos repartiram o imperio entre si, ficando Constantino II com o occidente, Constante com a Italia, Illyria e Africa, e Constancio com o oriente; e logo começaram as luctas entre elles, as guerras de Constancio com os Persas e com os barbaros, e as contendas religiosas do Arianismo, por forma que esse estado tumultuario de luctas civis, guerras militares e contendas religiosas, prolongou-se até á queda do imperio do occidente.

Entre os imperadores d'esse periodo, destacam-se, comtudo, Juliano, successor de Constancio, e Theodosio, o Grande.

O primeiro (361-363), embora se absorvesse na preoccupação de destruir a religião christã, tentou, ainda assim, reduzir o luxo, em proveito da abundancia, e simplificar os costumes, em proveito da moralidade. Cohibiu a corrupção; e

reconstruiu Athenas, Argos, Elis, Thebas e Corintho.

Theodosio, o Grande (379 a 395), digno de melhores tempos, foi um principe illustre, que, a par das suas victorias contra os Godos e outros barbaros, estabeleceu muitas leis sensatas; administrou com justiça; levantou innumeras egrejas, palacios e thermas; e contribuiu grandemente para o desinvolvimento material do estado. Pôde reunir, pela ultima vez, os dois imperios do oriente e occidente; e á sua morte dividiu-os novamente pelos filhos — Arcadio e Honorio, recommendando a estreita união entre os dois estados, por forma que estivessem ligados sempre como partes integrantes do mesmo todo. Arcadio ficou por isso com o imperio do Oriente, que tinha por séde Constantinopla, e era composto das seguintes *dioceses* ou provincias: Oriente, Egypto, Asia, Ponto, Thracia, Macedonia, Illyria Oriental e Dacia; e Honorio, com o imperio do Occidente, que tinha por capital Roma, e era composto das dioceses: Italia, Roma, Illyria Occidental, Africa, Hespanha, Gallias e Bretanha [1].

---

[1] Cantu, *Historia Universal* cit., vol. IV. — Raffy, *Répétitions écrites d'histoire universelle.*

Os successores de Theodosio, accentuando cada vez mais a separação entre os dois imperios, apenas oppozeram uma resistencia ephemera aos barbaros da Germania. São, ainda assim, dignos de menção Theodosio II (408-450), que promulgou o codigo Theodosiano, e que, apezar da sua fraqueza e pouca felicidade como guerreiro, foi cultor apaixonado da pintura e da esculptura, e fez levantar muitos e bellos monumentos. E Marciano I (450-457), que restabeleceu um pouco a grandeza politica do imperio, e fez construir differentes aqueductos.

Desde a queda de Roma (476), até á queda de Constantinopla (1453), a historia do imperio bysantino póde dividir-se em seis periodos. O primeiro, que vae até á morte do imperador Justiniano (565), é preenchido principalmente pelos esforços imperiaes para a reconstituição politica do estado. A avalanche dos barbaros e a cubiça dos povos asiaticos ameaçavam de toda a parte. E, no meio d'esse desaggregamento de todos os elementos da antiga civilisação, Constantinopla teria certamente soffrido a sorte de Roma, se não tivesse tido por imperador Justiniano I, que constitue a figura predominante d'este periodo, e que, não contente com a gloria militar, adquirida pelos seus generaes, Belisiario e Narsés, contra os Persas,

Vandalos, Ostrogodos, Bulgaros e Avaros; não contente ainda com a extincção das luctas civis no interior, e com a reconstituição d'esse outro monumento mais duradouro — o direito romano [1]: fez construir tão grande numero de edificios, basilicas e egrejas, e entre ellas — a de Santa Sofia, que mereceu o cognome de *reparator orbis* (reparador do mundo).

Este imperador fez ajuntar ao imperio a Africa Propria, a Numidia, as Mauritanias, alguns districtos hespanhoes na Cartageneza, Betica, Lusitania, Galliza, a Italia inteira, e uma parte da Armenia.

Graças á energia do seu governo, pôde sustentar-se n'este periodo, como no tempo de Theodosio, a grandeza politica do imperio; mas, no periodo seguinte, que vae desde que elle falleceu até o scisma iconoclasta (565 a 717), começou com toda a força a decadencia. Os Lombardos occuparam dois terços da Italia; os Bulgaros, Servios e Croatas estabeleceram-se no sul do Danubio; os Arabes submetteram a Syria, o Egypto, a Africa, e a ilha de Chypre (622-632).

Mauricio e Heraclio foram os principes menos imbecis d'este periodo.

---

[1] *Historia Economica* — Edade Antiga.

Mauricio (582-602), em cujo tempo se deu, sob Gregorio I, a fundação da egreja latina do occidente, viu o seu reinado agitado pela guerra contra os Avaros; mas, apezar da sua extrema avareza, sustentou o prestigio de Constantinopla, perante os Persas e os barbaros.

Heraclio (610-642), depois de sete annos de victorias sobre os Persas, viu começar no seu reinado as guerras dos Arabes, que tomaram Damasco, toda a Syria, a Palestina, a Mesopotamia, o Egypto, e a parte da Africa, pertencente ao imperio grego. Principalmente, a perda do Egypto custou a Constantinopla muito mais que outra qualquer possessão, porque a privou do trigo necessario. Tambem a Hespanha passou para os Wisigodos.

Mas, Heraclio, apezar d'estes revezes, luctou valentemente; e essa firmeza inspirou aos Gregos a energia da resistencia, de modo que não se apagou de todo a respeitabilidade politica do estado. D'ahi por deante, é que a historia do imperio grego não passa, em geral, da successão de dynastias e gerações, enfraquecidas ou embrutecidas pela desgraça, pelo fanatismo e pela oppressão [1].

---

[1] Raffenel, *Histoire du Bas-Empire.*

A Africa perdeu-se n'este periodo, em 670 a 700; o ducado de Roma perdeu-se tambem em 728; o exarchado de Ravena, em 752.

No terceiro periodo (717-867), começou a agitação iconoclasta, que trouxe revolta por muito tempo a egreja grega e a latina, e que augmentou mais a decadencia do imperio. Leão III, o Isauriano, fundador da dynastia Isauriana (717-802), deu começo a essa agitação, prescrevendo o uso das imagens; e, por causa da lucta que d'ahi se originou com o papa Gregorio III, Bysancio veiu a perder quasi tudo o que ainda lhe restava na Italia, bem como a Sicilia, a Candia, e a Cilicia. Nos sete principes que se seguiram a Leão III, foi restabelecido o culto das imagens; mas logo Phoceas (858) preparou o scisma do oriente, nova causa de desordem e d'abatimento; e sobreveiu a guerra com os Bulgaros, que trouxe enormes desastres.

N'este mesmo periodo, começou a lucta commercial com os Arabes; porque, tendo elles profanado os logares santos, Leão V, o Armenio (813 a 820), prohibiu os seus subditos de irem ao Egypto e á Syria [1].

---

[1] Heyd, *obr. cit.*, vol. I, pag. 53.

No quarto periodo (867-1056), em que prepondera a dynastia macedonica, acresceram novos elementos de decomposição e ruina; porque todo elle é cheio de guerras sangrentas com os Bulgaros, Russos e Petchenegues.

Embora a Bulgaria fosse duas vezes retomada (771-1018), e o fosse tambem a Servia (1018); Chypre, Cilicia e Candia entrassem de novo no dominio do imperio; e Alep e Sicilia fossem momentaneamente readquiridas: a decomposição e a ruina continuaram rapidamente. Essas mesmas guerras contribuiram para isso.

Podemos apenas destacar n'essa tenebrosa noite os nomes de Leão VI, o Philosofo, e de seu filho Constantino, o Porphyrogeneta.

O primeiro (886-911), apezar da corrupção geral dos costumes e da sua má politica, deu grande protecção ás artes, letras e sciencias; e seu filho Constantino Porphyrogeneta, embora mau politico tambem como seu pae, foi outro cultor enthusiasta das letras e sciencias, e um instigador do desinvolvimento intellectual e material do imperio [1].

---

[1] É o auctor do livro *Administração do Imperio*, e da *Collecção das Embaixadas*. — Vivien Saint Martin, *Histoire de la Géographie*, pag. 234 e 235.

No quinto periodo (1056 a 1260), appareceram novos conquistadores, os Turcos Sedjucidas, que se apoderaram de dois terços da Asia Menor. Alexis Comneno, principe de algum valor, da dynastia dos Anjos, só pôde depois conquistar uma pequena porção.

No tempo d'este principe, começou tambem o movimento das cruzadas, que augmentaram a principio a riqueza, commercio e população de Constantinopla, mas cujos resultados lhe foram depois funestos.

As guerras contra os Normandos, que tinham conquistado a Sicilia, contribuiram egualmente, para esgotar o imperio. Ainda João Comneno, que mereceu o nome de *Kalo* ou bom principe (1118-1143), pôde conter os Turcos e os barbaros occidentaes; mas, logo no reinado do seu successor, Manoel Comneno (1143-1180), a decadencia alcançou a antiga velocidade.

Em 1204, a quarta cruzada tomou Constantinopla; estabeleceu ahi o imperio latino, proclamando por imperador a Balduino, conde de Flandres; e deu logar á formação e desmembramento de differentes estados, como o reino de Thessalonica, o principado de Achaia, o ducado de Athenas, o ducado de Naxia, as provincias venezianas de Creta, o despo-

tado do Epiro, o imperio de Nicea, e o de Trebizonda.

O sexto periodo (1261 a 1453) começou com a contra-revolução promovida pelos Genovezes, que trouxe a queda d'aquelle imperio latino, sob Miguel, o Paleologo. Mas tanto este como os seus successores não poderam já recompor o imperio. Trebizonda, a Servia, a Bulgaria, a Bosnia, as ilhas e quasi todo o sul da peninsula balkanica, tornaram-se independentes, e o resto do estado passou para o poder dos Turcos.

Depois, as guerras civis vieram tomar parte na ruina. Debalde os imperadores mendigaram os soccorros do occidente. Os Turcos assenhorearam-se da Bulgaria (1391), fizeram a guerra á Servia, e apertaram Constantinopla de todos os lados. Bejazet cercou-a em 1400, e estava prestes a tomal-a, quando teve d'acudir á Asia, para impedir a invasão de Tamerlan. Amurat I obrigou-a a pagar-lhe um tributo, e apoderou-se de todo o territorio que ainda dependia do imperio, fóra dos muros de Constantinopla (1428); até que seu filho, Mahomet II a tomou de vez, em 1453, seguindo-se logo a conquista dos pequenos estados do Danubio, da Morea e de Trebizonda.

*

* *

Esta rapida exposição basta, para mostrar como aos demais elementos de ruina se ajuntou, em geral, a imbecilidade dos imperadores. Brilharam fugitivamente alguns d'elles, como fica apontado; mas esses mesmos eram pequenos relampagos, que luziam sob os seus limitados aspectos, n'esse vasto horizonte, em que se ia esbatendo, pouco a pouco, o resplendor da civilisação antiga. Constantinopla vivia do luxo; e a molleza dos costumes, a covardia, a indolencia da riqueza, e o egoismo do cansaço, em summa, os vicios deleterios d'uma civilisação gangrenada, minavam lentamente o imperio. Levou seculos a cair, mas a profundidade da queda correspondeu á vergonha da existencia.

Pelo que fica exposto, é facil induzir qual a natureza do seu commercio e industria: deviam ser emprestados; e mais claramente o vamos demonstrar, pelo exame dos seus differentes factores economicos.

*

* *

Já dissemos que a posição de Constantinopla, nos limites do occidente e oriente; commandando

dois mares, cujas costas foram a séde da civilisação antiga; tocando na Asia; collocada no meio de regiões, importantes pelo seu commercio e producção; rodeada de extensos campos de vinhas e cereaes; no caminho das communicações mais frequentes da antiguidade; e de facil defeza contra as invasões: tinha por si valiosas condições de grandeza e prosperidade, e por consequencia fortes elementos, para se tornar um grande centro mercantil.

Por outro lado, o luxo d'essa capital era assombroso; porque resultava de uma dupla causa —a tradição da pompa e grandeza dos Romanos, cujos restos ahi se refugiaram, e a influencia do oriente, cujos habitos foram adoptados pelos imperadores [1]. E esse luxo determinava, como é natural, grande consumo de riquezas, e portanto grande industria e commercio, embora exercidos, como veremos, principalmente, pelos estrangeiros [2].

---

[1] Seignobos, *Histoire de la civilisation au moyen âge.*
[2] Baudrillart, *Histoire du Luxe,* vol. II.

*
* *

Era feracissima a região que rodeava Constantinopla, fornecendo grande quantidade de vinho, fructas e cereaes. Nas differentes provincias do imperio, produziam-se tambem os mesmos productos que as tornaram felizes durante a dominação romana. Mas a capital consumia tudo isso, chamando a si, como a antiga Roma, esses productos, a par do fornecimento que lhe provinha dos outros paizes. E, se a importação dos objectos alimentares era enorme, como faremos vêr, no decurso d'este capitulo, o fornecimento dos objectos de luxo era assombroso.

Por isto, a seda, as especies, que já na epoca antiga eram tão profusamente consumidas pelos Gregos e Romanos, os perfumes, joias, pedras preciosas e marfim, constituiam objectos de grande consumo. Com o assucar, algodão e ricos estôfos do oriente, dava-se a mesma coisa. De todos esses generos, porém, a seda era a mais apreciada, e que fornecia maior commercio.

É sabido que, já de tempos remotos, a industria da seda existia na China; e que os imperadores chinezes faziam guardar rigorosamente o se-

gredo da sua fabricação, da mesma forma que prohibiam, com todo o rigor, a exportação das sementes do sirgo.

Antes do seculo VI da nossa era, tendo uma princeza chineza casado com o rei de Kotan, pôde levar escondidas algumas d'essas sementes e estabelecer assim aquella industria na sua nova patria. Mas, apezar d'isso, ainda os Chinezes continuaram sendo os grandes fornecedores da seda. Para isso, transportavam-na directamente por mar até Ceylão, ou por terra até o Turquestão.

Se era transportada por terra, outros povos, especialmente os Sgodianos, a tomavam no Turquestão, e a levavam até o norte do Iran ou do mar Caspio; e ahi, por sua vez, os Persas tomavam conta d'ella, para a conduzirem directamente a Constantinopla, ou a transportarem para o seu paiz, onde os proprios Bysantinos a vinham carregar. De modo que, n'este commercio terrestre, sempre os Gregos ficavam dependentes dos Persas. Havia até na Persia algumas cidades, designadas pelo governo para esse mesmo commercio.

Se o transporte da seda era feito por agua, e que por isso os Chinezes a levavam por mar até Ceylão, os povos que a vinham negociar, condu-

ziam-na depois nos seus navios para o golfo Persico ou mar Vermelho, ou a levavam por terra, atravez de Pendjab, a fim d'ella seguir o caminho de Constantinopla. Este ultimo caminho, porém, que ia dar a Artaxarte ou Nisibe, era pouco frequentado, pela demora e difficuldades do transito; e por isso a maior parte dos productos que os Chinezes transportavam para Ceylão, seguia a via maritima.

Eram de ordinario os navios indianos, persas ou arabes que a conduziam, e o desembarque fazia-se geralmente nos portos do golfo Persico.

Mas o reino christão da Ethiopia expedia egualmente para a India navios, que iam vender os productos africanos, taes como, incenso, canafistula, esmeraldas, marfim; e que tomavam como frete de retôrno productos d'aquelle paiz e a seda de Ceylão. E por isso, a partir do seculo VI, começaram a apparecer estes novos concorrentes da Persia.

Ora, a communidade de interesses religiosos, alliada á visinhança — porque os Gregos possuiam a parte septentrional do mar Vermelho, e os Ethiopes a parte meridional — fez approximar os dois povos e entabolar entre si o commercio da seda. Tanto mais que os proprios Bysantinos tinham no mar Vermelho um porto fortificado — Clisma, perto de Suez, onde muitos navios

ethiopes descarregavam as mercadorias que se destinavam a Constantinopla.

Apezar de tudo isto, os Persas ficaram sendo os grandes recoveiros da seda, e, com ella, da maior parte dos productos do oriente.

Ora Justiniano empregou todos os esforços, para se livrar d'esta sujeição mercantil, e pôde conseguir que, em 552, uns missionarios que tinham chegado a Kotan, trouxessem de lá, escondida e com as maiores precauções, a semente do sirgo.

Então, a industria sericola principiou a ser introduzida no imperio grego. Mas passou ainda longo tempo, até que ella prosperasse; e os productos da China continuaram fornecendo os mercados bysantinos.

Só houve differença nos intermediarios; porque, tendo, ainda no tempo de Justiniano, uma tribu turca do centro da Asia estendido a sua dominação até ás fronteiras occidentaes e septentrionaes da China, interpondo-se entre ella e a Persia e ameaçando tambem este ultimo paiz, os Persas prohibiram o commercio da seda com os Sgodianos; temendo que, d'involta com as caravanas dos mercadores, fossem as tribus dos guerreiros.

Os Sgodianos viram-se então obrigados a

*

procurar um outro meio de communicação com os Bysantinos; e, realmente, poderam estabelecer, juntamente com os Turcos, o trafico directo com a cidade de Constantinopla (568-569).

Para isso, como a costa sudoeste do mar Caspio estava nas mãos dos Persas, abriram caminho pelo norte, para attingirem o territorio grego, á saida do mar d'Azof, ou, nas costas do mar Negro, ao pé do Caucaso.

Mas, por um lado, as boas relações commerciaes dos Gregos e dos Turcos em breve desappareceram; e, por outro lado, estes ultimos povos, desde a primeira metade do seculo VII, cairam em ruina, e foram submettidos aos Chinezes. Os imperadores persas deixaram então recomeçar o transporte de seda pelo seu territorio, e a corrente mercantil retomou os antigos caminhos.

Já, n'esta data, o fornecimento d'esse artigo não era exclusivo da China. Na Persia, tinha-se desinvolvido muito a sua fabricação; e tanto mais que, na côrte, principalmente no tempo dos Sassanidos, o luxo era egual ao de Constantinopla, e os estofos de seda tinham grande consumo. Acontecia a mesma coisa na capital do imperio grego, onde os gyneceos imperiaes, em que, os escravos trabalhavam ao serviço dos imperadores, já produziam grande quantidade. A pro-

pria industria particular, embora prejudicada pela concorrencia d'estes gyneceos, tinha-se egualmente desinvolvido. E, mesmo fóra de Constantinopla, havia muitas cidades gregas, especialmente na Syria, onde ella se tinha propagado; porque a Syria constituia uma das provincias mais florescentes do imperio, e tinha centros importantes, de grande luxo e riqueza. Antiochia, por exemplo, era de um luxo assombroso.

A industria sericola, pois, chegou a naturalisar-se em Constantinopla e a espalhar-se pelo imperio grego, com grande esplendor. Até se fabricavam estofos de seda, bordados a ouro e prata, com differentes figuras e adornos, de grande valor artistico [1].

Os tecidos de lã eram egualmente notaveis. Especialmente nos artigos de egreja, como reposteiros, coberturas d'altar e ornamentos sacerdotaes, havia verdadeiras obras primas; e, tambem nos vestidos particulares, se empregavam pannos *historiados*, isto é, com differentes figuras e ornamentos, e outras fazendas de grande valor. Tanto mais que, segundo já dissemos, os Bysantinos adoptaram o luxo oriental, e, para re-

---

[1] Heyd, *obr. cit.*, vol. I.

quinte d'effeminação, até muitas vezes os proprios homens se vestiam de mulher.

Além d'esses artefactos preciosos, os proprios tecidos communs se espalharam pela Europa.

Na industria metallurgica, sobresaía egualmente a fabricação dos objectos d'ouro e prata. A ourivesaria representava, certamente, um dos maiores titulos artisticos dos Bysantinos. A fabricação de mosaicos de que elles revestiam as paredes das egrejas e os soalhos e pateos das casas particulares, era tambem notabilissima. As lampadas, cruzes, crucifixos e objectos religiosos, constituiam outra industria muito desinvolvida. Da mesma forma, as miniaturas e illuminuras em pergaminho, de que abundavam principalmente os livros religiosos, foram muito apreciadas.

A architectura e pintura, em que os Bysantinos alliaram as tradições romanas ás pompas orientaes, teve tambem um logar honroso entre elles. Mas a esculptura é que nunca attingiu egual desinvolvimento.

De resto, a grande força dos productos industriaes era fornecida pelos estrangeiros, como veremos.

Não póde tambem esquecer-se o desinvolvimento dos Bysantinos nas humanidades e nas le-

tras. Embora preoccupados por questões sofisticas, conservaram os manuscriptos da litteratura antiga, foram cultivando as sciencias e as letras d'esse tempo, e assim poderam guardar os thesouros dos escriptores gregos e latinos até á renascença [1].

*

* *

Emquanto ao movimento commercial, ainda no fim do seculo VI era muito grande.

Bysancio formava o centro do esplendor e do luxo. A Syria tinha uma grande actividade commercial e industrial. O Egypto, que pertencia egualmente aos Gregos, fornecia tambem um mercado largo, com as proprias mercadorias e productos do oriente.

E, embora fosse principalmente por intermedio dos Persas que os Bysantinos se abasteciam dos artigos da India e da China, tambem muitas vezes, os demandavam directamente, ou os recebiam por intermedio d'Alexandria, que era o centro mais importante das mercadorias orientaes.

---

[1] Seignobos, *Histoire de la civilisation dans l'antiquité.* — Cesar Cantu, *Historia Universal* cit., vol. IV. — Bayet, *L'Art bysantin.* — Rambaud, *L'Empire bysantin au X^me^ siècle.*

Mas, todo esse commercio parava, em geral, em Constantinopla. Por excepção, alguns artigos iam dar á Italia, á Hespanha, á Germania, ao oeste e ao norte da Europa; e tambem sómente por excepção é que os Italianos, Marselhezes, e algumas vezes os proprios Gregos, faziam o trajecto, desde as costas extremas do Mediterraneo, ou desde Constantinopla, até essas outras regiões. Como já dissemos, as relações directas e frequentes do oriente com o occidente da Europa tinham sido interrompidas pela invasão dos barbaros, e Constantinopla importava-se pouco de as reatar.

No seculo VII, porém, os Bysantinos entraram em lucta accesa com os Persas, o que tornou os caminhos terrestres cada vez mais perigosos.

O proprio commercio maritimo da Alexandria se difficultou egualmente, pelos embaraços resultantes da tomada d'essa cidade, em 611, por Cosroes II, rei da Persia. E, quando, mais tarde, se levantou contra a Persia o poder dos Arabes, e que estes, em 642, tomaram tambem Alexandria, todo esse commercio directo dos Bysantinos por mar e por terra quasi se extinguiu. E, embora, após os sobresaltos das conquistas musulmanas, os Bysantinos tivessem entrado novamente em relações commerciaes com os mes-

mos Arabes, e os navios gregos continuassem visitando os portos da Syria e do Egypto, e proseguissem no trafico dos productos orientaes, as communicações com o occidente é que permaneciam fechadas, ou, pelo menos, muito reduzidas.

Attento o egoismo e desleixo dos Bysantinos, era mister que outros povos tomassem a missão de as renovar, tornando-se intermediarios do commercio oriental, e sequentemente do commercio com os Arabes.

Ora, os Italianos, pela sua posição maritima, e porque sempre tinham tido relações commerciaes com o oriente, embora em pequena escala, é que foram desempenhando esse papel, começando assim a apparecer tambem com mais frequencia nos portos de Constantinopla; e entre as cidades italianas, as que mais cedo traficaram n'este sentido, foram Trani, Brindisi, Tarento, Salerno, Gaeta, Genova e Pisa, e sobretudo Bari, Amalfi, Veneza.

Vinha de longe o commercio de Veneza com Bysancio. Já Carlos Magno firmara um tratado com os imperadores do Oriente, para que os Venezianos ficassem independentes d'elles; e as relações entre os dois paizes foram augmentando, desde essa epoca, a ponto de que os empregos e

officios que os Gregos não queriam servir, por serem trabalhosos, eram desempenhados pelos Venezianos, da mesma fórma que o exercicio das armas em defeza do estado, olhado pelos Bysantinos como deshonroso [1]. E tudo isso favoreceu tambem a republica de Veneza, na missão de intermediaria com os Arabes.

Entabolado assim o commercio veneziano, as madeiras de Dalmacia e as armas fabricadas nas forjas da Styria e Carinthia, constituiram objectos estimados para a troca dos productos orientaes.

Os imperadores bysantinos começaram a vêr com maus olhos um commercio que robustecia a força militar e maritima dos Musulmanos; e isso trouxe differentes reclamações entre Veneza e Constantinopla, que terminaram pela ruptura das relações dos dois paizes, sob o imperador João Zimiscés, em 971. Em breve, porém, se reataram as relações, e já no tempo do doge Pedro Orseolo II, em 992, os Venezianos obtiveram uma pauta fiscal, muito favorecida.

---

[1] Heyd, *obr. cit.*, vol. I. — Ludovico Sauli, *Della colonia dei Genovezi in Galata*, vol. I.

Depois dos Venezianos, e d'entre os povos de Italia, foram os Amalfitanos e os habitantes de Bari, que, anteriormente ás cruzadas, mais frequentaram esse mercado oriental; mas, não tendo por si os privilegios que Veneza tinha adquirido, o seu commercio foi muito limitado.

Emquanto aos Genovezes e Pisanos, futuros rivaes de Veneza, appareciam ainda pouco no territorio grego. É que Genova e Pisa só muito mais tarde poderam consolidar a sua autonomia municipal; e, ainda depois de a consolidarem, o seu progresso economico foi retardado pelas luctas que tiveram de sustentar contra os Sarracenos.

Com as cruzadas, tudo variou. Os Italianos, em geral, que tinham já esse pequeno movimento commercial com os Arabes, que tinham marinha bem organisada, e conheciam o Mediterraneo, melhor que os outros povos, estavam naturalmente destinados a tirarem o maior proveito d'essas expedições. E, realmente, foram elles que fizeram a conducção dos cruzados, e os intermediarios do trafico oriental, durante essa epoca.

De todos os Italianos, porém, nenhuns outros aproveitaram mais do que os Venezianos. E tambem de todas as cidades christãs, nenhuma

colheu fructos mais immediatos que a de Constantinopla, cuja natural situação e grandeza a tornava passagem e estação forçada dos cruzados, e sequentemente centro e deposito de mercadorias. Tanto mais que Alexandria tinha passado para o poder dos Arabes, em guerra com os christãos, e o seu antigo movimento commercial refluiu em parte para Constantinopla.

Essas relações dos Venezianos com os Bysantinos mais estreitas se tornaram, pelo auxilio que a republica prestou, em 1081, ao imperador Alexis I, nas seguintes circumstancias.

Quando elle subiu ao throno, viu a corôa arriscada, porque um principe habil na arte militar, o duque da Normandia, Roberto Guiscard, reunira nos seus portos de Brindisi e Otranto um numeroso exercito, propondo-se arrancar algumas provincias ao imperio do Oriente. O imperador pediu o auxilio de Veneza, e, com este auxilio, tanto a armada como o exercito normando foram completamente derrotados.

Em consequencia d'isto, a republica obteve, a par de valiosos presentes, plena isenção de direitos aduaneiros e livre entrada em todos os portos gregos, o que tirou aos outros christãos a faculdade de poderem competir com ella no commercio bysantino. E, além d'isso,

o imperador renunciou em favor dos Venezianos á soberania da Dalmacia; e declarou tambem que elles seriam considerados como nacionaes em Constantinopla [1].

Em todo o caso, os Pisanos e Genovezes começaram tambem a tomar parte activa no commercio do Levante e a apparecer frequentemente em Constantinopla, fazendo concorrencia aos Venezianos.

Os privilegios que estes haviam conseguido, tornavam muito difficil essa concorrencia; mas aquelles calculavam que, de ordinario, mais cedo ou mais tarde, surgem attritos nas relações internacionaes, que fazem variar as situações; e esperavam por elles, para os aproveitarem em seu beneficio.

Não se enganaram; porque, em verdade, os accidentes politicos das proprias cruzadas concorreram para isso.

O imperador Alexis de Comneno, assim como alguns dos seus antecessores, tambem principiou a vêr com maus olhos a passagem dos cruzados, pelas desordens que provocavam, e pela

[1] Heyd, *obr. cit.*, vol. I. — Ludovico Sauli, *obr. cit.*, vol. I. — Carlo Pagano, *Delle imprese e del dominio dei Genovesi nella Grecia.* — Scherer, *obr. cit.*, vol. I.

cubiça que nutriam, a respeito dos territorios gregos. E essa má vontade fez que Bohemond, principe d'Antiochia, preparasse na França e Italia uma grande cruzada, com destino a arruinar o imperio de Constantinopla (1105-1106). Alexis solicitou a neutralidade, não só de Veneza, que já tinha relações amigaveis com elle, mas tambem de Genova e Pisa; e, por essa neutralidade, os Pisanos obtiveram, por sua vez, importantes privilegios, como a isenção particular de direitos fiscaes, e a faculdade de se estabelecerem n'um bairro de Constantinopla e n'outros pontos do imperio.

Depois, no tempo de João Comneno, surgiu uma indisposição entre os Gregos e Venezianos, por fórma que, tendo o imperador ordenado ás suas armadas que assaltassem os navios mercantes de Veneza, o doge Domenico Michiel fez saquear a Morêa e algumas ilhas do Archipelago.

A esta indisposição seguiu-se pouco depois nova alliança. E, achando-se, mais tarde, Manoel Comneno em guerra com Rogerio, rei da Sicilia, pediu o auxilio dos Venezianos, que lh'o prometteram, com a condição d'elle os admittir nas ilhas de Chypre e Megalopoli. E, de facto, obtiveram não sómente essa permissão, mas tambem a franquia de direitos no reino da Sicilia.

As intrigas dos Genovezes poderam quebrar mais uma vez a harmonia dos dois estados. Então, o imperador mandou prender todos os Venezianos, residentes em Constantinopla; e, por seu lado, o doge obrigou todos os subditos a abandonarem as terras do imperio, seguindo-se d'ahi uma guerra violenta.

N'estas circumstancias, Manoel Comneno pediu o auxilio dos Genovezes que lh'o concederam, mediante um tratado em que, a par da reducção dos direitos aduaneiros, d'uma pensão annual e d'outros privilegios, lhes foi outhorgado o poderem ter um *funduco* e uma egreja em Constantinopla, e negociar e navegar livremente por todo o imperio [1].

Estabelecidos assim na capital bysantina, os Venezianos, Genovezes e Pisanos, republicas rivaes, tendo o estimulo do lucro e a concorrencia do commercio a acirrar-lhes a rivalidade, haviam de surgir naturalmente mutuos conflictos. Por isso, logo em 1162, os Pisanos se levantaram á mão armada contra os Genovezes, massacrando muitos d'elles, obrigando os demais a abandonarem Constantinopla, e roubando os

---

[1] Ludovico Sauli, *obr. cit.*, vol. I.

seus estabelecimentos. E, embora os Genovezes voltassem, em 1170, com a protecção do imperador Manoel Comneno e com a ampliação dos seus privilegios, nos annos de 1172 a 1185, repetiram-se as dissensões das tres republicas, e muitas vezes entre ellas mesmas e o imperador, o que perturbou consideravelmente o commercio oriental.

Desde 1185, porém, abriu-se, com a dynastia dos Anjos, uma nova era. Os Italianos, principalmente os Venezianos, Genovezes e Pisanos, tomaram novamente a preponderancia; e, mau grado a mutua rivalidade e dissensões com os Gregos, no fim do seculo XII, dominavam quasi exclusivamente o commercio de Constantinopla.

Até nas principaes cidades do imperio, todos elles, e principalmente os Venezianos, tinham chamado a si a maior parte do movimento mercantil. Por exemplo, em Philadelphia, a grande e populosa cidade fronteira, do lado dos Turcos, em Abydos, no Helesponto, em Rodosto, Andrinopla, Philipopolis, Thessalonica, Almyro, Thebas, Corintho, e na ilha da Eubea.

Em Constantinopla, os Venezianos tinham o bairro de Perama, hoje *Balik-Bazar Kapoussi,* que serviu, em todos os tempos, de communicação entre a cidade e a aldeia de Galata. O dos Pisa-

nos começava na porta Neorii hoje *Baghtch-Kapoussi* ou *Porta do Jardim*. Entre esse e o dos Venezianos, é que ficava o bairro dos Amalfitanos. E o dos Genovezes estendia-se a nascente da porta Neorii até Iali-Kiosk [1].

Em 1204, a quarta cruzada, composta a principio de Francezes e Flamengos, reforçada depois pelos Venezianos, e apoiada pelo imperador da Allemanha, tomou Constantinopla, e repoz no throno o principe Isac e seu filho Alexis, que tinham sido expulsos, constituindo assim o denominado *imperio latino*. E, tendo havido, em seguida, uma contra-revolução dos Gregos contra os Latinos residentes na capital, os mesmos cruzados nomearam por imperador Balduino, conde de Flandres, e repartiram o territorio do imperio em differentes governos independentes.

N'essa partilha, coube ao imperador a provincia da Asia, com as ilhas situadas ao norte e éste do mar Egeo, e com uma banda do territorio de Thracia, ao longo do mar Negro. Os Venezianos ficaram com o Epiro, Acarnania e Etolia; com a cidade de Durazzo e outras; com as ilhas Jonias, entre essas, Corfu (Cephalonia), Sam

[1] Heyd, *obr. cit.*, vol. I, pag. 249 e seguintes.

Mauro e Zante; com o Peloponeso; com as ilhas do sul e oeste do Archipelago, e, entre essas, a de Eubea; com uma serie de cidades ao longo da costa Europea e do mar de Marmora, entre as quaes Gallipoli, Rodosto e Heraclea; com Andrinopla e algumas outras cidades do interior da Thracia; e com a ilha de Creta [1]. E, embora fossem perdendo depois, pouco e pouco, estas possessões, obtiveram então a preponderancia quasi exclusiva e incontestada nos mercados de Constantinopla, onde tinham até um podestá, representante do doge, que era, ao mesmo tempo, chefe da colonia veneziana e governador de todas as possessões da Romania.

Os Pisanos, esses continuaram fazendo commercio em Constantinopla. Mas os Genovezes, foram expulsos pelos Venezianos, seguindo-se entre as duas republicas uma serie de hostilidades, que só terminou pela paz de 1251; e apezar d'isso, o commercio genovez continuou a ser, por algum tempo, muito inferior ao dos seus competidores.

Em 1264, Genova, que não tinha cessado de minar o poder da sua rival, organisou uma

---

[1] Michaud, *obr. cit.*

contra-revolução; e, por meio d'ella, acabou com o imperio latino, restabelecendo no throno os imperadores gregos. Em reconhecimento d'isso, Miguel Paleologo, chefe d'essa contra-revolução, passou, em 1267, para os Genovezes os privilegios dos Venezianos, cedendo-lhes, além d'isso, Smyrna e outras ilhas importantes do Archipelago, com dois bairros em Constantinopla, a saber: o de Perama, que já fôra de Veneza, e o de Galata.

Estes dois bairros, que ainda formam a séde da população christã, não tardaram a tornar-se o principal emporio do commercio do Levante. E, como se não bastasse tudo isso, para prejudicar o trafico de Veneza, ainda os Genovezes conseguiram que o imperador lhe fechasse as portas do Ponto Euxino [1].

Os Venezianos tiveram então de abandonar Constantinopla e o mar Negro, por alguns annos; e, embora fossem depois readmittidos pelo mesmo imperador a commerciar livremente no imperio bysantino, ficaram, até o fim do seculo XIV, em posição inferior á dos seus rivaes.

---

[1] Ludovico Sauli, *obr. cit.*— Michaud, *obr. cit.* — Heyd, *obr. cit.*, vol. I. — Depping, *Histoire du Commerce entre le Levant et l'Europe.*

As outras cidades italianas continuaram a commerciar em Constantinopla, mas tambem muito inferiormente aos Genovezes.

Em consequencia d'esta lucta mercantil, travou-se, desde 1350, uma guerra terrivel entre Veneza e Genova, que terminou com a paz de Turim, em 1381, e por fórma que o imperador garantiu ás duas republicas egual direito de commercio.

Entretanto appareciam no horizonte novos e mais formidaveis inimigos — os Turcos.

Já n'esta data, o centro do imperio grego estava reduzido a um pequeno triangulo, comprehendido entre o mar de Marmora e o mar Negro. O pequeno territorio que os imperadores conservavam ainda na Macedonia, em volta de Thessalonica, e o despotado de Misithra (Sparta), apanagio d'um ramo cadete da casa de Paleologo, estavam separados d'esse centro, por vastas encravações, pertencentes aos mesmos Turcos, aos Slavos e aos Francos ; e, fóra d'isso, Bysancio possuia apenas algumas ilhas, ao norte do Archipelago.

Por outro lado, os Turcos tinham já passado o Mediterraneo e estabelecido a séde do seu governo em Salonica, ameaçando continuamente o imperador. E, embora as republicas italianas entrassem em accordo com elles, os successivos ataques dos mesmos Turcos a Constantinopla,

e as hostilidades com os Gregos e seus alliados, fizeram que ellas fossem abandonando, pouco e pouco, o mercado bysantino.

Emquanto a Veneza, no principio do seculo XIV, a primazia de que gosava a sua colonia commercial de Constantinopla, outrora a primeira das que tinha no imperio bysantino, passára para o Negroponto; e de lá dominava e influia nas outras colonias gregas. Mas, com respeito a Genova, embaraçada por aquella fórma no commercio do oriente, e, ao mesmo tempo, victima de revoluções internas, a sua importancia foi-se apagando, pouco e pouco.

Por fim, a tomada de Constantinopla, em 1453, por Mahomet II, acabou com o commercio italiano. As suas colonias foram saqueadas e roubadas, e os seus membros e os proprios consules, que não poderam fugir, foram mortos.

Os Turcos tambem depois tomaram o Negroponto, e foram apagando successivamente o que restava de todas as outras colonias gregas dos Italianos.

*

* *

Fica exposta, em resumo, a acção dos Italianos, nos mercados bysantinos, e sequentemente

exposta em parte a sua acção no trafico oriental.

Mas, como já notámos, esta acção exerceu-se, principalmente no periodo das cruzadas, e o commercio fazia-se tambem principalmente com os productos do oriente e do occidente. Era por isso natural que outros povos e outros productos concorressem tambem áquelle mercado. Figuraram n'esse rol os Avaros, Khasares, Bulgaros, Hungaros, Russos, e Allemães, com os productos do seu territorio.

Os Avaros, povo barbaro, originario da Tartaria e da familia dos Hunos, vieram, no meado do seculo VI, estabelecer-se nas margens do Danubio. De lá subiram para o norte do mesmo rio, e d'ahi se espalharam, como senhores, pela Germania e pela Italia, até que foram inteiramente subjugados por Carlos Magno (796-799).

Apezar das differentes luctas com os Bysantinos, tomaram uma grande parte no commercio d'este povo. Foi por elles que Constantinopla sustentou relações mercantis com Lorch, na Baixa Austria, onde se entrepunham os productos da propria industria grega, e os que vinham do oriente, afim de subirem de lá para a Allemanha, Scandinavia e Paizes-Baixos.

A conquista dos Avaros por Carlos Magno,

trouxe tambem a decadencia commercial d'este povo, e foram os Khazares e Bulgaros que os substituiram. Eram tribus uralianas, da mesma origem, estabelecidas nas regiões que formam actualmente a parte meridional do imperio russo, e que tinham já uma certa organisação politica e uma grande tendencia commercial.

As relações mercantis d'estes povos faziam-se pelos Arabes, que, solicitados por elles, estabeleceram o transporte por caravanas de todos os generos da Asia e da Africa.

Os seus principaes entrepostos eram Stil, hoje Astrakam, capital de Khazares; e Bulgar ou Bulgari sobre o Volga, capital dos Bulgaros, cujos traços desappareceram, em consequencia das devastações dos Mongoes, mas que devia ficar perto do actual sitio de Kazan. Kiev, centro de grandes feiras d'anno, onde affluiam os povos septentrionaes, era tambem muito importante.

O commercio dos Khazares não foi tão duradouro, porque, já no seculo IX, dois outros povos da Russia — os Varegues e os Petchenegues, lhes tinham conquistado o territorio e apagado a nacionalidade. Mas a preponderancia dos Bulgaros subsistiu até o seculo X, em que o seu reino foi unido ao imperio grego por João Zimicés.

Depois da submissão dos Bulgaros, o commercio que elles faziam em Constantinopla, passou para as mãos dos Hungaros, que se assenhorearam egualmente de parte do territorio d'aquelle povo, e que se tornaram então os corretores da Allemanha com essa cidade. O centro das suas operações era Regensburgo (Ratisbonna), que, já no tempo de Carlos Magno, constituia o grande mercado de provisão da Silesia, Bohemia e Vienna d'Austria, e cujas relações com Bysancio datavam de muito longe.

Foi tambem no tempo da prepoderancia bulgara que principiaram activamente as relações de Constantinopla com os povos da Russia actual, pelo mar Negro e mar d'Azof.

Como vimos, a antiga Bysancio já commerciava com essas regiões, que lhe forneciam pelliças, mel, cera e escravos; e esse caminho commercial nunca chegou a fechar-se totalmente.

No seculo IX, porém, com a decadencia do imperio musulmano, tornou-se tambem menos perigoso esse commercio do norte. Os Gregos entraram em relações mais frequentes, não só com os povos da Crimeia ou Taurida e do Dom, mas até com os da Russia actual. E estes, por seu lado, começaram a estabelecer-se directa-

mente em Constantinopla, de modo que, já no seculo x, ahi occupavam um quarteirão distincto, no bairro de S. Mamás, onde faziam grande commercio. Novgorod, Tchernigof, Myelniza, na Volkynia, eram consideradas como as praças mais notaveis do commercio russo externo. Kiev, que passara para a Russia, continuava a ter a mesma importancia que no tempo dos Khazares, e preponderava até sobre aquellas outras cidades.

Mas as relações dos Russos com os Bysantinos tinham sido precedidas de incursões e pilhagens no territorio grego; e, embora, em 914 e 944, já houvesse tratados commerciaes entre os dois povos, essas incursões continuaram até 1043.

Por isso, os Bysantinos, apezar de os terem deixado estabelecer fóra das portas da cidade, n'aquelle bairro de S. Mamás, olhavam sempre com desconfiança para elles, e vigiavam-nos de perto, para prevenirem qualquer attentado. Não os deixavam entrar na cidade, senão por uma das portas, e obrigavam-nos a andar desarmados, e a não se reunirem em numero superior a cincoenta. Não obstou isso a que os Russos fizessem grande commercio e entabolassem relações directas com os Allemães e Italianos; mas essas mesmas relações e a inveja dos respectivos lucros deram logar a que os Gregos augmentas-

sem as restricções. Por fim, até foram impedidos de passar o inverno em Constantinopla; e, no meado do seculo XI, foram obrigados a distribuir-se pelo imperio grego, o que os levou a abandonar o mercado bysantino.

O commercio directo dos Allemães começou principalmente com as cruzadas. Até ahi, os intermediarios foram aquelles outros povos, pela forma que já referimos; porém, desde essa data, os Allemães começaram a visitar directamente Constantinopla, trazendo pelo Danubio provisão de viveres e munições para os cruzados. E, em 1140, o numero dos que se tinham estabelecido n'aquella cidade, era já tão grande que foi posta uma egreja á sua disposição.

As cidades de Regensburgo (Ratisbonna), Passau e outras alcançaram grande importancia com esse commercio; e o caminho do Danubio tornou-se muito animado, emquanto a preponderancia dos Italianos em Constantinopla e no commercio oriental o não fez abandonar. Desde, porém, que os Italianos, transportaram os productos orientaes pelo Mediterraneo para os entrepostos da Italia, e de lá os faziam subir por terra para as cidades de Suabia, e d'ahi pelo Rheno para os Paizes-Baixos, onde, como veremos, a liga hanseatica os conduzia para o nor-

te e nordeste, decairam as cidades do Danubio, e desappareceu quasi de todo o commercio directo dos Allemães com os Bysantinos [1].

*

* *

Tendo fallado do commercio dos Gregos, devemos referir o serviço que elles prestaram á segurança e regularidade das transacções, á garantia dos contractos e defeza da propriedade, outras tantas alavancas do movimento commercial, com a compilação e vulgarisação das leis romanas. Se Constantinopla não creou, nem organisou a jurisprudencia, como os Latinos, colligiu-a, simplificou-a, e espalhou-a atravez de toda a Europa.

Já no principio do seculo v (426), foi ordenado aos juizes que, nos casos omissos, adoptassem a opinião dos cinco grandes jurisconsultos do II e III seculo, Papiniano, Paulo, Ulpiano, Modestino e Gaio; e, quando estes não estivessem d'accordo, seguissem a opinião da maioria.

Depois d'isso, os imperadores continuaram a

---

[1] Scherer, *obr. cit.*, vol. I.

publicar os *editos* e os *rescriptos*. Começaram tambem a fazer-se collecções que se chamaram codigos, porque, em vez de se escreverem em rolos ou *volumens* de papyro, escreviam-se em folhas cosidas, em fórma de carteiras (*codex*). Os primeiros codigos foram redigidos por particulares; mas, em seguida, fez-se uma collecção official, sob Theodosio II (428), que se chamou *codigo Theodosiano*.

Justiniano, querendo tornar-se tambem celebre como legislador, resolveu colligir todo o direito romano.

Começou pelas leis (*leges*), isto é, pelos actos dos imperadores.

Uma commissão dirigida por Triboniano, perfeito do pretorio, reuniu n'uma collecção todos esses actos, contidos nos codigos anteriores, ajuntando-lhes os promulgados posteriormente. E foi esta collecção que constituiu o *codigo de Justiniano,* publicado em 529. Posteriormente, uma outra commissão, formada de professores e negociantes, foi encarregada de fazer o mesmo trabalho para a jurisprudencia, isto é, para as opiniões dos jurisconsultos. O resultado foi a confecção do *Digesto,* que se chamou tambem *Pandectas,* palavra que em grego quer dizer *collecção geral.* O mesmo imperador fez tambem organisar um manual em quatro livros, destinado aos estudan-

tes, conhecido pelas *Institutas* de Justiniano. Emfim, as determinações especiaes, publicadas depois da confecção do codigo, foram reunidas n'uma collecção, chamada as *Novellas*.

A reunião do codigo, Digesto e Institutas foi depois denominada *Corpus juris civilis* (Corpo de Direito Civil) [1].

*

* *

Temos exposto o bastante, para se poder comprehender a falta de productos internos, e de industria e commercio proprio, que havia no imperio bysantino, para o fornecimento do seu grande consumo, e quaes eram os povos que suppriam essa lacuna. Por isso, a importação de Constantinopla era enorme; e essa importação augmentou tanto mais quanto o imperador Justiniano adoptou o systema romano da distribuição de rações gratuitas á plebe, ordinariamente, de pão, e, extraordinariamente, de vinho, carne e azeite: systema esse que durou até ás cruzadas. De modo que, semelhante distribuição, ao passo que au-

---

[1] Ortolan, *Explication historique des Instituts de l'empereur Justinien*, vol. I. — Mackeldey, *Manuel de Droit Romain*. — Seignobos, *Antiquité Romaine et Pré-Moyen-Age*.

gmentava o consumo, attraindo a Constantinopla todos os parasitas do imperio, diminuia a producção, apagando o estimulo do trabalho.

Vinham do Egypto as carregações de cereaes, que anteriormente iam para Roma. O resto da Africa mandava tambem cereaes e escravos. Vinham da Arabia, India e Persia, especiarias, tecidos, sedas, perfumes, joias e pedras preciosas. Da Germania, vinham tambem escravos, pela maior parte, venedos ou slavos, e armas. Dos Paizes-Baixos, lãs; e da Friza e cidades saxonias, pannos escarlates. De Passau e Ratisbonna, sellas, artefactos de madeira, metaes, ouro e prata. Da Russia, ferro, madeira, cera, mel, peixe secco e salgado, pelliças e tambem cereaes. Especialmente a Crimeia fornecia grande quantidade d'elles, assim como d'atum e de peixe salgado.

*

* *

Pelo que respeita aos principaes centros economicos, a nova capital, fundada por Constantino, desappareceu ha muito. No plano da sua fundação, este imperador tratara de imitar a cidade de Roma; e por isso, como a capital do occidente, Constantinopla tinha sete collinas, e estava divi-

dida em quatorze bairros [1]. Possuia tambem um capitolio, e o grande *forum*, chamado *Augustæon*, talvez anterior a Constantino, que se contentou de o embellezar, mas que ficou celebre por toda a edade media.

Nos quatro lados d'esse *forum*, havia um portico, onde estavam collocadas varias estatuas; e, nas trazeiras, levantavam-se alguns dos mais bellos edificios da cidade, como o palacio do senado, a basilica, decorada com todo o luxo, e o palacio imperial. Este ultimo, que se foi dilatando, a ponto de se tornar n'uma verdadeira cidade, já no seculo IV, tinha uma extensão enorme.

A situação d'esse palacio era maravilhosa; porque, de um lado, abria sobre o *Augustæon*, e, do outro lado, estava situado nas bordas do mar, mesmo á entrada do Bosphoro. Das salas, todas resplandecentes d'ouro e mosaico, o imperador via entrar e sair as frotas guerreiras, que levavam os seus exercitos á Italia, Asia e Africa; bem como os navios mercantes, carregados de ricos generos, que punham Bysancio em communicação com os povos mais afastados, e que asseguravam a sua prosperidade.

[1] *Historia Economica* — Edade Antiga, pag. 268.

Junto do palacio e communicando com elle, achava-se um outro edificio, que veiu a ter uma grande influencia na sociedade bysantina, e a tornar-se, de algum modo, o centro da vida popular. Era o *Hyppodromo*, construido no modelo dos circos romanos.

O *Hyppodromo* era o verdadeiro foco da vida publica, tal como ella podia subsistir no imperio grego. Era o refugio das ultimas liberdades e o logar do exercicio dos ultimos direitos. Foi lá que se passaram os principaes factos civicos da historia bysantina [1].

A par do grande *forum,* havia ainda um segundo *forum,* tambem ornado de estatuas, que tinha o nome de *Constantino,* e sobresaía entre as demais praças da cidade.

Para adornar essa capital, Constantino despojou das suas obras primas as mais bellas cidades do mundo grego. Os padres dos primeiros seculos tinham dirigido contra as maravilhas da arte pagã todas as suas maldições. Mas, apezar d'isso, o primeiro imperador, em vez de as destruir, recolheu-as e adornou com ellas Constantinopla; e foi assim que lá se achavam estatuas de

[1] Bayet, *L'Art bysantin.*

Athenas, de Cysico, de Cezarea, de Tralles, de Sardes, de Mocissus, de Sebastia, de Satalia, da Chaldeia, d'Antiochia a Grande, de Chypre, de Creta, de Rhodes, de Chios, d'Atalia, de Seleucia, de Smyrna, de Tyaneo, de Iconium, de Nicea na Bithynia, da Sicilia, e de todas as outras cidades do oriente e occidente [1].

Constantinopla, como vimos, concentrou por muito tempo os restos do commercio europeu, e da civilisação romana. Mas, a par d'ella, Andrinopla, Thessalonica, Abydos, Corintho, Gallipoli, Philadelphia, Philipopolis, Rodosto, e muitas outras cidades da Grecia e da Syria, constituiram tambem grandes centros economicos.

Andrinopla, a Edirneh dos Turcos, tinha por si a bella situação em que se acha collocada, na confluencia de tres rios, abundantes e navegaveis, Maritza, Toudja e Arda; e ahi convergiam os caminhos que desciam da bacia superior do primeiro d'esses rios e da vertente septentrional dos Balkans, bem como os que subiam do mar de Marmara e do mar Egeo. Tomada aos Gregos por Amurat I, em 1360, foi, desde então, a morada dos

---

[1] C. Bayet, *obr. cit.* — Bandrillart, *Histoire du Luxe*, vol. II, pag. 355 e seguintes.

sultões ottomanos, até 1453; e ainda hoje é considerada a segunda cidade do imperio [1].

Thessalonica (Salonica ou Salonski), a antiga Therma, tinha egualmente boa situação. E, demais a mais, fazia-se lá uma feira importante, a de S. Demetrio, onde se juntavam os mercadores italianos, francezes, hespanhoes, arabes, egypcios e syrios.

A excellencia do seu porto e da sua enseada bem abrigada, cujas aguas são tranquillas, como as d'um lago; a convergencia dos dois grandes valles do Vardar e do Indjé-Karasou, que abrem os caminhos da alta Macedonia e do Epiro; emfim a sua posição no angulo do mar Egeo, precisamente na raiz da peninsula grega: fizeram de Salonica uma cidade necessaria. E, ainda hoje, é a terceira da Turquia. Como Trieste, Brindisi e Marselha, quer servir de ligação ao commercio da Inglaterra com a India [2].

Corintho (Kordos) foi possuida pelos Gregos até 1205, sendo tambem centro commercial muito importante. A sua situação, que já encare-

---

[1] E. Reclus, *Nouvelle Géographie Universelle — L'Europe Méridionale.*

[2] E. Reclus, *obr. cit.* — Depping, *Histoire du commerce entre le Levant et l'Europe,* vol. I.

cemos no primeiro volume [1], auxiliava o seu movimento. Em 1205, foi conquistada por Guilherme Champlitte, neto de Hugues I, conde de Champagne e principe soberano de Achaia. No seculo XIV, ficou pertencendo com o ducado de Athenas á familia florentina dos Acciajuoli, e passou, pouco depois, para os Venezianos, até 1459, em que foi tomada pelos Turcos [2].

Abydos (Nagara-Bonnum), notavel pela fabula de Hero e Leandro e pela ponte de barcas que Xerxes ahi lançou, era favorecida pela communicação facil que tinha com a Europa; visto que o mar ainda hoje tem n'esse sitio simplesmente a largura de dois kilometros, e, na edade media, tinha apenas sete estadios ou 1:295 metros [3].

Gallipoli foi a primeira cidade da Europa conquistada pelos Turcos, e elles a possuiram por 100 annos, antes de se terem apoderado de Stambul.

Philadelphia (Alachehr), a ultima cidade da Asia tomada pelos mesmos Turcos, era tão importante

---

[1] *Historia Economica* — Edade Antiga, pag. 311.

[2] *Grand Dictionnaire de Géographie universelle ancienne et moderne*, na palavra *Corintho*.

[3] E. Rêclus, *obr. cit.*

*

que se chamou a *Pequena Athenas,* por seus monumentos e festas. No tempo de S. João, o Apocalyptico, foi uma das sete egrejas. E tudo isso augmentou a sua importancia e o seu movimento commercial [1].

Philipopolis, fundada por Filippe de Macedonia, estava no encontro dos caminhos de Constantinopla, Bulgaria e Valachia, e no centro de uma região feracissima de cereaes e de vinhos.

Rodosto abonava-se com o seu vasto porto, que lhe proporcionava grande movimento.

Emquanto á Grecia, depois das cruzadas, quando a potencia commercial de Veneza se tornou senhora do littoral de Morea, attraiu naturalmente a população para as costas, que se encheram logo de colonias mercantes, como Arcadia, a ilha Prodana (a Protea dos Gregos), Navarino, Modon, Coron, Kalamata, Malvasia, Nauplia de Argolida. O Peloponeso perdeu assim o caracter continental que lhe davam os seus platós, para retomar a figura maritima que tivera parcialmente no tempo dos Phenicios.

Essas cidades não permaneceram sempre no poder dos Venezianos, antes se alternaram nas

---

[1] Fellows, *Travels and Researches in Asia Minor.*

mãos d'elles e dos Bysantinos, como já vimos. Por isso as mencionamos entre os centros importantes do commercio grego [1].

Pelo que respeita á Syria, continuou ella a ter, na edade media e já na dominação dos Gregos, o movimento commercial que tinha tido no mundo antigo. Concorreram tambem para isso as cruzadas; mas, independentemente d'ellas, a situação d'esse paiz, no encontro do commercio oriental e occidental, prestava-lhe as maximas garantias.

A cidade mais importante d'essa região era Antiochia (Antakiab), reputada, nos primeiros tempos do christianismo e durante as cruzadas, como a terceira cidade do mundo. Só tinha acima d'ella Roma e Alexandria.

Estava n'uma situação admiravel, para se tornar uma grande metropole do trafico universal. Perto d'ella, no angulo norte oriental do Mediterraneo, o golfo de Cilicia adiantava-se mais profundamente no interior do continente, para favorecer o commercio maritimo; e tres caminhos internacionaes convergiam para essa metropole. Um dirigia-se a Constantinopla, atravessando obli-

---

[1] E. Reclus, *obr. cit.*, pag. 59.

quamente a peninsula da Asia Menor; outro alcançava o Egypto e Arabia, pelo littoral da Syria; e o terceiro penetrava na Mesopotamia, pelo valle do Eufrates, descrevendo um grande circuito do lado do Mediterraneo.

Iam lá bater numerosas caravanas com os productos da India. Grande numero de obreiros ahi fabricavam ricos estofos, conhecidos no occidente pelo nome de *pannos de Antiochia*. Ahi se achavam estabelecidas muitas colonias de Italia. E, finalmente, o luxo e commercio d'esta cidade era assombroso.

Tripoli e Beirutt eram tambem centros commerciaes muito importantes.

*

* *

Quando Constantino mudou a séde do imperio para Constantinopla, alterou completamente o systema monetario dos Romanos, de que já tratámos no primeiro volume d'esta obra; variando o nome, feitio, titulo e valor das moedas d'ouro; recolhendo e fazendo refundir todo o dinheiro depreciado dos seus antecessores; e estabelecendo uma nova relação entre o cobre e os dois metaes preciosos.

Assim, com respeito á primeira reforma, o *aureo* era, desde muito tempo, a moeda d'ouro commum no imperio romano; mas tinha soffrido variantes, e ultimamente achava-se muito depreciado no seu titulo e valor real.

Apezar d'isso, os impostos eram pagos n'essa moeda, pelo seu valor nominal, com grave prejuizo para o estado; e, por esse motivo, o imperador resolveu desmonetisal-a, substituindo-a por outra, com differente denominação, peso, valor e toque.

Esta nova moeda foi o *solido* ou *soldo* d'ouro, que valia 40 dinheiros de prata, correspondendo, pouco mais ou menos, a 3$013 reis [1]. Vinha a ser o antigo tetradrachma ou grande ciclo d'ouro, conhecido de toda a antiguidade, no oriente e na Grecia, pelo nome de *duplo drachma, duplo krysus* ou *distatére,* e que geralmente corria por 40 drachmas atticos.

---

[1] Como já dissemos a pag. 92, variam as opiniões sobre o valor do solido no tempo de Constantino. Tomamos aqui o valor de 3$013 reis, segundo auctoridades que julgamos valiosas; e, de harmonia com isso, estabelecemos tambem a correspondencia das outras moedas que vamos referir. É, porém, facil a quem adoptar para o solido alguns dos outros valores, que tambem apontámos a pag. 92, calcular, de harmonia com elles, o importe das partes aliquotas do soldo, e bem assim a respectiva correspondencia do outro dinheiro.

E, para mais acreditar a nova moeda, Constantino regulou o seu molde, em relação com o peso vulgar e mais geralmente conhecido — a libra commum de doze onças, que dividiu em 72 soldos ou solidos. Cada soldo representava, portanto, uma sexta parte da onça.

Mas, por um lado, a par d'esta moeda, ficou subsistindo o *keration* ou *siliqua*, tambem d'ouro, equivalendo a 12 onças de cobre, e que aproximadamente correspondia ao valor de 60 reis do nosso dinheiro, sem que tivesse a fixidez e garantia dos solidos. Por outro lado, no imperio bysantino, havia o costume dos individuos nomeados para qualquer emprego darem aos chefes civis ou militares grandes presentes, fazendo para isso cunhar moedas particulares, caprichosamente no formato e valor. E, não obstante o proposito de regularisar a cobrança dos impostos, Constantino permittiu que elles podessem pagar-se tambem n'essa moeda ou n'outra qualquer, e mesmo em barras ou pedaços d'ouro, pelo respectivo peso, para que todo esse metal fôsse depois fundido e convertido na moeda nova.

Tudo isso produziu grandes inconvenientes, pela difficuldade de verificar promptamente o peso e toque, por fórma que, em 446, o imperador Valentiniano obrigou os contribuintes a paga-

rem em dinheiro legal, augmentando com isso a reputação do solido.

Emquanto á prata, Constantino conservou as moedas que existiam, desde longo tempo. Uma d'ellas era o *dinheiro imperial,* tambem chamado *lepton,* do peso de tres escropulos [1] e do valor de dois *dinheiros* de conta. O soldo d'ouro valia 40 d'estes dinheiros imperiaes; e portanto o *dinheiro* correspondia aproximadamente a 75 reis. E havia ainda outras duas moedas de prata, chamadas *argyras*, a menor das quaes valia 100 dinheiros, e a *grande argyra*, 250 dinheiros.

A segunda reforma de Constantino consistiu, como dissemos, em fazer recolher e refundir de novo todas as moedas de seus predecessores, já viciadas ou depreciadas no titulo e no peso; e a refundição da prata deu logar á fabricação especial de peças d'egual metal, chamadas *miliaresion* ou *miliarenses,* por serem destinadas ao pagamento das tropas.

Finalmente, com relação á terceira reforma do mesmo imperador, no seu tempo, além de serem mal exploradas as minas de cobre, havia

---

[1] O escropulo corresponde aproximadamente a um gramma e dois decigrammas.

muito poucas em actividade; e o cobre tornava-se muito preciso para a fabricação de differentes objectos e utensilios.

Tendo por estas razões subido muito o preço d'esse metal, Constantino estabeleceu uma nova relação entre elle e o ouro e prata, mudando tambem a denominação da respectiva moeda que até ahi era o *phollis* ou *follis,* tambem chamado *sestertion.* Pesava uma onça de cobre, e dividia-se em quatro *assarions* ou *kodrantés,* ou *tetrassarions.* E o *assarion* ainda se dividia em 2 *leptons de cobre,* cada um dos quaes pesava tres escropulos, como o dinheiro de prata, que, por causa d'essa conformidade de peso, tinha recebido tambem o nome de *lepton de prata.*

Constantino, porém, mudou o nome de *phollis* para *nummus,* e estabeleceu a relação com os outros metaes da seguinte fórma: Um dinheiro valia 15 *nummus,* e portanto o *nummus* valia 5 reis. O *miliaresion* propriamente dito ou *miliaresion de soldo* valia 21 *nummus,* e portanto 105 reis. E dizemos o *miliaresion de soldo,* porque, a par d'esse, foi-se cunhando um outro maior, destinado aos presentes dos empregados publicos. O *keration* d'ouro valia 12 *nummus* e meio, e portanto 62 reaes e meio.

O dinheiro de Constantino foi corrente por

todo o tempo do imperio; mas o soldo d'ouro era uma peça d'um valor maior, que só podia accommodar-se a diminuto numero de transacções; e, quando o estado veio a empobrecer, mais sensivel se tornou a necessidade de o dividir. Creou-se então o *meio soldo* e o *terço d'ouro,* valendo o primeiro 20 dinheiros, e o segundo, treze dinheiros e meio.

Estas moedas, fabricadas em grande abundancia na cidade de Constantinopla, espalharam-se pelo occidente; e os cruzados as levaram por toda a Europa, de tal fórma que ellas tiveram curso geral, sob o nome de *obulos de ouro* e *bysantinos* ou *bysancios* ou *bezantes,* e pela forma que já dissemos a paginas 92.

Além de tudo isto, cunharam-se tambem os *hyperperos* ou *perperos,* que valiam aproximadamente 1$135 reis [1].

*

* *

Emquanto ás communicações, já no primeiro capitulo, dissemos que os caminhos internacionaes do commercio oriental e europeu foram

---

[1] Garnier, *Histoire de la monnaye.* — Cibrario, *obr. cit.*, vol. II.

quasi os mesmos da edade antiga. Mas, a não serem essas arterias cosmopolitas, as estradas dos Romanos, que, segundo vimos, tanto desinvolveram a viação publica, foram caindo em ruina, pelo abandono, ou, em desuso, pela pouca segurança do transito. Por isso, em vista da situação de Constantinopla, e auxilio da sua marinha, até á preponderancia dos Italianos, e tambem, depois d'isso, pelo influxo dos mesmos Italianos, os Gregos adoptaram de preferencia os caminhos maritimos. O commercio, porém, do norte e nordeste fazia-se, como vimos, pelas vias fluviaes.

*

*   *

Em resumo, Constantinopla, herdando os restos do antigo imperio romano, herdou com elle a gangrena da decadencia, a molleza do luxo e a corrupção dos costumes. As virtudes civicas da epoca aurea da antiga Roma não as herdou, nem podia herdar, porque tinham desapparecido, ha muito, na dissolução da virtude e na baixeza do patriotismo.

Como a Roma dos imperadores, Constantinopla tinha de alimentar, vestir e adornar uma grande população. Por isso, como grande centro, fez

de impulsora do commercio, das artes e das industrias d'este periodo; mas os Bysantinos eram, com pequenas excepções, consumidores passivos. Os productores, agiotas, recoveiros e transportadores, pertenciam aos povos estrangeiros, que foram tomando successivamente a preponderancia mercantil, conforme fica exposto.

Unicamente, nos primeiros seculos da edade media, é que essa capital teve uma acção directa no movimento economico do imperio grego. Depois os Avaros, os Bulgaros, os Hunos, os Russos, os Allemães e os Italianos, tomaram por sua vez conta d'esse movimento; e os Bysantinos, cansados de luctas externas e internas, preoccupados nas questões d'uma vã theologia, effeminados pelo luxo, alquebrados pela molleza, e embrutecidos pelo despotismo, sem chefes que os soubessem guiar ou governar prudente e productivamente, sem cidadãos illustres que os estimulassem pela iniciativa e pelo exemplo, foram deixando cair aos pedaços o manto da sua riqueza, até pararem na eterna ruina dos imperios indignos de viver.

Em todo o caso, por um lado, os serviços prestados por Justiniano á jurisprudencia concorreram efficazmente para a civilisação do mundo. Por outro lado, se, á queda do imperio do Occidente,

não tivesse havido esse refugio e anteparo de Constantinopla contra os barbaros, e essa concentração das forças economicas, não se teria salvado tão clara a tradição do mundo antigo; não seria tão visivel a cadeia da civilisação; e sobretudo, para o nosso estudo, não se teria conservado e perpetuado tão facilmente o commercio oriental, até o alvorecer da época moderna.

CAPITULO III

Os Arabes

Historia politica dos Arabes. — Doutrina de Mahomet e sua influencia. — Augmento successivo do imperio arabe. — Condições especiaes da Arabia, e como ellas influiram n'este povo. — Abundancia de productos mineraes do imperio arabe. — Productos animaes e vegetaes. — Grande desinvolvimento industrial do mesmo imperio; e, n'este sentido, enorme adiantamento da agricultura. — Centros principaes. — Moeda. — Communicações. — Conclusão.

É mal conhecida a historia politica dos Arabes antes de Mahomet, e tanto que elles mesmos chamaram *djahilya* (periodo da ignorancia) ao tempo decorrido até essa data.

Sabe-se que, em todo o caso, conservaram sempre a sua independencia, a ponto de que nem os Lacedemonios, nem Alexandre, nem mesmo os Romanos os poderam conquistar; que os nomadas do deserto estavam divididos em varias tribus, e estas subordinadas a chefes hereditarios (cheiks); que esses chefes, rodeados do conselho

dos anciãos ou patriarchas, mantinham a paz, decidiam as demandas, conduziam os mancebos á guerra e á rapina, e dividiam os despojos; e que a religião consistia n'uma idolatria grosseira, mas tolerante.

Mahomet proveiu da tribu mais illustre da Arabia, a dos Coreischistas, e d'uma familia que tinha por privilegio a intendencia, prefeitura ou guarda do templo de Meca, então conhecido pelo nome de templo d'Ismael, e que era o principal santuario dos Musulmanos e objecto das homenagens d'uma parte da Africa, da Europa e quasi da Asia inteira. Seu tio Abu-Taleb herdou do pae a prefeitura do templo e o governo de Meca, e foi elle que olhou pela educação do sobrinho. Commerciante como todos os Coreischistas, instruiu tambem Mahomet no commercio, ao mesmo tempo que o industriou no manejo das armas e na arte da guerra. O proprio Mahomet se entregou por algum tempo ao trafico mercantil, até casar com uma rica viuva, sua parenta, chamada Cadija, que tinha um negocio consideravel. Rico assim pelo commercio e pelo casamento, educado nas ideias religiosas e na assistencia do templo, e instruido nas artes da guerra, em summa, com todos os elementos para um destino mais levantado, Mahomet começou então a pen-

sar no projecto audacioso da sua reforma e da sua religião (611).

Os Gregos quasi constituiam rebanhos d'escravos, sem illustração e sem energia. Os Romanos tinham ficado submergidos na onda assoladora dos barbaros. Bysancio, que disputava a gloria da primeira cidade do mundo, jazia no aviltamento da sua molleza, dos vicios dos seus imperantes, da fraqueza dos seus cidadãos. Os barbaros inundavam a Europa. A Hespanha estava sendo preza dos Wisigodos, como a Italia dos Lombardos e a Gallia dos Francos. Os Saxões tinham-se estabelecido na Inglaterra. Os Persas, que, sob Cosróes, tinham atropellado a Asia e combatido o imperio de Constantinopla, vencidos por Heraclio, estavam cansados e exhaustos. Só o christianismo começava a erguer-se triumphante sobre essa desordem; mas a sua doutrina de paz, de caridade e amor não tinha entrado ainda nos povos da Asia e da Africa [1]. Mahomet encontrava por isso o terreno preparado para os destinos grandiosos da sua nação, e para poder assentar nas bazes d'uma nova doutrina a com-

[1] L. A. Sedillot, *Histoire des Arabes*. — Gustave le Bon, *La Civilisation des Arabes*. — M. Pastoret, *Zoroastre, Confucius et Mahomet*. — Julien Vinson, *Les Religions Actuelles*.

pleta remodelação politica e religiosa do seu povo e o desinvolvimento grandioso do seu poder. Bastava agrupar todos os Arabes em volta d'uma bandeira commum, dar-lhes a união e firmeza da crença e o estimulo da conquista, e aproveitar e desinvolver a sua capacidade economica.

N'este sentido, arrancou elle, por assim dizer, do coração dos Arabes o sangue das suas paixões, para as converter nos preceitos impulsionadores da nova religião.

Permittiu os prazeres d'amor, a que o céo ardente da Arabia naturalmente levava os seus concidadãos. Recommendou o exercicio da agricultura, da industria e do commercio, como profissões agradaveis a Deus: recommendação tão propria, para attrair a parte commercial, industrial e agricola do paiz, e tão necessaria para a grandeza da nação. Proclamou a heroicidade e intransigencia da lucta e a carnagem na guerra, alliadas á clemencia para com os vencidos, como estava no animo dos nomadas do deserto. Recommendou a tolerancia religiosa, como já estava nos costumes da nação. Prohibiu o uso das bebidas e de carnes, por attenção á hygiene. Para que os Arabes tivessem a coragem que resulta do desprezo da vida, prégou o fatalismo, embora sujeito á mise-

ricordia de Deus. Juntou o poder civil e o religioso, para dar mais consistencia e unidade ao governo. Estabeleceu a peregrinação a differentes cidades, e a peregrinação annual obrigatoria a Meca, para conservar os usos estabelecidos, para não prejudicar o desinvolvimento d'aquella cidade, e porque essas peregrinações eram geralmente para os Arabes e para as cidades aonde se dirigiam, e por onde passavam, elementos de commercio e de prosperidade. Finalmente, recommendou a prégação da sua doutrina, para augmentar o numero dos proselitos [1].

A par d'isso, recommendava tambem a maior simplicidade no vestuario e na alimentação. Este preceito poderia vir a prejudicar o desinvolvimento das artes; mas, quando a posse das provincias florescentes deu grande riqueza aos Arabes, e quando elles se encontraram unidos sob um unico sceptro aos Persas, habituados á abundancia de todas as coisas, o gosto do luxo desinvolveu-se geralmente, e com elle a necessidade de productos exoticos e preciosos [2].

---

[1] Scherer, *Histoire du commerce*, vol. I : *Les Arabes*. — M. de Pastoret, *obr. cit.* — Julien Vinson, *obr. cit.*

[2] Como é sabido, o livro que contém a doutrina de Mahomet, chama-se o alcorão ou alkorão. Aqui apontâmos

Não falharam as previsões de Mahomet. O poder dos Arabes, a implantação e a propaganda do mahometismo alastraram-se rapidamente pela Asia e Africa e por uma grande parte da Europa; de modo que, já em vida do propheta (624-632), o movimento abraçou a Arabia inteira, cuja capital era então Medina.

A Mahomet succedeu seu sogro Abu-Bekr, fallecido em 634. A este succedeu Omar, que, desde 634 a 638, conquistou a Palestina, a Syria e as cidades de Jerusalem, Antiochia e Damasco; desde 638 a 640, o Egypto; desde 636 a 642, o reino da Persia e parte da India. Pouco depois, o Turkestan e Bukaria foram tambem obrigados a acceitar o islamismo. A Armenia foi egualmente conquistada, passando os christãos

---

alguns dos muitos versiculos d'elle, que demonstram a verdade da nossa exposição: *Antes da Hegira* — sorata 6.ª v. 11 e 15; sorata 9.ª v. 13 a 17; sorata 12.ª v. 1 a 3. *Depois da Hegira* — sorata 1.ª v. 34, 35, 412, 413, 435, 436; sorata 2.ª v. 67, 68, 223 a 225, 230; sorata 3.ª v. 27 e 28; sorata 4.ª v. 13, 22, 62, 83, 86, 144, 151; sorata 5.ª v. 110, 113, 154, 157; sorata 7.ª v. 9 a 12, 19, 23, 98, 99; sorata 10.ª v. 46 a 58; sorata 18.ª v. 49 e 52; sorata 22.ª v. 45; sorata 29.ª v. 16; sorata 35.ª v. 41; sorata 40.ª v. 14; sorata 480 v. 40 a 43, 100 a 102, 111 a 113; sorata 50.ª v. 20 a 27; sorata 55.ª v. 14, 17, 22; sorata 56.ª v. 62 e 65; sorata 68.ª v. 36, 48, 52, 167, 168, 137, 188, 336, 500.

d'essa região a ser tratados como uma seita tributaria, ora tolerada e ora opprimida.

A Omar succedeu Othman (644); e a este succedeu Ali, marido de Fatima, filha do propheta. Mas então, por ensanguentadas revoluções, o califado passou para as mãos d'um usurpador, Moaviah (661-689), tronco da dynastia dos Ommiadas; e estabeleceu-se a divisão dos mahometanos em *Schiitas* (actualmente representados na maior parte pelos Persas), que só admittem o alcorão, e só reconhecem o direito de successão aos parentes do propheta, e *Sunnitas* (Turcos e Arabes), que affirmam o direito de livre successão ao califado, e admittem, além do alcorão, o *Sunnah* ou tradição oral do propheta.

A esta divisão succederam luctas ensanguentadas entre os pretendentes ao califado. Em 696, Hegiage, dominando todas as discordias civis, consolidou a dynastia dos Ommiadas, e mudou a capital de Medina para Damasco; de modo que a Syria obteve com isso uma especie de superioridade sobre as outras provincias, e a Arabia reentrou n'uma obscuridade, só interrompida pelas peregrinações de Meca. Os habitantes do Nedjed e Hedjaz começaram a retomar a sua antiga vida independente, e deixaram de formar, como até ahi, o lastro dos exercitos islamistas.

Apezar d'estas luctas civis e divisões dos mahometanos, continuaram elles dilatando o seu poder, sob a dynastia dos Ommiadas. Desde 704 a 708, conquistaram definitivamente a Africa septentrional; e Hassan, commandante d'essa expedição, destruiu Carthago, em beneficio de Kairuan, sua rival. Em 711, commandados por Tarik, invadiram a Hespanha, desthronaram por sua vez Rodrigo, na grande batalha de Guadalete, perto de Xerês de la Frontera; e, no anno seguinte, occuparam Toledo, capital do reino. Depois, tendo conseguido dominar toda a peninsula, excepto o pequeno recanto das Asturias, onde se refugiou Pelagio, invadiram a França, apoderaram-se de Narbonna e de toda a Septimania; e teriam estendido o seu dominio sobre todo o paiz, se Carlos Martelo, derrotando-os na batalha de Potiers (732), os não obrigasse a recuar.

Ao mesmo tempo, estendiam as suas conquistas pela Asia, de modo que, desde 707 a 712, depois de derrotarem os Turcos, cujo poder se ia dilatando, conquistaram Kovaresm ou Kharizm, o Mavarannahar ou Salem-Ben-Ziad, e a maior parte da Tartaria Independente; tomaram Ferganah, Nakscheb, Bukara, Samarcanda, Kaschgar, Baikend, Aksu, Jerkhen, Khotan; e levaram o imperador da China a cobril-os de presentes d'ouro,

para evitar a invasão. Constantinopla foi tambem atacada e cercada por elles, embora inutilmente, em 672, por Yezed, e em 717, por Moslemah.

Em 827, estabeleceram-se na Sicilia.

Finalmente, na propria India, onde as suas emprezas tinham já começado, desde 637, e continuaram successivamente, depois d'isso, fizeram tributarios os reis de Cabul e do Sindo; dominaram o Pendjab; e estenderam os limites do imperio musulmano até o Himalaya.

Multan, que elles tomaram e de que fizeram a capital da provincia, tornou-se um bairro do islamismo [1].

Assim, em 743, o imperio arabe tinha chegado ao seu apogeu. Possuia na Europa toda a peninsula iberica, excepto alguns desfiladeiros nas Asturias, onde os companheiros de Pelagio fizeram uma cega resistencia; a Septimania; a ilha de Chypre; as Baleares; Creta e Rhodes. Pertencia-lhe toda a Africa septentrional, e a maior parte da Asia; porque tinha todo o territorio, desde o deserto do Sinai até os esteppes de Turkestan, e do valle de Cachemira á vertente do Tau-

---

[1] L. A. Sedillot, *obr. cit.* — Coussin de Perceval, *Histoire des Arabes.*

rus. E, se a Asia Menor escapou á sua conquista, as provincias fronteiras (Cilicia, a Capadocia e o Ponto) eram-lhe tributarias. Tambem a Persia inteira estava sujeita ao seu poder. Tinha, além do Gihon e do Indo, a Bukaria, a Sgodiana e a Mavannahar. Possuia do lado do mar Caspio o Kovaresm; e, além do Sedjestan, o rei de Cabul pagava-lhe tributo, assim como os chefes do valle do Indo.

As luctas civis entre os Ommiadas (partidarios dos descendentes de Ommiah) e os Abbassidas (partidarios dos descendentes de Abbas), trouxeram a derrota d'aquelles e a elevação d'estes ao califado. A ultima revolução que, em 752, operou a subida dos Abbassidas, na pessoa de Abul Abbas, póde ser considerada como a reacção da Asia Oriental contra a Asia Occidental. Essa revolução foi feita pelos habitantes de Korassan e do Irak, e por isso foram elles os que mais aproveitaram com ella. Os califas deixaram então de reinar em Damasco, e foram estabelecer-se na região da Babylonia.

Para isso Abbul Abbas, que reinou só dois annos (752 a 754), escolheu como capital Ambar; mas o seu successor, Almanzor, fundou, em 762, Bagdad, nas margens do Tigre, cujo renome em breve eclipsou todas as cidades orientaes. Então

a Hespanha separou-se dos Abbassidas (755), e proclamou como califa um membro dos Ommiadas. A Mauritania, com Fez por capital, em 789; a Africa Propria, com Kairuan por capital, e com a Sicilia e a Sardenha, em 800; e o Egypto, com o resto da Africa septentrional, e o Cairo por capital (883-900): tornaram-se tambem independentes.

Apezar d'isso, o imperio asiatico de Abul Abbas alcançou, no tempo d'Almanzor e dos seus primeiros successores, uma riqueza enorme e um prestigio e desinvolvimento assombrosos. Só depois do reinado de Watek (846), o veneno das luctas intestinas veiu corroer-lhe as energias, e as guerras e invasões o foram despadaçando; por fórma que, primeiramente, os Turcos Sedjucidas e depois os Mongoes lhe foram arrancando aos pedaços as differentes provincias, até que estes ultimos, em 1258, completaram a conquista, occupando Bagdad, e estrangulando Mustassen, o ultimo dos califas.

*

* *

O axioma positivo de que os individuos são influenciados essencialmente pelo meio em que

vivem, nunca se realisou mais completamente do que, em relação aos Arabes, n'este periodo da historia economica; porque á sua posição, ao seu clima, em summa, ás circumstancias do seu meio, deveram principalmente a força do seu destino.

A doutrina de Mahomet e a energia dos califas impulsionou essa força e disciplinou o movimento; a grandeza, adquirida logo nas primeiras conquistas, deu-lhes a consciencia do seu poder. Mas, no fundo, essa influencia do meio em que nasceram, acompanhada da tradição, que representa a propria influencia estratificada, foram as determinantes iniciaes das suas emprezas, do seu commercio, da sua industria.

Com effeito, a Arabia, que comprehende tambem physicamente a peninsula do Sinai e terras de Madian, embora politicamente pertençam hoje ao Egypto, e antigamente não fossem tambem consideradas como pertenças d'ella, fórma no seu conjuncto um vasto plató, verdadeira continuação do plató sahariano, além do mar Vermelho, que se inclina do occidente para o oriente, e é sulcado de tres grandes depressões divergentes, separadas pelas arestas dos montes Djebel Chammar e Djebel Toweik, a saber: uma, do sul ao norte, voltada para o deserto syrio; outra do sudoeste ao

nordeste, que vae dar á extremidade do golfo Persico; e outra, finalmente, na mesma direcção, a terminar no centro d'esse golfo.

Este vasto plató é bordado, a éste, oeste e sul, d'um circulo de montanhas, separadas do mar por uma estreita zona littoral, que attingem ás vezes mais de dois mil metros, d'uma largura consideravel, e dotadas d'um alto grau de fertilidade. Além d'essas montanhas, a norte e sul do mesmo plató, ha vastos desertos d'areia, com outros platós parciaes, pedregosos, que abrigam pequenos valles, ferteis e cultivaveis; e, no centro, ha uma região montanhosa, ligada por muitas arestas ao muro occidental. É o Nedjed ou Alto Paiz.

A nordeste, as terras inclinam-se para as planicies do Eufrates, de modo que a peninsula não tem limites naturaes por esse lado, a não ser a zona de cultura costeira do mesmo rio. Os accidentes politicos e a deslocação das tendas dos Arabes é que têm determinado, mais larga ou mais estreita, a barreira por ahi, até á região da passagem historica do antigo caminho de Babylonia a Antiochia.

O littoral é pobre em articulações. Djeddah e mesmo Mascate e Aden são portos mediocres.

Esta peninsula não tem rios que cheguem permanentemente ao mar. Tem apenas regatos e tor-

rentes temporarias que saem das montanhas; mas, quando as suas aguas chegam á planicie ou ás areias, consomem-se na terra [1]. Como triste compensação ha muitos uadis, que são recipientes das chuvas, formados por valles ou depressões naturaes, e constituem outras tantas torrentes provisorias. Essas chuvas, porém, são apenas abundantes no sul, além de 16 gráos de latitude, durante o verão, e escasseiam completa ou quasi completamente no resto da peninsula. Ha tambem muitos reservatorios artificiaes.

A Arabia septentrional pertence á zona dos esteppes syrios. Faltam-lhe quasi de todo as arvores; e a vegetação das hervas e pequenas plantas lenhosas só dura durante a primavera.

Ao sul dos esteppes syrios — a Arabia Central, preponderam sobretudo os desertos, pobrissimos de vegetação; e até uma grande parte é absolutamente despida d'arbustos e d'arvores. Ha comtudo numerosos oasis.

---

[1] Bouillet, *Dictionnaire Universel d'Histoire et de Géographie*, verbo *Arabie*, diz que os rios Meidan e Chable no Yemen, são permanentes; mas, em contrario, estão outros auctores, como, por exemplo, Lanier no seu livro *L'Asie*, e Onesine Reclus, *La terre à vol d'oiseau*, vol. I. — Eliseu Reclus, *obr. cit.*, *L'Asie Antérieure*, pag. 854.

O rebordo montanhoso que limita os desertos, nas tres faces do mar Vermelho, do oceano Indico e do golfo d'Oman, é abundante de vegetação e florestas, cujo caracter é egual ás do Sudão. As montanhas meridionaes constituem a região famosa das drogas e aromas.

A antiga divisão da Arabia corresponde, em geral, a esta natureza e producção do seu solo.

Ao norte — Arabia Petrea, o solo pedregoso, cheio de esteppes, com ligeiros intervallos de arborisação e cultura, tem por si apenas a capacidade pastoril; e a zona littoral do noroeste, nem isso, porque é totalmente despida de vegetação e completamente esteril. No centro — Arabia deserta, apenas os oasis, a vegetação d'alguns platós isolados, e a variante d'algumas montanhas de separação, entremeadas de ferteis valles, cortam a monotonia dos desertos. No sul, a região do Yemen e parte de Hadramaut, justificam o antigo cognome d'Arabia Feliz; porque a vegetação das montanhas, a producção dos valles, a abundancia relativa das chuvas, o maior numero de torrentes, a capacidade especial do terreno e clima para as plantas perfumantes e delicadas, faziam, como fazem ainda hoje, d'esse territorio uma região relativamente venturosa.

Mas, em todo o caso, as partes aproveitaveis

da Arabia constituiam uma diminuta porção de terreno. Um terço estava, como ainda está, cheio de desertos e de esteppes, que davam á população o caracter pastoril e nomada; por fórma que os recursos do solo de toda a peninsula eram insufficientes para as necessidades do consumo [1].

A consequencia foi que os habitantes da Arabia Feliz, nascidos n'um céo alegre e n'uma região fecunda, e com a communicação maritima ao pé da porta, exerciam a agricultura, o commercio, as letras e as artes. Os outros habitantes das costas, de regiões menos felizes, suppriam a insufficiencia de recursos, tambem pelo commercio maritimo e pela navegação. Os habitantes do centro viviam das luctas, da vida aventurosa e meio selvagem, da rapina e das depredações, embora não fossem alheios de todo á labutação mercantil. E, ao norte, a par das occupações pastoris, era ainda o commercio terrestre que preenchia a preoccupação dos habitantes.

D'ahi, a figura economica que os Arabes já representaram no mundo antigo, e de que fallámos

---

[1] E. Reclus, *Nouvelle Géographie Universelle: Asie Antérieure, Arabie.* — Lanier, *L'Asie.* — Marcel Dubois, *Géographie Economique de l'Afrique, l'Asie, l'Oceanie et l'Amérique.* — Onesine Reclus, *La terre à vol d'oiseau,* vol. I.

no primeiro volume; d'ahi, a predisposição para o desinvolvimento industrial e commercial e para a conquista que attingiram na edade media.

Foram estas condições que Mahomet soube aproveitar.

*

* *

O imperio arabe abundava em productos mineraes, porque os Musulmanos descobriram muitos jazigos novos, e exploraram com grande actividade muitos outros, já descobertos anteriormente, que tinham sido abandonados.

Uma das regiões mais ricas n'esse genero era a Armenia.

Extraia-se tambem muita prata da Persia e Media.

O Korassan, que era a reunião dos paizes que se estendiam desde a fronteira da Persia até os desfiladeiros do Bolor e Himalaya, e que tinha por limites, ao norte, a Amu-daria e Bukaria, e, ao sul, os desertos de Kerman e os montes que vão do Afhagnistan ao Indo, fornecia egualmente grande abundancia de mineraes.

Tirava-se muito ferro, cobre, chumbo, arsenico, sal ammoniaco, das montanhas de Gaut e Kabul; muita prata, das minas de Benjahir, perto

do Balk; e muitas pedras preciosas, dos arredores de Nischabur e Badakechn.

As ilhas de Bahrein forneciam grande quantidade de perolas.

O Mavar al Nahr, antiga Sgodiana, que hoje faz parte do Turquestão Independente, abundava de sal gemma.

Na Africa Propria, havia tambem muitas minas de prata, ferro e cobre; e muito coral, em Tenez, Ceuta e Mersa-Khares (Mers-el-Kebir).

O Alto Egypto era egualmente notavel em pedras preciosas, ferro, cobre, iman e amianto.

E tambem as minas de prata, mercurio e pedras preciosas de Hespanha, esquecidas desde o tempo dos Carthaginezes, foram novamente exploradas. Em volta de Toledo, havia copiosos jazigos de ferro, de que os Arabes tiraram grande proveito [1].

*

* *

Os productos vegetaes e animaes correspondiam a esta riqueza mineral.

---

[1] Scherer, *obr. cit.*, vol. I. — Noel, *Histoire du Commerce du monde*, vol. I.

Começando pela Arabia, segundo diz o *Diccionario Popular*, «esta peninsula é hoje a terra dos perfumes e do café, a patria do cavallo e do camello; e, se a isto lhe juntarmos o ambar, o incenso, os bancos de coral, em que superabundam as costas do mar Vermelho, o murex purpura e a abundancia das perolas que enriqueceu as costas do golfo Persico, forçoso é concluir que a Arabia é um paiz encantado».

Ora, em todo o tempo de Mahomet e no decurso da grandeza musulmana, essa peninsula teve a mesma abundancia de productos.

As terras abençoadas do Yemen — a Arabia Feliz dos antigos, eram muito ferteis, e produziam substancias aromaticas, taes como canafistula, myrra e incenso. E, embora o incenso não tivesse a enorme procura dos antigos tempos do paganismo, tinha, ainda assim, muita estimação, porque era muito empregado, tanto no culto mahometano, como no christão.

Toda a zona costeira tinha tambem grande abundancia de figueiras e tamareiras [1].

---

[1] O café, que hoje constitue uma grande riqueza da Arabia, embora a planta seja indigena da peninsula e existisse lá, desde tempos remotos, só foi apreciado como

A parte sudeste da Arabia não era menos fertil. El-Katif, no golfo Persico, mesmo defronte das ilhas de Bahrein, a par das suas perolas [1], fornecia vinho, tamaras e algodão. E mesmo o interior da peninsula, embora geralmente pedregoso, desprovido d'agua e queimado pelo sol, tinha intervallos e oasis muito productivos.

A Armenia era dotada de grande fertilidade. Cheia de florestas, que davam madeira excellente, produzia tambem trigo, vinho, fructas e gados. A creação de carneiros fazia-se em ponto grande, e por isso mesmo ella fornecia muita lã. Ministrava, além d'isso, uma tintura especial ou purpura, obtida d'uma especie de vermes, nos arredores do monte Ararat.

Em Ran, actual Georgia, havia muita seda, muito algodão, e muito arroz, nos deltas de Kur.

Na antiga Media e Persia, as ricas plantações d'oliveiras, da canna do assucar, e mesmo do algodão, principalmente ao sul, rivalisavam com a

---

bebida em 1481, em que o cheik Mahomet-Bensain conseguiu estabelecer o uso d'essa bebida.

[1] *A Historia Economica* — Edade Antiga, pag. 168.

abundancia de vinho e de fructas. Havia egualmente fartura de gado.

Nas margens meridionaes do mar Caspio, dominavam as florestas, que forneciam materia prima para as construcções navaes.

A provincia de Kovaresm, (hoje Turcomania, Descht Kovar e Kiva), situada entre o mar Caspio e o lago Aral, agora esteril e cujos habitantes percorrem os esteppes no estado nomada, servindo, quando muito, de guias de algumas caravanas, se não perdeu de todo, no tempo dos Arabes, a rebeldia do solo, foi comtudo vivificada por uma desinvolvida cultura, dando logar a uma razoavel producção de cereaes.

O Korassan, a par dos seus minerios, fornecia egualmente bastantes cereaes. O mesmo acontecia com o Mavar al Nahr.

A Africa Propria dava muito azeite e muita fructa. Abundava por tal forma de tamareiras que os seus cabeços eram designados pelo *Paiz das tamaras*. A canna sacharina era cultivada em ponto grande em Kairuan; o algodão em Msila, na provincia d'Alger; o anil, em Sebab; as amoreiras e o sirgo, em Gabes. E, além d'isso, havia muito trigo, muita madeira, muita creação de gado.

A parte da Mauritania que pertencia ao con-

tinente africano[1], tinha um solo egual ao da Africa Propria, e produzia quasi os mesmos productos.

O Baixo Egypto, a que os Arabes applicaram os maiores cuidados, e que foi o celleiro dos Romanos, tornou-se egualmente o celleiro da Arabia, especialmente de Meca, onde as caravanas e os peregrinos consumiam grande quantidade de generos.

A peninsula iberica viu tambem desinvolver os seus productos, sob a influencia dos conquistadores. Foram elles que introduziram na Hespanha a palmeira, a tamareira, o arroz, a canna do assucar, a plantação do algodão, a amoreira, a creação do sirgo, os cavallos arabes e os carneiros da Serra Morena.

A Sicilia, a par dos productos proprios — fructas, cereaes, vinho e carneiros, produzia tambem, com grande abundancia, canna de assucar, algodão e maná, implantado pelos Musulmanos. A amoreira foi tambem transplantada pelos Arabes da Persia para a Sicilia.

---

[1] Esta provincia dividia-se em Mauritania Prima (Fez e Marrocos), e Mauritania Segunda (Ceuta, Mayorca, Minorca e Sardenha).

*

* *

Basta o que fica exposto, para se vêr que os Arabes desinvolveram a creação do gado por todo o imperio, aproveitando sobretudo as regiões mais ferteis e de melhores pastagens, como a da Armenia, Media e Persia, Africa Propria, Mauritania, Egypto e Hespanha.

Mesmo na peninsula arabica, havia muita creação; porque uma grande parte dos habitantes vivia no deserto com seus rebanhos de carneiros, cabras, cavallos e camellos. Recolhiam-se nas tendas; e, quando o gado tinha esgotado os pastos d'uma região, seguiam para outra parte.

O gado era tanto mais preciso para essa população nomada que ella se alimentava principalmente dos seus productos, juntamente com as tamaras e alguns cereaes, que comprava aos habitantes da costa. E, por toda a parte, os cavallos e camellos continuavam sendo os animaes favoritos dos Arabes, como nos tempos antigos [1].

---

[1] *A Historia Economica* — Edade Antiga, pag. 165.

*

* *

Esta abundancia por todo o imperio não era unicamente devida á influencia natural do terreno. Antes, o esforço dos Arabes e a sua iniciativa agricola, resentindo-se directamente no aproveitamento e melhoramento do solo, o seu desinvolvimento commercial e industrial, transformando os habitos nomadas em habitos sedentarios, e dando vida a muitas regiões perdidas, concorreram para o progresso de todos os ramos da riqueza publica.

Cooperaram tambem n'esse movimento economico a propria religião que o recommendava, a tendencia natural dos Arabes para o commercio, e o enorme luxo, que, por fim, mau grado os preceitos da religião, veiu a dominar os habitos dos grandes e fomentar o desinvolvimento industrial e a circulação da riqueza. Os califas davam o exemplo d'esse luxo; a vida da côrte, os palacios, a capital em que residiam, requintavam de opulencia e deslumbramento; e os costumes geraes iam-se enervando, pela molleza ociosa dos prazeres.

Como diz Seignobos: «Já os califas de Damasco imitavam os reis da Persia. Habitavam um

palacio todo ladrilhado de marmore verde. No meio do pateo, uma grande bacia, trasbordando, regava um jardim cheio d'arvores. Cercavam-se de escravos, que cantavam; e bebiam sorvetes de rosa. Bagdad, a séde das maravilhas, edificada em alguns annos, tinha quatro portas de ferro, coroadas por uma cupula doirada. Era necessario atravessar tres praças e tres portas de abobada, para chegar ao palacio, que formava uma outra cidade, fechada no centro da cidade. Na sala de recepção, via-se uma arvore de ouro guarnecida de pedrarias e leões encadeados. Os califas do Cairo tinham um jardim, cujas arvores eram de ouro, flôres de pedraria, e o pavimento de esmalte.»

«O mesmo luxo em Cordova, cidade molle e ociosa. Lá como no Oriente, o califa fazia vir poetas e cantores, que reenviava com os bolsos cheios de ouro. Nos seus mercados, tambem se achavam jardins, cheios de rosas e arbustos odoriferos, tapetes magnificos, estofos de seda, bacias d'ouro, faiscantes, de pedraria, baixella de prata e perfumes da Arabia, que ardiam em cassoletas de ouro. Tal era o luxo oriental. Procurava-se o que era magnifico, e não o que era commodo.»

E esta ostentação da côrte e da capital trasbordava por todo o imperio, propagando-se pela

influencia do exemplo e pela modificação dos costumes.

*

* *

Mas o luxo dos Arabes não deu em resultado, como o dos Romanos, um commercio emprestado, nem Bagdad ou qualquer das outras capitaes sacrificava, como Roma, ás suas necessidades todo o resto do imperio. Pelo contrario, á variedade e abundancia de productos que já expozemos, correspondia um desinvolvimento economico enorme, para os explorar e apreciar.

Começando pela industria metallurgica, as obras de metal de Damasco eram muito notaveis, e estavam espalhadas por todos os mercados.

Bagdad era tambem afamada n'esse genero, especialmente em ourivesaria e joalheria, vasos d'ouro e de prata e faianças.

No Korassan, tornou-se muito activa a exploração das pedras preciosas, prata, ferro, cobre, chumbo, arsenico, sal, ammoniaco. E tambem na Hespanha era enorme a exploração de mineraes e o desinvolvimento da industria metallurgica.

Um grande centro n'esse genero foi Toledo. Concorreu para isso a abundancia de ferro que lá havia. Hoje, estão desaproveitados os jazigos;

porque a despeza d'exploração não comporta a concorrencia dos productos similares da Biscaia e da França. Mas, na edade media, pela difficuldade de communicações e pela falta de relações internacionaes, as circumstancias foram diversas.

Os Arabes davam grande apreço ás armas luxuosas e ás laminas d'aço, bem temperadas e ornadas d'inscripções. Algumas das suas fabricas e dos seus productos ficaram proverbiaes, como as espadas direitas do Yemen, os yatagans de Bassora, e sobretudo as armas de Damasco e de Mossul e as laminas de Toledo.

A arte de vidraria, muito antiga no Egypto e na Syria, aperfeiçoou-se ainda mais com os Musulmanos.

Segundo alguns auctores, os proprios Venezianos lhes deveram os processos que tanta reputação deram ás vidrarias de Murano e de Veneza.

N'esse genero, sobresaia Bagdad, onde até se fabricavam admiravelmente perolas e esmaltes de vidro, e vasos tambem de vidro fiado.

Os Arabes sobresairam egualmente na ceramica. Na Hespanha, por exemplo, havia centros muito importantes d'essa industria, como Valencia, Malaga e a ilha de Majorca, d'onde veiu o nome de *majolicas,* dado ás suas faianças e aos

productos similares, que posteriormente se fizeram por outras partes. Os elegantes vasos d'argilla da Persia e Media e as faianças de Tunis, gozavam tambem de grande reputação.

Cultivaram e aperfeiçoaram egualmente a arte dos mosaicos e azulejos; e já os fabricavam de um brilho polichromo.

Desinvolveram tambem a construcção naval. Os centros principaes d'essa industria eram Bassora, Asterabad, Amol, Abisgum, cidades maritimas, situadas nas provincias do Dilem, hoje Ghilan; Taberistan e Djordan (hoje Dahistan), dotadas de grandes florestas; bem como os portos de Tyr (Sour), Sidon (Said), Beryto (Beirutt).

Mas uma das maiores glorias d'este povo foi o incremento que deu á agricultura. O alcorão recommendava-a; a seccura da Arabia fazia cubiçar a agua; o desinvolvimento industrial que os Arabes attingiram nos outros ramos, levava-os a procurar as materias primas, provenientes da cultura do solo; a vastidão de terrenos que o imperio abrangeu, dava margem aos lucros do seu aproveitamento; e o genio do povo soube explorar todos estes elementos, com a maxima vantagem.

Na propria Arabia, a cultura das especies e perfumes do Yemen, e do vinho e tamaras das ilhas Bahrein, foi notabilissima.

A Syria, que tinha caído n'um grande abatimento agricola, tornou-se uma região productiva.

A Mesopotamia, dotada de um solo feracissimo, foi tambem cultivada com esmero; e o Tigre e Eufrates, auxiliados por importantes obras hydraulicas, prestaram grandes serviços á irrigação.

No delta do Kur, desinvolveu-se em grande escala o tratamento do arroz e algodão.

Tambem os Arabes fizeram no Baixo Egypto muitas obras hydraulicas e muitos canaes engenhosos, tendo os maiores cuidados pela agricultura; de modo que essa provincia, conforme dissemos, constituia o celleiro da Arabia, como já fôra dos Romanos.

E tambem na Hespanha, pelo bom systema de irrigação, pela abertura de canaes, pela creação do gado e introducção dos novos productos de que já fallámos, elevaram a industria agricola ao maximo desinvolvimento. Ainda hoje as *huertas* de Valencia, que provem d'esse tempo, o attestam. O systema das noras deve-se tambem aos Arabes.

Póde dizer-se a mesma coisa do desinvolvimento agricola da Sicilia.

Em summa, em todas as provincias, até nas mais ingratas, os Arabes transformaram o terreno, e aperfeiçoaram a agricultura.

Foram tambem muito peritos na fabricação de mobilias e trabalhos de madeira, sobresaindo especialmente n'esse genero as provincias de Dilem, Taberistam e Djordam. A arte de a lavrar e incrustar de nacar e marfim attingiu uma perfeição maravilhosa. Só gastando hoje enormissimas sommas, se chegaria a imitar as portas admiraveis, que se vêem n'algumas das antigas mesquitas.

Outra grande industria dos Musulmanos foi a dos tecidos.

N'este sentido, o Yemen, ao passo que constituia enorme centro commercial, por ser o *rendez-vous* principal das caravanas, tinha grandes manufacturas de lã, como era natural, attendendo á abundancia de gado ovino d'essa região e mesmo do interior da Arabia.

Outro grande centro de manufacturas de lã e algodão foi a Syria, especialmente Damasco.

Segundo já dissemos, quando os Ommiadas transferiram a capital para esta cidade, a Syria tornou-se, desde 660 a 749, a primeira provincia do imperio. E, ainda depois da construcção de Badgad, Damasco ficou sendo a segunda cidade, por forma que o seu commercio, a sua industria, o seu esplendor influiram sempre na provincia inteira. Accrescia tambem a sua situa-

ção, porque era uma das principaes *étapes* das caravanas que se dirigiam da Europa e da Africa para a Asia Menor, ou da região do Eufrates para a Arabia e Egypto, bem como a passagem obrigada dos peregrinos de Meca.

Esta importancia de Damasco ainda augmentou, pelo movimento commercial que as cruzadas trouxeram a toda a Syria; de modo que, tornando-se um ponto de paragem dos negociantes que se dirigiam para o extremo oriente, e foco industrial, pelas necessidades crescentes da população, toda ella desinvolveu a cultura do algodão, cuja tecelagem formou com a da lã um dos principaes objectos da sua riqueza e do seu commercio. Os *damascos* ainda hoje conservam a denominação da sua origem.

Era tambem especial d'essa cidade uma outra industria — as incrustações em madeira ou metal, com ornatos, cujos productos se chamavam *damasquinerias*.

Na Armenia, onde havia grande abundancia de gado ovino, a industria de lanificios attingiu, da mesma fórma, grande progresso; e a tintura que já mencionámos, extraida dos vermes do Ararat, dava logar á confecção dos admiraveis tapetes de purpura. Debil era o maior centro economico d'essa região; mas Trebizonda, que estivera aban-

donada desde os Romanos, tornou-se tambem muito notavel, ao mesmo tempo que se constituiu em grande entreposto commercial para os povos do leste e do norte.

Bagdad, na Mesopotamia não floresceia sómente na industria metallurgica, de que já fallámos; antes era egualmente notavel em quasi todos os generos, e sobretudo na tecelagem, em que os bordados formavam uma das suas especialidades. Tinha como satellites Mossul, d'onde se deriva o nome de musselina, e Amid e Nisibis, todas ellas eminentes nos artigos de linho e algodão, semelhantes aos dos antigos Babylonios.

Tiflis, capital da provincia de Ran, sobresaiu tambem nos mesmos artigos. A Media e Persia floresciam egualmente na preparação de tecidos de linho, o mais fino, chailes preciosos e xaireis de cavallos; sobretudo, Theran, Ispahan e Ghiraz, que especialisava nos bordados d'agulha.

O Khovaresm alcançou egualmente grande desinvolvimento textil.

Na Africa Propria e Mauritania, a fabricação da lã e da seda obteve, da mesma fórma, grande progresso. Os pannos negros e azues de Tripoli, assim como os de Adgalia, e os lanificios do Sudão e Sfax, obtiveram tambem muito renome.

Dava-se egual facto no Egypto com os teci-

dos de seda, algodão, linho, tepetes, xaireis de cavallos, capas de pello de cabra, e diversos artigos de luxo.

E, da mesma forma, na Hespanha, havia grande actividade textil.

Quando os Arabes a conquistaram, achava-se ainda entregue á rudeza e desordem dos Wisigodos. Acabado, porém, o periodo da conquista, os mesmos Arabes fizeram desinvolver a agricultura, o commercio, a industria em geral; levantaram muitos edificios; reconstruiram as cidades arruinadas; restituiram ao paiz a riqueza e abundancia; e o modo como fizeram progredir a tecelagem, não foi dos menores titulos da sua gloria.

A curtimenta alcançou tambem um progresso enorme em todo o imperio, tornando-se notaveis n'esse genero o Yemen, a Mesopotamia, especialmente Nisibis, onde se fabricava marroquim vermelho, a Africa Propria, a Mauritania e a Hespanha. Como é sabido, o nome de *marroquim* provém da cidade de Marrocos, e só isto induz o desinvolvimento que ella teve n'aquella industria. *Cordavão* provém de Cordova; e, em França, o artista que trabalha em cabedal, chama-se *cordonnier*, palavra que se deriva da mesma origem.

Havia grande fabricação de agua de rosas. Ghiraz, na Persia, era o principal centro d'essa fabricação.

Das montanhas do Gaut e Kabul recolhia-se muita quantidade de gelo e de neve, que dava logar a copiosa preparação de sorvetes.

Foi no mundo musulmano que se creou a industria do assucar, e a arte de fazer xaropes, fructas seccas e doces de fructa.

Foi tambem de lá que veiu a perfumaria. O papel, inventado na China, foi adoptado pelos Arabes; e da Persia e Bagdad passou á Sicilia e Hespanha, onde, já no seculo XII, havia fabricas d'elle [1].

Tambem os Arabes adiantaram muito as mathematicas; a astronomia, que andava misturada com a astrologia; a mecanica, a physica, a chimica, que andava misturada com a alchimia; e, em geral, todas as sciencias naturaes.

Não cultivavam a anatomia, porque a religião prohibia retalhar os cadaveres; mas foram celebres na medicina.

Foram tambem elles que introduziram os al-

---

[1] Seignobos, *Antiquité Romaine et Pré-Moyen-Age.* — Gustave le Bon, *obr. cit.*

garismos, bem como o zero sobre que assentou o systema decimal, e que tornou os calculos mais faceis. Organisaram a algebra, que marcou um processo mais rapido que a arithmetica; e deram-lhe grande desinvolvimento, applicando-a á geometria.

Segundo alguns escriptores, foram tambem os Arabes que inventaram a polvora e as armas de fogo. Applicaram á navegação a bussola, já descoberta pelos Chinezes; e dos Arabes é que os Europeus aprenderam a fazer uso d'esse instrumento.

A religião mahometana prohibia representar figuras humanas. Nem todos os Musulmanos obedeceram a tal preceito, mas, em geral, viam n'ellas uma especie de idolos, e por isso não cultivaram nem a esculptura nem a pintura. Em compensação foram eminentes na architectura. Começaram por imitar os modelos gregos e persas, mas, desde o seculo VIII, iniciaram uma arte original. Os seus monumentos eram sobretudo mesquitas e palacios, ordinariamente construidos de tijolo.

N'esses monumentos, as paredes e as portas eram adornadas com pinturas brilhantes, representando grinaldas de folhagem, inscripções em lingua arabe, tiradas do alcorão, e figuras geo-

metricas, enlaçadas umas nas outras. E esses ornamentos complicados e elegantes chamavam-se *arabescos* [1].

Foram tambem os Arabes que iniciaram a poesia rimada.

*

* *

O desinvolvimento do commercio foi egualmente assombroso. Nem podia ser de outro modo, em face de tanta industria, tanta variedade de productos, e tão grande actividade.

Esse mesmo desinvolvimento, a posição da Arabia e amplitude do poder musulmano, determinaram naturalmente o augmento da marinha: tanto mais que, segundo já vimos na historia antiga, era tradicional dos Arabes essa profissão.

Em todo o caso, este augmento não correspondeu á grandeza do imperio; porque, assim como as conquistas musulmanas foram continentaes, tambem o seu trafico se exerceu principalmente por terra; e os proprios califas, que tanto auxiliaram e regulamentaram o commercio terrestre, não se importaram do maritimo. Os Arabes

[1] Seignobos, *obr. cit.*

nem sequer tiveram armadas, e não emprehenderam nenhuma guerra naval.

Unicamente, as dynastias mahometanas, estabelecidas nas costas da Africa, se viram forçadas a cuidar com mais seriedade da navegação, pelas relações commerciaes com os povos da costa europeia; mas, ainda assim, a respectiva marinha, degenerando em pirataria, não prestou nenhum serviço ao commercio, e ficou sempre muito inferior á marinha militar dos Italianos.

*

* *

Este grande movimento commercial havia de trazer necessariamente continuadas relações mercantis com os povos estrangeiros.

Começando pela India, as antigas relações dos Musulmanos com esse paiz tornaram-se, desde logo, mais activas, com o progresso do alcorão. A principio, o commercio maritimo fazia-se pelo golfo Arabico; ou porque os mercadores egypcios ahi vinham buscar os respectivos productos, ou porque os Arabes os levavam de lá para Alexandria. E o commercio terrestre effectuava-se pelos caminhos tradicionaes das caravanas, principalmente por intervenção dos Persas, que era o povo dominante da Asia.

*

Mas, destruido o poder dos Persas pelos Arabes, mudada a capital do imperio para Bagdad, e renovada a navegação do Eufrates e do Tigre, o trafico da India tomou de preferencia esta via fluvial, que era o caminho mais curto.

Os Indios conservavam ainda a mesma passividade mercantil dos tempos antigos; e por isso os Musulmanos eram os recoveiros do seu commercio. Isto os levou a entabolarem tambem relações amigaveis com o rei de Balhara, cujo estado correspondia á actual presidencia de Bombaim, e a estabelecerem-se na costa de Malabar, em tal numero, que, por exemplo, as cidades de Sendabur, Mangalore, Fandarina, Calicut e Cocamali, tinham aspecto de colonias arabes.

Não contentes com isso, foram até Ceylão, a antiga Taprobana, centro mercantil, d'um movimento enorme; commerciaram com as ilhas Maldivas; estenderam a sua navegação até ás ilhas Nicobar e de Sonda, além do Ganges; exploraram tambem commercialmente a peninsula de Malaca, Sião e Cochinchina; e, subindo pelas costas do mar, foram á propria China, começando, desde então, a visitar com frequencia esta região.

A escala mais importante d'essas relações, depois do seculo IX, era Khan-fu, que ficava ao sul da bahia onde actualmente se encontra o porto

de Shangae, distando apenas algumas milhas da capital da dynastia dos Sung-King-sse — a cidade actual de Hang-Tchou-fou [1].

Em 875, rebentou ao norte da China uma insurreição, que durou oito annos, e cobriu o paiz de ruinas, sem mesmo respeitar os proprios estrangeiros. Os insurrectos nem sequer pouparam as amoreiras, que foram cortadas e destruidas em grande quantidade; e o trafico sericola diminuiu com isto consideravelmente. Os Arabes viram-se então forçados a estabelecer o seu principal entreposto na peninsula de Malaca, na cidade de Kalah, que até então só tinha servido de estação intermedia no caminho da China. Esse facto obrigou os Chinezes a irem tambem á mesma cidade de Kalah, que obteve uma importancia egual á de Ceylão.

A par d'isso, os Arabes entabolaram outro commercio — o do Indo-China, que lhes fornecia preciosos productos, como camphora, cravo, pau do Brazil, sandalo, nóz de coco, nóz moscada, estanho. Aprenderam tambem a conhecer melhor a ilha de Java. Apertaram e ampliaram ainda mais

[1] W. Heyd, *obr. cit.*, vol. I, pag. 30. — Scherer, *obr. cit.*, vol. I. — Depping, *Histoire du Commerce entre le Levant et l'Europe*.

as suas relações com a India. E espalharam-se em grande quantidade por Saymur, perto da cidade actual de Bombaim, Supara, Barygasa, Barotch e Cambaya.

Mas não foi simplesmente por mar que os Arabes entabolaram relações mercantis com a India e China. As relações terrestres eram já muito anteriores, embora fossem pequenas, em comparação do grande movimento maritimo.

Assim, quando elles, no apogeu do seu poder, sob os Abassidas, estenderam as suas conquistas para o oriente, os Chinezes, sob a dynastia dos Tang, vinham tambem estendendo o seu poder para o occidente. Já tinham avassallado o Thibet, parte de Bukaria e os arredores de Cabul e de Gazna, quando os Arabes os repulsaram novamente para além do Bolor; mas os dois povos em breve se intenderam, e substituiram a competencia militar pelas relações mercantis. Os Arabes chegaram então pelo caminho terrestre á fronteira do celeste imperio, onde as cidades chinezas de Sotscheou e Kantscheou se tornaram grandes mercados das suas transacções. E, se não poderam penetrar livremente no interior da China, pelo systema de isolamento systematico dos Chinezes, foi-lhes permittido visitar, embora em limitado numero, a capital Singanfu.

Os artigos d'este commercio com a China consistiam em fio e tecidos de seda, louça, esculpturas de madeira, que os Chinezes trocavam por pannos, tapetes, trabalhos de cobre, amoniaco, sal, e cavallos da Persia.

Emquanto á India, os Arabes traziam de lá camphora, marfim de licorne, que abundava nas costas de Coromandel, musselinas finissimas, ouro, pelliças. Importavam das Maldivas cordas e tecidos de palmeira, ambar, peixe e mel. De Ceylão, pedras preciosas, perolas, canella e noz muscada; e tinham ahi o monopolio da introducção do vinho, quasi como os Inglezes têm actualmente o do opio em Cantão. Da ilha de Sonda tiravam as respectivas especies.

Outra direcção do commercio exterior dos Arabes na Asia foi, pela fronteira septentrional das costas do mar Caspio e do mar Negro, para as regiões que formam actualmente a parte meridional do imperio russo, d'onde provieram as relações com os Khazares e com os Bulgaros.

Itil, capital dos Khazares, tornou-se então grande entreposto do commercio arabe; e ahi se trocavam as mercadorias do norte — pelliças, mel, cera, sebo, canhamo, cordas, madeira de construcção, e productos da pesca do mar Caspio e do mar Negro, pelas mercadorias do sul — fru-

ctas, vinhos, especies, tecidos, perfumes e artigos de luxo.

De Itil, os Arabes subiram pelo Volga até Bulgar, capital dos Bulgaros, cuja posição recommendava o trafico internacional; e ahi se encontraram com os Russos, cujas pelliças, principalmente de herminio, zibelina, raposa e castor, e cujos escravos e ambar amarello, augmentaram a esfera do seu negocio, pelo systema de isolamento politico dos Bysantinos, como já vimos.

O pequeno commercio que se fazia na curta duração dos tratados de paz, seguiu, no tempo dos Abassidas, o caminho da Syria e da cidade fronteira, de Tarso [1]. Os Bysantinos aproveitavam assim as mercadorias da India, e só no seculo x é que os Arabes vieram commerciar directamente nos mercados de Constantinopla.

De resto, como já expozemos no capitulo anterior, foram principalmente os Italianos que se incumbiram da missão de intermediarios mercantis entre aquelles dois povos, a par do commercio dos productos da Europa que faziam com elles.

---

[1] Tarso estava collocada nas margens do baixo Cydno, então navegavel; e tinha por isso uma posição admiravel, para se constituir o centro do commercio entre a Syria e Asia Menor. E, de facto, o seu trafico augmentou, a ponto d'ella se tornar então rival de Alexandria.

O poder dos Arabes na Africa pouco tempo durou unido, como vimos; porque, primeiramente, a Mauritania, em 789, proclamou-se independente, com Fez por capital; depois a Africa Propria, com a Sicilia e Sardenha, em 800, tendo Cairuan por capital; e, por ultimo, o Egypto, em 883 a 900, com o Cairo por capital. Mas os laços de religião, de lingua e de raça, e a tradição, mantiveram o commercio dos Arabes com esses paizes.

Já elles tinham estabelecido relações com o interior, indo até á região do Niger — o Nilo dos Negros, e até o lago Techad.

Havia n'essas paragens dois estados importantes: Mekzara, na extremidade sudoeste da Nigricia actual, cujos principaes centros eram Takrur e Sila; e, para o nascente, Gana, que tinha por capital a cidade do mesmo nome.

Em Mekzara, havia, na extremidade occidental, a ilha do Ulil, no meio d'aquelle rio, que encerrava a unica salina da Nigricia, a qual por isso era objecto de grande exploração e commercio, e de que os Arabes tiravam o principal proveito. Emquanto a Gana, uma parte da cidade pertencia-lhes tambem exclusivamente; e n'ella fundaram escólas, onde se interpretava o alcorão e se ensinavam outras materias. O paiz fornecia muito

ouro, que se explorava pelo systema rudimentar da lavagem das areias.

O movimento commercial de toda a Africa subiu ainda mais no seculo x; porque, tendo decaido Bagdad, o trafico da India e da China, que ella attraira para o golfo Persico, voltou, pelo mar Vermelho, para o Cairo e Alexandria, onde os Fatimistas se esforçaram pelo reter. O Magreb (Berberia) aproveitou-se então da posição intermedia, e os seus portos tornaram-se escólas de navegação entre o Egypto, a Hespanha e a Italia. Especialmente o commercio com esta peninsula foi uma das grandes riquezas para o Magreb.

*

* *

Emquanto aos centros principaes, começando pela Arabia, encontramos ahi Meca, no Hedjaz [1], grande emporio mercantil e entreposto principal das drogas e incenso do Yemen, devido principalmente á concorrencia dos peregrinos.

A parte sudeste da Arabia, com a fundação

---

[1] A Arabia divide-se nas seguintes regiões: o Hedjaz, ao sudoeste da peninsula do Sinai, ao longo do Mar Vermelho; o Yemen, ao sul do Hedjaz; o Hadramaut, sobre o mar

de Bassora e Bagdad, tornou-se tambem muito commerciante. El-Katif, no golfo Persico, fronteira ás ilhas do Barhein, tinha grande movimento mercantil, por causa das suas perolas, vinho, tamaras e algodão. O interior da peninsula era esteril, mas era percorrido por caravanas, que se juntavam em certos mercados. O mais importante d'elles, era o de Yamana, entre Meca e El-Katif.

A Syria, apezar das luctas que sustentou com os Arabes, tornou-se um grande centro mercantil, devido á sua posição; porque, antes d'isso, era por lá que os Gregos faziam directamente o commercio com a India. Durante as luctas e no tempo dos tratados da paz, era tambem por lá que tinha logar o pequeno commercio que os Bysantinos faziam directamente com

---

das Indias, a este do Yemen; o Mahrah, a este do Hadramaut; o Oman, banhado, ao norte, pelas aguas do golfo Persico, ao sul e este, pelo mar das Indias, e limitado, ao sudoeste, pelo Mahrah; o Haça, chamado tambem Barhein, por causa da importancia das ilhas visinhas, que se estende ao longo do golfo Persico, desde Oman até o Eufrates; o Nedjed, ao sul dos desertos da Syria, occupando toda a parte central da peninsula, entre Hedjaz e Haça, composto principalmente de collinas arenosas; o Ahkaf, entre Oman, Haça, Nedjed, Hadramaut e Mahrah.

o extremo oriente. E, no tempo das cruzadas, a passagem dos christãos deu-lhe egualmente grande importancia.

Medina, capital de Mahomet, foi por muito tempo um grande centro, mas decaiu consideravelmente, com a mudança do califado, primeiramente para Damasco, e por ultimo para Bagdad. Desde então, a Arabia reentrou, como já dissemos, n'uma obscuridade, só interrompida pelas peregrinações de Meca. Os habitantes do Nedjed e Hedjaz começaram tambem a retomar a sua vida independente, e deixaram de formar o elemento principal do exercito musulmano.

Aden, fundada na costa sudoeste da Arabia, foi, durante a edade media, o centro do trafico maritimo da peninsula e do movimento da navegação, entre o seu porto e as regiões do Indo, costa de Malabar, China e Indo-China, tomando com isso enormes proporções.

Esta cidade era o *terminus* para a viagem dos navios da India; porque, até o seculo XV, nunca elles tinham passado de Aden. A razão d'isso provinha de que esses navios eram de uma grande tonelagem, e os marinheiros, ignorando a navegação do mar Vermelho, reputado perigoso e de accesso difficil, excepto para embarcações ligeiras, não ousavam affrontar a travessia. Fazia-se por

isso em Aden o trasbordo de todos os objectos preciosos e especiarias, vindas do extremo oriente, por exemplo almiscar, pimenta, cardamomo, canella, camphora, noz de côco, noz muscada, alóes, ebano, conchas do mar e louças, que alguns auctores já consideram, como sendo a famosa porcellana da China.

E os armadores ou confiavam taes mercadorias a pessoas de sua confiança, ou as acompanhavam directamente n'outros navios, até o Egypto, pelos caminhos que adiante exporemos, d'onde eram remettidas para as cidades da Europa.

Sebid, que ficava perto de Aden, era tambem um centro importante, onde egualmente vinha dar grande parte do commercio da India, Egypto e Abyssinia. Mascate era outro porto notavel. E o d'El-Katif era tambem de grande movimento, pela exportação de vinho, tamaras, algodão e perolas.

Já vimos que a Syria, com a mudança da capital para Damasco, se tornou a primeira provincia do imperio, e que tambem Damasco, mesmo depois da transferencia da capital para Bagdad, ficou sendo a segunda cidade, contribuindo para isso a vantagem da sua posição. E a par da sua grande industria, foi tambem grande centro mercantil.

As cidades de Tarso, Emeso, Jerusalem, e os portos phenicios de Tyro, Sidon, Beryto, viram renascer o seu antigo explendor e commercio.

Na Armenia, havia Debil e Trebizonda, que se tornaram grandes entrepostos do trafico dos povos do norte e do leste.

A Mesopotamia, depois da fundação de Bagdad, foi o centro de todo o imperio, o theatro principal da civilisação arabe; e essa capital tornou-se a mais bella e opulenta das cidades.

Era, com effeito, o primor do luxo e da elegancia. A propria situação, no centro d'uma região feracissima, onde a agricultura, em geral, e, com especialidade, a horticultura, floresciam com toda a pujança; onde o Tigre e Eufrates, auxiliados por importantes obras hydraulicas, prestavam enormes serviços á irrigação; onde passavam os caminhos mais frequentados do commercio da India; e na visinhança de outras cidades importantes: constituia já em si um dos grandes elementos da sua grandeza. Mas accresce que a sua industria era tambem importantissima, em quasi todos os generos, especialmente na ourivesaria e joalheria, vasos d'ouro e prata, faianças, bordados, sedas e cortumes.

Tinha por satellites Amid, Mossul e Nisibis,

que eram tambem centros economicos importantes.

Na embocadura do Eufrates e do Tigre estava o principal porto do imperio — Bassora, fundada em 630 pelo califa Omar, que se tornou o principal emporio do commercio maritimo.

Na provincia de Ran, a par da abundancia da seda e grande cultura do arroz e algodão, no delta do Kur, havia uma animação enorme, pelo commercio com os Russos. O principal objecto d'esse commercio era o ambar amarello, que esses povos forneciam, em troca do dinheiro arabe, muito estimado. Por isso Tiflis, a capital d'essa provincia, constituia um centro importante.

Na Media e Persia, a cidade de Rei, situada no logar onde actualmente se acha Teheran, teve grande movimento de transito e d'expedição, por ficar no caminho que ia dar, pelo interior da Asia, ao Korassan e Bukaria. Declinou, quando os califas fizeram de Ispahan a capital da Persia, e, como tal, o entreposto do commercio com a Asia Central. Mas nunca perdeu totalmente a importancia que lhe provinha do seu negocio, da sua industria e da sua posição.

Distinguia-se tambem Ghirás, que, demais a mais, segundo já dissemos, era o principal centro

industrial da agua de rosas [1], e muito notavel nos bordados d'agulha.

Ao sul d'essa região, na provincia de Kerman, na magnifica planicie de Ormuz, e em face da ilha tambem chamada Ormuz, ficava a cidade do mesmo nome, que era um dos principaes entrepostos do trafico maritimo com a India.

A provincia de Kovaresm era tambem muito commercial.

O Khorassan dividia-se pela sua extensão em quatro governos; e as quatro capitaes d'esses governos, Nischabur, Meru, Herat e Balkh, eram outras tantas cidades importantes e commerciaes. Balkh tornou-se até a primeira estação do trafico indiano.

A par d'essas cidades, figuravam tambem Kabul e Gazna, que, no seculo X, segundo já vimos [2], se tornou a capital d'um imperio importante, separando-se do califado e levando o estandarte do profeta victoriosamente ás regiões do Ganges.

Na Sgodiana, que era uma estação das caravanas que vinham da China e do alto plató, o almis-

---

[1] A agua de rosas de Ghirás encontrava-se nos toucadores de todas as bellezas orientaes, sendo objecto de um consumo enorme.

[2] Pag. 54.

car, o rhuibarbo, o borax, as turquezas do Thibet e da Mongolia e os productos chinezes, encontravam o primeiro dos seus mercados. E Samarcanda, a capital, tornou-se para o commercio da China o que Balk era para o commercio da India.

Nas margens do Indo, Multan, a residencia do governador e o ponto de partida das caravanas que iam a Cabul, foi uma das principaes e mais opulentas cidades arabes. O seu templo, chamado *Casa doirada*, era um primor, que encerrava enormes riquezas.

Daybal, no baixo Indo, era tambem muito commercial.

Na Africa Propria, onde havia tambem muito commercio, Kairuam, situada no centro dos caminhos tradicionaes, dotada de um esplendido bazar, e celebre por uma grande feira, onde convergiam negociantes dos logares mais remotos, constituiu em breve uma das mais ricas e importantes cidades do imperio. Serviam-lhe de desembocadouros maritimos os portos de Suza e Mahadjiah.

Seguiam-se depois Tunis, Tripoli, Agdalia, Tenez, Mersa-Kares, Sfall.

O commercio maritimo d'esta região não ficou atraz do trafico terrestre; e os portos de Tunis, Bone, Bugio e Alger, eram muito animados.

Na Mauritania, que tinha quasi os mesmos caracteres naturaes e o mesmo desinvolvimento economico da Africa Propria, dominava a cidade de Fez, sua capital; e Sedjelmessa, tambem chamada Tafilet ou Tafilala, ao sudoeste do oasis do mesmo nome, e Er-Bissani, ao nordeste d'esse mesmo oasis, eram muito importantes, pelas producções do seu solo e sua riqueza, commercio e industria. Havia ainda os portos de Oran, Tanger e Ceuta, de grande movimento economico.

No Egypto, a par do seu cuidado pela agricultura e industria, os Arabes, para desobstruirem o antigo canal dos Ptolomeus, entre Suez e o Nilo, estabeleceram uma colonia em Dongola, que se tornou *rendez-vous* das caravanas que iam a Suakim, o mais proximo porto do mar Vermelho, defronte de Meca. Além d'isso, abriram relações commerciaes com Suba, a antiga Meroé, que elles conheceram pelo nome de Alluah; e d'ahi se dirigiam até o porto de Zeila, que ficava no logar actual de Zulla, por onde importavam os productos da India.

A primeira capital foi Fostat, e depois, o Cairo, edificada pelo quarto dos califas fatimistas, perto das ruinas da primeira, que fôra destruida por um incendio. Assuan, Tennis, Dabik, Tuneh e

Damietta, no delta do Nilo, eram tambem cidades muito importantes e muito industriaes.

Alexandria, apezar da rivalidade de Damietta, conservou a sua superioridade; e, tornando-se com os Mamelukos, o grande intermediario do movimento mercantil com a peninsula italiana, viu renascer os mais bellos dias da sua gloria.

Na peninsula iberica, onde o commercio emparelhou com as outras industrias, os centros principaes eram Murcia, Granada, Almeria, Xativa, Toledo, Sevilha, Cordova, Malaga, Cadix e Lisboa.

Finalmente, na Sicilia, Syracusa e Marsala tornaram-se emporios d'um commercio animado com as regiões arabes e com a Hespanha.

*

* *

Até o anno 76 da Egira (695 de J. C.), os Arabes não tiveram moeda propria. Serviam-se das peças bysantinas d'ouro ou prata, limitando-se a pôr-lhes alguma legenda arabe, como, por exemplo, «Gloria a Deus», «Não ha outro Deus senão Allah», juntamente com os nomes dos califas reinantes. Foi Abd-el-Malek o primeiro califa que mandou cunhar dinheiro musulmano; e, desde

*

então, as moedas predominantes foram o *dinar,* d'ouro, que valia 12 a 15 francos; o *dirhem,* de prata, que valia, segundo alguns escriptores, um franco, e, segundo outros, 60 centimos; e o *danek,* de cobre. Eram quasi as mesmas de que usavam os Sarracenos da Hespanha [1].

*

* *

Com o desinvolvimento da producção da industria e do commercio, com o augmento do luxo e consumo dos grandes centros, devia naturalmente vir o desinvolvimento das communicações. E, com effeito, não pelo intuito politico e estrategico dos Romanos, mas, sobretudo, pelo intuito economico, os Arabes empregaram tambem n'esse ponto os mais vivos cuidados. O proprio alcorão, prescrevendo como um dever a prestação de hospitalidade aos negociantes em viagem, a feitura de cisternas e de poços no deserto, para as necessidades dos caminhantes,

---

[1] Pag. 92. — Gustave le Bon, *obr. cit.* — Rafael Altamira y Crevea, *Historia de España y de la Civilisação Española,* vol. I.

e o estabelecimento de caravanseralhos, incitava o governo a corresponder, pela abertura, cuidado e defeza das estradas, a esse pensamento economico.

Uma grande parte dos rendimentos publicos era empregada na construcção e melhoramento dos grandes caminhos. E foram tambem organisados correios para o serviço do estado.

O transporte das mercadorias, quando feito por terra, era-o por meio de caravanas ás costas de camellos; e o governo, além de proteger legalmente essas caravanas, prestava-lhes tambem as possiveis garantias de segurança e defeza.

Os grandes caminhos eram constituidos pelas grandes arterias cosmopolitas, de que já fallámos no capitulo primeiro. Mas os Arabes tinham completado a rede, abrindo as communicações dos seus estados com essas mesmas arterias.

Assim, de Bagdad partiam muitas estradas em todas as direcções: ao sul para Bassora, que lhe servia de porto; ao oeste, para Damasco, onde vinha dar o commercio do Mediterraneo; a nascente, para entroncar no caminho das caravanas da India; a norte, para Trebizonda, no mar Negro, onde chegavam as mercadorias do imperio bysantino; a nordeste, para Samarcan-

da, onde vinham dar os productos do norte da Asia; a nordoeste, para o Caspio, onde vinham bater o mel, a cêra e pellicas da Russia.

Já vimos que as mercadorias da India, chegando a Aden, iam pelo mar Vermelho até Aidab, no alto Egypto; de lá seguiam ás costas de camellos até Kous, no Nilo [1]; e desciam d'ahi em barcos até Damietta e Rozetta, a fim de serem depois transportadas para a cidade d'Alexandria, pelos caminhos de que já fallámos, no primeiro capitulo [2], a saber: um pelo canal Chabur até o Cairo, e outro por um braço do Nilo.

Logo depois da conquista arabe, esse canal que, na antiguidade, ligava o ponto mais septentrional do mar Vermelho á capital do Egypto, foi reposto n'um estado navegavel (643), não tanto para interesse do commercio, como para facultar aos conquistadores o expedirem por uma via mais rapida os trigos d'essa região para a Arabia. Começou a açoriar-se de novo, no principio do seculo VIII, e acabou por ser completamente arruinado pelos proprios governantes, para impe-

---

[1] Era a antiga *Apoliinoplos parva*, situada acima do Coptos (Kift).

[2] Pag. 102.

direm a remessa dos viveres para a cidade de Medina, tornada um ninho de revoltosos (761-762). Mas, emquanto foi praticavel, os mercadores aproveitaram-no, para transportar as mercadorias para o Cairo, d'onde as reexportavam para o Mediterraneo, pelo Nilo.

O califa Harum-Al-Rashid teve ainda o pensamento de abrir o canal de Suez, mas renunciou á empreza, temendo que os Bysantinos tivessem assim um caminho para o Mar Vermelho, e se aproveitassem d'elle, para enviarem expedições militares aos santuarios de Meca e Medina, e embaraçarem os peregrinos. Desde então, foi impossivel evitar a travessia do deserto, ou as mercadorias se expedissem para o Nilo, ás costas de camellos, ou se tomasse unicamente o caminho de terra, atravez do isthmo de Suez [1].

O primeiro d'esses caminhos levava á Alexandria, e era o mais proprio e mais directo para os productos da India.

Do Cairo partia, ao oeste, o grande caminho das caravanas, que costeava o mar por Tripoli e Kairuam, para desembocar sobre Tanger, onde ia dar o commercio hespanhol. Um outro caminho

---

[1] Heyd, *obr. cit.*, vol. I.

costeava a Africa oriental, onde os Arabes fundaram Magadoxo e Quilloa. Das regiões do Niger para a costa havia tambem diversos caminhos de caravanas, em duas direcções principaes, a do nascente e do poente.

Emquanto ás communicações fluviaes, os Arabes restabeleceram a navegação do Eufrates e do Tigre; e tornaram tambem activa a navegação do Sir-Daria e Amu-Daria, para aproveitarem o commercio com os Kirghis.

*

* *

Em conclusão, os Arabes contribuiram poderosamente para a civilisação da edade media. A sua intransigencia durante o combate, a sua intolerancia para os povos inimigos, as espoliações, massacres e ruinas que acompanhavam a sua passagem nos paizes, onde apenas occuparam posições militares, como, por exemplo, desde o seculo VIII ao seculo XI, na Provença, na Italia, nas ilhas occidentaes, e nas costas da Asia Menor, transformaram-se, para com os povos amigos ou vassallos, em sincera tolerancia e cooperação efficaz do movimento economico. Na Africa, por exemplo, apezar do dominio do alco-

rão, havia, ainda no seculo X, uma grande quantidade de bispados catholicos, sendo os principaes: na provincia de Bysacene, Carthago e Gafsa; na de Numidia, Guelma, Hipona e Constantina; na Mauritania Prima, Rhinocucurum; e, na Mauritania Segunda, Ceuta, Majorca, Minorca e Sardenha. E, ainda no seculo XI, subsistiam cinco d'esses bispados [1].

Estas qualidades organisadoras fizeram segurar durante seculos a conquista dos Musulmanos; o seu genio commercial e industrial, impulsionado nos preceitos da religião, elevou o movimento economico dos seus vastos dominios; e tudo isso, a par das suas riquezas, da sua iniciativa e da sua illustração, fez caminhar por toda a parte a roda do progresso.

Cairam, quando a firmeza da fé se foi enfraquecendo; quando a molleza do luxo os foi corrompendo; quando a extensão do seu proprio dominio trouxe, de per si, a frouxidão dos seus elos; finalmente, quando a cubiça de outros povos da Asia, menos desinvolvidos, porém mais fortes nos impetos selvagens da natureza, soube aproveitar-se da fraqueza do imperio.

---

[1] Noel, *obr. cit.*, vol. I.

Mas os restos d'essa civilisação grandiosa, que deslumbrou a propria Europa, como um reflexo de Bagdad, ainda attestam a cohesão d'aquella fé, a união d'aquella força, o impeto d'aquelle enthusiasmo, e a altura d'aquelle desinvolvimento.

CAPITULO IV

A Italia

Historia politica da Italia. — Sua admiravel situação economica. — Inconvenientes da má organisação social e mau regimen da propriedade na peninsula, durante a edade media. — Pequeno desinvolvimento economico, por essa causa, até o seculo XI. — Rapido progresso da Italia d'ahi por deante. — Influencia que n'isso tiveram as cruzadas. — Agricultura, industria e commercio. — Centros importantes. — Moeda. — Communicações. — Conclusão.

Depois da queda do imperio romano do Occidente, a Italia pertenceu successivamente aos Herulos (476-491), aos Ostrogodos (491-552), aos Gregos e aos Bysantinos (552-568). Sobreveiu em seguida a invasão dos Lombardos; e a peninsula foi partilhada, por forma que estes ficaram possuindo toda a região septentrional e uma parte da Italia central, ambas ellas divididas em differentes ducados, a que mais tarde juntaram Benavente. E o imperio do Oriente ficou possuindo o exarcado de Ravena, formado pelas costas septentrionaes do Adriatico; a Pentalope,

composta de cinco cidades: Rimini, Pesaro, Fano, Sinigaglia e Ancona; Tarento; o patriciado de Calabria; os ducados de Napoles e Roma; Genova e as costas da Liguria.

Em 726, as violencias impoliticas de Leão III, o Inconoclasta, imperador de Constantinopla, provocaram um levantamento no ducado de Roma; e d'ahi resultou crear-se lá uma republica, sob a presidencia dos papas. A Italia ficou então politicamente dividida em tres partes: uma sob o dominio dos Lombardos; outra sob o dominio de Constantinopla; e, finalmente, uma outra sob o dominio dos papas. No seculo VIII, porém, Carlos Magno acabou com o reino dos Lombardos (774)[1], e fez da Lombardia uma parte do reino de Italia, que deu a seu filho Pepino. Em seguida, conquistou o exarcado de Ravena e a Pentalope, que formaram depois o patrimonio de S. Pedro.

Por morte de Carlos Magno, a Italia veiu a constituir um reino particular, ao qual foi junta a corôa imperial da Allemanha (843); e continuou na mão dos Carlovingianos, até que, depois da deposição de Carlos o Gordo, em 888,

---

[1] Apenas em Benavente ficaram vigorando uns restos d'aquelle reino.

houve um periodo longo de anarquia, em que alguns principes italianos, como Guido, duque de Spoleto, Lambert, Berenger, Rodolpho de Borgonha, o conde de Hugo, e outros ambiciosos, usurparam, violenta e ephemeramente, a corôa de Italia.

No meio d'esta serie de revoluções, a peninsula dividiu-se em grande numero de ducados e de condados independentes; e começaram a constituir-se algumas das republicas, que depois dominaram o commercio e a navegação.

Esse periodo de revoluções successivas terminou em 962, em que o imperador Othon I restabeleceu a soberania da Allemanha em toda a Italia septentrional. Os seus successores tentaram até conquistar a Italia grega e dominar os papas. Henrique III (1039-1056), sobretudo, tornou-os mais dependentes do imperio. Mas Gregorio VII restabeleceu a independencia do papado, e tentou levantal-o acima do poder civil dos imperadores, proclamando e defendendo a jurisdicção exclusiva da egreja para a investidura dos empregos ecclesiasticos (1017-1122).

Seguiu-se d'ahi a lucta do papado com o imperio, que trouxe revoltos os dois poderes até o seculo XIII.

N'este meio tempo, os Normandos estabelece-

ram-se na Italia grega, que arrebataram aos imperadores do Oriente; e prepararam a creação do reino das duas Sicilias, que foi constituido em 1131, a favor de Rogerio I, como feudo da curia romana.

A lucta do papado e do imperio (1161-1268) produziu a guerra dos Guelfos, que pugnavam pela independencia da Italia, e eram auxiliados pelos papas, contra os Gibelinos, que pugnavam em favor do imperio allemão; e, sendo os Allemães expulsos da Italia, seguiu-se a constituição de algumas cidades em republicas independentes. A partir de então, a guerra dos dois partidos não passou de lucta particular entre duas cidades, e, ás vezes, entre duas familias.

Livre dos Allemães, a Italia entrou de novo n'um periodo de revoluções internas. Muitas das cidades constituidas em republicas cairam na mão dos tyrannos indigenas que as banharam de sangue; e, mais d'uma vez, os papas foram expulsos de Roma. Pouco e pouco, porém, no meio das revoluções violentas, a peninsula socega; o reino das Duas Sicilias divide-se, em 1282, pelas vesperas Sicilianas no de Napoles e no da Sicilia, governados por duas dynastias rivaes, situação que durou até 1504; e as republicas de Amalfi, Pisa, Veneza, Genova e Florença, bem como as

cidades de Ancona, Raguza, Trani, Bari, Brindisi, Sienne, Milão e outras, e mesmo a Sicilia, apezar das suas agitações, enriqueceram successivamente, pelo commercio e pela navegação.

Amalfi caiu, em 1135, ás mãos de Pisa, que, por sua vez, caiu (1405-1406) ás mãos de Florença. Mas esta republica e as de Veneza e Genova ainda brilhavam no fim da edade media [1].

*

* *

Como já dissemos no primeiro volume d'esta obra [2], a situação da Italia, na edade media, entre o oriente e o occidente, e banhada por mares, os mais frequentados, era muito propicia ao commercio e navegação. Estava, de mais a mais, em contacto com os Gregos, e, desde tempos remotos, conhecia os caminhos do oriente.

Por outro lado, a soberania da egreja, chamando a attenção dos imperantes para Roma e

---

[1] Bouillet, *Dictionnaire Universel d'Histoire et de Géographie.* — Cesar Cantu, *Hist. d'Italia.* — Jules Zeller, *Abrégé de l'Histoire d'Italie.* — Sismondi, *Histoire des republiques italiennes.*

[2] *A Historia Economica* — Edade Antiga, pag. 326.

attraindo os peregrinos, favorecia tambem o desinvolvimento da Italia. E, embora apagados, subsistiam ainda na peninsula, e mais que n'outra qualquer parte, excepto Constantinopla, os restos da civilisação antiga, que influiam tambem n'esse desinvolvimento.

Não admira por isso que a Italia se levantasse do seu abatimento, primeiro que os outros paizes. Mas, embora ella acordasse mais cedo, as razões que expozemos no primeiro capitulo, para mostrar o atrazo geral dos primeiros tempos da edade media, influiram tambem poderosamente n'esta peninsula.

Havia os latifundios, que prejudicavam a agricultura. Predominava o systema feudal. Havia egualmente por muita parte a restricção do trabalho e do commercio, do preço dos generos, e até do logar das vendas.

Era tambem excessivo o systema de portagem. O que se dava com os negociantes que, partindo de Turim, estavam sujeitos a uma primeira portagem n'essa cidade, depois a outra em Rivol, e successivamente em Avigliana, Bussoleno e Susa, isto é, a cinco portagens no espaço de 30 milhas, dava-se, mais ou menos, em muitas outras regiões.

O direito de transito era tambem regulado pe-

los senhores. As mercadorias que atravessavam certas cidades, tinham de parar e de ser desembaladas, afim de que os respectivos habitantes as podessem comprar, se quizessem.

Com medo dos ladrões e piratas, os negociantes precisavam de se reunir em caravanas ou flotilhas; e alguns, a fim de amaciarem os castellões, levavam até charlatães e musicos, para os divertirem, e animaes raros, para os presentearem.

Vigorava tambem o direito de *albinato* e de *naufragio*.

E a todas estas e outras causas communs ao resto da Europa, que já expozemos no primeiro capitulo, accrescia que os interdictos da egreja, prohibindo o commercio dos christãos com os Arabes, mais rigorosos se tornaram na Italia [1].

Na historia do Egypto, durante a edade media, fallaremos extensamente d'esses interdictos. Aqui basta dizer que alguns papas, julgando que assim combatiam efficazmente os Musulmanos, ou prohibiram de todo, ou simplesmente restringiram, sob pena de excommunhão, o commercio

[1] Cesar Cantu, *obr. cit.*, vol. V, pag. 61 e seguintes. — Cibrario, *L'Economie Politique dans le moyen âge*, vol. I.

com elles, e os christãos ora acatavam, ora desobedeciam a semelhantes prescripções.

*

* *

Os productos agricolas diminuiram consideravelmente.

A estagnação das aguas tinha formado lagos e pantanos por muita parte. Parma estava rodeada de charcos. A região do Pó, ainda no seculo VIII, formava um pantano pegado. Acontecia a mesma coisa com as margens do Adiga e do Arno. Modena, ainda no seculo X, era frequentemente submergida pelas inundações. E tambem a região collocada entre o Tanaro, Orba e o mar, ainda em 967, constituia um deserto.

As florestas avassallavam os terrenos, e resfriavam o clima.

Como no resto da Europa, as pontes caiam em ruina, embaraçavam-se os rios, e difficultava-se o transito. A propria via Emilia, tão frequentada no tempo dos imperadores romanos, estava ladeada de bosques, onde se acoitavam ladrões e animaes ferozes. A Lomelina andava infestada de lobos.

Só desde o seculo XI, é que foi melhorando a

agricultura, devendo-se a iniciativa d'esse progresso principalmente aos conventos.

Por exemplo, os Cistercienses, estabelecidos em volta de Milão, entretiveram uma colonia de trabalhadores; e a elles se deve o systema das irrigações que enriquecem a Baixa Lombardia com seus pastos perpetuos, onde mais tarde começou a fabricar-se o queijo conhecido pelo nome de Parmesão.

Os Pisanos prestaram tambem grande cuidado ao regimen dos seus rios.

A communa de Sienne, já no seculo XII, era muito bem cultivada. Os Mantuanos canalizaram o Pó, e prepararam quedas d'agua, para estabelecerem moinhos. O canal chamado *Naviglio grande*, que conduz as aguas do Tessino a Milão, atravessando um espaço de trinta milhas, foi emprehendido em 1179, recomeçado em 1257, e acabado, pouco depois. Os pantanos e florestas foram desapparecendo do territorio de Bolonha e Ravenna. Ferrara estabeleceu um systema de diques, destinado a ajudar as communicações, e converteu em campos ferteis os pantanos provindos do Pó.

Os animaes ferozes foram destruidos, nas florestas de Modena e Ferrara. Transportaram-se para Milão as melhores raças de cavallos, e de

cães dinamarquezes e buldogs inglezes. Vieram sementes de fóra, para enxertar e melhorar as videiras; e foi então que se introduziu na Italia a qualidade da uva branca. O arroz, que primeiramente vinha do estrangeiro, muito caro, e era fornecido pelos boticarios, começou então a cultivar-se na Italia. As cidades e povoações foram reparadas. E, por quasi toda a parte, foram realisadas importantes obras hydraulicas [1].

Em summa, desde o seculo XI, a Italia começou a melhorar, rapida e sensivelmente, a sua agricultura.

Começaram tambem a explorar-se activamente as minas de ferro d'Elba.

As de Bergamasco e dos valles de Camonica e Trompia, que produziram sempre muito ferro, ao qual se sabia dar uma témpera excellente no Comasco, tornaram-se mais activas.

Fabricavam-se armas em Gardona, Lemezzana, e em Brescia, cujos aços, couraças, enxadões, eram tambem notaveis. Os ricos mineraes da ilha de Elba, de Pietrasanta e de outras partes da Toscana, transportavam-se, em bruto ou

---

[1] Cesar Cantu, *obr. cit.*, vol. V, pag. 341 e seguintes. — Sismondi, *obr. cit.*, vol. II, pag. 366 e seguintes.

trabalhados, mesmo para o Levante. Veneza tirava partido do ferro e cobre de Friul, da Carinthia, de Cadoro. Massa-sobre-o-mar, os valles do Tibre e da Cecina, d'onde se tirava tambem ferro, forneciam muito cobre.

Extraia-se prata de Perosa, do valle do Lanzo, no Piemonte, e de outros valles de Bergamasco, de Montieri, pobre aldeia na região de Mersa, e tambem dos arredores de Massa-sobre-o-mar.

As areias do Tessino, do Adda e de outros rios forneciam tambem ouro. Os poços salgados de Volterra forneciam sal. A producção do acido borico, hoje riqueza d'estas lagunas, era ignorada; mas tirava-se de lá muito enxofre e muito alumen.

O alumen do reino de Napoles e da Tolfa, nas maremmas romanas, só mais tarde foi explorado; e Lipari, d'onde outrora se tirava todo o alumen, cessara de o fornecer [1].

As outras industrias e o commercio ergueram-se tambem com toda a força, desde o seculo XI, em consequencia do movimento das cruzadas, como já fizemos sentir, e mais detidamente

---

[1] Cesar Cantu, *obr. cit.*, vol. VII, pag. 75 e seguintes.

o veremos no estudo das differentes republicas italianas.

Fixaremos, porém, desde já, que aos Italianos se deve o systema de contabilidade mercantil, e, segundo alguns escriptores, a renovação e aperfeiçoamento das letras de cambio [1].

*

* *

Vinham, como vimos, já do mundo antigo grandes e importantes centros economicos, espalhados por toda a peninsula. A avalanche dos barbaros não pôde apagar de todo esses focos da civilisação, e, quando a corrente das irrupções suspendeu a sua obra destruidora, de novo rebentou dos escombros das ruinas a labareda do progresso.

Mas a roda economica deslocou-se, pelas transformações da nova sociedade, e foram especialmente as cidades maritimas que tomaram a preponderancia. É por isso que nós veremos Roma decair da sua grandeza; e, pelo contrario, subirem á superficie Veneza, Genova, Pisa, Florença, Du-

[1] Pag. 98. — W. A. Shaw, *The History of Currency.*

razzo, Ancona, Raguza, Trani, Bari, Brindisi, Sienne, Milão, Napoles, e outras cidades.

No estudo particular dos differentes estados de que nos vamos occupar, confirmaremos esta asserção.

*

* *

Cabe tambem á Italia a gloria de ter sido o primeiro paiz que, na edade media, renovou o systema monetario do ouro, caido em desuso, desde o seculo VII.

É certo que, no imperio do Oriente, continuaram a fabricar-se moedas de ouro — os aureos, solidos, bezantes e hyperperos, que os cruzados espalharam por toda a Europa. No sul da Hespanha, os Mouros fabricaram tambem dinheiro da mesma natureza, como vimos a paginas 92. Mas, por um lado, as moedas arabes tinham pequeno curso, fóra da peninsula iberica, e o dinheiro grego era em pequena quantidade para as necessidades do mercado. Por outro lado, o systema da prata é que preponderava por toda a parte.

Foi então que, em 1252, Florença começou a fabricar os florins de ouro, tomando-os como

base do seu systema monetario; e logo, n'esse mesmo anno, Genova, cinco annos depois (1257), Henrique III da Inglaterra, em 1284, Veneza, e, successivamente, diversos estados começaram tambem a fabricar moedas de ouro, tomando, regra geral, por modelo aquelle florim. De forma que o dinheiro d'esse metal precioso começou a preponderar por toda a parte [1].

*

* *

As antigas vias romanas, além da acção corrosiva do tempo, tinham sido desfeitas, umas pelos habitantes da peninsula, para impedirem o curso dos barbaros, e outras pelos proprios barbaros, durante a guerra. E, demais, os proprietarios dos pequenos dominios, introduzidos pela feudalidade, não tinham interesse em facilitar as communicações.

Por isso, como já dissemos, caiam as pontes, embaravam-se os rios, e difficultavam-se os transportes.

---

[1] W. A. Shaw, *The History of Currency.*

Mesmo a cavallo, sómente se viajou mais tarde.

O que valeu, foi que muitos caminhos eram confiados á guarda dos monges. O que se dera com os caminhos do monte de S. Bernardo, que o padre Bernardo de Mantua tomou a seu cuidado, instituindo até um hospicio n'essa montanha, para abrigar os passageiros, e bem assim com a estrada dos Alpes entre Luca e Modena, collocada na vigilancia dos religiosos de S. Peregrino de Serchio, de que já fallámos [1], deu-se tambem em differentes regiões da Italia.

Por exemplo, a passagem de Percussina, no valle de Gréve, tinha tambem um hospicio, sustentado pela companhia de Bigallo, de Florença. E o caminho de cavalgaduras atravez de S. Gothard, com a escavação de Uri e a sua ponte do Diabo, foi devido aos arcebispos de Milão, cujo dominio se estendia ao valle da Leventina. Na época de Carlos Magno, as gargantas mais elevadas dos Alpes estavam cheias de hospicios. As differentes nações que mandavam peregrinos á Italia, ahi os tinham privativos; e, sem fallar de Roma, havia tambem, em Verceil, hospicios inglezes e francezes.

---

[1] Pag. 104.

Apezar de tudo isto, as communicações eram poucas e más. Só foram melhorando, á proporção que as cidades e aldeias se libertaram do jugo feudal, e trataram de favorecer o movimento economico, promovendo egualmente a abertura dos caminhos, a garantia do transito, a isenção de certas portagens, e conseguindo dos nobres a protecção do commercio [1].

Ainda assim, as viagens por terra foram sempre difficeis e penosas, e foi sempre arriscada a segurança dos commerciantes.

Em compensação, as communicações maritimas eram continuadas e faceis com os povos do oriente e occidente.

*

* *

Estas simples noções geraes sobre a Italia vão completar-se pelo estudo particular dos differentes estados que n'ella se crearam e viveram, durante a edade media. Mas podemos já dizer que esta região, além de prestar á humanidade o enorme serviço de não deixar quebrar de todo as

---

[1] Cesar Cantu, *obr. cit.*, vol. VII, pag. 70 e seguintes.

antigas relações com o oriente, para reabrir mais tarde com as cruzadas as communicações entre as duas partes do mundo, tornou, pela força do seu commercio, pela extensão da sua marinha, pelo desinvolvimento da sua navegação, actividade da sua industria, belleza e progresso das suas artes, e até pela irradiação e remodelação do systema da moeda, o primeiro logar na historia d'este periodo. Semelhou um fogo de Bengala, reluzindo entre as nuvens da edade media, para alumiar a iniciativa dos outros paizes, que lhe foram no encalço.

E, como a Grecia antiga mandava nas aguas do Archipelago e mar Jonio as manifestações do seu progresso ás costas do mundo conhecido, tambem as vagas do Mediterraneo, do Adriatico e do mar Thyrreno, transmittiam a todas as paragens maritimas exploradas as palpitações gloriosas d'esta peninsula. E os reverberos maravilhosos da sua tradição ainda hoje refulgem a nossos olhos, como os versos de Dante eccoam em nossos ouvidos.

CAPITULO V

Os Venezianos

Origem de Veneza. — Historia politica dos Venezianos até o fim da edade media. — Situação de Veneza. — Como esta situação determinou a exploração do sal e da pesca, o desinvolvimento da marinha e navegação, e, em geral, o progresso da industria e commercio. — Vida economica da republica nos primeiros tempos. — Augmento que adquiriu por meio das cruzadas. — Como os Venezianos souberam aproveital-as em beneficio da sua grandeza e do seu commercio. — Vantagem que por ellas adquiriram, a principio, no commercio de Constantinopla. — Perda final d'essas vantagens, pela concorrencia dos Genovezes. — Carencia de productos proprios. — Necessidade de madeira para as construcções, de cereaes para a alimentação, e de materias primas para a industria. — Systema do trabalho e organisação das classes trabalhadoras. — Industria e suas restricções. — Commercio e suas restricções. — Como essa industria e commercio foram estimulados pela propagação do luxo. — Cuidado especial no commercio de cereaes. De que modo a marinha mercante era auxiliada pelos navios do estado. — Relações com os paizes estrangeiros, e privilegios obtidos de varios reinantes. — Centros principaes. — Dinheiro. — Communicações. — Conclusão.

Qualquer que fosse a origem dos Venedos, é certo que o povo assim chamado, proveniente dos antigos Wendes, habitava, desde tempos re-

motos, a região que tinha o seu nome — Venecia, e que ficava ao norte do Pó, entre o Ollini e o Adriatico.

Essa região, já celebre na republica romana, pela fertilidade do solo e riqueza dos habitantes, era um dos sustentaculos do estado. Tinha cidades importantes; exercia em grande escala o commercio e a navegação; e, graças á independencia e virilidade dos seus habitantes, pôde, mesmo na decadencia do imperio, supportar o peso dos impostos, sem se arruinar, mantendo a sua actividade mercantil e navegadora, e conservando a sua riqueza e prosperidade, no meio da ruina geral.

Não obstou isso a que partilhasse os accidentes perigosos que affectaram todo o imperio. O cerco de Aquilea, por exemplo, em 238, pelo tyranno Maximino, que se oppunha aos imperadores Maximo e Balbino, eleitos pelo senado, cerco esse em que os habitantes se defenderam com tanta coragem que as proprias mulheres cortaram os cabellos, para cordas dos arcos, causou-lhes grande ruina; mas, os Venedos tiravam alento do proprio perigo, e mais se afincavam na defeza e progresso da patria.

Quando, no seculo v, a onda assoladora dos barbaros passou no corpo combalido do impe-

rio romano, os nobres e os grandes que não foram exterminados e poderam fugir á destruição, sem estimulos para a lucta, nem forças para a resistencia, procuraram nas provincias o abrigo que lhes pareceu mais seguro.

Naturalmente, devia lembrar-lhes a região de Venecia, que tinha dado até ahi o exemplo da independencia e da força. Tanto mais que parte d'essa região era formada por lagunas e ilhotas, onde os invasores mais difficilmente poderiam chegar, e onde os fugitivos mais facilmente poderiam defender-se.

Por isso, uma grande parte das familias até ahi mais ricas e poderosas da Italia, e a maior parte da população da propria Venecia, acolheu-se a taes ilhotas; e d'ahi nasceu a nova Veneza.

A acção do tempo e o trabalho dos refugiados uniu muitas d'essas ilhas; mas a differença de origem prevaleceu muitas vezes no animo dos habitantes. E isso explica o odio e as dissensões tradicionaes de algumas das familias venezianas, como por exemplo os Candiani e Orseoli, os Morosini e Caloprini.

A permanente contemplação do mar, a necessidade de defender contra elle o proprio territorio, o trabalho de enxugar os pantanos e construir edificios, e a vigilancia e prevenção contra

os invasores, deviam fazer, d'esse povo de foragidos, cidadãos robustos e arrojados.

Por isso mesmo, os exercicios militares e musculares e as luctas physicas entraram, desde logo nos habitos ordinarios. O exercicio da bésta era reconhecido como necessario; as justas e torneios, em que todos os cidadãos tomavam parte, mesmo os ricos e os nobres, o jogo do murro, a corrida de touros, semelhante ás modernas corridas hespanholas, menos barbaras, porém, do que ellas, constituiam distracções favoritas.

A pequenez do terreno e a sua aridez deviam fazer tambem d'esses foragidos — navegadores, industriaes e commerciantes, para supprirem as necessidades da vida. A propria navegação, e a riqueza, proveniente do commercio e da industria, deviam tornal-os avidos, ambiciosos e conquistadores. Não podiam ser agricultores, porque lhes faltava o solo; mas o mar fornecia-lhes dois elementos poderosos de riqueza — os productos animaes e o sal. E d'ahi resultaram essas primitivas industrias da pesca e das salinas, que constituiram dois elementos predominantes da riqueza veneziana.

*

* *

As differentes ilhas tinham primitivamente adoptado da Italia a instituição dos *tribunos* que, pela situação d'ellas, se chamaram *tribunos maritimos*. Depois que a emigração agrupou ahi os differentes restos das municipalidades romanas e que se tornou preciso um governo forte, para defender o estado contra os inimigos externos, e assegurar internamente a justiça, a paz e tranquillidade dos cidadãos, creou-se (697) o *dux* vitalicio, que o povo, no seu dialectico harmonioso, chamou *doxe* e mais tarde *doge*.

Em 737, os Venezianos, cansados dos abusos do doge, substituiram ao dogato perpetuo o governo annual de dois mestres militares, a exemplo de Ravenna. Mas, alguns annos depois (762), voltaram para sempre ao governo ducal, ajuntando-lhe ao principio dois tribunos, e, successivamente, diversos outros magistrados, com applicação aos differentes serviços do estado. Mais tarde (1032), pelo augmento da republica e pelo abuso dos doges e tribunos, creou-se um conselho electivo de 480 cidadãos, chamado o grande conselho (*maggior consiglio*), mudavel cada anno, afim de contentar toda a gente; e este ele-

gia o pequeno conselho (*consiglio minore*), chamado depois *senhoria*, que assistia ao doge, e era composto de seis membros.

Em 1179, creou-se o tribunal dos 40 ou *quarantia*, que se tornou, pelo decurso do tempo, um dos corpos mais importantes do estado, e ao qual se começou a deferir o julgamento das appellações, nas causas civeis e crimes, tirando-o ao doge. E, em 1229, estabeleceu-se um senado, composto de 60 membros, que exercia funcções consultivas, deliberativas e administrativas, e que era tambem eleito pelo *grande conselho* [1].

Finalmente, creou-se mais tarde o *tribunal dos dez*, que, limitado, a principio, á decisão de certos crimes, tornou-se depois uma especie de poder inquisitorial; e que, deliberando juntamente com o *conselho menor*, preponderava no proprio estado.

A emigração das familias mais importantes da Venecia e do resto da Italia devia naturalmente influir, para dar ao governo, apezar da for-

---

[1] A principio o doge, para tomar qualquer deliberação tinha a faculdade de pedir o conselho dos *homens bons* da republica, isto é dos mais grados. Esses *homens bons* chamavam-se por isso *prégadi*; e, para dar uma organisação fixa a tal systema, é que se creou o senado, cujos membros se chamaram tambem *prégadi*.

ma democratica e republicana, uma feição aristocratica. E, realmente, o governo se foi concentrando, cada vez mais, na classe dos nobres, a mais instruida e disciplinada, e que era por assim dizer, representada pelo doge até que, em 1297, a propria forma democratica foi substituida pela aristocratica.

E embora, como é proprio dos paizes commerciaes e trabalhadores, a riqueza fosse tomando a preponderancia, em todo o caso, ainda no periodo de maior opulencia, a republica não foi alheia ao preconceito da nobreza, e nunca esta deixou de influir superiormente no governo do estado.

A séde d'este governo foi primeiramente Aquilea, e depois Malamocco. Em 814, foi transferida para a ilha do Rialto, por Agnello Partecipazzo, que enxugou os terrenos pantanosos, instituiu uma magistratura especial, para garantir as praias da invasão do mar, decorou os monumentos, juntou as ilhas por pontes, e deu ao estado o cunho da estabilidade. Foi então que principiou a verdadeira Veneza [1].

---

[1] Amelot d'Houssaie, *Histoire du Gouvernement de Venise,* vol. I. — Cesar Cantu, *Histoire des Italiens,* vol. IV e V. — Molmenti, *La Vie Privée à Venise.* — Sismon-

*

*

* *

Tal era o povo e o governo que exerceram o papel economico mais preponderante da edade media.

Os limites d'este livro não comportam uma longa exposição da historia politica de Veneza. Basta apontar que, no tempo em que Theodorico assentou em Ravenna a capital do imperio dos Ostrogodos, essa republica de foragidos pôde já resistir-lhe e conservar a sua independencia; de modo que, afinal, foram os proprios Ostrogodos que contribuiram para a sua grandeza, porque, desenganando-se de que não podiam conquistal-a, aproveitaram a sua marinha como auxiliar.

Embora o novo estado fosse primeiramente considerado como sujeito ao imperio do Oriente, mesmo esta sujeição nominal e formalista desappareceu de todo, em 987, sob o doge Pedro Orseolo, que lançou os fundamentos da grandeza futura de Veneza, e alargou o estreito cir-

---

di, *Histoire des republiques italiennes,* vol. II. — Jorge Weber, *Historia Universal,* traduzida por Delfim d'Almeida, vol. II. — Edmond Demoulin, *Les Grandes Routes des Peuples.*

culo do seu territorio, submettendo as cidades maritimas da Istria e da Dalmacia, por forma que, no littoral dalmatico, só ficou independente a republica de Raguza [1].

As cruzadas vieram dar novo incremento a Veneza; porque os seus navios, assim como os de Genova e de Pisa, transportavam os peregrinos e mercadorias; e os soldados e marinheiros ajudavam muitas vezes as emprezas dos christãos, pagando-se d'estes serviços, com parte das cidades conquistadas aos Musulmanos [2].

---

[1] MPS. Oliphant, *Makers of Venice.*

[2] Para mostrar o modo como Veneza vendia taes serviços, podemos apontar os seguintes factos: Em 1108, pelo auxilio que prestou ao imperador de Constantinopla, ameaçado por Genova e Pisa, obteve d'elle importantes concessões. Quando, em 1122, o reino de Jerusalem pediu o auxilio da republica para o cerco de Tyro, ella exigiu um tributo annual de trezentos bezantes. Nos seus contractos com os condes de Flandres e Blois, reservou antecipadamente metade de tudo o que elles alcançassem, por força ou convenção. No auxilio prestado aos Latinos, em 1204, para a tomada de Constantinopla, obteve as enormes concessões que já expozemos a paginas 145. Em 1268, quando Luiz IX, rei de França, lhe quiz afretar alguns navios, a fim de transportar para a Syria as suas tropas, Veneza teve o cuidado de estipular, além do pagamento do frete, o direito de estabelecer feitorias commerciaes, em todos os logares onde se fizesse alguma conquista; e reservou tambem o terço da cidade de Tyro.

No seculo XII, a republica luctou gloriosamente pelo papa contra o imperio, na contenda dos Guelfos e Gibelinos; e bateu a frota de Frederico Barba Roxa, no cabo Meloria, contribuindo assim para a paz de Veneza de 1177, que foi o preludio da paz de Constança.

Já vimos na historia dos Bysantinos como ella soube firmar a sua influencia em Constantinopla, onde obteve a faculdade de estabelecer o seu commercio no bairro de Perama. Depois, em 1172, houve ruptura de relações entre os dois estados, por Veneza se recusar a auxiliar o imperador Miguel Commeno; e por isso este imperador fez confiscar os navios e respectiva carga, e todos os haveres que os cidadãos venezianos possuiam nos seus estados, aprisionando até muitos d'elles [1].

Em desforço d'este procedimento, a republica preparou a conquista latina de Constantinopla, em 1204, que lhe valeu a confirmação da posse do bairro de Perama, e a cessão das praças maritimas espalhadas desde o Hellesponto ao mar Jonio, da Morea, do maior numero das ilhas do Archipelago, de Corfu, de Candia e Eubea,

---

[1] Pag. 140.

e ainda de muitas das cidades das costas da Phrygia, não sujeitas aos Turcos. E, então, Veneza dominou absolutamente o commercio de Constantinopla, até 1264 [1].

N'este anno, porém, Genova organisou uma contra-revolução que destruiu o imperio latino, e restabeleceu no throno os imperadores gregos. E, em consequencia d'isto, os Venezianos perderam quasi todas as concessões, obtidas em 1204, que passaram para os Genovezes, seguindo-se uma lucta demorada entre as duas republicas, até á paz de Turim, em 1381.

N'essa lucta, Veneza perdeu tambem as conquistas do continente; mas indemnisou-se logo, obtendo a Marche de Trevise (1388), o Paduano (1405), e o Bressau (1428).

E, embora não fosse já senhora de nenhum bairro em Constantinopla, visto que os Genovezes a tinham supplantado n'esta capital, era ainda a primeira potencia maritima da Europa. Tinha nas suas mãos quasi todo o commercio da Romania. Dominava uma parte da Grecia e do Archipelago. Pertenciam-lhe Candia e o Negroponto. Par-

---

[1] A republica até chegou a deliberar, em 1225, se deveria mudar para Constantinopla a sua séde. Sismondi, *obr. cit.*, vol. II, pag. 398.

tilhava com Genova o importante commercio do mar Negro. Os Bulgaros, os Hungaros e outros povos do continente eram alliados d'ella, ou a temiam bastante, para se não oppôrem ás suas emprezas. Dominava tambem a embocadura dos rios do Adriatico. A Istria, Dalmacia, o Vicentino e Paduano, com os seus dois milhões de habitantes, estavam debaixo do seu dominio. Tinha consulados nos portos da Armenia, Syria, Chypre, Taurida, Egypto, Estados Barbarescos. Mantinha relações commerciaes com a Sicilia, Estados Romanos, Hespanha, Portugal e França. As suas frotas já frequentavam os portos de Flandres e Inglaterra. E, no continente, enviava as suas mercadorias, pelo Tyrol ou Carniola, para a Allemanha, Polonia e Hungria.

Com a conquista de Constantinopla por Mahomet II, perdeu o que ainda conservava da Morea e das ilhas do Archipelago, entre outras o Negroponto, que tudo lhe foi arrancado pelos Turcos; mas, em 1489, á morte de Scanderberg, rei da Albania, pôde conseguir por algum tempo diversos districtos d'essa região, e que Catharina Cornaro lhe vendesse o reino de Chypre, continuando ainda a ser a primeira potencia maritima da Europa.

No fim da edade media, a descoberta do cami-

nho maritimo para as Indias deu-lhe um golpe mortal. As suas intrigas e traições contra os Portuguezes, a sua alliança com os Persas e com os Mamelukos, e as manobras perante D. Manoel, rei de Portugal, afim de obter o monopolio da carregação das especies desembarcadas em Lisboa, não conseguiram levantal-a. Vegetou ainda por mais dois seculos, definhando, pouco e pouco, até cair definitivamente no abysmo dos grandes imperios. Mas a historia posterior á descoberta da America não pertence a este livro, e por isso a reservamos para occasião opportuna.

*

* *

A situação de Veneza, no centro dos paizes que, na edade media, constituiram a força do movimento commercial, na extremidade do Adriatico, perto da região dos Alpes, em que a portella dos montes se abaixa, entre os platós da Illyria e as cristas nevosas da Carinthia e do Tirol, permittia-lhe communicar facilmente com todos os mercados da Italia, da Allemanha, de Flandres e da Scandinavia. Estava, de mais a mais, defendida das invasões e ataques pelas suas ilhotas e marinha; e até o fluxo das suas marés era mais

elevado que n'outra qualquer parte do Mediterraneo, o que favorecia tambem as condições do seu porto [1].

*

* *

Emquanto aos productos proprios, a republica, estabelecida primeiramente no meio de pantanos e ilhotas, n'uma quasi absoluta escassez de terreno, dispunha apenas do sal e da pesca. A lenha, madeira e cereaes tornaram-se, por isso, desde logo, artigos de primeira necessidade.

Com a conquista das costas dalmaticas, alargou-se-lhe o dominio da pesca; adveiu-lhe uma pequena região agricola; e o enxugamento dos pantanos e a cultura das ilhas proporcionou-lhe a creação do gado domestico. Mas, ainda assim, mesmo no periodo de maior grandeza, Veneza teve sempre carencia de productos proprios, a não ser, como já fizemos sentir, os provenientes da pesca e do sal.

---

[1] E. Reclus, *obr. cit.*, *L'Europe Méridional*, pag. 382.

*

* *

A posição, pois, de Veneza destinava esta republica para a gloria maritima e commercial, bem como, para o exercicio da industria piscatoria, que se tornou, desde logo, a escola de bons marinheiros, e que, juntamente ao sal, lhe proporcionou as primeiras relações commerciaes com o continente. Em compensação, este forneceu-lhe tambem, desde logo, a madeira, de que ella precisava para as suas construcções e para o seu commercio, e os cereaes, indispensaveis para a sua alimentação.

A industria veneziana começou, portanto, pela pesca, pela exploração do sal e pela navegação; e começou, com plena liberdade industrial, como era proprio da condição especial do seu primitivo governo e da natureza especial da sua população. Sómente, desde o seculo x, appareceu o systema de confrarias, corporações ou collegios, em summa, das jurandas e mestrias, embora sob outra designação; e, como aconteceu depois em toda a Europa, foi n'estas associações que o povo se firmou, por muitas vezes, contra o abuso da aristocracia.

É de notar que essas confrarias foram as pri-

meiras que puzeram em pratica o salutar principio da previdencia e dos soccorros mutuos. Todas ellas tinham um hospital. O operario honrado e pobre era soccorrido nas doenças e na velhice, e era acompanhado ao tumulo por seus camaradas. E tambem o estado, n'uma solicitude paternal, provia ás necessidades dos velhos, sem os humilhar com esmolas, concedendo aos que já não podessem trabalhar, o exclusivo da venda das vitualhas.

Por outro lado, a vadiagem era considerada como indigna; e mesmo a classe dos serviçaes era olhada com desprezo, porque todos os Venezianos encontravam mais livre occupação na industria e no commercio.

A par dos trabalhadores livres, independentes ou sujeitos ás confrarias, havia os escravos, que exerciam os misteres mais rudes, como o de armeiros, ferreiros, serralheiros, pedreiros, carpinteiros, marceneiros e sapateiros. Eram obrigados a prestar o seu concurso gratuito ao estado; e, como acontecia geralmente, soffriam toda a casta de vexames. Só melhoraram de sorte no governo do dôce e justo Flabanico (1032-1042) [1].

---

[1] Depping, *obr. cit.*, vol. I.

Mas como iamos dizendo, a industria veneziana começou rudimentarmente pela exploração do sal, pela pesca e pela navegação.

O sal era colhido, em parte, nas lagoas, e, em parte nas visinhanças. Os Venezianos acharam na Istria e Dalmacia salinas, exploradas desde tempos immemoriaes, que elles continuaram a aproveitar com todo o cuidado; e, além d'isto, os seus navios iam tambem procurar o sal ao mar Negro e aos mares da Berberia.

Eram tão avaros d'esse producto que, dominando as embocaduras de todos os rios do Adriatico, impediam os estados que gozavam da navegação dos mesmos rios, de receberem outros saes, além dos venezianos. Prohibiram tambem que os habitantes das Marches e Bolonha fossem explorar as salinas de Cervia e Comachio. Tinham até, n'esse genero, uma especie de monopolio de venda, que exerceram muito tempo, na Hungria, Croacia e na parte oriental da Allemanha; de modo que d'essas regiões vinham, cada anno, muitos milhares de cavallos carregar o sal da Istria para o commercio terrestre.

A exploração por mar era ainda mais consideravel.

Emquanto á pesca, os Venezianos foram tambem eminentes n'ella. Tendo abundancia de sal,

aprenderam depressa a arte de salgar e defumar o peixe, de que forneciam toda a christandade. Pelo menos, a preparação do atum e sardinha era uma industria muito antiga no littoral da Dalmacia e em Comachio.

A navegação dos Venezianos era enorme, como o seu commercio. Não só navegavam no Mediterraneo e mar Negro, mas entravam no Oceano, correndo as costas occidentaes da Europa, embora o seu principal campo de acção fosse n'aquelles outros mares.

Ao desinvolvimento da navegação andou, como é natural, annexo o das construcções navaes. E tanto uma como outra d'essas industrias era sujeita á inspecção rigorosa do estado, que ordinariamente fornecia a madeira para os navios, e cuja fiscalisação continuava rigorosa e severa, mesmo depois d'elles acabados. Grande parte das embarcações particulares eram até construidas pelo governo, e adjudicadas em leilão a quem maior lanço offerecesse.

Por isso, os navios mercantes se transformavam e melhoravam successivamente.

Havia galeras grandes, apropriadas ao commercio, com duas velas e 175 pés de cumprimento, que os Venezianos empregavam nas viagens de Flandres e Inglaterra, e, em geral, nas expedi-

ções do Oceano, para luctarem contra as tempestades e corsarios.

Havia uma outra especie de galeras, chamadas *subtis* (*galee sottili*). Tinham 135 pés de comprido, e levavam tres velas. Manobravam-se muito facilmente, e o seu curso era rapido. Serviam especialmente para a guerra; e armavam-se por isso devidamente.

Uma terceira especie, intermediaria das precedentes, servia unicamente para o commercio do Levante. Chamavam-se estas galeras *mezzane*. Tinham quatro velas, e levavam ordinariamente duzentos homens d'equipagem, emquanto que as grandes galeras comportavam trezentos.

Havia ainda uma outra qualidade de navios, chamados *coches*, cuja capacidade permittia transportar carregações consideraveis.

E, finalmente, havia os *taredos,* os *navios latinos,* os *asiri,* e outras especies.

Todos os navios tinham homens armados e provisão d'armas, para se defenderem, no caso de serem atacados. E, quando a artilheria se introduziu na marinha, os Venezianos adaptaram-lhe, desde logo, o systema das construcções navaes [1].

---

[1] Depping, *obr. cit.*, vol. II, pag. 315.

A marinha mercante era auxiliada pelas frotas do estado, para a defender dos piratas, que infestavam os mares. E, por esse motivo, e para auxiliar e dirigir o grande movimento commercial, o governo chegou a esquipar á sua custa, em cada anno, seis esquadras; dispondo de tres a seis mil marinheiros, mil e seiscentos obreiros, e tres mil e trezentos navios, dispersos por todas as partes do mundo.

A primeira d'ellas dirigia-se ao mar Negro, para o commercio da Russia e do centro da Asia. A segunda, a Constantinopla, afim de commerciar com os portos da Romania e da Grecia. A terceira destinava-se ao commercio da Syria, Armenia e Asia Menor. A quarta ia ao Egypto. A quinta vagava nas costas de Hespanha e Africa. A sexta passava o estreito de Gibraltar, e frequentava os mercados das ilhas Britanicas, França e Flandres [1].

Chegada a frota ao logar do destino, terminava o poder commercial do almirante de toda ella e dos capitães dos navios, para dar logar ao consul, munido de poderes muito ex-

---

[1] Molmenti, *obr. cit.* — Depping, *obr. cit.*

tensos: auctoridade esta que o governo escolhia com todo o escrupulo, e por forma que ao talento d'esses magistrados nos portos estrangeiros é que a republica deveu, em grande parte, a sua importancia e prestigio.

No intuito de favorecer a marinha nacional, o senado, em 1363, prohibiu tambem os Venezianos de afretarem navios de outros paizes, para transportarem mercadorias ao Levante.

E, se tudo isto fazia augmentar enormemente o desinvolvimento das construcções navaes, accrescia ainda que era frequente o venderem-se embarcações aos estrangeiros, e que estes vinham tambem, muitas vezes, afretal-os a Veneza, mediante penhor, e precedendo a licença do doge.

A fundição dos metaes, a fabricação de orgãos, a ourivesaria, joalheria, passamaneria e tinturaria, já no seculo IX e principios do seculo X, occupavam muitos artistas, e, entre esses, um grande numero de escravos.

A fabricação das armas acompanhou tambem, desde logo, o desinvolvimento da republica; e a exploração d'essa industria cresceu tanto mais que Veneza fornecia aos Arabes grande quantidade de lanças, cotas de malha, arcos, espadas, capacetes, escudos, e, mais tarde, armas de

fogo, mesmo no tempo dos interdictos mercantis da curia romana.

A vidraria alcançou rapidamente o esplendor tradicional que ainda hoje tem. Já florescia no seculo XI, e era das industrias mais lucrativas de Veneza, ou talvez a mais lucrativa. O governo tanto o comprehendia que, afim de não faltar a materia prima, até prohibiu a exportação dos vidros quebrados e da areia propria á vitrificação; e tinha um magistrado annual, para fiscalisar especialmente essa industria.

Estava ella dividida em seis ramos — a dos fabricantes de vidros, de crystaes, de margaritas, de perolas, de espelhos, e a dos respectivos mercadores. Contrafaziam-se, além d'isso, ágatas, calcedonias, jacinthos, esmeraldas e outras pedras preciosas. Sobretudo as perolas falsas tiveram tão grande apreço, que, ainda no seculo passado, eram recebidas como dinheiro por alguns dos povos orientaes [1].

Preparavam-se collares, braceletes, diamantes artificiaes e outros ornamentos, empregados nos adornos feminis. Imitavam-se em vidro as flores, os fructos, e os animaes.

---

[1] Depping, *obr. cit.*, vol. I.

Os avellorios, a que se dava toda a sorte de côres e de tintas agradaveis, eram tão procurados, por toda a parte, como as perolas falsas. Os espelhos de Veneza não eram menos estimados; e o Levante não conheceu, durante muito tempo, outros espelhos senão os venezianos.

A republica tinha tambem fabricas de vidros de optica; e os respectivos artigos representaram objecto de grande exportação para o oriente.

Eram egualmente importantes as industrias de marmore, mosaico, esmalte, productos medicinaes. E tambem a ceramica, desde o seculo XV, começou a ter grande incremento. Havia notaveis majolicas sobre os aparadores.

A fabricação da seda começou no seculo XII, e, em breve, se tornou tão importante que os *camelões, brocados* e *carmezins* de Veneza rivalisaram com as manufacturas orientaes.

Foram até os Venezianos que introduziram essa industria na Italia. Tiveram de luctar a principio com a Sicilia, Genova e Luca; mas, por um lado, a conquista da Morea forneceu-lhes materia prima e tecelões experimentados; e, por outro lado, a destruição de Luca, em 1309, livrou-os da concorrencia d'esta cidade; e os proprios Luquenses, exilados por Castruccio, vieram

*

estabelecer-se em Veneza, dando grande desinvolvimento aos estofos de seda[1].

Para favorecerem os lucros da republica, os Venezianos, em 1410, prohibiram absolutamente a importação da seda, velludos e pannos d'ouro e prata, á excepção dos que tivessem padrões novos. E, para conservarem o renome da fabricação nacional, e fomentarem o seu desinvolvimento, os productos destinados á exportação tinham de ser previamente submettidos a uma inspecção official. As respectivas corporações eram regulamentadas e fiscalisadas com todo o rigor, não se admittindo n'ellas senão mestres experimentados.

A preparação de lanificios teve tambem um grande desinvolvimento. Já no fim d'este periodo, os pannos de Veneza passavam por ser dos melhores da Italia. A lã vinha principalmente da Inglaterra e Flandres; e o governo ordenou até que os negociantes, quando expedissem quaesquer mercadorias para Flandres, tomassem em troca os productos d'esse paiz, em vez d'ouro ou prata.

Os estofos de purpura e os pannos tecidos a ouro, que os Venezianos aprenderam a fabricar,

---

[1] Depping, *obr. cit.*, vol. I. — Heyd, *obr. cit.*, vol. II.

desde o seculo XIII, eram tambem muito apreciados.

Acontecia a mesma coisa com os fios d'ouro e prata, cuja industria exerciam principalmente em Chypre e Veneza. Os fios d'ouro designavam-se até pelo nome de *ouro de Chypre*.

A industria do algodão, cuja materia prima vinha do Egypto, Syria e Chypre, embora fosse explorada, desde o seculo XII, é que nunca teve grande desinvolvimento, pela concorrencia dos estrangeiros.

Deu-se egual facto com a industria do linho e canhamo. N'esse ponto, a Allemanha e Hollanda é que preponderavam.

E, da mesma fórma, a fabricação dos tapetes, que foi introduzida pelos Flamengos em 1241, nunca floresceu grandemente.

Uma outra industria que prosperou muitissimo, foi a da refinação do assucar.

Nas industrias derivadas do reino animal, a fabricação da cera teve egualmente grande importancia. Veneza fornecia cera para toda a christandade, como acontecia com o peixe.

Os Venezianos exerciam tambem com grande actividade a curtimenta e a preparação de pelliças, que reenviavam para os povos orientaes, d'onde ellas tinham vindo no estado bruto.

Assentes que foram definitivamente os fundamentos do governo, e que a força e progresso da republica lhe foi ministrando as condições de independencia duradoura, a architectura tomou grande progresso, estimulada pela necessidade das construcções e doutrinada no exemplo dos edificios romanos. As outras bellas artes e as sciencias é que não corresponderam, n'este periodo, á grandeza geral. É certo que, no seculo XIII, appareceu a pintura e a miniatura, e a poesia começou tambem a notar-se; e que, no seculo XII, o estudo da physica, metaphysica e direito chamaram a attenção publica. Mas, só no periodo immediato, é que Veneza se elevou, em todos os ramos, á grande altura do seu commercio.

Então, os esforços do governo, alliados ao valor e prestigio da universidade de Padua, tão protegida pelo governo, e o genio de Alexandre Victoria — o Miguel Angelo veneziano, os pintores André Murano, Bellini, Ticiano, Vecellio, Tintoreto, Veronesi, e os historiadores Sanudo e Aldus, deram a Veneza a gloria scientifica e artistica de que ella carecia [1].

---

[1] MPS. Oliphant, *The makers of Venice*.

Alludindo aos mais illustres venezianos, não podemos esquecer os irmãos Nicolo Polo e Matteo Polo, os primeiros

*
* *

Como acontece geralmente, o luxo foi crescendo, á proporção do desinvolvimento da republica, dando ao movimento industrial e artistico a respectiva influencia.

A principio, em que a simplicidade dos costumes, o trabalho rudimentar e os exercicios militares, absorviam a vida dos cidadãos, o povo, desprezando as vaidades vulgares, decretou, sob Paulo Tribuno, a egualdade do vestuario. Mas, pouco e pouco, se foram introduzindo as modas bysantinas.

Os homens ricos usavam de vestidos compridos até os pés, cingidos por um cinto ; por cima grandes mantos, apertados nos hombros com alamares d'ouro ; e traziam na cabeça barretes redondos ou bonés, encimados d'um botão, como ainda hoje usam os Marroquinos.

A côr azul era a preferida.

Os colletes de pelles de cordeiro, lobo cerval,

---

viajantes europeus que penetraram na China, e seu filho e sobrinho Marco Polo, que percorreu e descreveu uma grande parte da Asia.

zibelina, marta, ratos pequenos, e, principalmente, de herminio, estavam muito em voga, desde o seculo XI.

Além do barrete e do pequeno boné, ordinariamente branco, o uso dos capuzes (*capuzzale*) manteve-se por muito tempo.

As senhoras usavam de vestidos decotados, tecidos d'ouro e prata, presos por um cinto ao corpo, e arrastando pelo chão. Cobriam os hombros d'um largo manto, com cabeção de zibelina, e traziam os cabellos soltos, com boné grego, bordado a ouro.

Nas festas religiosas, em vez do barrete ou do boné, adornavam a cabeça d'um diadema de ouro, delicadamente cinzelado, e trocavam o manto de zibelina por um de seda bordada, que chegava egualmente aos pés.

Mais tarde, desde o seculo XVI até o seculo XVIII, usaram tambem do *pallio,* que era uma longa tunica sem mangas, á moda do oriente; e, debaixo do *pallio,* um collete aberto na garganta, apertado com atacadores, deixando vêr o lencinho do pescoço. Mas esse periodo já não pertence a este volume.

Nas casas ricas, havia muitos tapetes, estojos, joias, e muitos outros objectos, dos mais finos e luxuosos, vindos do oriente.

Emquanto ás classes pobres, as mulheres usavam tunica singela, e um véo que descia da cabeça até os hombros. Os homens vestiam tambem uma tunica muito curta, semelhante ao *sagus* ou habito militar dos romanos, e calções abotoados por cima do tornozello; ou, quando não traziam calções, fachas enroladas em volta das pernas. E usavam bonés forrados, capuzes, cabello e barba crescida.

As cruzadas, pelo contacto que os Venezianos tiveram com os Arabes, Francezes e demais Italianos, fizeram transformar o vestuario e substituil-o pelos magestosos vestidos orientaes, á moda franceza e italiana.

Os homens começaram então a usar casacos, de manga larga, apertados no pescoço, que chegavam até o joelho, e meias justas. E as mulheres, vestidos de cauda compridos, collares de perolas, colletes curtos, e sapatos de bico levantado, mais compridos que o pé.

A coifa e o boné foram supprimidos. Enrolavam as tranças em redor da cabeça, em forma de grinalda, e punham, por cima, redes de ouro.

O vestido era apertado na cintura, e tão aberto na frente que deixava vêr todo o collo.

Os adornos para o pescoço e os anneis para

os dedos estavam muito na moda. E havia tambem, como apanagio do luxo, enorme profusão de perfumes.

Apezar de tão grande ostentação, até os ultimos tempos d'este periodo, a vida das senhoras venezianas era muito recatada. As jovens, guardadas com muito cuidado, não podiam casar antes dos vinte annos, nem apparecer em publico, sem que um duplo véo de seda branca lhes cobrisse o rosto e parte do corpo. Era grande o amor de familia, e arreigado o sentimento da fidelidade da esposa. As senhoras partilhavam de ordinario o seu tempo nos cuidados do *menage* e na oração [1].

Tudo isso mudou depois do seculo XVI. O recato e moralidade trocaram-se por uma libertinagem desenfreada; e o fluxo, embora esmerado e artistico, requintou, mau grado ás leis sumptuarias. Novas industrias, como a de cabedaes dourados, com que até se forravam as paredes dos quartos, vieram resplandecer no cortejo de todas as outras; mas, agora, temos de nos limitar ao periodo da edade media.

---

[1] Molmenti, *obr. cit.*

*
* *

Com este desinvolvimento da industria, da marinha e do luxo, não admira que o movimento commercial tomasse o enorme incremento que tomou. E tanto mais que os Venezianos conseguiram differentes favores ou privilegios de alguns dos povos com quem tiveram relações mercantis.

Por exemplo, obtiveram dos Lombardos segurança e isenção de direitos nos seus mercados, d'onde a republica tirava muita aveia e muitos viveres. Carlos Gordo, em 883, outorgou-lhes tambem plena liberdade de commercio em todo o reino. No fim do seculo x, o imperador de Constantinopla concedeu ao doge Pedro Orseolo importantes immunidades ou *crysobulos* [1]. Em 1082, o imperador Alexis Comneno deu-lhes tambem a faculdade de possuirem terras e predios, e fundarem estabelecimentos e colonias commerciaes no seu imperio; de compartilharem d'algumas das cidades, como foram Caffa, Sidon (1110), Tyro (1123), Antiochia, Tripoli, Philadelphia, An-

[1] Era assim chamada a carta de qualquer concessão mercantil.

drinopli, Rodosto, Almyro, Thebas, Lemnos, Rodhes, Beiruth, Acre, Asia Menor, Chypre, Alep, Laodicea; e de venderem toda a especie de mercadorias, sem pagarem direitos. No seculo XIII, negociaram novos tratados, com os imperadores de Constantinopla, com o conde de Biblos, com o patriarca de Aquilea, com o imperador da Allemanha, com o sultão de Alep, e com as cidades de Padua, Bolonha, Osimo, Recanati, Umana. E conseguiram estabelecer, em geral, nos territorios conquistados pelos cruzados um governo especial para os seus concidadãos.

E, em verdade, o commercio veneziano foi enorme, apezar das restricções que a republica impunha, que eram muito grandes.

Assim, as mercadorias trazidas do Levante, com destino ao commercio interno e externo, deviam ser levadas primeiramente á alfandega de Veneza, para pagarem os respectivos direitos. E mesmo as da Europa, destinadas ao Levante, não podiam ser expedidas, senão depois de tocarem n'aquelle porto. Era prohibido ás cidades de Bergamo, Brescia e Cremona receberem especies, lãs, algódões e algumas outras mercadorias, que não fossem tiradas de Veneza. O governo fixava a quantidade da carga e o numero de homens que todo o comboio de navios devia ter. O ouro, a

prata e alguns outros objectos preciosos, só podiam expedir-se para fóra do golfo Adriatico, em galeras armadas. Era permittido introduzir pelas vias terrestres as mercadorias de França; mas para os productos do Levante que se destinavam ao occidente, esse transporte, só era admittido em tempo de guerra. Com relação ao commercio na França e Flandres, a republica exigia que os mercadores, em troca dos seus productos, trouxessem outros, que não fossem ouro ou prata. Os Allemães, Hungaros e Bohemios só podiam tratar com os Venezianos em Veneza, onde tinham de ir procurar as mercadorias que pretendiam comprar, por ser prohibido a qualquer Veneziano levar-lh'as ao proprio paiz. E, em geral, os cereaes e certas materias primas não podiam ser livremente vendidos aos estrangeiros.

Havia até pregoeiros em S. Marcos ou Rialto, para annunciarem que era prohibido a qualquer Veneziano comprar ou vender mercadorias em certos estados, sob pena de grandes multas ou confisco de bens e destruição da sua casa; e cursavam no Adriatico differentes galeras da republica, para expulsarem e capturarem os navios que levassem algumas d'essas mercadorias prohibidas.

As razões pelas quaes a republica impunha tantas restricções, eram multiplas.

Queria evitar que faltassem materias primas para a industria nacional, oũ escasseassem os generos de primeira necessidade para a alimentação; e por isso prohibia a exportação de certos productos e que certos generos vindos do estrangeiro fossem revendidos fóra da republica. Pretendia enriquecer a cidade de Veneza com os direitos fiscaes; e, por esse motivo, exigia que os navios tocassem n'ella. Desejava conseguir favores internacionaes ou obter privilegios mercantis; e, n'este sentido, concedia a certos povos o que negava a outros. Finalmente, pretendia acautelar as proprias mercadorias, e sequentemente a riqueza da republica, do azar dos piratas e do saque dos salteadores, prevenindo tambem por esse modo contendas internacionaes.

A ordem dos navios mercantes navegarem defendidos pelos navios do estado, bem como a prohibição dos Venezianos irem vender a terras da Allemanha, inspirava-se tambem nos mesmos intuitos.

*

* *

Os Venezianos importavam do oriente, e especialmente da India, os objectos do trafico

oriental, de que já fallámos, tratando dos Bysantinos: a seda, as pedras preciosas, as especies, as madeiras mais apreciadas, o marfim, o ouro e prata, que levavam para Constantinopla.

Tiravam cereaes do mar Negro, Estados Barbarescos, Sicilia, Morea e Candia, commercio este que representou uma phase muito curiosa.

Veneza, não tendo territorio proprio d'onde podesse tirar os cereaes precisos para a sua subsistencia, empregava todos os esforços, para que lhes não faltassem; e tanto mais que o grande numero de proletarios constituia um perigo eminente para o estado, em caso de fome.

O commercio com o oriente fornecia-lhe os meios de supprir esta necessidade; porque as regiões do mar Negro abundavam, como hoje, em cereaes, e a republica trazia, pelo estreito de Dardanellos, uma grande somma das provisões de que a sua immensa população carecia, e tinha até conseguido que os imperadores do oriente lhe garantissem tão importante ramo de commercio.

Quando os Latinos se apoderaram do throno da Grecia (1204), os Venezianos, que prudentemente se tinham reservado uma parte da conquista, e que dominaram de facto no commercio bysantino, ficaram ainda mais seguros das suas provisões. Mas, não contentes com isso, compra-

vam tambem muitos cereaes nos Estados Barbarescos, na Sicilia, e mesmo n'outros estados italianos, embora mal cultivados e pouco ferteis, comparativamente com as regiões do mar Negro e da Berberia.

Tinham até realisado com alguns pequenos governos, como Padua, Ravenna, Ferrara, Treviso, Aquilea, tratados particulares para a compra de cereaes. E, em certos annos de falha, chegaram a bloquear as boccas do Pó, e a comprar á força os cereaes que desciam pelo rio.

Comtudo, o celleiro principal era sempre o do mar Negro.

Por isso, quando a dynastia grega, auxiliada pelos Genovezes, subiu ao throno de Bysancio, e destruiu a influencia dos Venezianos, foi para estes uma calamidade, não só com respeito ao commercio externo, mas tambem com respeito á salvação da propria cidade de Veneza. Houve logo falha em todo o tempo do doge Tiepolo.

N'estes embaraços, o governo, em 1271, fez guerra a Bolonha, e, alguns annos mais tarde, a Padua e a Treviso, que recusavam vender-lhe o trigo, pelo baixo preço estipulado anteriormente; assim como á cidade de Ancona, que defendia a liberdade das boccas do Pó.

Quanto aos subditos venezianos que habita-

vam em terra firme, era prohibido levarem os cereaes para fóra de Veneza, sem, pelo menos, virem offerecel-os, primeiramente, a seus senhores [1].

Quando, porém, mais tarde, a republica adquiriu a ilha de Candia e a Morea, achou ahi um solo fertil, capaz de munir uma parte dos seus armazens, e que suppriu a perda dos mercados do mar Negro.

Além d'isso, nos tempos de abundancia, a marinha nacional exportava o superfluo da colheita das tres partes do mundo, então conhecido, que affluia aos armazens venezianos; e as mercadorias de Veneza, e as de outros paizes, transportadas em navios da republica, serviam, em grande parte, para pagar os cereaes do Levante.

Um outro artigo importante do trafico veneziano era a madeira de toda a especie, que Veneza, situada nas lagunas, onde iam desembocar os rios de Istria e Friul, podia adquirir, com pequena despeza. Por isso a republica fez sempre n'esse genero um grande commercio com o estrangeiro, o que deu logar a grande fabricação

---

[1] Depping, *obr. cit.*, vol. I. — Marin, *Storia del Commercio dé Veneziani*, tomo VII.

de obras de marcenaria, n'um dos bairros da cidade, que se exportavam, em muita quantidade, para o Levante, Africa e Asia [1].

Os Venezianos faziam tambem no Egypto um grande commercio. Forneciam-lhe madeira e mineraes, que o solo egypcio não tinha, pannos, armas, vidros, e artigos de ourivesaria e joalheria. Em troca, o Egypto dava-lhes trigo e escravos, que representavam uma das grandes mercadorias de Veneza, para o consumo proprio e commercio externo.

Com as regiões do mar Negro, tambem os Venezianos faziam negocio importante: já pelos entrepostos que tinham n'essa região; e já pelos cereaes que traziam da Crimeia, onde affluiam das terras negras da Russia.

Na Italia, a influencia commercial de Veneza era tambem enorme, e as suas rivaes nunca a poderam destruir.

Já Carlos Magno, em troca do auxilio que os Venezianos lhe prestaram, no cerco de Pavia, lhes concedera, em 802, differentes privilegios mercantis, na parte da Italia em que elle dominava. De-

---

[1] Depping, *obr. cit.*, vol. II, pag. 298.

pois, a conquista do littoral dalmatico, muito mais cultivado que actualmente, ao passo que lhes proporcionou vinho, azeite, fructa, gado e outros productos, e lhes facultou o accesso do Danubio, da Allemanha meridional e da Russia, abrindo-lhes por ahi as communicações terrestres para o mar Negro, veiu augmentar a sua influencia na peninsula italiana, como recoveiros dos productos d'essas duas regiões.

O commercio com a Allemanha foi insignificante no principio, e limitou-se ás regiões do sul; já porque as communicações com o norte, eram difficeis; já porque os Allemães preferiam surtir-se dos productos do oriente por Constantinopla, para onde transportavam pelo Danubio os seus proprios artigos; e já porque não havia entre os dois paizes grande affinidade, desde que a republica luctara pelos papas contra os imperadores. Os Allemães eram mesmo tratados rigorosamente em Veneza. Só podiam vender as suas mercadorias a commerciantes venezianos. Não podiam introduzir a seda d'Allemanha ou Lombardia. Se vendiam prata, a quinta parte era adjudicada á casa da moeda. E estavam sujeitos a pesados impostos.

Mas, pouco e pouco, este rigor foi diminuindo, e as relações entre os dois povos se fo-

ram alargando. Logo que os Venezianos foram monopolisando o commercio do oriente, os Allemães preferiram munir-se directamente d'elles; e, já no seculo XIV, esse commercio era grande, por fórma que muitas cidades, como Augsburg, Nuremberg e outras, se forneciam dos productos orientaes directamente por Veneza. E, por seu lado, a republica tirava da Allemanha uma quantidade enorme de madeira, quinquilherias e outros objectos miudos, que vendia depois, com grande beneficio, nos mercados do oriente.

Emquanto aos Paizes-Baixos, se os Venezianos foram lá recebidos menos gratamente que os Inglezes e Allemães, o que se explica pela mutua rivalidade, porque os Hollandezes lhes disputavam a primazia commercial do mundo, houve sempre relações commerciaes entre uns e outros. Os Hollandezes surtiam uma grande parte do seu mercado com productos orientaes, por intervenção dos Venezianos; e estes commutavam as especies e drogas, que traziam do Levante, pelos productos do norte, comprados aos Hollandezes.

Relativamente ao oeste e nordoeste da Europa, os Venezianos importavam lãs da Inglaterra, principalmente, por troca dos productos

do oriente. E, na Hespanha, faziam tambem um grande commercio, cujo centro era Cadiz.

Como lei reguladora de tão largo trafico, adoptaram, desde o seculo XIII, o *consulado do Mar*, que, durante muito tempo, constituiu o direito commercial dos navegadores, como já vimos. A par d'isso, tinham tambem disposições privativas, contidas no *Capitolare Nauticum*; e essas disposições preponderavam nos tribunaes [1].

*

* *

A cidade de Veneza era, por assim dizer, o unico centro da republica, na peninsula italiana, porque o systema de restricções do seu commercio fazia vêr com inveja o progresso das outras cidades. Contou, nos tempos da sua grandeza, 200:000 habitantes, fóra a numerosa população fluctuante.

Mas, ainda assim, merece uma especial menção Zara (Zadar), de que os Venezianos tinham feito uma ilha, separando-a do continente por um fosso. Substituiu a antiga Jader, capital dos prin-

---

[1] Pag. 85.

cipes slavos, que se achava a uns 30 kilometros para o sudoeste, e que os Venezianos arrazaram, em 1127, mudando os seus habitantes para Zara. E das ruinas de Jader surgiu tambem a cidade de Biograd, ou *cidade Branca,* chamada pelos marinheiros italianos *Zara Vechia.*

Como capital da Dalmacia e centro do commercio e das explorações de Veneza, n'essa região, Zara foi, apezar do egoismo dos Venezianos, uma cidade mercantil importante, e destacou-se muito de todas as outras que a republica possuiu na peninsula.

Aquileia, que Attila incendiou, quando era uma das maiores cidades do mundo, a ponto de conter 500:000 habitantes, e que depois foi reconstruida das proprias ruinas, teve ainda uma certa importancia, na primeira metade da edade media, contribuindo para essa importancia o facto de ser a séde religiosa do respectivo patriarca. Mas depois d'isso, decaiu de todo, por causa da rivalidade de Veneza e das grandes mudanças politicas.

Demais, pela oscillação do respectivo solo, o curso do rio que lhe servia de porto, deslocou-se; o littoral abaixou, pelo menos, metro e meio; e o ar da região, outr'ora notavel pela sua pureza, tornou-se doentio. De fórma que se foi despo-

voando, e foram caindo em ruina os seus edificios, de cujos marmores Veneza se adornou.

Murano, na ilha do mesmo nome, a duas milhas de Veneza, era tambem muito importante, por ser o centro principal das fabricas de vidro e cristal.

*

* *

O primeiro dinheiro cunhado em Veneza relacionou-se com o systema de Carlos Magno. Por isso, como este imperador dividira a libra em 20 soldos e o soldo em 12 dinheiros, tambem os Venezianos dividiram a libra, ou, na sua propria linguagem, *a lira*, em 20 soldos, e cada soldo em 12 *dinaros* ou dinheiros; cada *dinaro* chamava-se tambem *parvus, parvulus, minuto*, *piccolo* ou *picciolo*.

A lira, assim dividida, chamou-se, por isso mesmo, *lira de piccioli;* e, as primeiras moedas tiveram o nome do filho de Carlos Magno — Luiz, o Piedoso.

No decurso carlovingiano, houve uma interrupção na cunhagem veneziana, que só recomeçou no seculo XI. Mas, então, principiou a predominar o systema dos imperadores germano-

romanos, de que fallaremos a seu tempo, e as moedas cunhadas tiveram os nomes de Henrique II (1002-1024), Conrado II (1027-1039), e Henrique IV (1056-1106).

D'ahi por diante, o dinheiro imperial deixou de ter curso forçado em Veneza, e principiou a vigorar, com Vital II (1156-1172), o dinheiro nacional.

Coincidiu isto com a depreciação no peso das moedas, adoptada geralmente por toda a Europa; e, tambem por esse motivo, os dinheiros fabricados, em 1172-1178, pelo doge Sebastiano Ziani, e pelos seus dois successores, tiveram apenas um quarto do peso dos dinheiros de Carlos Magno.

Esta depreciação levou a republica, em 1200, a fabricar uma peça, tambem de prata, mas de maior peso, chamada *grosso,* que valia 26 *piccioli* ou dinheiros, e que, durante setenta annos, desbancou o *picciolo.* Só em 1270, recomeçou a cunhagem d'esta outra moeda, sob o doge Lorenzo Tiepolo, mas reduzida no seu valor, por fórma que o *grosso* correspondia a 28 *piccioli,* em vez de 26.

Depois, em 1470, o *grosso* tornou-se uma simples moeda de referencia, com o mesmo valor, até o fim da edade media. As variantes posteriores a

este periodo já não pertencem ao presente volume.

A moeda d'ouro principiou no governo de Giovani Dandolo, que mandou cunhar, em 1284, o *ducado* d'ouro, o qual, alguns annos depois, começou a chamar-se *zechino* ou *sequim* [1], valendo 18 *grossos,* na razão de 16,6 entre a prata e o ouro. Correspondia, por isso, n'essa occasião approximadamente a 2$127; mas o seu valor foi variando até 1472, por tal fórma que os inconvenientes d'essas variantes deram logar á remodelação monetaria, feita pelo doge Nicolo Tron (1471-1473), e por seus successores Nicolo Marcello (1473-1474) e Pedro Mocenigo (1474-1476).

D'ahi por diante, o *grosso* foi abolido como moeda real, e creou-se a *lira,* correspondendo ao valor actual de 180 reis. Foi essa a primeira apparição de uma moeda, assim chamada, real e effectiva; porque, até ahi, a lira representava apenas um dinheiro ideal, comprehendendo 20 soldos, e variavel, segundo a cotação de cada soldo.

Pelo decreto de 1472, trinta e seis d'estas liras correspondiam a um marco de prata.

Por causa do nome do doge que a creou, foi

---

[1] Pag. 97. — Shaw, *The history of currency.*

tambem conhecida por *lira Tron,* durante seculos; e, embora variasse de valor, depois do seculo XVI, conservou-se fixa n'este periodo.

O valor do ducado d'ouro é que poucas variantes soffreu, até o fim da edade media.

O governo de Veneza cunhou tambem outras moedas de prata de menor importancia, que serviam para as transacções interiores, como o *ginocchiello*, do valor de 16 a 18 piccioli; o *mezanino* ou meio *grosso;* o *canoglelo,* equivalendo a 9 piccioli; o *grossone,* pesando 61 grãos e valendo 8 soldos, e o *quartino* ou quarto de soldo.

A par da circulação da moeda, havia tambem a agencia bancaria. E, n'essa parte, cabe aos Venezianos a gloria de terem fundado em 1157, o primeiro banco, com o nome de *Monte,* e depois de *Banco del giro,* que se tornou um estabelecimento importantissimo [1].

*

* *

O commercio fazia-se principalmente por mar. Era até prohibido trazer para o territorio vene-

---

[1] Noel, *obr. cit.*

ziano generos do oriente por outra via, porque assim vinham defendidos pelas esquadras. Só no caso de guerra maritima, se recorria ás vias terrestres; e, para isso, os Venezianos tinham concluido tratados com os reis da Bosnia e Bulgaria, por onde podiam ir mais facilmente do littoral dalmatico para Constantinopla. Mas, quando Veneza perdeu a sua importancia na capital do imperio grego, e, sobretudo, quando os Bysantinos succumbiram sob o jugo dos Musulmanos, estas vias tornaram-se muito arriscadas.

Por outro lado, como vimos, era prohibido aos Venezianos transportarem directamente as suas mercadorias pelos caminhos da Allemanha, por causa dos perigos d'esse transito, e para que se não prejudicasse o commercio maritimo. Os Allemães é que vinham ao territorio veneziano. De modo que, para o commercio maritimo, a republica exigia que os transportes fossem feitos sómente pelos nacionaes, e, para esse outro commercio terrestre, exigia que fossem feitos pelos estrangeiros.

Varios caminhos serviam para isso. Um atravessava o Tirol, e dirigia-se a Ratisbonna e Nuremberg, centros importantes, onde vinham dar tambem muitos productos dos paizes mais septentrionaes e até das regiões do oriente.

Um outro passava por Villach, na Carinthia, e dirigia-se a Augsburgo, Nuremberg e Vienna, que faziam grande commercio com Veneza.

E havia tambem uma estrada, com direcção á Silesia, que tinha, na edade media, chegado a abrir uma communicação directa com o oriente, por onde os productos levantinos vinham ter a Breslau, centro do respectivo commercio.

A communicação de Veneza com a França era pela passagem do monte Cenis.

*

* *

Terminamos aqui o estudo commercial d'esta republica, na edade media. Muito mais poderiamos dizer, se não fossem as proporções d'este livro; mas o que fica exposto, é sufficiente, para dar a conhecer o grau de esplendor que Veneza attingiu.

E, para compendiar em resumo a prosperidade a que ella chegou no seculo XV, transcrevemos as palavras proferidas, em 1421, pelo doge Thomaz Mocenigo, em pleno senado.

Faltou-lhe mencionar o grande trafico do sal, cereaes, madeira e de outros objectos; mas em

todo o caso, essas palavras contém uma synthese do grande movimento commercial dos Venezianos.

«Todas as semanas nos chegam de Milão dezesete a dezoito mil ducados; de Monza, mil; de Cômo, tres mil; de Alexandria, mil; de Tortona e de Novara, dois mil; de Pavia, dois mil. A mesma quantidade, de Cremona e de Parma; de Bergamo, mil e quinhentos. Todos os banqueiros declaram que, cada anno, o Milanez tem de nos saldar dezeseis mil ducados. Tortona e Novara compram por anno seis mil peças de panno; Pavia, tres mil; Milão, quatro mil; Cremona, quarenta mil; Cômo, doze mil; Monza, seis mil; Brescia, cinco mil; Bergamo, dez mil; Parma, quatro mil; ao todo, noventa e quatro mil peças. Estas cidades nos enviam, além d'isso, d'ouro fino um milhão quinhentos cincoenta e oito mil sequins. Nós fazemos com a Lombardia um commercio de vinte e oito milhões de ducados. Os Lombardos nos compram, todos os annos, cinco mil milhões de arrateis de algodão, vinte mil quintaes de fio, quatro mil milhões de arrateis de lã da Catalunha e outro tanto da França, estofos d'ouro e de seda, por duzentos e cincoenta mil ducados; tres mil cargas de pimenta, quatrocentos fardos de canella, duzentos milhares de gengibre, por noventa e cinco

mil ducados de assucar; outras mercadorias, para coser e bordar, no valor de trinta mil ducados; quatro mil milhões de pao de tingir; cereaes e plantas industriaes, no valor de cincoenta mil ducados; de sabão, duzentos e cincoenta mil ducados; escravos, trinta mil. Eu não conto o producto dos saes. Considerae quantos navios a cobrança d'estas mercadorias entretem em actividade, ou seja para as levar á Lombardia, ou para ir procural-as á Syria, Romania, Catalunha, Flandres, Chypre, Sicilia e a todos os pontos do mundo. Veneza ganha dois e meio a tres por cento sobre os fretes. Vêde quantas pessoas vivem d'este movimento; corretores, obreiros, marinheiros, milhares de familias, e, emfim, mercadores, cujos beneficios não se elevam a menos de seiscentos mil ducados. Sabei que todos os annos Verona toma duzentas peças de estofos de ouro, prata e seda; Vicencia, cento e vinte, Padua, duzentos, Treviso, cento e vinte; o Friul, cincoenta; Feltre e Bellune, doze; e que vós forneceis a estes differentes paizes quatrocentas cargas de pimenta, cento e vinte fardos de canella, cem milhões de gengibre; cem milhões de assucar, e duzentos pães de cêra por anno. Florença nos envia mercadorias, no valor de dezeseis mil sequins, e trezentos e cincoenta mil, em especies,

pelas quaes ella recebe lãs da Hespanha e da França, sementes, sedas, ouro e prata em fio, cêra, assucar e joias. Emfim, o commercio de Veneza põe em circulação, cada anno, dez milhões de sequins. »[1]

---

[1] Depping, *obr. cit.*, vol. I, pag. 176. — Marin, *Storia del commercio dé Veneziani*, vol. VII, liv. II, cap. III. — Daru, *Histoire de Venize,* tomo II, liv. XII. — Noel, *obr. cit.*, vol. I.

CAPITULO VI

Os Genovezes

Historia politica da republica de Genova.—Rivalidade com Veneza e Pisa, e luctas que essa rivalidade produziu.—Escassez de productos proprios. — Em compensação, admiravel situação mercantil da cidade de Genova, e como, em vista d'esta situação e da falta de productos proprios, a republica genoveza foi naturalmente levada para a industria, commercio e navegação. — Seu desinvolvimento n'esses ramos. — Colonias genovezas. — Relações entre a republica e os paizes estrangeiros. — Privilegios que ella obteve. — Commercio com a Italia. — Centros principaes. — Dinheiro. — Communicações.

A cidade de Genova existia já desde longa data, quando foi conquistada pelos Romanos e incorporada na Gallia Cisalpina; e, já no tempo dos Carthaginezes, florescia, a ponto de despertar a cubiça e ambição de Magon, irmão de Annibal, que a saqueou e destruiu.

Tres annos depois, foi reedificada pelos Romanos, e gosou de uma longa tranquillidade, debaixo da protecção d'elles.

Pela queda do imperio, andou successivamente nas mãos dos barbaros, até cair sob o poder de Carlos Magno. Tornou-se independente com os successores d'este principe, tendo a principio um governo incerto e irregular; mas, já no seculo x, este governo tomou formas definidas, creando-se consules, cujo numero variava de quatro a seis, e cuja duração, embora não estivesse rigorosamente fixada, se torneu annual. Cada um dos seis bairros em que se dividia a cidade, elegia tambem um juiz ou capitão, para garantia ou manutenção dos seus direitos contra a aristocracia. Havia um senado, mas com poderes muito limitados.

Organisada a republica, e forte já pelo commercio e navegação, enriqueceu-se immensamente, durante as cruzadas, transportando peregrinos e munições, traficando com o oriente, e fazendo-se tambem pagar generosamente dos serviços que prestava. E caminhou então commercialmente, a par de Pisa e Veneza, suas rivaes.

Esta rivalidade, porém, devia trazer a lucta d'umas com as outras; e, naturalmente, Pisa, que estava mais proxima, e que era a menos poderosa, devia ser o primeiro alvo d'essa lucta.

Effectivamente, emquanto as cruzadas occupavam ao longo as armadas de todas ellas, não

se effectuou o rompimento; mas, logo em 1102, rebentou a primeira guerra, em que os Pisanos tiveram de assignar uma paz vergonhosa [1].

A par da força e auctoridade que resultou d'essa victoria para a republica de Genova, accresceu que, no meado do mesmo seculo XII, ella acabou de reunir aos seus dominios os valles da visinhança, e todas as pequenas cidades das duas margens, Albenga, Savona, Noli, Ventimiglia, Porto Maurizio, Savona. E, proseguindo ao longo da costa franceza, adquiriu, desde o golfo de Varo até Arles, Nice, Montpellier e Monaco, a par do livre trafico nas terras do duque de Narbonna e nas de Hugo, duque de Borgonha. Mesmo a cidade de Marselha esteve por algum tempo debaixo do seu poder [2].

A lucta com os Pisanos continuou até o fim do seculo XIII, e acabou por Genova, depois de os ter destroçado na batalha naval de Meloria, lhes arrancar a ilha de Corsega e Sardenha, e destruir o porto de Pisa e a armada pisana (1290).

---

[1] N'esta paz, os Pisanos obrigaram-se até a não deixar de pé senão o primeiro andar das suas casas. Não tendo, porém, cumprido essa condição, seguiu-se nova guerra.

[2] Cesar Cantu, *obr. cit.*, vol. V. — Carlo Pagano, *Delle Imprese e del Dominio dei Genovesi nella Grecia. Illustrazione terzia e quarta.*

*

Já os Genovezes, em 1264, com o restabelecimento do imperio grego, haviam conseguido do imperador Miguel Paleologo muitas vantagens commerciaes, entre ellas o bairro de Pera ou Galata, em Constantinopla [1]. Obtiveram tambem as cidades de Caffa, Smyrna, Chio, Metellin, Tenedos (1260-1295); e, com isso e com a destruição de Pisa, tornaram-se a primeira potencia commercial da Europa.

Este augmento de riqueza, esta preponderancia em Constantinopla, e a rivalidade que havia, desde ha muito, com Veneza, não podiam deixar de trazer, por sua vez, a lucta das duas republicas.

N'essa lucta, Genova obteve primeiramente a vantagem; mas, por fim, as dissensões e mudanças politicas, as pequenas revoluções interiores, as rivalidades de differentes familias, por exemplo, dos Dorias e Spinolas, dos Grimaldi e Fieschi, enfraquecendo o estado e obliterando o patriotismo, trouxeram a supremacia incontestada de Veneza.

E fallamos das mudanças politicas; porque, realmente, os Genovezes, mudando, depois das

---

[1] Pag. 147.

cruzadas, successivamente de governo, e em continuadas luctas interiores, obedeceram seguidamente a *podestás* estrangeiros, a *dictadores,* sob o titulo *de capitani* (1257), e a *protectores* (1270), que governavam juntamente com os *abbades do Povo,* especie de tribunos. Em 1339, adoptaram tambem o governo dos doges ou duques. E, incapazes de se governarem, entregaram-se depois nas mãos dos Francezes, em seguida nas do marquez de Monferrat e nas dos duques de Milão. Tinham perdido, no meio d'essas revoluções, a maior parte dos seus dominios. A invasão dos Turcos tirou-lhes egualmente os estabelecimentos do mar Negro e do Archipelago (1475). E andaram, por fim, até o seculo XVI, ora nas mãos da França, ora nas de Hespanha, ora sob o governo passageiro de concidadãos, levantados á superficie, umas vezes, por ambição, no manejo das intrigas, e, outras vezes, por patriotismo, até que foram dominados por Luiz XII, rei de França. Ao mesmo tempo, a ruina do caminho commercial do Mediterraneo veiu tambem completar a ruina commercial da republica.

Os factos occorridos depois d'essa epoca hão de ser apreciados n'outro livro.

*

* *

O territorio de Genova estendia-se pelas costas da antiga Liguria, ficando apertado entre o mar e os Apeninos. Mas, no seculo XII, como vimos, alargou-se por todos os valles da visinhança e pelas pequenas cidades de ambos os lados.

Apezar de haver n'esse territorio, vides, laranjeiras, oliveiras e amoreiras, é certo que além da sua estreiteza relativa, era esteril, erriçado de rochedos, e a costa pouco piscosa. Não havia rios que communicassem com o interior, nem qualquer portella das montanhas, que desse, como a Veneza, facil accesso para o norte.

Merecem por isso fraca menção os productos naturaes de Genova. Falhava a pesca e o sal, que faziam a riqueza de Veneza. As montanhas eram tambem pobres de arvoredo; e o vinho, laranjas, limões e fructas do territorio, pouco abundantes [1].

Em compensação, o porto, amplo e seguro,

---

[1] Carlo Pagano, *obr. cit.*, *Illustrazione prima.* — E. Reclus, *obr. cit.*, *L'Europe Méridionale.* — Cesar Cantu, *Histoire des Italiens*, vol. IV.

abrigado pelos montes, convidava ao commercio e á navegação. O commercio e a navegação, alliados á pobreza do solo, despertaram a industria, como indispensavel á vida. E a corrente navegadora e commercial de Italia, unida á educação maritima de Genova, impulsionaram e accentuaram o seu progresso economico.

Ainda assim, Genova, não foi tão notavel nas industrias como Veneza, nem attingiu nas sciencias, nas letras e nas artes tão grande desinvolvimento [1]. No que, porém, se distinguiu a par da sua rival, e algumas vezes lhe excedeu, foi no commercio, na marinha e navegação. A respectiva posição no Mediterraneo, melhor do que a de Veneza no Adriatico, influiu tambem para isso.

*

*　*

Escusamos de especialisar os objectos da industria e commercio de Genova. Embora em me-

---

[1] Apezar dos escriptores concordarem em que Genova se applicava pouco ás letras e ás sciencias, sairam da republica muitos homens celebres. Não mencionando mesmo os grandes navegadores Colombo e Cabot, lembraremos Gregorio VII, Innocencio IV, Adriano V, Nicolau V, Sixto IV, Innocencio VIII, Julio II, Urbano VII, os Dorias, Spinola, e Carlos Grimaldi.

nor ponto, eram quasi da mesma natureza que os de Veneza. Notaremos apenas em particular a fabricação dos tecidos de algodão, lã, velludos, setim e sabão, em que os Genovezes attingiram um grande desinvolvimento, mesmo superior aos das outras industrias. Nos *ateliers* de Genova, teciam-se algodões de Chypre, Alexandria, Malta; lãs de Catalunha, Berberia, Provença e ilhas Baleares; e havia fiações de ouro e prata, e fabricação de pannos e outros estofos.

Os Genovezes eram tambem peritos na curtimenta e preparação de marroquins [1].

Emquanto á marinha e navegação, data de muito longe o seu desinvolvimento; e contribuiu tambem para isso a necessidade que os Genovezes tiveram de se defender dos Sarracenos e dos piratas.

Effectivamente, pelos incommodos que os Sarracenos, estabelecidos na Sicilia, causavam aos povos costeiros do Mediterraneo, e pelas conquistas que fizeram na Sardenha, na Corsega e na Hespanha, a navegação mercante de Genova, assim como a de Pisa, foram timidas e receiosas nos

---

[1] Depping, *obr. cit.*

primeiros tempos; mas, em compensação, o temor d'aquelles povos obrigava os Genovezes a guardar e defender as costas da Toscana e Liguria, a fim de impedirem que elles desembarcassem. E d'ahi resultou que a marinha militar se desinvolveu, desde logo, influindo poderosamente na marinha mercante [1].

Já no tempo de Carlos Magno, o conde Ademar, a quem elle deu o governo de Genova, com o encargo de defender as costas d'Italia das invasões e roubos dos Sarracenos, organisou e commandou uma frota contra elles, por forma que os Genovezes poderam expulsal-os da Corsega e dominar essa ilha.

Em 936, tambem os Genovezes fizeram grande carnagem nos piratas, nas costas da Sardenha; e, em 1017, juntos com a armada de Pisa, derrotaram os Musulmanos. Por isso, quando veiu o tempo das cruzadas, já a sua marinha era notavel, e já se tinha illustrado por feitos de primeira grandeza. E, depois, augmentou prodigiosamente, pelo desinvolvimento do commercio; pela somma de fretes provenientes do transporte dos pere-

---

[1] Ludovico Sauli, *Della colonia dei Genovesi in Galata.*

grinos e mercadorias; pelos privilegios que os Genovezes alcançaram no oriente; e pelo estabelecimento dos seus *fundacos* e das suas colonias.

Esta industria era tambem regulamentada na construcção, no carregamento e na direcção, pouco mais ou menos, como em Veneza. E tal foi o desinvolvimento e reputação que os Genovezes attingiram n'esse genero que, quando o rei D. Diniz de Portugal, em 1317, quiz levantar no seu reino a construcção maritima e a navegação, foi tambem um genovez, chamado Micer Manoel Pezagno, com vinte capitães experimentados, que elle chamou para o seu serviço; e, em 1306, o rei da França, Filippe o Bello, reforçou de onze galeras genovezas a frota que enviou contra Flandres, e que, sob o commando de um Grimaldi, contribuiu muito para o bom resultado da campanha [1].

Eram tambem genovezes os grandes navegadores Sebastião Cabot e Colombo, o descobridor da America.

---

[1] Carlo Pagano, *obr. cit.* —Scherer, *obr. cit.*, vol. I.

*

* *

Com respeito ás relações commerciaes com os outros povos, além do que já dissemos no capitulo II, temos a accrescentar que Veneza, na maior parte da Italia, e tambem, a norte e nordeste da Europa, fez sempre um commercio maior do que Genova; porque tinha a seu favor a situação. Na Hespanha, porém, deu-se o contrario; porque, tendo os Genovezes tomado aos Mouros, em 1115, a ilha Majorca e algumas cidades hespanholas, entregaram-nas depois ao rei de Castella; e em troca obtiveram differentes privilegios mercantis, como o estabelecimento de feitorias em Valença, Alicante e Carthagena. De maneira que, d'ahi, por diante, fizeram grande commercio com os Arabes e com os christãos da peninsula.

Da mesma forma, em 1127, em que Barcellona era governada por condes, os Genovezes obtiveram d'elles o direito de navegar e traficar livremente nas costas da Catalunha.

Em 1136 a 1160, deram cabo dos corsarios que infestavam o Mediterraneo, e cercando Almeria, unidos aos condes de Barcellona e aos

reis de Castella, destroçaram os Sarracenos, sob o commando do almirante genovez Arnaldo Doria: o que augmentou muito a influencia de Genova.

Em 1230, reconquistaram Majorca aos Arabes para os reis de Aragão, que lhes cederam uma parte d'esse territorio; e ahi fundaram um estabelecimento, que se converteu n'uma estação importante para o commercio genovez no oriente. Depois, no seculo XIII, tendo já consules em muitas partes da Hespanha, ainda o rei de Castella lhes permittiu residirem e terem um outro consul em Sevilha, e estabelecerem lá feitorias. E, a par d'estes privilegios nos estados christãos, celebraram, em 1258, convenções commerciaes com o rei de Granada.

No sul da França, obtiveram egualmente grande influencia mercantil, sobretudo pela transferencia do papado para Avinhão.

Eram ahi os senhores do commercio interior, e ahi promoveram a fabricação de pannos, de que faziam um dos grandes ramos da sua riqueza: tanto mais que obtiveram dos condes de Provença, a quem soccorreram contra os Mouros, isenção dos direitos aduaneiros, nos portos situados a oeste do Rhodano.

Foram tambem os Genovezes que iniciaram as relações directas por mar com a Inglaterra e

com os Paizes-Baixos, ainda primeiramente que os Venezianos; e Bruges e Anvers receberam muito bem as suas companhias, que lá depositavam as respectivas mercadorias, e d'ahi as dirigiam para a Dinamarca, Suecia, Inglaterra, Russia e Allemanha.

Anteriormente, as lãs inglezas, principal producto de exportação de Inglaterra, n'este periodo, vinham por mar até Bordeus; subiam depois o Garona; tocavam Montpellier; e iam por fim a Aigues-Mortes embarcar para a Italia. E os productos do oriente eram expedidos para os Paizes-Baixos, pelas communicações do Rhodano, Saone, Doubs, Mozella e Rheno. Estes caminhos, porém, tinham de ser naturalmente abandonados, com o desinvolvimento da navegação; e foram os Genovezes os primeiros que estabeleceram directamente por mar as relações commerciaes com esses dois paizes.

Por isso, fizeram elles com o oeste e noroeste da Europa um commercio maior que Veneza. E acontecia a mesma coisa nos paizes barbarescos.

Em Tunis, possuiu Genova a cidade de Gigil ou Gigra, de que fez um porto franco; e tinha em Ceuta um consulado, que era geral para todo o imperio marroquino. Esta importancia era

devida á sua marinha, que perseguia continuadamente os piratas, e reprimia e vingava directamente as offensas.

Mesmo as cidades da Alta Allemanha faziam com Genova um commercio notavel. Os Allemães, para facilitarem esse commercio, abriram até uma bella estrada, ao longo do Rheno e Mena, para a cidade de Nuremberg. E os Genovezes, livres de todo o imposto, percorriam as margens do Danubio, e a Dalmacia, Hungria, Polonia. Em 1358, obtiveram do imperador Carlos IV, muitos privilegios na Bohemia e Allemanha; e, em 1379, conseguiram do rei da Hungria a concessão de consulados, e o direito de habitação em differentes logares do reino [1].

A republica genoveza teve tambem, no mar Egeu, Chio, Lesbos, Lemnos e outras ilhas.

Emquanto ao seu commercio em Constantinopla, no mar Negro e no oriente, já dissemos alguma coisa, tratando dos Bysantinos, e fallaremos ainda largamente no capitulo XI.

Agora notaremos sómente que, no littoral do mar Negro, os Genovezes fundaram a colonia de Caffa, e que essa colonia predominava sobre mui-

---

[1] Carlo Pagano, *obr. cit.*, pag. 192.

tas outras, que egualmente poderam estabelecer n'essa região, como: Soldaja (Sudak), Gotia, Cerco, Taman e a respectiva peninsula; Copa, na Circassia; Totatis, na Mingrelia; Rubatscka, no Daghestan; o castello perto de Trebizonda; o entreposto de Sebastepol; o grande mercado de Tana.

E, em Constantinopla, Genova adquiriu, como vimos, um bairro consideravel — o de Pera ou Galata, onde estabeleceu uma colonia importantissima; e d'ahi dirigia, por meio dos seus magistrados, as regiões menos distantes: Zaccaria, Phocida de Gatilussi, Achaia dos Centeri, (outrora Canea de Candia), e um grande numero de ilhas e portos, no Archipelago: Famagusta e Limisso, com outras localidades, em Chypre; Cassandria, Ainos, Salonica, Cavalla, na Macedonia; Sofia, Nicopolis e outras colonias, na Bulgaria; Suczawa, na Moldavia; Smyrna, Phocea Antiga, Phocea Nova, na Asia Menor; Altoluogo e Setalia, entre os Turcos; Kars, Sis, Tarso, Lajazzo, nas duas Armenias; Heraclea, Sinope, Cartrice e Akerman, no mar Negro [1].

Até ás cruzadas, Genova e Pisa tinham exercido a sua actividade, na parte occidental do Me-

---

[1] Cesar Cantu, *Histoire des Italiens*, vol. VII, pag. 113.

diterraneo. Veneza tinha percorrido de preferencia o mar Adriatico e as aguas que banham o imperio grego. Pela primeira vez, as tres republicas se encontraram n'um terreno commum — a Syria.

E, não obstante a precedencia de Veneza, Genova e Pisa tinham adquirido uma tal importancia, e tão activa e forte era a sua vida municipal, que já nenhuma nação estrangeira podia travar a acção que ellas pretendiam exercer nos mares do Levante.

Assim, em 1097, os Genovezes ajudaram a cercar e tomar o porto de S. Simeão, perto de Antiochia. D'ahi lhes provieram grandes privilegios, e n'elle exerceram o direito de soberania; e, embora esse porto fosse depois incorporado no principado de Antiochia, Bohemond, o novo principe, fez-lhes donativo de trinta casas situadas no interior da cidade de Antiochia, da egreja de S. João, d'um bazar e d'uma fonte, favorecendo consideravelmente o commercio de Genova [1].

Em 1101, pelo auxilio prestado ao conde Balduino, para este occupar o throno de Jerusalem, e tomar as cidades Arsuf, Cesarea e Acre, obtiveram o terço de cada uma d'estas cidades, com

---

[1] Heyd, *obr. cit.*, vol. I, pag. 134.

muitas terras dos arredores, um terço da receita da alfandega d'Acre, um bairro em Jaffa, e outro em Jerusalem.

Em 1102, pelo soccorro dado ao conde Raymundo de Tolosa para a tomada de Tortosa e Gibelet, e para a fundação do estado de Tripoli, obtiveram a cidade de Gibelet.

Pela tomada da cidade de Tripoli, em 1109, Bertram, successor de Raymundo de Tolosa, concedeu-lhes a terça parte d'ella.

Em 1198, obtiveram de Conrado de Monferrat differentes garantias civis e commerciaes, em Tyro, Antiochia, Laodicea, Tortosa, Gebala e Seleucia.

Em 1221 a 1223, João de Ibelin, senhor de Beiruth, deu-lhes amplos privilegios n'essa mesma cidade, e em Jerusalem, Acconna e Tyro.

Alcançaram egualmente privilegios importantes em Roseta, Damietta, Ascalon; e, em todas estas cidades, fizeram grande negocio.

Tinham feitorias em Palmira, Alep, Gebala.

Em 1200, começaram a fazer grande commercio em Tunis; e, em 1250, realisaram até um tratado com o respectivo monarca, adquirindo grandes privilegios [1].

---

[1] Carlo Pagano, *obr. cit.*, pag. 198 e 207.

Em 1261, celebraram tambem um tratado com o rei da Armenia, que foi seguido de outros, sempre vantajosos.

Alexandria tornou-se um emporio riquissimo dos Genovezes; e, em 1290, fizeram um tratado com o sultão Almalic Almansor, em que lhes foram concedidas differentes garantias fiscaes.

Mantiveram grandes relações com os principes do interior do Sudão.

Suppõe-se até que se aventuraram a penetrar no porto de Zaitum, na China.

Tiveram tambem colonias suas em Nicea, Tessalonica, Syracusa, Corfu, Candia, Morea, Chio, Zara, Smyrna, Rhodes, Tenedos; e, por vezes, em Chypre, conforme a alternativa das guerras que ahi travaram com os Venezianos.

No anno de 1255, obrigaram, com trinta galeras e sete navios, o rei de Ceuta a conceder-lhes differentes garantias, acceitando as condições de paz que lhe impozeram [1].

Seus castellos fortes e feitorias elevavam-se, na Asia Menor, por todos os caminhos do commercio; e, ainda hoje, nos altos valles do Caucaso, se encontram, de distancia em distancia, varias

---

[1] Carlo Pagano, *obr. cit.*

torres que elles construiram, guardando o seu nome. Pelo Ponto Euxino e campos da Georgia, tinham na mão um dos caminhos da Asia Central [1].

Do proprio kan da Tartaria alcançaram muito cedo varios privilegios, e com elle celebraram tratados muito favoraveis, em 1383 e 1387.

Tinham em Tauris, na Persia, um consul, que superintendia sobre todo o commercio da Asia meridional.

Tiveram, finalmente, os seus consules, as suas colonias, os seus estabelecimentos commerciaes, em quasi todas as partes onde Veneza os tinha.

*

* *

Quanto ao commercio com a Italia, a visinhança em que Genova estava do Piemonte e da Lombardia, a facil approximação das costas occidentaes, e a segurança da sua marinha e dos seus transportes, deviam fazer dos Genovezes os recoveiros e fornecedores de uma grande parte da peninsula. De mais, o territorio da republica veiu

---

[1] E. Reclus, *obr. cit., L'Europe Méridionale.*

por fim a estender-se, desde Nice ao Arno; pertenciam-lhe as cidades de Gavi, Alexandria, Tortonna e Asti; pertencia-lhe tambem a Corsega; teve por algum tempo em seu poder differentes regiões da Sicilia, como Syracusa e Messina; e tudo isto fazia que os Genovezes effectuassem grande commercio nos portos occidentaes da peninsula. Os proprios Normandos contribuiam para esse commercio, entregando-lhes o trafico mercantil, de que pouco se importavam.

Por isso, os Genovezes faziam grande commercio em toda a Liguria maritima, de Corvo a Monaco, e na ilha de Corsega. Proviam de sal os habitantes de Luca. A parte oriental da Sardenha recebia as suas leis e as dos principes seus amigos. Visitavam Conseto e Civita Vechia, entrepostos de subsistencias nos estados ecclesiasticos. Tinham grandes estabelecimentos em Napoles e Gaeta, bem como na Sicilia, Messina, Palermo e Syracusa. No mar oriental da Italia, frequentavam Manfredonia, Ancona, e mesmo Veneza, nos tempos de paz.

*

* *

Os objectos do commercio genovez eram o estanho e lãs da Inglaterra; as fructas, vinhos e

cereaes de Hespanha; azeite, sabão, e tambem fructas, principalmente de Napoles, Provença e Languedoc; coraes de Italia e costas barbarescas; prata da Istria, assim como de Italia, incluindo a Calabria e Apulia; pannos de Tournay, Challons, Bouvais, Paris, Tolosa, Carcassona, Bezières, Bruxellas, Malines, Bruges, Gand, Anvers, Perpignan, Milão, Corvo, Florença; cobertores de Provins; tapetes de Bagnoles; teias de linho de Narbonna; alum, cujo monopolio pertencia aos Genovezes, e que passou depois para os Venezianos; mel de Candia, Coron, Marrocos, Narbonna, Catalunha; sabões das suas fabricas de Tripoli e de Gaeta; nozes de Apulia e Provença; aço, chumbo, ferro, estanho, cobre, mercurio, enxofre; tecidos de algodão e lã, velludos, setim, e outros estofos, fabricados pelos seus proprios artistas. Finalmente, os productos do mar Negro, do Levante, da Asia Central, e da India e China.

Genova fornecia a Allemanha de armas e aromas. O centro d'esse trafico era Nuremberg, que já era entreposto da maior parte dos productos allemães; e, apezar das vantagens que os imperadores concederam a Veneza e Milão, foi principalmente dos Genovezes que os negociantes de Nuremberg se abasteceram.

*

* *

Genova era o grande e unico centro da republica. Da mesma forma que Veneza e Constantinopla, e, em geral, as grandes capitaes da edade media, ella absorvia o movimento economico do estado. Regulava por cem mil habitantes, mas a população fluctuante, pela concorrencia de estrangeiros, era muito consideravel.

Passava por ser a cidade italiana que possuia melhores monumentos de marmore; e, por isso mesmo, era denominada a *Soberba*.

Mas, apezar do egoismo centralisador da republica, havia, ainda assim, nas costas de Liguria, algumas cidades importantes, que partilhavam e auxiliavam o movimento economico da metropole.

Por exemplo, Spezzia, no golfo do mesmo nome, que tem seis kilometros e meio de largura; Lerice, ao oriente; Portovenere, que, por sua situação admiravel, foi chamada a *Deusa dos Prazeres;* Porto Maurizio, cujo porto está hoje açoriado, mas que teve, na edade media, muita importancia; Nervi, centro de grandes manufacturas de seda; Moniglia, que fornecia o melhor vinho do commercio genovez; Oneglia, principado da casa Doria; Sestri do Ponente, bella estação

de verão, onde, por isso, as familias mais importantes de Genova possuiam palacios sumptuosos, como os Lomellini, os Spinolas, os Dorias, os Grimaldi.

*

* *

Já dissemos que o florim genovez, chamado propriamente *genovino,* foi cunhado, no anno de 1252, em que tambem appareceu o florim de Florença; e que, tendo a principio valor diverso d'aquella moeda florentina, teve depois um valor egual. Alcançou tambem uma preponderancia e reputação universal, desde que o trafico genovez abarcou, juntamente com as suas rivaes, os mercados do mundo conhecido [1].

Mas, como auxiliar das trocas e do movimento economico, Genova tinha ainda uma instituição d'uma importancia enorme e quasi internacional — o banco de S. George. Era um dos principaes estabelecimentos da edade media; e por forma que não sómente os particulares, mas os proprios reis a elle recorriam, nas suas emprezas e necessidades. Quando Carlos VIII, rei de

---

[1] Pag. 97.

França, quiz fazer guerra á Italia, foi lá que pediu emprestadas as sommas que pretendia.

*

* *

Genova communicava com o continente pelos caminhos tradicionaes dos Romanos. Embora arruinados, eram ainda as grandes arterias, por onde resfolgavam as relações mercantis com os valles do Piemonte e Lombardia, e d'ahi com o resto do continente europeu.

Um d'elles passava na Liguria, costeando o mar Thyrreno. Outro ia dar ao Piemonte; um outro seguia atravez dos Alpes Maritimos.

Para communicar com a Allemanha, havia os grandes caminhos do Simplon, de Montemoro e do grande S. Bernardo.

E o Rheno servia tambem de communicação para os Genovezes; porque os seus navios subiam frequentemente esse rio, carregados de mercadorias do oriente, com destino á Allemanha e ás regiões do norte [1].

---

[1] Cesar Cantu, *Histoire des Italiens*, vol. VII, pag. 112. — Heyd, *obr. cit.*, vol. II, pag. 735.

Emquanto ao commercio da Asia central e da India, a republica genoveza aproveitava os tres grandes caminhos que de lá procediam. O primeiro desembocava no mar Negro, pelo mar Caspio e pelo Volga; o segundo desembocava em Lajazzo, o antigo Issus, pelo golfo Persico, Alep e Armenia; o terceiro ia topar na Alexandria, pelo mar Vermelho e pelo Egypto.

Por estes caminhos, os Genovezes obtinham as sedas da China; as especies, o pau de tingir, o algodão, as pedras preciosas da India; os perfumes da Arabia; os tecidos de Damasco; os pannos de Tarso; o cobre, o assucar, e as essencias tinturiaes do Levante; o ouro e as pennas da Africa interior; pelliças, canhamo, alcatrão, caviar, pelles em bruto; antennas, madeira da Europa septentrional: em troca de azeites, vinhos e fructas seccas das *Ribeiras* [1], armas de luxo, coraes trabalhados em Genova, teias de linho de Champagne, laca, chumbo e estanho de Inglaterra; em summa, em troca dos productos de toda a Europa [2].

---

[1] As Ribeiras são as costas da Liguria. A de Genova chama-se *Ribeira de Genova;* a costa occidental chama-se *Ribeira do Poente*. A costa oriental, *Ribeira do Levante*.

[2] Cesar Cantu, *obr. cit.*, vol. VII, pag. 112.

*

* *

Em resumo: a figura de Genova, na historia politica da edade media, foi menor que a de Veneza. No movimento geral das sciencias, das letras e das artes, foi tambem inferior. No caracter pessoal, os Genovezes passavam por ser corruptos, violentos e falsos, avidos do lucro e do mando, e indifferentes a tudo que lhes não grangeasse dinheiro ou poder, dando logar ao antigo proverbio, repetido pelos seus inimigos: *Mar sem peixes, montanhas sem florestas, homens sem fé, mulheres sem vergonha, eis-aqui Genova* [1]. Mas, por isso mesmo que os não ajudava o territorio, mais admira o seu enorme desinvolvimento economico, n'este periodo.

Cerrados no semicirculo dos Apeninos, com pouco terreno continental, e esse infertil e desprovido de recursos naturaes, dedicaram-se principalmente ao commercio e á navegação. E, n'esse campo, obtiveram um logar tão eminente que fizeram gemer com suas armadas todos os mares

[1] E. Reclus, *Nouvelle Géographie Universelle, L'Europe Méridionale.*

conhecidos; dominaram quasi absolutamente no Ponto Euxino; chegaram tambem a conseguir em Constantinopla a exclusiva preponderancia commercial e politica; e, mesmo no resto da Europa e do Levante, marcharam, muitas vezes, a par, e algumas, superiormente a Veneza.

CAPITULO VII

Amalfitanos

Historia politica dos Amalfitanos. — Situação da republica e cidade de Amalfi. — Estreiteza do seu territorio. — Carencia de productos proprios. — Genio emprehendedor dos habitantes. — Como consequencia de tudo isso, grande commercio e navegação da republica. — Relações mercantis com o oriente, e privilegios commerciaes que os Amalfitanos lá conseguiram, no tempo das cruzadas. — Grande commercio com a propria Italia. — Fim da republica d'Amalfi e sua absorpção na republica de Pisa. — Dinheiro. — Conclusão.

Os Amalfitanos lisonjeavam-se de descender dos Romanos, enviados a Bysancio por Constantino, o Grande, que naufragaram em Raguza, na Illyria, e ahi permaneceram por muito tempo. Depois, tendo atravessado o Adriatico, vieram estabelecer-se em Melfi, na Apulia, onde permaneceram tambem por largo espaço. Deixando por fim esta provincia, para procurarem um paiz, no qual podessem viver inteiramente livres, fundaram, Amalfi, na costa do golfo Salerno, onde outr'ora floresceu a cidade de Pestum.

Amalfi, pois, estava situada onde está hoje a povoação do mesmo nome, no golfo de Salerno, a sessenta kilometros de Napoles; mas a pequena povoação, que actualmente consta apenas de dois mil e quinhentos habitantes, não dá a minima ideia da grandeza passada de Amalfi, que chegou a ter oitenta mil [1].

Erigiu-se em ducado ou republica, em 839, pela decadencia de Ravenna; e ficou n'esse estado até que foi privada da liberdade pelos Normandos, em 1131. Sendo depois conquistada e saqueada pelos Pisanos, em 1137, a maior parte dos habitantes emigrou, o porto açoriou-se, e hoje ha sómente ruinas que attestam a passada grandeza.

Depois d'isso, não tornou a figurar na historia universal, senão por ter sido o berço de Mazzaniello, o pobre pescador, que um motim popular de Napoles fez, em 1447, rei por tres dias. E, para que o seu movimento se não apagasse de todo, valeu-lhe a concorrencia dos devotos que visitavam o corpo de Santo André, roubado pelo

[1] Cesar Cantu, *Historia Universal*, traduzida por Antonio Ennes, vol. VI, cap. XXIX.

cardeal Capuano, em 1207, de uma egreja de Constantinopla [1].

Actualmente, como diz Eliseu Reclus, não é mais do que uma aldeia, abandonada e desolada, abrigando alguns pequenos barcos em sua angra rochosa [2].

*

* *

A republica ou ducado de Amalfi comprehendia apenas o territorio dos arredores, com as ilhas de Galli e Capprea [3]. E esses arredores constavam sómente de quinze ou dezeseis aldeias e castellos, na vertente das montanhas que fecham ao occidente o golfo de Salerno. Umas estavam apertadas entre o mar e os rochedos; e os seus habitantes aproveitavam-se de qualquer enseada ou porto, para se dedicarem á pesca e ao commercio. As outras ficavam suspensas, como ninhos d'aguias, a meia encosta dos montes, cujo sopé é banhado pelos mares, reluzindo por

---

[1] Cesar Cantu, *Histoire des Italiens*, vol. IV, pag. 481. — Depping, *obr. cit.*, vol. I.

[2] E. Reclus, *Nouvelle Géographie Universelle, L'Europe Méridionale*, pag. 515.

[3] Cesar Cantu, *Histoire des Italiens*, vol. IV.

entre as oliveiras e laranjeiras d'essa região [1]. Não tinha por isso terreno que a tornasse poderosa, nem productos proprios que a tornassem fertil. A marinha e o commercio deviam ser a natural escala do seu progresso.

Para isso concorria tambem poderosamente a situação; porque Amalfi tinha por si um bom golfo, para abrigo dos seus navios, e o aspecto d'uma das regiões mais bellas de Italia. E o genio dos habitantes favorecia estas condições; porque os Amalfitanos tornaram-se notaveis, não só pela tendencia navegadora e commercial, mas tambem pelo desinvolvimento que deram á instrucção, especialmente á nautica e ao direito commercial.

Attribue-se, por exemplo, a invenção da bussola a um cidadão de Amalfi, Flavio Gioja; e, embora não seja de todo exacto esse facto [2], parece indubitavel que elle teve a gloria de aperfeiçoar aquelle instrumento, concorrendo assim, para que fosse adaptado á navegação.

É tambem devida a Amalfi a collecção de leis, chamada *Taboas Amalfitanas,* que regulou por

---

[1] Sismondi, *obr. cit.*, vol. I, pag. 154.

[2] Pag. 87.

muito tempo o direito maritimo do oriente e occidente. Essa legislação, que consta de sessenta e seis artigos, perdida por muito tempo, encontrou-se, em 1844, na bibliotheca de Napoles, e foi publicada, em 1845.

Foi tambem na cidade de Amalfi que se descobriu o exemplar das *Pandectas,* que fez renascer em todo o occidente o estudo e pratica da jurisprudencia de Justiniano.

*

* *

A pequenez do territorio, a posição maritima e a tendencia dos habitantes, deviam fazer da navegação e do commercio a principal preoccupação da republica; e assim aconteceu.

Já em 863, a marinha d'Amalfi era tão importante que defendeu Roma da invasão que a ameaçava.

Depois, as cruzadas serviram-lhe, como a todos os Italianos, para a exploração d'esse commercio e d'essa navegação, despertando e desinvolvendo as relações de Amalfi com Bysancio e com o oriente, de modo a fornecer-se dos productos do Levante e da India.

Os Amalfitanos foram até, na ordem chronolo-

gica, os primeiros intermediarios mercantis das relações de Italia com a cidade de Constantinopla e com os Arabes, obtendo tambem do imperio grego muitos privilegios commerciaes [1].

Durazzo, hoje cidade maritima da Romelia, oitenta kilometros a sul de Scutari, que, na edade media, era um porto de grande importancia e onde os Amalfitanos tinham uma colonia sua, constituia o grande centro por onde elles commerciavam com Bysancio.

Tinham n'esta cidade um bairro e uma colonia. Estabeleceram feitorias na Sicilia e em Chypre. Em Antiochia, tinham outra colonia, um mosteiro e um hospital. Tinham egualmente, em Jerusalem, albergues, mosteiros e outro hospital, que foi a origem da Ordem dos Hospitaleiros de S. João de Jerusalem. Possuiam propriedades em Acre, e tomaram parte no cerco e na conquista que os christãos fizeram d'essa praça.

Os seus navios encontravam-se tambem, já no seculo X e com grande frequencia, no Egypto,

---

[1] Deve-se principalmente a Maurus e seu filho Pantaleão a grande iniciativa commercial de Amalfi, nos quarenta annos que precederam as cruzadas. Ambos elles foram para a sua patria o que mais tarde Jacques Cœur, de que a seu tempo fallaremos, foi para o commercio francez.

Alexandria, Cairo, Beiruth, e em quasi todos os portos do Oriente, para o transporte de peregrinos e para a compra e venda de mercadorias.

N'este ponto, o commercio dos Amalfitanos foi a miniatura brilhante do commercio dos Venezianos e Genovezes; e isso nos dispensa agora de mais longas explanações. A seda era tambem um dos principaes artigos do seu trafico.

Mas não era só com o oriente que elles tinham relações economicas. Em consequencia d'esse mesmo trafico oriental, tinham-nas tambem, e muito estreitas, com Durazzo, de que já fallámos, e com Palermo, Syracusa, Messina e outras cidades da Sicilia.

Estava em todo o esplendor o movimento economico d'esta republica, quando, sendo atacada pelos principes de Salerno, em 1073, chamou em seu auxilio os Normandos da Sicilia.

O rei normando, Roberto Guiscard, annuindo á chamada, derrotou e expulsou os Salernenses; mas, depois d'isso, tomou elle proprio conta da cidade, em 1131. E d'ahi resultou a decadencia da republica; porque, até 1073, o principal elemento da riqueza de Amalfi tinha sido o commercio com o oriente, por intervenção de Constantinopla; e os imperadores gregos favoreciam este commercio, dispensando aos Amalfita-

nos differentes privilegios, que os habilitavam a competirem com Genova e Veneza. A união, porém, d'Amalfi com os Normandos, hostis ao imperio grego, fez-lhe perder essas boas graças; de modo que, logo em 1082, Alexis Comneno, levado tambem pelas intrigas dos Venezianos, decretou que todo o Amalfitano com estabelecimento commercial em Constantinopla, ou n'outra parte do imperio grego, pagasse tres hyperperos para a egreja de S. Marcos de Veneza. E tudo isso, collocando o commercio de Amalfi n'uma situação desegual, produziu a sua decadencia, até que a cidade caiu nas mãos dos Pisanos, em 1137, segundo já dissemos [1].

*

* *

O dinheiro de Amalfi era o *tari,* moeda de prata, equivalendo a 12 grãos. Era a moeda mais estimada no oriente, emquanto não vieram os *florins, ducados* e *genovinos;* e tanta reputação teve

---

[1] Heyd, *obr. cit.*, vol. I, pag. 98 e seguintes.— Depping, *obr. cit.*, vol. I.

que, ainda no seculo passado, era o dinheiro de conta, usado em todo o reino de Napoles [1].

*

* *

Amalfi, pois, veiu a morrer ás mãos de Pisa, assim como esta foi depois morrer ás mãos de Genova e Florença. Mas a sua iniciativa e o seu movimento commercial não ficaram perdidos. Entraram, como atomos da civilisação universal, no corpo dos outros estados, que sobreviveram á sua ruina. E, chronologicamente, a iniciativa navegadora e commercial de Amalfi, no oriente, precedeu a de todas as outras republicas italianas; e tambem ella desinvolveu, primeiro que todas as outras, o direito commercial.

Com tão pequena area e população, e no meio de rivaes tão poderosas, a historia não registra exemplo mais brilhante da forma por que uma simples cidade pode dourar com o seu nome todos os recantos da civilisação, e explorar com a sua marinha todos os mares conhecidos.

---

[1] Sismondi, *obr. cit.*, vol. I, pag. 154. — Cesar Cantu, *Histoire des Italiens*, vol. IV.

CAPITULO VIII

Pisa

Historia politica dos Pisanos. — Situação de Pisa e estreiteza do territorio da republica. — Genio activo dos seus habitantes. — Seu movimento industrial. — Seu commercio e navegação. — Vantagens obtidas nas cruzadas. — Centros principaes. — Dinheiro. — Communicações. — Conclusão.

O augmento de Pisa data do segundo seculo antes de Christo, em que se tornou colonia romana. Foi embellezada por Adriano e Antonino. Arruinada pelos Godos, submettida depois aos Lombardos, e mais tarde sujeita á dominação do imperio grego, animou-se novamente sob esta dominação, tornando-se livre em 888. Governou-se, desde então, como republica [1]; e foi, do seculo x a

---

[1] Em todo o caso, só no anno de 1085 é que a auctoridade da assembleia dos burguezes (*Commune Colloquium civitatis*) foi unanimemente reconhecida e estabelecida por uma *carta de pacificação*. Heyd, vol. I, pag. 133.

XII, uma das primeiras potencias commerciaes e maritimas do sul da Italia, e por muito tempo rival de Genova. Recebeu a Corsega, como feudo do papa (1092), e, em 1099, conquistou a Sardenha. Submetteu Palermo, as Baleares e a ilha de Elba; e obteve a concessão de um bairro, em Constantinopla, e de importantes privilegios mercantis n'essa capital e nas cidades de Antiochia, Tripoli, Tyro, Laodicea, Ptolomeida. A conquista e saque d'Amalfi, em 1137, completou a sua grandeza, mas despertou insoffridamente o ciume de Genova, sua rival.

Com effeito, a simples circumstancia d'essas duas republicas, ambas commerciaes, se acharem visinhas e á beira do mesmo mar, só de per si, devia tornal-as invejosas; e já, quando Pisa conquistou as Baleares, esta inveja esteve a desbravar n'uma lucta sangrenta. A tomada d'Amalfi encheu as medidas, e despertou a guerra, em que Genova destruiu por fim a marinha da sua rival, na batalha naval de Meloria (1284), arrancando-lhe as possessões e destruindo-lhe as torres e armazens do seu porto (1290-1297).

Depois, outra republica, tambem rival e poderosa — Florença, apoderou-se de vez d'esses destroços de Pisa, intitulando-se a sua successora.

Mas, quando mesmo Pisa não tivesse soffrido

as consequencias da rivalidade de Genova, e quando a sua frota não fosse aniquilada na batalha de Meloria, no fim do seculo XIII, e as torres e armazens do seu porto não fossem arrazados, nem assim poderia evitar a decadencia; porque as alluviões do rio Arno acabaram por obstruir completamente o antigo *Porto Pisano.*

Em 1442, já elle não tinha mais que cinco pés d'agua; e, um seculo depois, só lá podiam entrar os pequenos barcos de pescadores. Foi então definitivamente abandonado, e hoje só restam vestigios d'elle.

A cidade é insignificante pelo commercio. Vive da agricultura, e torna-se apenas celebre pela sua illustre universidade.

*

* *

A situação de Pisa era então muito proxima do mar, e não a 11 kilometros, como actualmente; e estava na margem do rio Arno, que a communicava com o interior.

Possuia muito pequeno territorio. Os nobres das collinas e do valle de Nievolo pediram-lhe o direito de cidade; mas o terreno proprio da republica estendia-se apenas pelas costas, desde Le-

rice até Piombino, umas dez leguas de largo por dezesete de comprido. Ainda assim, os Pisanos aproveitaram, quanto possivel, esse terreno, deseccando e tornando fertil o delta do Arno e as campinas das costas.

A região era muito abundante de marmore; mas, só podia fornecer uma diminuta porção de productos alimenticios. Por isso Pisa precisava de recorrer á industria, ao commercio e á navegação; e, teve, com effeito, especialmente na industria transformadora, um grande movimento.

Recebia lãs do sul da França para as suas fabricas; tinha manufacturas de lanificios e de seda, que alimentavam o seu commercio; e explorava as salinas das costas de Hespanha.

Mas, como aconteceu com Amalfi, a situação de Pisa, o genio dos seus habitantes e a tendencia geral de Italia, na edade media, fez d'ella sobretudo uma republica navegadora e commercial.

A sua marinha acostumou-se cedo a combater os Arabes, tornando-se por isso muito aguerrida. E o seu commercio estendeu-se pelas costas da Africa, Syria, Grecia, Sicilia, Hespanha e França meridional.

Da mesma fórma que as outras republicas ita-

lianas, com as cruzadas e por ellas desinvolveu o seu movimento commercial.

Logo em 1099, os Pisanos foram com 120 navios auxiliar o cerco da Laodicea por Bohemond d'Antiochia, o que mostra a importancia da marinha de que já dispunham. Por este auxilio, embora o cerco fosse levantado, concedeu-lhes Godofredo de Buillon um bairro em Jaffa (Joppé), onde estabeleceram uma colonia importante (1100).

No segundo cerco da Laodicea, tambem auxiliaram o principe Tancredo, que lhes deu como remuneração um bairro de Antiochia e muitos privilegios. Em 1111, obtiveram do imperador Alexis outro bairro em Constantinopla. Tiveram tambem estabelecimentos commerciaes em Tyro, Famagusta, Acre, Cesarea, Tripoli, Almyro, Thessalonica, Alexandria, Iconium.

Souberam obter as boas graças dos sultões de Tunis (1157-1186), a ponto de lhes ser concedido um bairro especial na cidade, para habitação dos commerciantes e venda de mercadorias, juntamente com a reducção dos direitos fiscaes, e outros privilegios [1]. Entre esses privilegios figurava a faculdade dos Pisanos estenderem, como

[1] Noel, *Histoire du Commerce du Monde*, vol. I.

estenderam, o seu commercio a differentes outras cidades da Africa e Hespanha, por exemplo, Ceuta, Oran, Bugio e Almeria.

Obtiveram egualmente differentes privilegios ou isenções aduaneiras no Egypto (1173-1207) [1].

Tão forte se tornou o poder dos Pisanos, que disputaram aos Genovezes a posse de Syracusa; e, como vimos, aos proprios Venezianos a preponderancia em Constantinopla.

No mar Negro, é que o seu papel foi insignificante; porque ahi, das cidades italianas, sómente preponderaram Veneza e Genova, e por isso, ao passo que mutuamente se guerreavam, excluiam tambem systematicamente as outras cidades.

*

* *

Os principaes objectos do commercio pisano eram, como aconteceu com Genova e Veneza, os productos orientaes e da India, que tanta cubiça causavam nos povos do occidente. Por isso, n'essa parte, e com respeito á qualidade d'esses productos, a historia d'essas outras republicas, supprirá a nossa abstenção n'este logar.

---

[1] Noel, *obr. cit.*, vol. I, pag. 192.

*
* *

Apertada em territorio, o movimento da republica concentrava-se na sua capital — Pisa.

Era uma cidade de duzentos mil habitantes, rica e bella. Grandes senhores tinham construido bellos palacios dentro dos seus muros, e soberbos castellos nos seus arredores. E todos os que poderam subtrair-se á dominação pesada dos marquezes de Toscana, vieram acolher-se n'ella.

Tendo a republica terminado os muros e fortes da cidade, em 1158, voltou-se então para o seu porto, chamado *Porto Pisano*. Tinha tres torres, que levaram a construir oito annos, e estava fechado por uma cadeia de ferro. Era abastecido pela agua conduzida para lá da fonte de S. Estevão. Destruido depois da batalha naval de Meloria, foi reparado, em 1390; mas todos os esforços, tentados antes e depois, foram insufficientes, de modo que o desleixo e o tempo acabaram pelo tornar inutil.

---

[1] Peruzzi, *Storia del Commercio e dei Banchieri di Firenze*.

No seu pequeno territorio, Pisa possuia ainda as pequenas cidades de Volterra, Orciano, Picioli, Orcinato, Casala, Campiglia, Lestignamo, Paumanza e Calle.

Livorno, então chamada *Castrum Liburni*, estava tambem comprehendida no seu territorio; mas o porto era pouco aproveitado. Só depois da ruina do *Porto Pisano*, é que os arredores de Livurno começaram a povoar-se; e, só no fim da edade media (1495), principiou a edificar-se lá uma cidade e a fazer-se por ahi o commercio da Toscana [1].

*

* *

Pisa, já em 1175 [2], tinha moeda propria; mas, n'essa data, o dinheiro que preponderava nos mercados internacionaes, era o bysantino e o arabe. Como vimos, só depois de 1252, é que as moedas de ouro venezianas, florentinas e genovezas tiveram acceitação universal; e então a republica de Pisa achava-se já perto da sua ruina.

---

[1] *Description historique de l'Italie en forme de dictionnaire*, na palavra *Pisan*.

[2] Cesar Cantu, *obr. cit.*, vol. IV, pag. 576.

*

* *

Reduzida, como estava no seu territorio, Pisa não tinha communicações proprias terrestres. As suas relações commerciaes com os differentes povos eram por mar; e tinha as seguintes carreiras regulares, que partiam do Porto Pisano, seguindo tambem regularmente as seguintes escalas.

A carreira de Alexandria fazia escala por Telamona, Gaeta, Napoles, Salerno, Castellamare, Palermo, Messina, Siracusa, Modon, Rhodes, Alexandria, Beiruth, Jaffa; e voltava por Chypre, Candia e Chio.

Outra carreira, a da Catalunha, fazia escala por Nice, Marselha, Aigues-Mortes, Barcellona, Majorca, Valencia.

Outra, a da Romania, fazia escala por Civita Vechia, Telamona, Gaeta, Napoles, Salerno, Castellamare, Palermo, Messina, Modon, Gallipoli, Constantinopla, Negroponto; e voltava pela ilha de Rhodes e Chio.

Havia tambem a carreira da Berberia occidental, que fazia escala por Marselha, Barcelona, Majorca, Bone, Bugio, Alger, Oran; voltando por Ma-

laga, Valença, Barcellona, Aigues-Mortes, Marselha e Nice.

A carreira da Berberia septentrional fazia escala por Gaeta, Napoles, Salerno, Palermo, Tropani, Tunis, Tripoli; voltando por Telamona, Civita Vechia.

Outra carreira, a de Flandres, fazia escala por Marselha, Majorca, Villagojosa, Denia, Almeria, Malaga, Cadis, Lisboa; voltando, por Cadis e Malaga, a Porto Pisano.

A carreira da Sicilia fazia escala por Civita Vechia, Telamona, Gaeta, Napoles, Salerno, Castellamare, Palermo, Messina, Siracusa [1].

*

* *

Em conclusão, a republica de Pisa foi tambem uma grande impulsora do commercio e navegação d'esta edade, e uma grande pregoeira da civilisação.

Apertada, como a republica de Amalfi, n'um territorio acanhado, eccoando-lhe em derredor o estrepito das revoluções da Italia, sem os recur-

---

[1] Peruzzi, *obr. cit.*, Appendice, pag. 80 e seguintes.

sos do solo, e unicamente pelo genio dos habitantes, soube attingir uma posição eminente no progresso. Póde luctar com Veneza e com Genova, e fazer tambem gemer com as suas frotas os mares conhecidos. Se foi esmagada por Genova, e mais tarde absorvida por Florença, a radiação gloriosa da sua historia paira ainda na humanidade, ao pé das suas rivaes.

CAPITULO IX

Florentinos

Historia politica da republica de Florença. — Sua admiravel situação terrestre, e má situação maritima, por lhe faltar um porto proprio. — Esforços que fez para o conseguir, como afinal conseguiu. — Riqueza do solo. — Enorme desinvolvimento das industrias da lã e da seda. — Como concorreram para a primeira d'ellas os frades *Humildes*, e para a segunda os Luquenses. — Progresso egualmente enorme da industria de banco. — Os banqueiros florentinos. — Como foram prejudicados pelos emprestimos feitos a Eduardo III da Inglaterra. — Commercio. — Relações commerciaes com os differentes paizes. — Centros principaes. — Dinheiro. — Communicações. — Conclusão.

Florença existia do tempo dos Etruscos, mas só teve alguma celebridade, desde que Scylla fez d'ella uma colonia romana. Arruinada pelas successivas irrupções dos barbaros, Carlos Magno a levantou, em 781; e ella chegou, sob os reis de Italia, successores d'aquelle imperador, a uma grande prosperidade, emquanto, em derredor, as facções rasgavam a peninsula. Desde a segunda

metade do seculo XIII, porém, tomou parte n'essas discordias, e foi preza anarchica dos partidos [1].

Quando a republica de Pisa caiu, pelo ciume dos Genovezes (1290-1297), Florença, livre de uma competidora tão proxima, e que tanto embaraçava o seu commercio, elevou-se enormemente; e pôde, em pouco tempo, submetter á sua propria auctoridade, como já vimos, a cidade de Pisa.

Foi a classe da nobreza que dominou primeiramente; mas, depois, as luctas entre Guelfos e Gibelinos enfraqueceram-na. E, vencido o partido gibelino, que representava a aristocracia, o povo apoderou-se do governo, e dividiu-se em sete corporações, mais tarde chamadas *Artes-Maiores,* para se distinguirem das *Menores* — as da plebe.

Cada uma d'essas corporações tinha um consul, um capitão e uma bandeira propria; e cada cidadão que n'ella se inscrevia, tornava-se apto para a magistratura, e tinha obrigação de tomar as armas em defeza da republica.

Como corpos consultivos, havia um conselho popular de cem cidadãos, chamado *Credenza*, e

---

[1] Peruzzi, *Storia dei Commercio e des Banchieri di Firenza.*

outro conselho superior, formado por doze homens bons, que era ouvido em segunda instancia [1].

O governo, assim constituido, forte pelo apoio do povo, decretou que sómente os industriaes e mercadores podessem fazer parte da administração publica: medida essa que afastou os nobres do governo, mas que radicou mais firmes na republica os sentimentos economicos (1266-1286).

Mais tarde (1282), o conselho dos doze homens bons foi substituido por um *Prior das Artes-Maiores*, tirado tambem do commercio e do povo.

Começou em breve a desordem entre os mercadores e operarios. Mas, no meio d'ella, a riqueza e commercio da republica augmentaram; de modo que esta ainda florescia, quando já as outras republicas de Italia estavam decadentes.

Em 1327, subiu ao throno de Inglaterra Eduardo III, que, invocando a qualidade de neto do fallecido rei da França, pretendeu o throno francez. Os banqueiros florentinos, estabelecidos n'aquelle paiz, emprestaram-lhe para essa empreza 60 milhões de liras. E, não tendo elle pago esta som-

---

[1] Peruzzi, *obr. cit.*, pag. 32 e seguintes.

ma, houve uma grave crise economica em Florença, em que falliram quasi todos os banqueiros, por forma que a ruina financeira da nação foi completa.

Resultou d'ahi um descontentamento geral contra o governo democratico, a par de successivas discordias e dissensões; até que, por fim, a familia dos Medicis, já distincta por sua riqueza e talento, conseguiu attrair o povo e a nobreza, pela sua affabilidade e maneiras insinuantes, de modo que o estado veiu a tornar-se patrimonio d'esta familia (1428-1492) [1].

*

* *

Florença estava situada no Arno, longe do littoral; e não tinha por isso portos, nem marinha, sendo obrigada a recorrer a portos estrangeiros, como os de Genova, Ancona e Veneza.

A principio, a republica de Pisa concedeu-lhe isenção de direitos aduaneiros, e exportou-lhe tambem os productos industriaes pelo seu porto.

---

[1] Sahiram d'ella João de Medicis, que foi eleito papa, sob o nome de Leão x, e Juliano de Medicis, que assumiu tambem a thiara, sob o nome de Clemente xii.

Mas, depois d'isso, pelo ciume que teve do rapido desinvolvimento de Florença, retirou-lhe essas garantias.

Os Florentinos viram-se então obrigados a tratar com Sienna, que, no seculo XII, se constituira em republica e gozava de grande importancia commercial, para exportarem os productos pelo porto de Telamona [1] do territorio Siennez, quando essa republica, em vista da sua decadencia, já tinha menos inveja e mais precisão de exportar os productos estrangeiros. Este porto, porém, era pouco frequentado, e o caminho que lá conduzia, muito incommodo. Florença preferiu, por isso, tornar a tratar com Pisa, em 1376, e continuou exportando os seus productos, por intervenção dos Pisanos e pelo porto d'estes, até que por fim, em 1406, tomou a propria cidade e porto de Pisa.

Tendo assim obtido o accesso do mar, Florença, cujo movimento commercial tinha augmentado consideravelmente com o territorio adquirido, tratou de crear marinha proporcionada á importancia do seu trafico. Mas o porto de Pisa, já n'essa data açoriado e decadente, não bastava

[1] Porto ao sul do Piombino, hoje abandonado ou muito pouco frequentado, e de um accesso difficil.

para isso; e os Florentinos propozeram por esse motivo aos Genovezes a compra do porto de Livorno, que estes haviam recebido, em 1407, do Duque de Milão, João Galeas Visconti. Os Genovezes annuiram; e, em 1421, os Florentinos entraram na posse d'esse porto.

Desde então, como successora de Pisa, Florença estendeu o seu commercio por toda a parte, onde os Pisanos tinham estabelecido colonias ou feitorias.

*
* *

A importancia da republica foi augmentando successivamente, por forma que, nos seus tempos dourados, que principiaram, em 1328, e decorreram até á subida dos Medicis, ella governava em Arezzo e seu territorio, em Pistoia, e em Calle, com as suas fortalezas. Tinha dezoito castellos murados no territorio luquense, e quarenta e seis no seu proprio, além de muitos outros não fortificados. Tinha um rendimento de 300 mil florins d'ouro, maior que o rendimento das poderosas soberanias; uma numerosa policia; esplendidas manufacturas; e grandes riquezas.

E a situação da cidade era das mais proprias, para que ella se tornasse um grande centro de industria e commercio.

Os Apeninos protegiam-na do clima e das invasões do norte. Estava n'uma região muito fertil, e era *etape* necessaria do caminho que, da Allemanha e Lombardia, vae dar, por Bolonha, á Italia Meridional, o mais frequentado na edade media.

Emquanto Roma preponderou na peninsula, e que de lá partia a iniciativa de todo o movimento, quem desejava passar do valle do Tibre á vertente opposta dos Apeninos, atravessava a montanha, no logar mais proprio, e descia para as costas do Adriatico, dirigindo-se ordinariamente a Ancona ou Ariminium. Mas, depois da decadencia de Roma, quando o fluxo dos barbaros se operou do norte para sul, o caminho que, das planicies lombardas, ganha o valle do Arno, pelas brechas do Apenino toscano, tornou-se o mais natural d'essa corrente.

Ora, sendo qualquer caminho de guerra ao mesmo tempo um caminho mercantil, tambem, naturalmente, devia nascer um grande centro de commercio e de industria na admiravel bacia de Toscana; e, por isso, a *Cidade das Flores* engrandeceu, prosperou, e tornou-se maravilhosa.

*
* *

A par da situação de Florença, que favoreceu, desde logo, o seu movimento economico, a planicie, que ella dominava, era fertilissima de cereaes, fructas, vinho, azeite e gado.

Mas, se Florença tinha uma admiravel situação terrestre, faltava-lhe a posição maritima de Veneza e Genova; e, por isso mesmo, os Florentinos applicaram-se principalmente á industria. De modo que, sendo esta republica inferior em marinha e commercio áquellas outras, excedeu-as nas artes e officios, e foi, com Flandres e Bravante, o paiz mais industrial da Europa, na edade media. Até as mais nobres familias florentinas foram filhas de negociantes e industriaes, como por exemplo — a dos Medicis, de que já fallamos.

Em 1236, as artes foram divididas em sete maiores e quatorze menores.

As maiores eram constituidas pelas seguintes classes: legistas e notarios; mercadores ou artistas de *calimala* [1]; cambistas; fabricantes de lã;

---

[1] A arte de *calimala* consistia em transformar em pannos finos os pannos grosseiros dos outros paizes.

fabricantes de seda; medicos e boticarios; pelliceiros.

E as menores eram formadas: pelos carniceiros; sapateiros; ferreiros; curtidores; pedreiros e lapidadores de pedra; vendeiros de vinho; padeiros; toucinheiros e vendeiros de azeite; linheiros; serralheiros; couraceiros e espadeiros; correeiros; carpinteiros; albergueiros [1].

Cada uma d'estas artes tinha chefe, governo, tribunal e bandeira particular.

Os outros misteres não formavam collegio proprio, e enfileiravam-se debaixo de qualquer arte predominante, que tivesse affinidade com elles.

As industrias da lã e da seda eram muito antigas em Florença. Mas a primeira d'ellas é que mais se espalhou; porque já tinha por si a tradição; porque os Florentinos, apezar da longa permanencia dos povos septentrionaes no seu territorio e do barbaro uso de se vestirem de pelles, não tinham abandonado a arte de fiar e tecer a lã, objecto de facil occupação nos campos cheios de rebanhos; nem tambem tinham deixado o fabrico dos pannos grosseiros.

Por isso, logo que recuperaram a liberdade no seculo XI, dedicaram-se de preferencia ao desin-

---

[1] Peruzzi, *obr. cit.*

volvimento d'essa industria; e, ao mesmo tempo que fabricavam pannos grosseiros e baratos, imitavam os pannos mais finos da Grecia, que tinham resistido ás invasões dos barbaros.

Ainda assim, esta industria carecia de grande iniciativa e progresso, quando, em 1239, chegaram a Florença os frades chamados *Humildes* (*Umiliati*), que transformaram completamente os processos de fabricação.

Esse facto deu-se nas seguintes condições:

Tendo o imperador da Allemanha, Conrado II, chamado o Salico, expulso muitos Lombardos, privando-os dos bens proprios, elles constituiram uma corporação, sob o nome de *Humildes*, fazendo voto de viverem do seu trabalho. E, tomando, por isso, a regra de S. Benedicto e de seus sacerdotes, applicaram-se a varias artes, especialmente á dos lanificios, encarregando-se de vigiar e ensinar os numerosos leigos, occupados no trabalho.

Tendo essa corporação, no correr dos tempos, obtido optimo resultado e grande riqueza, os membros d'ella estabeleceram mosteiros, em varias regiões da Europa, afim de exercerem e ensinarem a industria de lanificios; e alguns se dirigiram para Florença.

Os Florentinos comprehenderam logo a vanta-

gem que podiam tirar d'esses mestres; e, por esse motivo, a republica cobriu-os d'honras e beneficios, e concedeu-lhes o convento de S. Donato á Torre, fóra de portas, onde elles se estabeleceram.

Os *Humildes* ensinaram então ahi os processos de fabricação ás pessoas que os quizeram aprender, até que, em 1251, vieram viver na propria cidade, onde construiram um convento proprio — o de todos os Santos (*Ogni santi*), edificando em redor grande numero de casas, com grande numero de estendedouros.

A industria dos lanificios tomou assim grande incremento; e, supposto a principio estivesse quasi exclusivamente na mão dos frades *Humildes*, no fim do seculo XIII, tinha tomado uma tal iniciativa e desinvolvimento, na mão dos Florentinos, que, em 1330, os proprios frades tiveram de abandonar a profissão.

A republica organisou até um regulamento, onde o segredo era prescripto com todo o rigor; e a fabricação exclusiva dos bellos lanificios subsistiu em Florença, ainda por tres seculos, com a mesma superioridade.

Quasi toda a população se dedicava a essa arte; e era tão respeitada e ambicionada que se penduravam nas janellas taboletas compri-

das, com amostras de lã, para que o povo as notasse e tivesse toda a consideração pelos fabricantes que lá residiam.

Só no fim da edade media, é que essa industria declinou, quando a competencia da Hollanda, a sua posição de mercado central do norte e nordoeste da Europa, e o seu proprio desinvolvimento na mesma arte, fez retirar os Florentinos da maior parte dos mercados [1]. Tanto mais que as lãs, que vinham para Florença da Inglaterra, França, Hespanha e Paizes-Baixos, foram encarecendo, quando a Hollanda começou a preponderar na fabricação dos lanificios.

A republica afroixou então n'essa industria, dedicando-se de preferencia á da seda, velludos, brocados de ouro e prata, ricos tapetes, flores artificiaes, palha entrançada, e outros objectos de luxo; e Florença tornou-se no centro do luxo, das bellas artes e do bom gosto.

Esse luxo não consistia tanto na variedade dos trajos, porque eram simples, como na sua riqueza.

Os homens usavam o *lucco*, vestuario largo, que ou chegava aos pés, ou só descia a meio do corpo, e que era aberto na frente e nos braços

---

[1] Peruzzi, *obr. cit.*

e apertado no pescoço. Os das pessoas graves eram forrados de tafetá, pelliças, velludo ou damasco, segundo as estações, e o capricho e dinheiro de cada uma. Por baixo do *lucco,* usava-se de saio, ou de vestido curto, chamado casaco. E, no verão, trazia-se de ordinario sómente esse saio ou casaco. Usava-se tambem de meias até á côxa, e de boné com um panno pendente por detraz, para cobrir o lado posterior do pescoço.

As damas trajavam vestidos compridos, e, por cima, tunica apertada na cinta [1].

Mas, n'esta simplicidade, o luxo na qualidade das fazendas era enorme; a profusão dos adornos, joias e preciosidades, extraordinaria; e, sobretudo, nos dotes que os paes ricos davam ás filhas, havia um dispendio fabuloso e uma assombrosa ostentação [2].

Tudo isso contribuia tambem para o progresso das industrias da lã e da seda.

Esta ultima, que já existia em Florença, quando os Luquenses lá se acolheram (1314-

---

[1] Peruzzi, *obr. cit.*, estampas entre a pag. 378 e 379. — Cesar Cantu, *Histoire des Italiens,* vol. v.

[2] Para cohibir taes excessos houve muitas leis sumptuarias; mas, inutilmente, como foram inuteis os se-

1322), para fugirem ás desgraças da sua patria, alcançou, pelo auxilio d'elles, grande progresso. Então, os Florentinos, para ampliarem essa industria e augmentarem a sua reputação, começaram a imitar os pannos da Persia, tanto na fabricação dos estofos, como dos velludos e brocados d'ouro, prata e seda. E bem depressa, pela belleza do desenho e pela esplendida variedade das côres, poderam aperfeiçoar os seus productos, de forma a primarem nos grandes mercados da Europa e

---

guintes versos de Dante, que fulminavam o luxo exagerado:

Fiorenza dentro della cerchia antica
Ond' ella toglie ancora e terza e nona
Si stava in pace sobria e pudica.

Non avea catenella, non corona
Non donne contigiate, non cintura
Che fosse a vedere piú che la persona.

Non faceva nascendo ancor paura
La fligia al padre, ch'l tempo e la dote
Non fuggian quinci e quindi la misura.

Non avea case di famiglia vôte:
Non v éra giunto ancora Sardanapalo
A mostrar ció che 'n camera si puote.

do Levante, conseguindo uma reputação que excedeu a de todos os paizes.

O proprio governo, vendo decair no seculo XV a industria da lã, sem poder levantal-a, favoreceu, quanto pôde, a fabricação e commercio da seda, a ponto de que, em 1472, havia mais de cincoenta fabricas d'ella em Florença.

A arte da tinturaria, que anda colligada com as da seda e lã, teve egualmente grande incremento. Já, em 1300, a respectiva corporação possuia egreja, casa e hospital proprio.

A industria de ourivesaria alcançou tambem grande progresso. Os artigos de ouro e prata cinzellada, gemmas e pedras preciosas, gosavam de altissima reputação; e pode dizer-se que, n'este genero, Florença, pela originalidade e perfeição dos desenhos, excedia as outras cidades.

Mas uma das industrias que mais proveito deu á republica e mais contribuiu para augmentar o seu renome, foi a dos seus banqueiros, tambem conhecidos, como, em geral, os banqueiros da Italia, pelo nome commum de *Lombardos* [1]. Concorreu tambem para isso o terem-se os Florentinos insinuado na Santa Sé, quando a côrte de

[1] Pag. 101.

Roma era já poderosa, tornando-se os seus banqueiros e emprestadores, e recebendo, nas diversas regiões do mundo catholico, os rendimentos da curia romana. De modo que poderam assim fundar rendosos beneficios e voltar á patria, carregados de ouro, elevando essa industria a um grande esplendor.

Tão importante se tornou o negocio de banco em Florença, e tal preponderancia adquiriram os banqueiros florentinos, em todo o mundo commercial, que muitos d'elles, sendo alguns tambem fabricantes de pannos e exportadores, passaram á historia, como verdadeiras potencias financeiras; por exemplo os Peruzzi, os Pazzi, os Corcini, os Falconieri, os Portinari, os Buondelmonti.

Onde elles mais influencia e prosperidade tiveram, foi na Inglaterra e na França.

Já se achavam estabelecidos na Inglaterra, quando, no fim do seculo XII e principio do seculo XIII, sob os governos de João Sem Terra e Henrique III, que fizeram grandes concessões aos papas, foram encarregados por estes de receber os rendimentos da curia romana, o que lhes deu grande importancia. E accresceu ainda que a troca e mudança frequente de embaixadores e legados entre as duas côrtes, obrigava os papas a recorrerem continuadamente ao

cambio, e portanto aos Florentinos, que já tinham os seus estabelecimentos bancarios e as suas companhias na Inglaterra, especialmente, em Londres, Antona e Southampton, e que por isso mais facilmente podiam servir de intermediarios.

Os Florentinos forneciam até dinheiro aos monarcas inglezes; e, em troca, iam obtendo, além de grandes juros, valiosos privilegios, como, por exemplo, o serem dispensados de residencia fixa e determinada [1].

Eduardo III, que já da Palestina conhecia os banqueiros florentinos, e d'elles recebera favores, protegeu-os tambem grandemente, quando regressou á Inglaterra. Mas, por fim, tendo aspirado ao throno da França, e entrando em lucta com os Francezes, recorreu aos mesmos banqueiros para um grande emprestimo. Esse emprestimo não foi pago, e seguiu-se a ruina dos bancos de Florença, como já dissemos.

Emquanto á França, as relações dos banqueiros florentinos vêm do tempo de Carlos Magno. Depois, em 1266, a dynastia d'Anjou estabeleceu

---

[1] Como veremos na historia commercial dos Inglezes, os estrangeiros foram, por varias vezes, prohibidos de residir na Inglaterra, e mesmo de lá permanecerem, além d'um certo numero de dias.

*

as mais estreitas relações com Florença. E, já no fim do seculo XI, os mercadores d'esta republica frequentavam as feiras do Champagne [1]; sendo um dos seus principaes negocios o trazerem de lá os pannos grosseiros, para, depois, os transformarem em pannos mais finos, ao que se chamava, segundo já dissemos, arte de *calimala*. Ora, mediante essas relações, os banqueiros florentinos quasi que adquiriram o exclusivo das operações dos bancos no territorio francez.

Mas esta mesma influencia e preponderancia, a par da usura, despertou a inveja dos Francezes, por forma que, depois dos Florentinos serem expulsos e readmittidos differentes vezes, desde 1277 em diante, foram por fim banidos todos que fossem banqueiros, industriaes ou commerciantes [2]. E, como, segundo o proverbio, um mal nunca vem só, tambem nos outros pai-

[1] Foram importantissimas estas feiras. Eram annuaes; e havia duas em Provins, em maio e setembro; tres em Troyes, em janeiro, junho e outubro; uma em Lagny; e outra em Bar-sur-Aube. — Peruzzi, *obr. cit.*, pag. 181.

[2] Essas perseguições foram feitas, em 1277, por Filippe III, o Atrevido; em 1291, por Filippe IV, o Bello; em 1337, por Filippe de Valois, por causa da guerra com Eduardo III de Inglaterra; e, em 1345, por este mesmo.

zes, foi decaindo a influencia dos banqueiros florentinos.

*

* *

O commercio de Florença era inferior ao de Veneza e Genova. Mas, ainda assim, já porque o movimento commercial anda sempre annexo ás industrias, e especialmente ás operações de banco; já porque os Florentinos, falhos de recursos naturaes, precisavam de recorrer ao negocio; e ainda, pelo exemplo e estimulo de todas as outras cidades italianas; a republica tornou-se notavel n'esse genero. Tanto assim que, para regular o seu grande movimento commercial, fez até redigir *O Estatuto délla Universitá délla mercatanze de Firenze,* onde se compendiaram os preceitos mercantis mais communs; e os seus negociantes, da mesma forma que os seus banqueiros, possuiam succursaes em Avinhão, Barletta, Bruges, Charcuza, na Morea, Famagusta, Veneza, Genova, Londres, Majorca, Napoles, Paris, Pisa, Rhodes, Castello de Castro, na Sardenha, Palermo, Tunis e outras cidades.

Florença teve tambem muitas relações mercantis com o oriente. Para isso, em 1425, enviou dois agentes ao Egypto, afim do sultão

lhe conceder, como herdeira de Pisa, os mesmos privilegios que tinha concedido aos Venezianos e Genovezes. E, tendo obtido essa pretensão, as galeras de Florença começaram a frequentar assiduamente a Alexandria.

Possuia tambem estabelecimentos na Armenia, traficando muito, pelo porto de Ajazzo, com essa região.

Em 1252, quando Pisa estava ainda no seu esplendor, Florença entabolou egualmente relações commerciaes com o estado de Tunis. Serviu-lhe para isso a circulação dos seus florins de ouro. Tal era o brilho d'essa moeda que o bey tratou de saber quaes os povos que a fabricavam ; e d'ahi provieram as relações entre os dois paizes e o estabelecimento dos Florentinos na cidade de Tunis, com differentes privilegios mercantis.

Finalmente, para se ver como a republica estendeu o seu commercio aos mais distantes paizes, podemos accrescentar que os seus commerciantes entabolaram até relações directas com Cathay (Pekin), na China [1].

Florença occupa tambem por outro titulo um

[1] Peruzzi, *obr. cit.*

logar eminente na historia do commercio. Dois negociantes florentinos, Pegolotti e Antonio de Uzzano, que viveram nos seculos XIV e XV, compozeram os primeiros tratados ácerca das praças de commercio, dinheiros, pesos e medidas, usos mercantis, contabilidade, transportes por mar e por terra, cambios, seguros e muitos outros pontos mercantis.

Quando Florença comprou o porto de Livorno, tinha sido obrigada a subscrever uma condição prejudicial ao seu commercio e navegação, que vinha a ser: abandonar aos Genovezes o transporte de todas as carregações de lã, que tivessem de ser desembarcadas na costa genoveza. Mas, logo que pôde conseguir um porto privativo, tratou de desinvolver consideravelmente a sua marinha.

A sua frota mercante dividia-se em duas flotilhas, a do Oriente e a do Occidente; o seu effectivo regulava por onze grandes galeras e quinze mais pequenas; e foi, como a de Veneza, regulamentada, emquanto ás épocas da saida, construcção e aprestes dos navios, e tarifas dos fretes.

Mas, em todo o caso, Florença, como potencia maritima, não estava no caso de rivalisar com Genova, e muito menos com Veneza. O

seu principal recurso era a industria; e, n'esse ponto, não teve na Italia quem a egualasse [1].

*

* *

A Toscana, além de ter sido um paiz de commercio e de industria, foi tambem para o espirito humano o centro de uma verdadeira efflorescencia. O que a republica de Athenas fôra na edade antiga, Florença o foi na edade media.

Mais uma vez, se elevou outro enorme foco de luz, cujo reflexo ainda hoje nos deslumbra. Póde dizer-se que ella representou uma verdadeira renovação da humanidade. A liberdade de iniciativa e o progresso das sciencias, das artes e das letras, tudo o que ha de bom e nobre no mundo, manifestou-se ali, com esse alegre enthusiasmo que as gerações tinham perdido, ha muito.

O genio revelou-se em toda a especie de trabalhos; e, entre os grandes nomes da historia universal, os Florentinos podem reivindicar para si muitos dos maiores, como, por exemplo, Giot-

---

[1] Scherer, *ob. cit.*

to, Orgagna, Massano, Miguel Angelo, Leonardo de Vinci, André del Sarto, Brunelleschi, Dante, Savanarola, Galileo, Machiavel [1].

Foi tambem ao immenso privilegio da sua liberdade, ao genio dos seus escriptores, e á influencia exercida pelos seus poetas sobre o desinvolvimento intellectual da Italia, que Florença deve o ter dado o seu dialecto á peninsula inteira, desde os Alpes até o mar da Sicilia.

*
* *

Já vimos como Florença cresceu e engrandeceu, a ponto de se tornar uma das maiores cidades da Italia, e como a sua situação auxiliou esta grandeza.

Não obstante isso, estava, como está, n'uma região insalubre, onde, apezar da defeza dos Apeninos, os ventos se succedem em bruscas alternativas, e o calor é abafador. É proverbial em toda a Italia o *caldo di Firenze*. Devido a essas condições, foi ella, na edade media, uma das cidades que a peste mais atacou. Só de uma vez,

[1] E. Reclus, *obr. cit.*, *L'Europe Méridionale.* — Americo Vespucio era tambem de Florença, mas este foi posterior á edade media.

morreram cem mil pessoas, metade da população; e por isso chegou a aventar-se a ideia de a destruir e reconstruil-a no campo de Empoli, que é hoje uma pequena cidade, a oeste, n'um logar muito salubre [1].

Ao pé de Florença, que chamava a si o movimento da republica, eram insignificantes as outras cidades do territorio florentino. Mas, ainda assim, notaremos Pistoia, cujos arredores eram tão agradaveis, que constituiam uma especie de jardim.

Fiesola, a antiga Fesula, que se eleva ao norte sobre as collinas. Foi ella que, durante o imperio romano, dominou a região. Mas, em 1010, foi arruinada pelos Florentinos, que a privaram das suas columnas e estatuas, para enriquecerem os seus proprios monumentos.

Prato, nas margens do Vicentio, entre Florença e Pistoia.

Monte Pulciano, muito fertil em vinho, situada perto do lago Perusa.

Cortona, cidade importante na antiguidade, que chegou a ser a capital dos Etruscos. Foi adquirida pelos Florentinos, em 1411.

Arezzo, antiga cidade dos Etruscos e centro

---

[1] E. Reclus, *obr. cit.*, *Europe Méridionale.*

d'uma das republicas mais prosperas da edade media. No seculo XIV, quando já estava decadente, De Corse, general de Luiz d'Anjou, apossou-se d'ella, e vendeu-a aos Florentinos, por 24:000 ducados, depois de a ter despojado das suas riquezas.

Lisonjeava-se esta cidade de *respirar um ar tão subtil que tornava subtis os proprios espiritos;* e, de facto, a lista dos seus sabios e artistas é uma das maiores da Italia.

Ahi nasceram, além de outros homens celebres, Mecenas, o amigo de Augusto; Petrarca; Pedro Aretino; Frei Guido Aretino, inventor de um methodo mnemonico de solfejo; Pedro Aretino, conhecido por suas satyras e seus escriptos obscenos; frei Guittone, poeta; o chanceller Leonardo Bruni, auctor de uma historia de Florença; o poeta Bernardo Accolti; o jurisconsulto Albergotti; o humanista Marsuppini; Antonio Roselli, botanico e medico, que presentiu antes de Harvey a circulação do sangue; Francisco Redi, que foi poeta distincto e um dos maiores medicos da escola florentina; o marechal d'Ancre, Concino Concini; o papa Julio III; Spinello Margaritone, Marchione, Nicolau Selli, Vasari, artistas de grande merito, o ultimo dos quaes foi historiador dos pintores italianos.

*

* *

Antes de 1252, Florença apenas tinha moedas de prata, chamadas *piccioli,* do valor de 12 dinheiros, cada uma, e que vêm a ser os florins de prata, que ainda se vêem nas collecções antigas. Valiam approximadamente 111 reis.

Mas, n'essa data, depois da derrota dos Siennezes, em Montalcino, quando a fortuna de Florença tomava proporções consideraveis, a republica tratou de crear florins de ouro, no valor approximado de 2$225 reis, cada um; dividindo-os tambem em 20 soldos e cada soldo em 12 dinheiros. E, para lhe dar um credito indiscutivel, fabricou-os de ouro mais puro que outro qualquer dinheiro, com o toque de 24 quilates, e com o peso de 72 grãos inglezes [1]. Essa moeda, com os nomes de *florim d'ouro, fiorino de sugello, fiorino de galeo, fiorino largo, ducado, scudo,* tornou-se o verdadeiro padrão dos valores.

A reputação d'este dinheiro, que tinha, de um lado, a imagem de S. João Baptista, e, do outro, uma flôr de lys, com o nome da republica, apezar

---

[1] O grão inglez, como temos dito por mais de uma vez, equivale a 0gr,0647, e o portuguez a 0gr,498047.

de ninguem o querer, no principio da sua apparição, tornou-se logo universal; e já vimos que á sua belleza e perfeição deveu a republica as boas graças do bey de Tunis.

A creação do florim d'ouro não supprimiu, porém, o florim de prata, que continuou a figurar no pequeno commercio. A quantidade das moedas de prata em circulação era até superior, doze vezes, á do ouro; e, pela depreciação d'esse metal, a especulação no cambio do dinheiro tornou-se muito grande.

Os florins de prata foram tambem designados pelo nome de *pequenos florins, piccioli* ou *picculi*.

Foram tambem cunhadas successivamente algumas outras peças de prata, conhecidas por *soldi grossi, grossi popolini, guelfi del fiori, nuovi guelfi, grossi guelfi, popolini, grossi, grossoni*, para as transacções internas, cujo valor era variavel, segundo a depreciação da prata [1].

O lucro do commercio trouxe a elevação dos juros.

No tempo de Justiniano, estabelecera-se que o juro fosse de 4 por cento para pessoas illustres, 11 por cento para os mercadores de cereaes e co-

---

[1] Shaw, *obr. cit.*—Noel, *obr. cit.*

mestiveis, e 6 por cento para todas as pessoas, indistinctamente. Mas, em Florença, adoptou-se o juro de 8 por cento para mercadores, e 5 por cento para particulares. E, apezar da egreja prégar a abolição da usura, no seculo XIV, o juro subiu a 15 e 20 por cento e mais, pela agitação e mudança politica da republica. Por isso, em 1495, fundou-se um *Monte de Piedade,* instituição bancaria, que recebia pequeno juro dos seus emprestimos.

*

* *

Já vimos como Florença communicava com o norte, pelos caminhos que vinham dar ao valle de Toscana. Por outro lado, Milão tinha sido, no tempo do imperio, um dos centros onde vinha bater maior numero de caminhos [1]; e essas arterias, que não estavam de todo apagadas, constituiam ainda uma certa rede de communicações com a região florentina.

Finalmente, o canal de Naviglo Grande, emprehendido em 1179 e concluido em 1257, que

---

[1] *A Historia Economica* — Edade Antiga, vol. I, pag. 397.

leva as aguas do Tessino para Milão, favorecendo muito as communicações fluviaes de Toscana, favoreceu egualmente as communicações da republica de Florença.

*

* *

Florença, inferior a Veneza no commercio e marinha e na extensão da industria, e a Genova, tambem na marinha e movimento colonial, era-lhes superior na industria da seda e lã, e no negocio de cambio. E não podemos resumir mais precisamente o valor economico de Florença, na edade media, que, transcrevendo as proprias palavras com que Benedito Dei, auctor florentino, quiz mostrar aos Venezianos a superioridade da patria:

« Sabeis que nós temos em Florença duas corporações mais respeitaveis e mais nobres que as da vossa cidade de Veneza: são as de lã e pannos. Sabe-se isto na côrte de Roma, e na de Napoles, na Sicilia, em Constantinopla, em Pera, em Chio, em Bursa, em Gallipoli, em Salonica, em Andrinopla, e nas outras partes onde os Florentinos enviam seus pannos e onde têm bancos, *fondas*, feitorias e consulados. Quanto ás sedas e

brocados d'ouro e prata, nós fazemos e faremos sempre mais que a vossa Veneza, Genova e Luca todas juntas. Perguntae aos vossos mercadores que frequentam Marselha, Avinhão, Lyão, Genova, Bruges, Anvers e Londres.

« Por toda a parte, elles encontram fortes banqueiros, bolsas magnificas, negociantes respeitaveis, *fondas,* egrejas e consulados pertencendo aos Florentinos. Informae-vos dos bancos dos Medicis, dos Pazzi, dos Capponi, dos Buondelmonti, dos Corsini, dos Falconieri, dos Portinari, e de outras tantas casas, cujos nomes encheriam cem paginas.

« N'estes estabelecimentos, não é de mercearia, quinquilherias, linho, franjas, rosarios, avelorios que o trafico se faz. Debitam-se ducados, brocados e pannos. Quando vós outros, Venezianos, ides procurar especies, algodões e cêra á Alexandria, sois obrigados a compral-os a dinheiro de contado; emquanto que os Florentinos dão os seus pannos e os outros tecidos em troca d'estas mercadorias, que tiram mais facilmente ainda de Bursa. » [1]

---

[1] Depping, *obr. cit.*

CAPITULO X

Outras cidades e regiões da Italia e visinhanças

Roma. — Ravenna. — Ancona. — Traní. — Bari. — Brindisi. — Asti. — Sienna. — Milão. — Luca. — Salerno. — Napoles. — Sicilia. — Raguza. — Durazzo.

O movimento economico da Italia, n'esta epoca, não se resumiu unicamente nas republicas de Veneza, Genova, Amalfi, Pisa e Florença. Outras cidades e regiões da Italia e visinhanças desempenharam tambem um papel importante; e não deixaremos de mencionar, indistinctamente, Roma, Ravenna, Ancona, Trani, Bari, Brindisi, Asti, Sienna, Milão, Luca, Salerno, Napoles, Sicilia, Raguza e Durazzo.

*

*   *

No principio da edade media, Roma é que absorvia e recebia a maior parte dos productos do oriente.

Por um lado, os papas, sobretudo os dos seculos VIII e IX, offereceram grandes presentes ás egrejas d'esta cidade, taes como, ornamentos preciosos, estofos magnificos, pinturas, tapetes para cobrir as paredes, os altares, as columnas. E a maior parte d'esses productos saíam dos artistas bysantinos, e mesmo alexandrinos; porque, apezar da Alexandria e do Egypto, já n'esse tempo, se acharem no poder dos Arabes, era de lá que vinha o principal fornecimento. Por outro lado, cobriam-se de perolas e pedras preciosas os objectos destinados ao culto, como as cruzes, as imagens e relicarios. Além d'isso, a quantidade d'incenso e outros perfumes que se queimavam, durante os officios e solemnidades religiosas, era enorme. Accrescia ainda que muitos bispos e abbades aproveitavam as peregrinações a Roma, para comprarem artigos destinados ao embellezamento das suas egrejas. E, finalmente, muitas vezes, a titulo de dadivas, exportava-se para o occidente grande copia d'esses objectos.

Póde-se portanto calcular quão grande havia de ser a importação romana d'esse genero de productos orientaes.

Mas o consumo não ficou sómente n'isso. Pelo fausto da curia e dos grandes dignitarios da egreja, Roma fornecia tambem muitos produ-

ctos do occidente para o seu consumo proprio e de muitas cidades e povoações da Italia. De modo que era tambem um entreposto dos pannos de Languedoc, Rossilhão, Flandres e Inglaterra; e ahi concorriam os ferros da ilha d'Elba, pelliças, pastel, cereaes e outros artigos [1].

Quando se foram levantando as republicas maritimas, e o trafico se deslocou para os portos de mar, Roma foi decaindo consideravelmente. Mas, ainda assim, não se extinguiu o seu movimento economico, porque, em todos os tempos, a corrente de peregrinos que visitavam a capital do mundo catholico, lhe deu tambem uma certa industria e commercio.

De mais a mais, no periodo iconoclasta, muitos tecedores gregos emigraram para lá, introduzindo a industria sericola, que, desde então, se manteve sempre dentro dos seus muros.

E tanto o movimento economico de Roma se não apagou de todo que, no seculo XIII, quando Filippe Augusto garantiu officialmente a sua protecção aos Italianos que frequentassem as feiras de Champagne, os Romanos ahi concorreram;

---

[1] Heyd, *obr. cit.*, vol. I, pag. 94 e seguintes. — Depping, *obr. cit.*, vol. I, pag. 329.

e, quando, em 1278, Filippe o Atrevido quiz attrair com varios privilegios os estrangeiros a Montpellier e Nimes: Roma deu tambem grande contingente para o augmento commercial d'estas cidades.

*

* *

Ravenna foi elevada por Honorio (404) a capital do imperio do Occidente, por causa dos seus arredores pantanosos, que tornavam mais difficil o accesso dos invasores. Odoacro, rei dos Herulos, e Theodorico, dos Ostrogodos, estabeleceram n'ella a sua residencia. Depois da destruição do imperio dos Ostrogodos por Narsés, Ravenna tornou-se tambem, em 568, a capital d'um exarcado. Foi tomada, em 752, por Astolfo, rei dos Lombardos. Pepino o Breve lh'a tirou dois annos depois, e a deu de presente á curia romana. Posteriormente, no correr da edade media, esta cidade recuperou por algum tempo a sua liberdade; mas foi logo submettida pelos Bolonhezes, e, em seguida, pelos Venezianos, em 1440.

No tempo dos Romanos, achava-se em communicação directa com o mar Adriatico, ao passo que actualmente só lhe está ligada por um canal artificial de onze kilometros, accessivel aos na-

vios que precisam de quatro metros de agua, e pelo porto Corsini, egualmente devido ao trabalho do homem. Os antigos portos romanos desappareceram.

Mas, na edade media, esta cidade tinha communicação directa com o Adriatico, e o seu porto era excellente; e, por isso, já constituia um grande mercado dos Genovezes e das riquezas orientaes para a Italia, quando Veneza se não tinha ainda elevado. Foi decaindo, pelas difficuldades que surgiram no seu porto, e pela importancia que a republica veneziana adquiriu; e esta republica foi tomando para si o commercio oriental que ella fazia.

*

* *

Ancona, muito protegida pelos imperadores de Constantinopla, que pretenderam fazer d'ella um centro de resistencia contra os da Allemanha e até contra as republicas independentes da Italia, tinha a situação a seu favor; porque muitos mercadores de Pisa, Toscana e outras regiões do nordoeste da peninsula, em vez de navegarem ao longo do Adriatico, em demanda do oriente, vinham embarcar n'essa cidade, cortando o mar em linha recta. E, á sombra da situação e do patro-

cinio dos imperadores gregos, augmentou consideravelmente o seu commercio e marinha.

Os Anconitanos tiveram tambem uma colonia sua no Egypto, na Syria e n'outras regiões do oriente. O seu commercio esteve em grande esplendor, desde 1232 a 1252; mas, vencidos, então, pelos Venezianos, cairam brevemente na obscuridade [1].

*

* *

Trani, a antiga Turenum, sobre o mar Adriatico, nas terras de Bari, teve tambem grande importancia. Já expedia navios para o oriente, mesmo antes das cruzadas, e o seu movimento era tal que, em 1063, organisou um codigo maritimo, chamado o *codigo maritimo de Trani*.

Esta cidade obteve em Chypre isenção dos direitos fiscaes, primeiro que outra qualquer cidade. Negociou fortemente com Alexandria e Constantinopla. E augmentou cada vez mais o seu commercio no oriente [2].

---

[1] Ludovico Sauli, *Della Colonia dei Genovesi in Galata*.

[2] Heyd, *obr. cit.*, vol. I.

*

* *

Bari, a antiga Barium, já no tempo dos Romanos, embora estivesse no dominio d'elles, nomeava os seus magistrados: o que demonstra a importancia que já tinha. Depois da queda do imperio, andou successivamente na mão dos Sarracenos e dos Gregos, que ahi estabeleceram um logartenente. D'estes passou para os Normandos, que fizeram d'ella a capital do seu principado. E, em seguida, pertenceu ao rei de Napoles.

Por isso, entabolou muito cedo relações mercantis com os Arabes. Quando, no seculo X, passou para o poder dos Bysantinos, começou tambem a traficar com elles. E, depois d'isso, pela importancia que os Normandos lhe deram, o seu movimento mercantil continuou progredindo egualmente.

Já os primeiros cruzados afretavam os seus navios; e os seus habitantes entabolaram muito cedo relações commerciaes com o oriente, vendo-se frequentemente na Antiochia, Palestina, Tripoli, d'onde importavam na Italia muitos productos orientaes, inclusivamente as fructas mais apreciadas.

*
* *

Brindisi, a antiga Brundisium, era já afamada no tempo dos Romanos, que recolhiam as suas armadas no porto d'esta cidade. A via Appia terminava n'ella; porque, embora Appio Claudio, que fez construir essa bella estrada, a não levasse além de Capua, Augusto a continuou até lá, o que augmentou a importancia d'essa região.

Brindisi fez tambem, na edade media, muito commercio com o oriente, e mesmo com a Italia.

*
* *

Asti, perto de Turim, tornou-se muito notavel pela sua industria de banco, e por forma que os seus banqueiros tiveram tambem estabelecimentos em muitas regiões da Europa, como os Florentinos. Além d'isto, os seus commerciantes frequentavam muito as feiras de Champagne, de que já fallámos, e faziam grande commercio em Nimes e Montpellier.

*

* *

Sienna já tinha uma communa em 1151. Em 1186, Henrique de Suabia, ainda na vida de Frederico Barba Roxa, concedeu-lhe o direito de cunhar moeda, a livre eleição dos seus consules, de um reitor e de um podestá, com jurisdicção em todo o condado, mas com reserva de appellação para o tribunal imperial, e obrigação da cidade pagar para a camara imperial 60 marcos de prata [1].

Esta cidade, que, no tempo da sua prosperidade, contava cem mil habitantes, foi, por muito tempo, rival commercial de Pisa e Florença; e a sua marinha percorria tambem os mares orientaes e o Mediterraneo.

*

* *

Milão era para a Alta Italia o que Roma era para a Italia Media; e tão importante se tornou que lhe chamaram a *Segunda Roma*. Essa impor-

---

[1] Cesar Cantu, *Histoire des Italiens,* liv. IV, pag. 384.

tancia começava pela sua posição. Estava no centro da Lombardia, e no desembocadouro natural dos lagos Maior e Como.

Faltava-lhe a agua, porque não possuia senão o pequeno regato de Olona; mas arranjou verdadeiros rios, com a construcção dos canaes Naviglio Grande e Martesana, que lhe levam quasi duas vezes mais agua que o Sena rola em Paris, durante o verão [1]. Ella attraía todos os productos da industria da Lombardia, Verona e Mantua. Monza e Como forneciam-lhe pannos grossos e de meia grossura, apezar de Monza expedir tambem pannos para Veneza, destinados aos sortimentos do Levante. Padua enviava-lhe o seu linho e açafrão; Brescia os seus ferros e aço; e Monferrat, tambem açafrão, lona e canhamo.

Era um dos principaes mercados de mercearia de toda a Italia. Servia, além d'isso, de entreposto para as lãs compradas pelos mercadores italianos em Flandres, com destino ás fabricas de pannos.

Depois do meiado do seculo xv, os duques de Milão, para favorecerem a industria nacional, prohibiram, primeiramente, as importações dos la-

---

[1] E. Reclus, *obr. cit., L'Europe Méridionale.*

nificios, e, pouco depois, a entrada das sedas estrangeiras: o que prova que o paiz não commerciava directamente com o Levante, aliás não poderia fazer sortimentos para os mercados orientaes, excluindo os tecidos estrangeiros. Mas, nem por isso, deixou de ser tambem muito notavel a industria d'esta cidade [1].

*

* *

Luca, na região de Toscana, constituiu por muito tempo uma republica independente. Depois, teve uma serie de agitações politicas e de senhores, entre esses, Castruccio Castracani (1314-1328). Foi primeiramente vendida a Mastino d'ella Scala (1335), e depois aos Florentinos (1341). Soffreu o jugo de Pisa (1342). Foi restituida á liberdade pelo imperador Carlos IV, em 1365; e, desde então, com algumas alternativas, conservou a sua independencia, até o fim da edade media.

---

[1] Notaremos, por simples curiosidade, o gosto que os Milanezes tinham pelo cão. Era o animal que mais geralmente se via nas ruas. O povo de Milão, ainda no tempo de Barnabé sustentava nada menos de cinco mil cães. Cesar Cantu, *Margarida de Posterla*, traduzida por José Caldas, pag. 10.

Desde o seculo XIII, foi introduzida em Luca a fabricação dos fios de ouro e prata; e já, n'essa data, era muito florescente a industria de seda. Os seus tecelões esmeraram-se em imitar os estofos do oriente; e, depressa, attingiram uma tal perfeição que não havia nenhum estôfo, por mais bello que fosse, que se não podesse procurar em Luca, tão bem como em Yezd ou Damasco.

Conhecidas primeiramente na Italia as sedas de Luca, espalharam-se logo nos outros paizes. Achavam-se até nos mercados de Champagne, Paris, Londres e Bruges.

As corporações de tecedores de seda de Florença, Veneza e Genova datam quasi da mesma epoca; mas, durante muito tempo, os artistas d'essas tres cidades não poderam alcançar a competencia dos seus confrades luquenses.

Em 1300, as agitações politicas começaram a provocar as emigrações dos obreiros da seda; e quando Castruccio Castracani (1316-1328) conseguiu estabelecer um regimen militar e exilou um certo numero de familias, outras, receiando a mesma sorte, foram fixar-se em Veneza, Florença e differentes cidades da Italia. O resultado foi espalhar-se na peninsula o segredo da imitação perfeita dos estofos orientaes. E Florença é

que mais aproveitou, porque, na edade media, teve o primeiro logar, tanto na fabricação da seda, como dos pannos [1].

Os Luquenses, que se proviam da materia prima na Georgia, tinham até fabricas suas em Constantinopla e feitorias em Africa; e levavam tambem os seus productos ás feiras de Champagne e de Nimes.

*

* *

Salerno era visinha de Amalfi, mas ainda tinha melhor situação, pois que estava no desembocadouro dos velhos caminhos da Campania. Foi escolhida para capital dos seus dominios pelos Normandos, que se apoderaram d'essa região, no seculo XI; e Roberto Guiscard lhe deu grande esplendor. A sua Universidade foi outrora, pelos seus professores de medicina, a mais celebre da Europa e a herdeira directa da sciencia arabe. Chamou-se até a *Cidade hyppocratica*.

Salerno fez tambem commercio importante

---

[1] Heyd, *obr. cit.*, vol. II, pag. 708 e seguintes.

no oriente e no Egypto, onde Rogerio II, em 1137, lhe conseguiu reducção de direitos.

*

* *

Napoles, já no tempo de Strabão, era uma grande cidade.

Todos os Gregos que tinham ganhado algum dinheiro, ou no ensino das letras, ou n'outra profissão, e que desejavam acabar os seus dias em socego, escolhiam esta bella cidade, de costumes hellenicos e de clima semelhante ao da sua patria. Muitos Romanos os seguiram; e Napoles tornou-se, como todas as colonias annexas, fundadas no circuito do golfo, a habitação por excellencia da paz e do prazer [1].

*

* *

A Sicilia foi presa dos barbaros, nos primeiros tempos da edade media. Em 535, Belisiario retomou-a para o imperio grego, e fez d'ella o centro

---

[1] E. Reclus, *obr. cit.*, *L'Europe Méridionale.*

das suas operações contra a Italia. Depois d'isso, parte da ilha caiu em poder dos Arabes (827-1070). Em seguida, o normando Rogerio I expulsou os Gregos e os Arabes, e fez d'ella um condado. Em 1130, seu filho Rogerio II juntou-lhe a Apulia, Averso, Gaeta, Napoles e Amalfi, e constituiu o reino das duas Sicilias, reconhecendo-se, ao mesmo tempo, vassallo do papa. Em 1194, pela extincção da descendencia de Rogerio, a corôa d'esse reino passou para Henrique VI, da casa de Hohenstaufen. Em 1266, a casa de Anjou succedeu á casa de Hohenstaufen, até que, em 1282, pelas famosas Vesperas Sicilianas, os dois reinos se separaram. Os principes de Anjou guardaram Napoles, e a casa de Aragão tomou conta da Sicilia. Mais tarde, Affonso V, de Aragão, conseguiu novamente juntar os dois estados (1435 e 1458). Mas, por sua morte, foram de novo separados, e assim se conservaram, até o fim da edade media.

Ora a conquista dos Arabes trouxe consequencias importantes para o commercio da Sicilia; já porque elles aclimataram ahi muitos productos orientaes, como a canna do assucar, as tamaras, o algodão; e já porque os navios de Hespanha, França e da costa occidental da Italia, poderam fazer pela Sicilia escala para o Levante e aportarem

sem perigo a Tropani, Messina, Catanea, Syracusa. E, desde essa epoca, todos os Italianos exploraram fortemente o seu commercio.

E mesmo, quando a ilha passou para o poder dos Hohenstaufen, não desmereceu no movimento economico; porque os imperadores encheram de privilegios os Italianos ahi estabelecidos, especialmente os Genovezes e Pisanos.

Os Sicilianos, cujo principal porto era o de Syracusa, fizeram tambem grande commercio no oriente, e obtiveram importantes privilegios em Constantinopla, no Egypto, na Pequena Armenia, e em muitas outras regiões.

Esta ilha, juntamente com Napoles, fornecia ao commercio grande quantidade de cereaes, azeite, algodão, assucar e vinhos, que se designavam debaixo do nome de *vinhos latinos*.

*

* *

Raguza, a Dubrovnik slava, foi tambem muito importante e commercial. Esta cidade estava, como está, situada na costa dalmatica; e, por esse lado, não poderia enfileirar-se na lista das cidades italianas da edade media.

Mas, porque esteve muito tempo sob a prote-

cção de Veneza; e porque, apezar de ter uma origem slava, tornou-se pelos seus costumes, relações, affinidade e tendencia, uma cidade italiana: a mencionamos tambem n'este capitulo [1].

Foi com Genova e com Veneza uma das rainhas do mar. Independente por muito tempo, e crescendo commercialmente á sombra de Veneza, sua protectora, collocou-se, em 1205, voluntariamente debaixo da dependencia dos Venezianos. E estes, em 1358, a cederam ao rei da Hungria, que lhe deixou uma liberdade d'acção, quasi illimitada.

Fez, como a sua protectora, um commercio importante com o oriente, ainda mesmo depois que o poder dos Turcos avassallou a Asia Menor.

A maior parte do seu trafico era até representada pela importação dos productos europeus nas possessões turcas. Mas, além d'isso, tinha relações activas com as escalas do Mediterraneo; expedia directamente as suas mercadorias para a India; e tratava, de egual para egual, com os estados mais poderosos. Os Raguzanos obtiveram tambem dif-

---

[1] Da mesma forma, Heyd, *obr. cit.*, vol. I, pag. 263, considerou esta cidade como italiana. E tambem, no mesmo sentido, está a *Description historique de l'Italie en forme de dictionnaire*, na palavra *Raguza*.

ferentes privilegios dos imperadores de Constantinopla, de Nicea, de Trebizonda, e dos kans da Bulgaria; e, em todas essas regiões, e n'outras muitas do oriente, fizeram grande commercio.

*

* *

Durazzo, a antiga Dyrachium dos Romanos, situada nas costas de Albania, tambem, pela sua situação, não pertence á Italia; mas, porque os Amalfitanos ahi tiveram uma colonia importante; porque esteve muito tempo sujeita aos Venezianos; e porque teve, durante a edade media, uma feição italiana: egualmente a mencionamos n'este logar [1].

Já no tempo do imperio, ella teve certa importancia, como logar do desembarque das legiões e ponto de ligação da via *Egnatia,* que atravessava, d'éste a oeste, a peninsula thracio-hellenica. E, já então, era a cidade que ligava o oriente á peninsula italiana.

Esta importancia, porém, augmentou muito

---

[1] A citada *Description de l'Italie en forme de dictionnaire* inclue, da mesma forma, Durazzo, na menção das cidades italianas d'este periodo.

mais na edade media, em que foi a chave do imperio grego, na sua parte occidental, e a capital da Illyria.

Em 1075, foi atacada e tomada pelos Normandos, apezar do auxilio que os Venezianos prestaram aos Bysantinos. Não podendo os Normandos conserval-a, passou novamente para os imperadores gregos; e os Italianos, sobretudo os Venezianos e Amalfitanos, fizeram, desde então, protegidos pelos mesmos imperadores, grande commercio n'ella. Em 1205, na partilha que resultou do estabelecimento do imperio latino em Constantinopla, essa cidade e porto de mar passou para os Venezianos, que a conservaram até o seculo XV.

A sua posição, no ponto de juncção do movimento commercial das duas bacias do Mediterraneo e em communicação facil com o oriente, era muito vantajosa; e Durazzo tornou-se por isso um grande centro de commercio amalfitano e veneziano, e entreposto importante das relações do occidente com o oriente.

CAPITULO XI

Os Italianos, na região do mar Negro ou Ponto Euxino

Importancia do commercio dos Italianos no mar Negro. — Concessão que os Genovezes obtiveram do imperador Miguel Paleologo, para excluirem os outros povos occidentaes d'esse mar. — Preponderancia que obtiveram com isso, e fundação da colonia de Caffa. — Como os Venezianos poderam conseguir a revogação d'aquella concessão, e como novamente exploraram o commercio do Ponto Euxino. — Estabelecimento dos mesmos Venezianos em Soldaja. — Os Genovezes obtêm dos Tartaros a concessão d'uma outra colonia em Tana. — Vantagem que d'ahi resultou para Caffa. — Os Venezianos conseguem, por sua vez, o estabelecerem tambem uma colonia em Tana. — Progresso do dominio genovez, n'essa região. — Rivalidade e guerra com Veneza. — Guerra com os Tartaros. — Tamerlan toma e arruina as colonias italianas. — Hostilidades do kan da Crimeia. — Fim das colonias italianas e do commercio dos Italianos no mar Negro, depois da tomada de Constantinopla por Mahomet II.

Já vimos que os Italianos preponderaram no movimento commercial de Constantinopla, e que, fazendo d'essa capital o centro das suas operações, d'ahi demandavam o mar Negro e outras regiões orientaes. Mas a influencia mercantil que

exerceram no Ponto Euxino, foi tão grande e complexa que exige um capitulo especial.

Como expozemos, tratando dos Bysantinos, a região do mar Negro fornecia muitos productos commerciaes, como gado, peixe salgado, caviar, mel, cera, escravos e cereaes. E o seu trafico, explorado primeiramente pelos proprios Gregos, principiou a sel-o tambem pelos Italianos, desde que estes, por occasião das cruzadas, assentaram em Constantinopla a sua preponderancia mercantil, especialmente, pelos Venezianos e Genovezes.

A subida, porém, de Miguel Paleologo ao throno, deu logar a que estes ultimos podessem expulsar d'aquelle mar os Venezianos; porque uma das condições do auxilio que lhe prestavam, foi o d'elle não deixar navegar nem traficar no mar Negro nenhuns outros povos do occidente, além dos Pisanos, excepto, quando trouxessem a bordo sómente substancias para seu uso particular [1].

Mas o imperio de Paleologo tinha então pequeno territorio no littoral do Ponto Euxino. A maior parte da costa occidental era pos-

---

[1] Heyd, *obr. cit.*, vol. II, pag. 156.

suida pelos Bulgaros. As cidades de Sozopolis, Anchialos e Mesembria marcavam a fronteira; e as duas nações disputavam a sua posse, com alternados revezes, sem que os Gregos conseguissem passar além d'esses limites.

Por outro lado, nas costas da Asia, já poucas cidades restavam no poder dos Bysantinos. Em Trebizonda, formara-se, é verdade, um centro politico, onde se tinham vindo agrupar, ao menos, emquanto durou a dominação latina em Constantinopla (1204-1264), os elementos gregos que ainda havia na costa meridional da Crimeia. Mas tambem os Paleologos não tinham podido reatar o laço que prendera outr'ora a Crimeia a Constantinopla; e tanto essa peninsula, como o imperio de Trebizonda, apezar da origem grega, ficaram sem affinidade politica ou mercantil com Bysancio.

Por isso, os Genovezes, para poderem exercer no mar Negro a sua preponderancia, não tinham nenhum estabelecimento grego que podessem aproveitar; e viam-se obrigados a estabelecer alguma colonia, que lhes podesse servir de emporio commercial n'essa região.

Ora, fazendo um estudo minucioso do ponto mais conveniente para isso, escolheram Caffa, no sitio da antiga Theodosia, onde então se elevava

apenas um castello. E ahi conseguiram fundar uma colonia, por concessão que os Tartaros lhes fizeram d'esse local [1].

Fundada a colonia, o mercado do mar Negro tornou-se para os Genovezes de uma preferencia especial. De modo que trataram de monopolisar o commercio d'esse mar, expulsando até os proprios Gregos: o que não foi difficil, pelo abatimento em que se achava a marinha do imperio.

Appareceram-lhe logo por concorrentes os Pisanos; porque tinham já uma pequena colonia, ou antes uma escala com feitoria, na costa septentrional do mar de Azof, chamada — o *Porto Pisano*. Os unicos rivaes, porém, capazes de luctar com os Genovezes, eram os Venezianos.

Com effeito, Veneza não se tinha resignado a perder a navegação do Ponto Euxino. E espreitava occasião opportuna, para retomal-a, quando lhe appareceu ensejo favoravel; porque, interrompendo-se as boas relações de Miguel Paleologo com os Genovezes, foi levantada a prohibição de se poder navegar livremente n'esse mar.

---

[1] Não está bem averiguada a data fixa d'essa concessão, mas, segundo Heyd, *obr. cit.*, vol. II, pag. 163, foi um pouco posterior a 1266.

Os Venezianos trataram então de estabelecer tambem colonias suas n'essa região; e a primeira d'ellas foi a de Soldaja, fundada em 1286.

Estabelecida esta colonia, chegaram mesmo a disputar Caffa aos Genovezes; por forma que, depois de terem desbaratado a marinha da sua rival, conseguiram tomar esta cidade (1296); que, mais tarde, tiveram de restituir, em consequencia da paz celebrada entre as duas republicas, em 1299.

Caffa, depois d'isso, foi tambem cercada pelos Tartaros, em 1308, o que levou os Genovezes a queimal-a, salvando-se nos seus navios, por julgarem impossivel a defeza. Mas, tendo Genova conseguido dos mesmos Tartaros licença para a reconstruir, e sendo com effeito reconstruida, continuou progredindo, tanto na extensão da sua area e quantidade da população, como na grandeza do seu commercio.

As caravanas seguiam d'ahi para o interior da Russia e para as costas do mar Caspio, d'onde communicavam com a Asia; e ahi concorriam os productos d'essas regiões — couros, pellicas, seda, especies — pelo caminho terrestre que, partindo de Kiva, ia dar á Crimeia, seguindo tambem as costas do mar Caspio.

Mas, para os productos da Asia, este caminho

das caravanas era um desvio, que devia cair em desuso com o tempo; e havia, perto da embocadura do Dom, na actual situação d'Azof, um porto importante, chamado Tana [1], de cuja cidade hoje nem restos apparecem, que estava em communicação mais directa, pelo mar Caspio, com o coração da Asia.

Mesmo por terra, já de tempos antigos, partia de lá um dos mais longos caminhos, seguidos pelos mercadores, e que estava em melhores condições que o de Caffa.

Esse caminho passava por Astrakan. Depois, costeando o norte do mar Caspio, cortava as bacias do Djihum, do Sihum e do Ili, ou, n'outros termos, atravessava o Karezm e o Turquestão, a Dzungaria, passando por Urgendj, Otrar e Amaligh, e ia dar á China. E prendiam-se n'elle dois outros, communicando com a India e Persia, o primeiro dos quaes vinha dar a Kabul, e d'ahi a Urgendj, pelo Oxus; e o segundo vinha, atravez da Persia, até Asterabad, e d'ahi até Astrakan.

Mas, independentemente d'isto, aquelle caminho de Tana, pelo mar Caspio, era muito mais directo que a via terrestre de Caffa. E por isso,

---

[1] Esta cidade de Tana da edade media era differente da antiga Tana ou Tanais.

desde que esta cidade estivesse em communicação com elle, os productos da India podiam tambem chegar ás mãos dos Genovezes, mais breve e directamente, pelo mar Caspio, evitando aquelle desvio. Por esse motivo, desde 1316 a 1332, trataram elles de estabelecer lá uma outra colonia, tendo obtido para isso a permissão dos Tartaros [1].

Por outro lado, os Venezianos, que não dormiam, e pensavam sempre na acquisição d'um porto commercial que podesse concorrer com o de Caffa, conseguiram egualmente do kan dos Tartaros, em 1333, a faculdade de fundarem um bairro em Tana e ahi estabelecerem tambem uma colonia.

Ficaram assim coexistindo n'esta cidade as duas colonias, genoveza e veneziana; e ambas se desinvolveram rapidamente, fazendo um grande commercio, tanto dos productos orientaes, como dos productos da Russia — cereaes, peixe, caviar, escravos. E, a par dos Genovezes e Venezianos, outros Italianos vieram traficar e estabelecer armazens na mesma cidade.

O estabelecimento, porém, d'estas duas colo-

---

[1] Heyd, *obr. cit.*, vol. II, pag. 189.

nias em Tana trouxe complicações com os Tartaros, que terminaram, em 1343, por uma sangrenta derrota dos Italianos. Os Tartaros tomaram então conta dos estabelecimentos genovezes e venezianos, e até d'alguns outros, como, por exemplo, dos Florentinos; e exterminaram todos os Italianos que não poderam refugiar-se nos navios. Foi uma perda enorme, porque Tana, além dos productos proprios da Russia e Crimeia, que fornecia ao mundo commercial, constituia, como já dissemos, um centro, d'onde partiam as caravanas que penetravam no coração da Asia.

Caffa, atacada successivamente pelos Tartaros, viu-se tambem arriscada a soffrer a sorte de Tana. Por isso, os Genovezes e Venezianos se esmeraram em reatar as relações com aquelles povos; e poderam conseguil-o, renovando tambem d'esse modo o seu commercio n'aquellas duas cidades e restabelecendo as suas colonias.

Passava-se isto, no meiado do seculo XIV, e não cessara com taes accidentes a rivalidade commercial de Genova e Veneza, tanto no mar Negro, como em Constantinopla. Cada uma pretendia obter privilegios que embaraçassem o commercio da outra, e seguiu-se d'ahi uma lucta armada entre ellas, que só terminou pela paz de 1355.

Com essa paz, restabeleceu-se todo o commercio italiano; ficando os Genovezes senhores de Caffa, e os Venezianos senhores do seu bairro de Tana, onde continuaram com a respectiva colonia.

Desde essa data, cada republica não só entrou no antigo giro commercial, mas augmentou muito a sua influencia. Genova pôde até alongar as possessões, na parte meridional desde Caffa a Cembalo (hoje Balaclava) [1].

Mas, em 1395, Tamerlan, derrotando o kan de Kiptchak, tomou Tana, arrazou o bairro veneziano e os estabelecimentos dos outros Italianos. Tomou-lhes tambem os haveres, e matou e escravisou aquelles que não poderam refugiar-se nos navios.

Este desastre causou uma profunda ruina ao commercio italiano; tanto mais que, em seguida a isso, Tamerlan tomou e arrazou tambem Astrakan e incendiou Serai, estações intermedias, por onde os productos da Asia chegavam a Tana: o que fez que a seda da Persia e as mercadorias da India tomassem, cada vez mais, o caminho da Syria.

Nem ficaram n'isto os desastres de Tana; por-

---

[1] Vid. pag. 319.

que, tendo os Venezianos levantado as suas ruinas, depois da retirada de Tamerlan, o kan de Kiptchak, por dissensões com elles, tomou essa cidade (1410); e seguiu-se uma guerra com Veneza, que só terminou depois de 1432, ficando a colonia novamente arruinada.

E aconteceu a mesma coisa aos Genovezes em Caffa; porque tambem o kan da Crimeia, a qual se tinha separado de Kiptchak, lhes não deixou um momento de repouso, desde 1436.

Por fim, a tomada de Constantinopla, em 1453, pelo imperador Mahomet II, difficultando aos christãos a passagem dos Dardanellos; as vexações impostas por elle aos Italianos, no mar Negro; os pesados tributos que lhes lançava, e que os christãos se viam obrigados a pagar, para obterem a sua segurança: foram travando aquelle commercio, até que o mesmo imperador tomou, uma por uma, todas as estações e estabelecimentos italianos [1].

---

[1] Heyd, *obr. cit.* — Scherer, *obr. cit.*, vol. I.

CAPITULO XII

Asia e Africa

India. — China. — Persia. — Imperio de Iconium. — Reino de Jerusalem e outros estados e colonias christãs, fundados pelas cruzadas. — Chypre. — A Pequena Armenia. — Imperio de Trebizonda. — Egypto.

India: Historia politica. — Productos, industria e commercio. — Intermediarios d'esse commercio. — Centros principaes. — Communicações.

China: Historia politica. — Feracidade do solo e desinvolvimento dos Chinezes. — Relações com os estrangeiros. — Primeiros viajantes da edade media que penetraram na China. — Estabelecimento, no seculo XIV, dos negociantes e monges italianos.

Persia: Historia politica. — Desinvolvimento do commercio d'esta região, com o dominio dos Arabes e com a fundação de Bagdad. — Como depois da destruição do imperio dos califas pelos Mongoes, o movimento se concentrou em Tauris, capital do imperio mongolico. — Productos, industria e commercio, e intervenção que n'elle tiveram os Italianos, até o seculo XIV. — Perturbações internas que então surgiram, e como influiram no commercio italiano. — Centros principaes: Tauris e Ormuz.

Imperio de Iconium: Historia politica. — Restos das raças gregas e armenias que n'elle existiam, e industria que exerceram. — Commercio dos Italianos com este imperio. — Centros principaes.

Reino de Jerusalem: Constituição d'esse reino e dos mais estados e colonias christãs no oriente. — Parte que n'isso tiveram os Italianos, e privilegios que obtiveram. — Productos, industria e commercio da Palestina. — Centros d'esse commercio. — Guerra de Saladino contra os christãos, em 1187. — Dissensões que se seguiram. — Novas cruzadas, para levantar novamente os estados e colonias dos christãos. — Apezar d'isso, queda final do reino de Jerusalem e dos mais estados e colonias christãs. — Commercio dos Italianos que ainda ficou subsistindo na Asia.

Chypre: Historia politica. — Estabelecimento dos Italianos n'essa ilha, antes da queda dos estados e colonias christãs da Syria. — Como ella herdou a maior parte do movimento mercantil dos mesmos estados e colonias. — Productos, industria e commercio. — Centros principaes. — Rivalidade entre os Venezianos e Genovezes. — Predominio d'estes. — Como essa rivalidade foi prejudicial para Chypre. — Como, a final, a ilha passou para Veneza.

A Pequena Armenia: Como se fundou este reino. — Vantagens da sua situação. — Productos. — Grande commercio depois das cruzadas. — Causas que o determinaram. — Destruição d'este reino pelos Egypcios.

Imperio de Trebizonda: Seu commercio antes das cruzadas. — Grande augmento d'esse commercio depois d'ellas. — Como a situação de Trebizonda o auxiliou. — Preponderancia dos Italianos, especialmente dos Genovezes. — Guerras interiores, e luctas dos Italianos entre si. — Queda do imperio.

Egypto: Historia politica. — Situação commercial. — Productos. — Carencia de industria. — Commercio. — Intermediarios d'esse commercio, até as cruzadas e depois d'ellas. — Luctas com os christãos. — Interdictos da curia romana, com respeito ao commercio dos christãos com os Musulmanos. — Alternativas das referidas luctas. — Apezar d'isso, grande commercio dos Europeus no Egypto e na Syria, que lhe estava ligada. — Centros principaes. — *Fundacos* dos christãos. — Conclusão.

Já no primeiro capitulo, expozemos a largos traços as evoluções politicas dos povos e regiões da Asia e Africa, bem como dos estados e colonias que os christãos fundaram no oriente, por occasião das cruzadas.

Não seria completo o estudo d'esta epoca, se não apreciassemos, embora tambem a largos traços, o movimento geral economico dos estados, colonias e regiões que acima apontámos.

Uma parte do seu commercio teve, como principaes representantes, os Arabes, Gregos, Hollandezes, Allemães, Francezes, Hespanhoes, e sobretudo os Italianos. Já tratámos especialmente dos Arabes, Gregos, Italianos, e trataremos dos demais no logar competente. Outra parte foi exercida directamente pelos povos indigenas; mas, ahi mesmo, os estados e colonias dos christãos, de per si e como intermediarios, desempenharam tambem um papel importante.

Vamos, por isso, expôr em resumo a historia commercial d'essas regiões, estados e colonias. E expomol-a desde já, intromettendo-a no estudo dos povos europeus, por se achar tão ligada na historia dos Bysantinos, Arabes e Italianos que forma, por assim dizer, uma parte integrante d'essa historia.

I

India

Na antiguidade, os Gregos, até Alexandre, não conheceram a India, senão de nome. Alexandre submetteu uma parte do Pendjab, onde reinava Porus, e desceu pelo Indo até á sua embocadura.

Seleuco I, Nicator, foi mais longe, penetrou até o Ganges, venceu Sandracottus, e estabeleceu relações commerciaes entre os seus subditos e os Hindus. Os Lagides, por seu lado, não tardaram a mandar frotas do Egypto á India, que voltavam carregadas de productos. Mas a decadencia dos Seleucidas enfraqueceu por algum tempo as relações commerciaes entre o occidente e a India.

Assim, ha poucas noticias sobre esta região, n'essa epoca, sabendo-se apenas que a côrte de Bysancio recebeu muitas embaixadas indianas. Desde o apparecimento dos Arabes, até o seculo XI, a Europa só teve noções d'este paiz pelos escriptores arabes, ou pelas narrações isoladas de alguns viajantes; e sómente se conhecia da sua historia o constante das relações que os Indianos tiveram com os Arabes e Gregos.

A historia verdadeiramente authentica da In-

dia começa no seculo x, epoca da conquista de uma grande parte d'ella pelos Gaznevides. Em 1024, Mahmud, o Gaznevide, tinha já submetitido toda a região septentrional e occidental até Bengala; de forma que, de um grande numero de rajás, em que essa região se achava dividida, só ficou, ainda por algum tempo independente, o de Lahore, que era o mais poderoso.

Veiu depois a dynastia dos Ghuridos (1185-1289), que estendeu o seu dominio á India inteira, e ahi fez adoptar o mahometismo. Os Ghuridos cederam o logar aos Afghans Chilligis, que se tornaram tributarios dos Gengiskhanides. Vieram depois os Patanes; e, emfim, os filhos de Tamerlan (1398), que governaram até 1413. E, então, a India passou a ser governada pela dynastia mongolica, estabelecida por um neto de Tamerlan, que durou por toda a edade media, e continuou ainda na edade moderna.

*

* *

O solo da India conservava a mesma feracidade dos tempos antigos.

Regorgitava ainda de fructas e cereaes. E a canna d'assucar, noz de côco, especies, perfu-

mes, substancias tincturiaes, opio, areca, almiscar, metaes preciosos, borax, ferro, perolas e pedras preciosas, conchas de adôrno, seda, algodão e linho, e muitas outras producções, completavam a sua riqueza.

No reino animal, a abundancia de gado ovino era grande. O gado bobideo, apezar de ser muito applicado para os transportes das caravanas interiores, é que era deficiente, pelo diminuto consumo da carne; e faltavam os cavallos indigenas, por causa do clima.

Na industria sobresaíam os tecidos d'algodão, tafetás e outros artefactos de seda, velludos, joias, objectos de marfim e obras de marchetaria.

Havendo assim quasi todos os productos necessarios á vida, as importações limitavam-se, em regra geral, ao incenso, canafistula, esmeraldas e marfim, que vinham da Africa; e ao enxofre, cobre, vermelhão, açafrão, coral, essencia de rosas, ouro, prata, e cavallos, que vinham de differentes paizes.

Especialmente, os cavallos eram expedidos para lá de todas as regiões — China, Indo-China, arredores do mar de Azof, paiz dos Turcos e Arabia; mas sobretudo das costas e ilhas do golfo Persico, Bahrein, Kich e Ormuz. E, por maiores que fossem taes remessas, nunca chegavam para as ne-

cessidades da India; porque os cavallos morriam depressa, pelo mau tratamento e pelo clima.

*

* *

Até o seculo VII, os intermediarios d'esse commercio para com as regiões europeias foram, como dissemos, os Gregos, por si e principalmente por intervenção dos Persas; pois que a Persia era o paiz onde iam ter aquelles productos indianos, para serem transportados directamente por qualquer d'esses povos até Constantinopla.

Um dos entrepostos, senão o principal, era o Egypto, pelo caminho do mar Vermelho; e, por isso, no seculo VII, a lucta dos Gregos com os Persas e a tomada do Egypto por Conroes II, embaraçou, por algum tempo, esse trafico. Depois, surgiu o poder dos Arabes; e, se, nos primeiros tempos, a intolerancia religiosa dos mahometanos e dos christãos embaraçou egualmente as relações mercantis, acabado o periodo agitado das conquistas musulmanas, foi-se modificando essa intolerancia. De forma que, desde então ao seculo IX, durante o esplendor do seu imperio, os mesmos Arabes é que fizeram directamente para a Europa o transporte dos productos indianos e chinezes.

Sobrevindo as cruzadas, foram principalmente os Italianos, ou directamente ou por intervenção dos estados e colonias christãs, fundados por ellas, que tomaram esse trafico, segundo já notámos.

O Egypto continuava a ser um dos caminhos principaes d'esse movimento; e, por isso, a conquista d'essa região pelos Turcos, em 867, difficultando as communicações por esse lado, embaraçou o commercio oriental. Mas, ao passo que augmentava o poder dos Turcos e diminuia o poder dos Arabes, iam tambem dominando no centro da Asia os Mongoes, mais tolerantes do que os Turcos, e que abriram o seu imperio a todos os Europeus. Mercê d'essa tolerancia e franquia, durante o seculo XIII, o commercio com a India e China fez-se principalmente pelos caminhos terrestres da Asia, ou pela via maritima do golfo Persico, onde os Mongoes dominavam.

Por fim, a intolerancia religiosa dos christãos com os Turcos e as hostilidades de uns para com os outros foram diminuindo, pouco e pouco; e o Egypto e as suas cidades maritimas do Mediterraneo, especialmente Alexandria, retomaram a antiga situação de principaes emporios ou entrepostos do commercio oriental.

Os Chinezes traficavam tambem com a India;

mas só frequentavam o porto de Calicut, o de Coulão, e o pequeno porto de Hilo, termo habitual das suas viagens. E os outros intermediarios que iam procurar directamente os productos indianos, tambem não penetravam no interior do paiz.

As transacções faziam-se nas cidades das costas maritimas; e as principaes d'essas cidades eram as seguintes:

Desde a região do Indo até Goa: Daybal (Debil), ao oeste do mesmo Indo; Lahary, actualmente Lahora Bonder, tambem na margem do Indo; Diu; Somnath, na peninsula de Goserate; Sufara (Suppara); Barotch ou Beroach (Barygaza); Kukah, actualmente Ghogho; Cambaya, no golfo do mesmo nome; Dabul, Chaul e Tana (Tannah), que ficavam perto da actual cidade de Bombaim.

Desde Goa até o cabo Comorim: Goa; Hinaur, actualmente Honore; Mangalore; Hilo ou Eli, que desappareceu ha muito; Djorfattan, (Cananore); Bodfattam e Fandaraina, tambem desapparecidas, ha muito; Calicut; Cranganor; Coulão; Cochim.

Finalmente, ao norte do cabo Comorim, na costa Coromandel: Cail (Cael); Meliapor (perto de Madrasta); Montfili (Motupalle) e Masulipatan, es-

tas ultimas, conhecidas tambem por Mirapor e Butifilis [1].

Daybal constituia um mercado muito importante. Os navios da Persia e Arabia, em caminho para a India ou China, ordinariamente, ahi descansavam na ida e na volta. De forma que havia sempre na praça mercadorias de todos os paizes, que os negociantes da cidade espalhavam pelo interior, ao passo que exportavam por mar os productos d'esta região e das outras contiguas.

Diu era tambem um grande entreposto, muito concorrido dos negociantes de Malaca, da China e de toda a costa de Malabar, para espalharem na Arabia e Persia as respectivas mercadorias. Vinham tambem a Diu negociantes do Cairo, de Aden e Ormuz.

Cambaya estava cheia de negociantes indigenas, que eram armadores de muitos navios. Alguns d'esses navios eram de cabotagem; mas havia-os tambem que atravessavam o mar, e commerciavam directamente com Aden e Arabia.

Por sua industria manufactora e por sua bella architectura, Cambaya assemelhava-se a uma das

---

[1] Heyd, *obr. cit.*, vol. II, pag. 144.

grandes cidades de Flandres. Abundavam os tecelões, e fabricavam-se estofos de algodão branco, e de côr, tafetás, e outras sedas e velludos.

A joalheria e ourivesaria occupavam muitos artistas, que sabiam imitar perfeitamente as perolas e pedras preciosas; e era tambem notavel a arte de trabalhar o marfim e a marchetaria.

Lahary era um grande porto, onde abordavam os navios mercantes do Yemen e do Farsistan.

Somnath, outr'ora muito commerciante e logar famoso de peregrinações, conservou a sua importancia commercial, apezar da perda dos seus idolos, destruidos pelos mahometanos.

Dabul era outra das principaes escalas de Malabar e de grande importancia commercial. De mais a mais, esse porto era tambem logar ordinario de descanço para os navios da Arabia que iam a Malaca; e havia frequentes relações entre elles e esta cidade, que, por sua vez, se correspondia com a China.

O porto de Chaul não era tão grande como Dabul; mas, apezar d'isso, tinha muito movimento, e ahi se fazia um grande trafico de arroz e de outros cereaes, algodão, assucar, drogas, nozes de côco, areca e cera.

Emquanto a Goa, a primitiva cidade, já muito importante e commercial, elevava-se outr'ora

n'uma ilha pantanosa; mas não existem nem sequer vestigios d'ella. Era rica e poderosa, e antigas inscripções fallam da gloria das suas dynastias. Os mahometanos, porém, deslocaram essa cidade para as margens do Mandobi; e foi d'ella que se apoderou Affonso d'Albuquerque em 1510, e que se tornou depressa a *rainha do oriente* [1].

Mangalore, a *Cidade Feliz*, chamada Kandial pelos indigenas, era tambem muito importante. Uma prova d'isso é que, já no meiado do seculo XIV, estavam estabelecidos n'ella quatorze mil negociantes arabes.

Calicut constituia o grande mercado dos Mouros, que tinham n'essa cidade armazens, feitorias e casas ricamente estabelecidas, e que viviam com opulencia, como se fossem donos do paiz. Reinava lá um rei, da tribu dos Naires. O seu harem tinha 1:500 mulheres; mas, raras vezes, os reis orientaes, cujos harens eram tão bem fornecidos, gosavam do poder real. O de Calicut era dominado pelos brahmanes, que pretendiam honral-o, partilhando com elle os direitos de esposo.

Além dos negociantes mouros estabelecidos

---

[1] Camões, *Os Lusiadas*, canto II, estancia 51.

em Calicut, o porto era visitado pelos mercadores da Arabia, do Egypto, da Persia, e até pelos mercadores chinezes, por ser um dos que ficavam mais proximos da China. E os negociantes de Calicut tinham estabelecido tambem relações directas com a Indo-China e Java, e com as Molucas [1].

Uma parte dos navios dos Mouros, que ahi se juntavam por centenas, dirigia-se depois a Zaida ou Jedda, porto de Meca, d'onde as mercadorias se transportavam em navios, ainda mais pequenos, até a extremidade do mar Vermelho, ou por terra, atravez dos desertos da Arabia. E de lá traziam para a India enxofre, cobre, vermelhão, ouro, prata, coral, açafrão, essencias de rosas, camelões.

Outra parte dirigia-se a Ormuz, no golfo Persico, d'onde os productos indianos seguiam pelo Eufrates e Tigre, e d'onde os navios traziam especialmente os cavallos, de que já fallámos.

Tudo isso dava tal importancia e movimento á cidade que, no fim da edade media, Calicut tinha concentrado, como Cambaya, a grande força do commercio indiano.

---

[1] Depping, *obr. cit.*, vol. I. — Salvador Corrêa, *Lendas da India*, vol. I, pag. 764.

Cranganor, a antiga Kodungalur, era a rival de Calicut; e era lá que os christãos syriacos e judeus tinham as suas principaes communidades.

A situação d'esta cidade explicava a sua prosperidade. Abria-se lá um canal das vastas lagunas que se prolongam para o sul até o promontorio de Coulão; e Cranganor era o porto commercial da entrada.

Cochim, onde habitava um grande numero de christãos, chamados de S. Thomaz, constituia outro centro muito importante do commercio indiano. Era egualmente favorecida pela situação; porque estava edificada n'um cordão littoral, e no sitio, em que se tinha formado a mais larga entrada das lagunas, com a profundidade de quatro metros, na maré baixa [1].

Coulão, ao pé d'um promontorio, foi um dos grandes portos para a exportação da pimenta, gengibre e pau do Brazil (cæsalpinia sapan).

Mas havia ainda dois outros emporios enormes d'este commercio oriental — a ilha de Ceylão e a cidade de Malaca.

Relativamente a Ceylão, os mercadores chi-

---

[1] Depping, *obr. cit.*, vol. I. — E. Reclus, *L'Inde et l'Indo-Chine,* pag. 551.

nezes levavam tambem para lá muitas mercadorias da China, Indo-China e India. E os Persas, Ethiopes e Arabes lá iam carregar essas mercadorias, bem como os productos proprios da ilha — canella, pimenta, sandalo, pau do Brazil, nozes d'areca [1], perolas, pedras preciosas, marfim e madeiras [2].

No seculo VIII, havia até muitos mercadores arabes estabelecidos em Ceylão. E não diminuiu a importancia commercial d'esse emporio, durante a edade media. Pelo contrario, a propria lucta dos Persas e dos Gregos lhe augmentou a importancia; porque, durante esse periodo, as suas mercadorias podiam transportar-se facilmente pelo mar Vermelho, evitando o caminho do golfo Persico, e portanto a animadversão dos Persas; e, acabada a lucta, o augmento commercial, adquirido por essa causa, ficou preponderando no trafico oriental.

Na ilha de Ceylão, havia a cidade de Mantota, de grande esplendor, e as de Trincomale, Ma-

---

[1] As nozes de areca, misturadas com as folhas do betel, serviam e servem, para fazer um masticatorio muito apreciado por alguns povos da Asia e da Africa.

[2] Salvador Corrêa, *Lendas da India*, vol. I, pag. 647 e 693.

nar, Jaffna e Colombo, tambem de grande movimento [1].

Malaca era a capital d'um poderoso imperio malaio, que impoz leis maritimas aos navegantes dos mares orientaes. O *Costume de Malaca*, promulgado em 1276, regula ainda os direitos dos marinheiros, nas aguas da Malazia. E, na edade media, esta cidade, centro das relações da China, Indo-China, Java e ilhas de Banda e Molucas, era outro grande emporio do trafico oriental [2].

*

* *

Em summa, a India continuou a deslumbrar o mundo com os reverberos da sua riqueza, com a attracção dos seus productos, com a tradição das suas maravilhas. Os raios d'esse esplendor vieram, atravez das brumas do oceano, aquecer a imaginação d'um pequeno povo e encher de miragens fabulosas um pequeno recanto do mundo, chamado Portugal. Veremos, no terceiro volume, como esse povo despertou d'este deslumbramento, nos haustos d'uma heroicidade sobrenatural.

---

[1] Depping, *obr. cit.*, vol. I.

[2] E. Reclus, *obr. cit.*, *L'Inde et l'Indo-Chine*.

II

China

Os chinezes dão á sua historia uma antiguidade maravilhosa. Collocam, no seculo trigesimo antes de Christo, a existencia de Fo-hi, seu primeiro legislador, e o de Yen-ti ou Ching-Nong, seu primeiro agricultor; mas só fazem começar a historia authentica do seu paiz, desde Huang-ti, terceiro soberano da China, 2637 annos, antes de Christo.

Desde o seculo X ao seculo III, antes da nossa era, o paiz foi dividido em muitos estados independentes, continuadamente em guerra uns com os outros. Emfim, Thsin-chi-hoang-ti, da dynastia dos Thsins, reuniu toda a China debaixo do seu imperio; repelliu as invasões dos Mongoes; e construiu a grande muralha, que separa a China da Mongolia (214).

Á dynastia dos Thsins succedeu a dos Hans, 202 antes de Christo a 226 da nossa era.

Esta dynastia engrandeceu o imperio por vastas conquistas; animou a sciencia e as letras; e fez recolher as obras de Confucio, morto no anno 479 antes de Christo.

No seculo II da nossa era, epoca das grandes emigrações da Asia, a China teve de soffrer muitas invasões; e, quando começou a edade media, achava-se dividida em dois imperios, o do norte e o do sul. Estes dois imperios foram reunidos, em 618, sob o imperador Li-ang, fundador da dynastia dos Tangs, que conservou o poder, por espaço de tres seculos.

Do seculo IX ao seculo XIII, a China foi assolada por invasões successivas dos Mongoes e dos Tartaros; e por forma que estes ultimos, em 1225, já tinham submettido a parte septentrional até o rio Azul, e obrigado os reis que governavam a sul d'este rio, ao pagamento de pesados impostos.

Esses reis chamaram em seu auxilio os Mongoes, cujo chefe, Kublai-kan, expulsou os Tartaros, tornando-se tambem senhor da China inteira. Os reis d'esta dynastia foram tolerantes, e respeitaram os costumes dos Chinezes; mas, nem assim, poderam manter por muito tempo o seu dominio. Em 1360, um chinez chamado Chu, expulsou os Mongoes, e fundou a dynastia nacional dos Mings, que reinaram até 1644, e foram quasi todos principes distinctos.

*
* *

Como dissemos no primeiro volume [1], os Chinezes, já na edade antiga, estavam desinvolvidos na agricultura; tinham tambem um certo desinvolvimento artistico e litterario, e uma civilisação relativamente adiantada; e travaram relações directas com differentes povos, como os Assyrios, Chaldeus, Persas, e até com os proprios Romanos.

A hospitalidade e boa maneira de receber os estrangeiros, embora com grandes formalidades e etiquetas, era até um dos oito principios d'um bom governo, prescriptos nos livros mais antigos e mais respeitados dos Chinezes [2].

Já no anno 166, da nossa era, o imperador da China enviou uma embaixada ao imperador do Oriente, e outras se seguiram na edade media. Mas, ainda assim, os primeiros viajantes europeus que penetraram na China, foram os dois irmãos venezianos Niccolo Polo e Matteo Polo, que a visita-

---

[1] *Histoire des Relations Politiques de la Chine,* traducção franceza de G. Pauthier.

[2] *A Historia Economica,* vol. I, pag. 57.

ram por duas vezes. Da segunda, levaram comsigo Marco Polo, filho de Niccolo; e, protegidos pelo imperador, estacionaram alguns annos n'esse imperio (1275 a 1292).

No seculo XIV, porém, já havia alguns mercadores e monges italianos na China, que não estava então fechada aos viajantes europeus, que a quizessem visitar, como posteriormente. Em 1305, João de Montecorvino fundou em Pekim uma egreja catholica; e, ainda depois d'isso, se fundou uma cathedral em Zayton, que teve tambem alguns bispos catholicos.

Essas fundações e agremiações religiosas davam logar a grande commercio dos Europeus com os Chinezes; e por isso, tambem, nos começos do seculo XIV, os mercadores de Genova e Veneza começaram a visitar directamente o Celeste Imperio, por mar e por terra, para fazerem directamente o seu negocio.

O paiz achava-se então n'um estado florescente. A agricultura muito desinvolvida; o commercio e industria muito activos; grande numero de indigenas ia commerciar directamente na India com os mercadores estrangeiros; e grande numero de mercadores mahometanos e persas, vinham á propria China. Havia muitas cidades importantes, pela sua riqueza e desinvolvimento

economico; e muitos portos, canaes e rios, coalhados de innumeros navios e de barcos.

*

* *

Em todo o caso, o commercio concentrava-se principalmente nas cidades do littoral, mais ou menos ligadas directamente ao mar. As principaes eram Cantão; um pouco mais ao norte, Zaiton, a cidade actual de Tsuen-Tcheu-fu, porto hoje açoriado, mas que então era um dos maiores do mundo; Kanfu, na embccadura do Tsien-Tang; e Khinsai, a cidade actual de Han-Tcheu-Fu, que era então uma cidade de proporções colossaes, ligada por um canal e um caminho, de quarenta dias de jornada, a Khanbalig, a capital do norte.

Mas, a partir do seculo XIV, já se não encontram noticias de egual commercio dos Europeus na China. É que, por um lado, as populações do centro da Asia, até ahi pagãs, se converteram ao mahometismo; e, com a mudança da religião, tornaram-se tão fanaticas como tinham sido tolerantes. E, por outro lado, a dynastia nacional dos Mings substituiu a dos Tartaros; e esses Mings eram menos tolerantes para com os christãos.

*

III

Persia

Quando começou a edade media, reinava na Persia a dynastia dos Sassanidas, que alargou as fronteiras por uma grande parte da Asia, e, sob Conroes II, se apossou do Egypto. Em 652, porém, foram os Persas conquistados pelos Arabes; e de modo que, nos primeiros tres seculos do califado, quasi desappareceu o nome de Persia.

Por seu turno, a partir do seculo VIII, os Arabes perderam successivamente as suas provincias; e n'ellas se foram estabelecendo varios estados independentes.

Foi assim que os Guridas, os Sedjucidas, os Gengiskanides a sujeitaram á sua tutela, até que, por fim, Halagu, kan dos Mongoes, a conquistou em 1298, passando a Persia, d'ahi por diante, para o dominio d'elles, que a dividiram tambem em principados independentes.

N'esse mesmo tempo, outros povos asiaticos reinaram n'uma parte do Khorassan, sem que alguma das suas dynastias fundasse uma potencia duradoura. Só, em 1499, é que appareceram os Sophis, que crearam um grande poder; mas a sua historia já não pertence a este periodo.

*

* *

Tratando dos Bysantinos, já dissemos alguma coisa do commercio dos Persas, até o apparecimento dos Arabes; e, como vimos, esse tempo, em que a Persia foi governada pelos Sassanidas, passou-se revoltamente em luctas contra os Gregos.

Por isso, e porque, segundo egualmente vimos, ainda então se achavam interrompidas as relações mercantis e mesmo sociaes da Asia com a maior parte da Europa, foi, n'esse periodo, menor o movimento commercial da Persia. Os Arabes, porém, fundaram Bagdad, nas margens do Tibre; e esta cidade foi, durante a grandeza do seu imperio o *rendez-vous* dos navios da China, India, Yemen, Zendj, (costa oriental da Africa), e onde se concentravam tambem os productos da Armenia, da Grecia, da Syria, do Egypto e do occidente.

A destruição do imperio dos califas por Halagu, kan dos Mongoes, em 1258, fez perder a Bagdad uma grande parte da sua importancia.

Mossul, cujo commercio já vinha de tempos anteriores, mereceu de preferencia as attenções dos conquistadores. Mas Tauris, que elles fizeram

capital do seu imperio, e que já era habitada por uma população numerosa, enriquecida pela industria e pelo commercio, é que progrediu enormemente. E deu logar, pelo augmento da sua população, a duas outras cidades fundadas perto d'ella — Ghazanieh e Sultanieh, que depressa alcançaram tambem grande importancia, e constituiram outros centros mercantis de todo o mundo.

Na industria indigena, as sedas e algodões tinham uma reputação universal. Os centros principaes d'essas industrias eram: Yezd, Nichapur, Mery, Ispahan, Chuster, Ghiraz, Bagdad, Mossul, Mardin, Much e Erzinghian. Mas Yezd é que tinha a primazia [1].

*

* *

Desde que a Asia central se abriu ao commercio do mundo, as nações mercantis do occidente apressaram-se a enviar exploradores ao paiz que possuia taes riquezas. Já no segundo quartel do seculo XIII, havia mercadores venezianos, pisanos e genovezes, estabelecidos em Tauris; e esse tra-

---

[1] Heyd, *obr. cit.*, vol. II, pag. 109.

fico augmentou de forma que, em 1320, Veneza fez um tratado commercial com o respectivo kan, por meio do qual os Venezianos poderam commerciar livremente na Persia, embora pagando um pequeno imposto, e gosaram ainda de outros privilegios. Por isso mesmo, estabeleceram elles na cidade de Tauris um consul privativo.

Em seguida, os Genovezes conseguiram tambem differentes privilegios, com que augmentaram o seu commercio. E, ao passo que se abriram assim as communicações directas com a Italia, os missionarios christãos visitavam e frequentavam o paiz, e por ahi faziam muitas vezes caminho para a India e para a China.

Mas, desde o seculo XIV, dividindo-se a Persia em principados independentes, os seus soberanos, em guerra incessante uns com os outros, foram impotentes, para reprimir a anarchia. Os caminhos tornaram-se menos seguros; a desordem campeou no imperio; e foram diminuindo as relações directas dos Italianos com Tauris, até acabarem de todo.

*

* *

Tauris (Tabris), a capital do imperio mongolico, foi um centro importantissimo, e brilhou com

todo o esplendor. Estava ligada ao golfo Persico, por um caminho que passava por Kachan, Yezd e Herman; e por forma que o porto de Lajazzo lhe facultava a expedição das suas mercadorias pelo Mediterraneo.

O porto de Siraf, de grande importancia até o seculo XIII, e decaido durante esse seculo, foi depois tambem muito notavel, pelo seu commercio e riqueza. Mas a grandeza, opulencia e movimento commercial da nova Ormuz, é que preponderou, até o fim da edade media, sobre todas as outras cidades.

Já a antiga Ormuz, ligada ao golfo Persico por um canal maritimo, ainda navegavel em parte, na epoca actual, mas accessivel então aos navios de maior tonelagem, começara a sobrasair no seculo X; e, pouco e pouco, se tornara o *rendez-vous* das embarcações que faziam a carreira commercial da India e China e das outras regiões do oriente. Os proprios mercadores de Ormuz possuiam muitos navios, que faziam directamente esse commercio, fornecendo diversos artigos, e sobretudo cavallos, cuja exportação era extraordinaria, porque se não creavam na parte occidental da India.

Mas essa antiga Ormuz, que tinha principes independentes, foi invadida por um exercito ini-

migo; e o seu rei e habitantes, reconhecendo a impossibilidade de resistir, foram fixar residencia na pequena ilha de Iérum, visinha de Kich.

A antiga Ormuz foi assim abandonada, e, desde então, as suas ruinas só foram habitadas por uma rara e miseravel população. Em vez d'ella, surgiu a nova Ormuz. Os seus reis, em breve, se apossaram da ilha de Kich[1], até ahi um ninho de piratas, mas que, apezar de piratas, souberam attrair o commercio ao seu estado, obrigando os navios a fazer escala por lá[2]; e egualmente se apossaram de Bahrein, a ilha das perolas e das costas visinhas da Arabia. Desde então, a nova Ormuz não teve rival no golfo Persico; e sua prosperidade seguiu, sem interrupção, uma carreira progressiva, até o fim da edade media.

E, em geral, a Persia continuou a manter o seu progresso commercial; concorrendo para isso o fazer-se pelo golfo Persico um dos caminhos frequentes do commercio dos productos da India e de Ceylão.

---

[1] Heyd, *obr. cit.*, vol. II, pag. 139.
[2] Hoje Kichm ou Tawilah.

IV

Imperio de Iconium

Já dissemos a paginas 54 que, em 1074, Solimão fundou um segundo estado sedjucida, em Konieh ou Iconium, transferindo-o, em 1076, para Nicea; e que esse estado abarcou dois terços da Asia Menor, a Cilicia e a Armenia. Ora tanto Iconium como Nicea compunham-se dos restos das raças grega e armenia, no meio de uma população, na maioria turca, applicada á creação de cavallos e gado.

Os Gregos e Armenios, porém, fabricavam sedas muito notaveis; exploravam o alum, de que o territorio abundava. E a sua affinidade christã com os povos da Europa fez que os Italianos tratassem de entabolar relações mercantis com elles, e que os Venezianos e Genovezes arranjassem o monopolio d'aquelle mineral. Assim, já em 1255, havia muitos occidentaes estabelecidos n'esse imperio, que d'ahi traficavam com a cidade de Constantinopla e com a Italia.

Ordinariamente, os Europeus penetravam pela Syria, e saíam pelo collo de Gulek-Bughoz, no ca-

minho de Iconium; e, d'esta cidade, iam depois para Constantinopla.

Os Venezianos foram os que mais privilegios obtiveram; mas tambem os Genovezes, Pisanos e outras republicas da Italia, e mesmo os Provençaes traficaram fortemente n'esse paiz.

As cidades mais commerciantes d'este imperio, emquanto elle subsistiu, foram: a capital Iconium, Savast (Siva), Caseria (Kaisarieh); e, na costa meriodional, Candalore e Satalia.

V

Reino de Jerusalem

Já vimos no primeiro capitulo como este reino se constituiu no tempo das cruzadas, e com elle os outros estados e colonias christãs.

Ora, sob o primeiro rei, Godofredo de Bouillon e sob os seus successores, o Conde de Balduino d'Edessa, Raymundo de Tolosa, fundador do condado de Tripoli, e Tancredo d'Antiochia (1099), os Italianos auxiliaram com as respectivas armadas a conquista do reino e dos seus portos e cidades, por exemplo, Jaffa, Arsuf, Cesarea,

Tripoli, Gibelet, Acre, Beryto (Beiruth), Sidon, assim como das costas da Syria.

Os Genovezes contribuiram para a conquista do maior numero. A parte que os Venezianos tomaram n'essas emprezas, foi menor; e, emquanto aos Pisanos, apenas, em 1108, figuraram na tomada de Laodicea.

Resultou d'ahi o estabelecimento dos Genovezes e Venezianos no reino conquistado, especialmente nos seus portos, e a acquisição por differentes vezes, de varios privilegios. Esses privilegios consistiam em maiores ou menores concessões de terrenos para cultura e para edificação de um certo numero de casas; ás vezes na concessão d'uma rua inteira; na participação de certos rendimentos publicos; e na isenção de alguns impostos e restricções commerciaes, a que os outros povos estavam sujeitos.

Os Pisanos estabeleceram uma colonia em Jaffa, e obtiveram tambem alguns privilegios em Cesarea e Jerusalem. Egualmente, os Amalfitanos poderam conseguir algumas garantias, embora muito inferiormente aos Genovezes e Venezianos; e, atraz d'elles, foram indo outros povos commerciantes da Europa, como os Francezes e os Hespanhoes.

Bastava a concorrencia dos occidentaes, para

que o reino de Jerusalem adquirisse um grande commercio. Mas accresce que se fazia por lá o transito para Meca e para outros pontos importantes da Asia, especialmente para Damasco, situada a pouca distancia dos portos da Syria, e que tinha um grande movimento economico.

Os proprios mahometanos consideravam como obra pia o visitar a mesquita de Jerusalem e o tumulo de Abrahão em Hebron. E muitos acabavam a sua peregrinação em Jerusalem, depois de terem estado em Meca.

O imperador Carlos Magno, pôde tambem fundar n'essa cidade um hospital, uma egreja e um mercado ao pé. E tudo isso tinha concorrido para dar a Jerusalem, mesmo antes das cruzadas, um certo movimento mercantil.

*

* *

O solo da Palestina regorgitava de productos agricolas e fructas: laranjas, limões, figos, amendoas, vinhos, azeite, sezamo, canna d'assucar, garança, anil. Havia na costa o mollusco da purpura, e foi lá que os occidentaes o viram pela primeira vez. E havia tambem no territorio muito algodão e seda.

As materias primas eram, em parte, preparadas e, em parte, fabricadas na propria Syria. A seda era tingida com drogas indigenas, taes como anil, garança e purpura. Antiochia, Tripoli e Tyro eram grandes centros d'essa industria.

Estava muito desinvolvida a fabricação das faianças finas e vidraria.

E a par d'isto, os productos europeus tinham grande procura; e a passagem dos peregrinos e viajantes fazia augmentar ainda o trafico mercantil.

Por isso, já n'estes primeiros tempos, o commercio dos cruzados se tornou muito notavel, n'esta região.

Era principalmente nos portos que os Europeus tinham os seus estabelecimentos, e de lá iam buscar as mercadorias do oriente a Damasco e Alep, e mesmo ao interior da Asia, quando os mercadores do continente as não levavam áquelles portos.

O mais importante d'elles era Acre, porto vasto e seguro, onde, de mais a mais, embarcava e desembarcava grande numero de peregrinos. Depois, seguia-se Tyro. Beiruth, como cidade, não podia comparar-se áquellas duas, mas tinha um bom porto e estava mais perto de Damasco.

O pequeno porto de Caiffa tinha tambem certo

valor, pela passagem das caravanas de Tiberiades.

Todos estes portos pertenciam á parte septentrional. Os da parte meridional, Cesarea, Jaffa e Ascalon, tinham menos importancia; porque era ao norte que se fazia o principal commercio. Mesmo a cidade de Jerusalem, apezar de ser a capital do reino, limitava-se a um trafico local. Mas, ainda assim, dos portos meridionaes, Jaffa, por estar proxima de Jerusalem e ser por isso muito frequentada pelos peregrinos, teve um movimento mercantil muito notavel.

*
* *

Em 1187, Saladino, com a batalha de Hattin, levou os estados christãos a uma situação desesperada, d'onde se seguiu a perda de Jerusalem. Acre abriu em seguida as portas ao vencedor; e, como era um grande centro commercial, ahi achou elle uma grande quantidade de ouro, perolas, seda, estofos de Veneza, assucar, armas. No mesmo anno, apoderou-se de Jaffa, Sidon, Beiruth, Cesarea, Escalão; e no anno seguinte, de Tortosa, Gibelet e Laodicea.

O condado de Edessa, fundado além do Eufrates, em 1098, já tinha sido conquistado por Zenglu

para os Sedjucidas, em 1144; devendo notar-se que esse condado, apezar da sua posição, não teve importancia commercial, por se achar afastado dos outros estados christãos. Só Tyro, onde se refugiaram os Europeus escapados do desastre de Hattin, ousou resistir a Saladino; mas teria succumbido, se não fosse auxiliada por Conrado de Montferrat. Entre os seus defensores, figuraram principalmente os Pisanos, ao lado dos mercadores de S. Gilles, Montpellier, Marselha e Barcellona [1].

A queda de Jerusalem originou uma nova cruzada, em que as frotas de Veneza, Genova e Pisa prestaram grandes serviços. Começaram por cercar e tomar a cidade de Acre; e, tomada ella, em 1191, tanto essas republicas como as nações estrangeiras recuperaram as suas antigas propriedades. Os Venezianos, Genovezes e Pisanos e mesmo os Amalfitanos, obtiveram até novos privilegios.

Até 1197, seguiram-se entre os proprios Italianos, e entre elles e o governo local, dissensões que embaraçaram o commercio. É que, anteriormente os Italianos só tinham cuidado da

[1] Heyd, *obr. cit.*, vol. I, pag. 312.

preponderancia commercial; e então lembraram-se de obter egualmente a preponderancia politica, estabelecendo regularmente relações administrativas com a metropole, e organisando consulados e governos proprios, embora dependentes do seu paiz. E tudo isso, juntamente com a rivalidade e ambição das differentes republicas, deu logar áquellas dissensões.

Ainda assim, os christãos foram reconquistando, pouco e pouco, as cidades maritimas. Como, porém, occupavam uma estreita facha do littoral, e o interior estava nas mãos dos Musulmanos, havia grande difficuldade para o commercio; porque, além d'essa facha, os mercadores tinham de entrar em territorio inimigo. E, se os Musulmanos, em tempo de paz, os deixavam entrar sem embaraço, não acontecia a mesma coisa no tempo de guerra. Por esse motivo, durante o periodo que mediou desde a reconquista do porto de Acre até 1291, em que elle foi de vez tomado pelo sultão do Egypto, o commercio concentrou-se principalmente n'este porto; e tanto mais que era lá que o rei e a côrte residiam.

Por isso mesmo, ahi concorreram e se estabeleceram os Italianos; e, ao lado d'elles, uma colonia de Inglezes e Provençaes. D'ahi visitavam Damasco e Alep, e d'ahi partiam tambem commissa-

rios viajantes para Damietta, Ania, Asia Menor e Constantinopla.

Abaixo de Acre, era Tyro, n'esta epoca, a praça de commercio mais notavel. Em 1197, os christãos recuperaram Beiruth, que já tinha alguma importancia antes de Saladino; mas, a partir d'essa reconquista, esta cidade começou a gosar d'uma prosperidade, que egualou, por muito tempo, a de Acre e de Tyro.

Ao norte de Beiruth encontrava-se Gibelet (Gebel), e depois Bartrum e Tripoli; e, em todas ellas, havia tambem muitas colonias mercantis, que readquiriram grande movimento commercial.

O pequeno principado de Antiochia é que, apertado entre as conquistas de Saladino, e encerrado entre a Armenia christã e a Syria musulmana, em breve foi esmagado por seus visinhos. Apenas ficou communicando com o mar, pelo porto de S. Simeon (Sueidieh).

As conquistas de Saladino provocaram na Europa a terceira, quarta e quinta cruzada, que pouco resultado produziram. Os christãos ficaram sempre encerrados nas costas da Syria, e o interior permanecia na mão dos Musulmanos, com intervallos de maior ou menor tolerancia commercial.

A sexta cruzada foi dirigida por Frederico II da Allemanha. Luctando na Europa contra o papado, e estando a Italia revolta, pela contenda dos Guelfos e Gibelinos, esse imperador foi encontrar já no oriente (1228) as mesmas dissensões; e, como elle proprio era um dos pretendentes á corôa de Jerusalem, provocou sentimentos diversos nos differentes povos estabelecidos n'esse reino.

Os Venezianos mostraram-se hostis, desde logo. Os Genovezes e os Pisanos auxiliaram-no, a principio; mas, tendo elle vindo para a Europa, em 1229, fizeram-se com os Venezianos; e, travando todos ensanguentadas pugnas contra os governadores, poderam acabar com o dominio da casa dos Hohenstaufen.

Ficando os Italianos senhores do campo, as rivalidades das nações commerciantes e as questões levantadas sobre os limites dos seus bairros degeneraram frequentemente em luctas carniceiras. Foi assim que, em 1249, rebentaram de novo entre os Genovezes e Pisanos as perturbações antigas, e em 1265, principiou a grande guerra colonial entre Veneza e Genova, que arrastou as outras colonias.

Em 1268, os Genovezes foram derrotados em frente d'Acre, e tiveram de abandonar aos Vene-

zianos esta cidade, com os estabelecimentos que possuiam, mudando o seu quartel general para Tyro. Mas, apezar d'isso, esta guerra, que foi tão funesta ás duas republicas, só terminou em 1270, por uma tregoa de longa duração; e accendeu-se de novo, em 1282, a guerra entre Genova e Pisa, soffrendo esta, na batalha naval de Meloria (1284), uma terrivel derrota, que arruinou para sempre o seu dominio.

Ao enfraquecimento que resultou d'estas luctas juntou-se ainda a rivalidade entre as differentes ordens religiosas. E, ao passo que tudo isto concorria para o travamento do commercio, minava fatalmente a perda de todas as colonias e reinos christãos.

Cesarea e Arsuf (1265), Joppé, Antiochia e Gibel (1268), já tinham caido em poder de Bibars, sultão do Egypto. Laodicea, retomada pelos christãos, estava novamente ameaçada; e, com effeito, o sultão Kelaun ou Kelavun, successor de Bibars, apoderou-se d'ella, em 1288, fazendo desapparecer o ultimo vestigio do principado de Antiochia. O condado de Tripoli não tardou a seguir a mesma sorte. Emfim, em 1291, Acre, o principal *boulevard* dos cruzados, caiu por sua vez, e perderam-se com elle as riquezas commerciaes, que os christãos não poderam retirar a tempo.

Desde então, os Europeus que habitavam as cidades ainda livres do reino de Jerusalem e do condado de Tripoli, renunciaram a uma resistencia inutil, e evacuaram Tyro, Sidon, Beryto, Tortosa, Gibelet.

Ficaram, ainda assim, por um lado, subsistindo as relações entaboladas pelos Italianos com alguns centros commerciaes da Asia, por exemplo com Damasco e Alep. E, por outro lado, Beryto não tardou a tomar um logar notavel entre os mercados communs de orientaes e occidentaes, e a tornar-se um dos portos mais frequentados pelas frotas dos mercadores italianos.

Isto serviu, ao menos, para que se não extinguisse de todo aquella corrente do commercio oriental.

VI

Chypre

Esta ilha faz parte do imperio grego. Foi depois tomada pelos Arabes; e, em 1191, Ricardo Coração de Leão a reconquistou, dando-a a Guy de Lusignam, que fundou o reino de Chypre, e cujos descendentes a possuiram, durante seculos. Emfim, Catharina de Cornaro, herdeira dos Lusignans, vendeu-a aos Venezianos, em 1489.

*
* *

Apezar da situação de Chypre, nas costas da Syria, só muito tarde os occidentaes se lembraram de a conquistar; e foi, como acabamos de dizer, Ricardo Coração de Leão que realisou essa conquista, em 1191. Já, anteriormente, os Italianos faziam algum commercio n'essa ilha; mas aquelle principe augmentou muito esse commercio, entabolando as melhores relações com os estrangeiros, e concedendo-lhes differentes privilegios. Foi assim que, primeiramente, os Pisanos, e depois os Genovezes e Venezianos, vieram estabelecer-se em Chypre, e que, da mesma forma, os habitantes de Trani, Ancona, Barcellona, Tarragona e Saragoça, ahi crearam feitorias commerciaes.

Com a queda dos estados e colonias christãs, Chypre, graças á sua posição central, entre a Europa e Asia, e á proximidade d'esses estados e colonias, herdou a maior parte do movimento mercantil que elles tiveram.

Os habitantes das casas commerciaes da Syria ahi se refugiaram; os mercadores europeus ahi se estabeleceram; e os governos das nações mercantis do occidente reconheceram bem depressa a importancia crescente da ilha, apressan-

do-se a obter para os seus cidadãos, a par da conservação dos antigos privilegios, ainda outros novos. Em menos de dez annos, depois da queda de Acre, não só as quatro maiores praças do commercio da epoca, Veneza, Genova, Pisa e Barcellona, tinham transferido todas as suas colonias da Syria para Chypre; mas tambem as outras cidades, que, antes d'isso, lá possuiam pequenos escriptorios ou feitorias, os tinham engrandecido e augmentado.

*

* *

Além das condições economicas que resultavam da sua posição, Chypre tinha tambem productos e industria proprios, para alimentar o commercio. Produzia assucar, sal, algodão, vinho, anil, laudano, coloquintida, alfarroba; e fabricava muitos tecidos eguaes aos productos do oriente, como camelões de Chypre, fios d'ouro, e estofos de seda tambem bordados a ouro e a *soutache*.

*

* *

Os maiores centros commerciaes eram, na costa oriental, Famagusta, onde estava concen-

trado o commercio, e Nicocia, onde residia o governo, a nobreza e a *elite* social. Depois, vinha Limisso, na costa occidental. Mas Famagusta, visinha dos portos da Syria e fronteira a Lajazzo, na Pequena Armenia, era o centro para o qual convergiam os productos do oriente.

*

* *

Desde a tomada de Chypre, os Genovezes andaram em lucta com os reis d'ella, a fim de alcançarem a preponderancia commercial; e assim foram obtendo varias concessões, até que, em 1365, adquiriram maiores privilegios, inclusivamente a isenção completa dos direitos fiscaes [1].

Os Venezianos travaram luctas eguaes; mas a sua figura nunca foi tão preponderante como a d'aquelles.

Em 1369, começaram de novo as contendas de Genova, que se prolongaram até 1382. Então, os Genovezes obtiveram do rei Jacques I a cessão de Famagusta, com um territorio de duas milhas de raio, e a apropriação de todos os im-

[1] Heyd, *obr. cit.* — Carlo Pagano, *Del Imprese e del dominio dei Genovesi nella Grecia,* pag. 294.

postos na cidade, inclusivamente os rendimentos que ahi se cobravam, em nome do rei. D'ahi por diante, a republica de Genova possuiu a cidade sem restricções, tendo até um podestá que a representava; e, ainda posteriormente, obteve a garantia de se não abrir ao commercio estrangeiro nenhum outro porto de Chypre.

Ora, com tão extraordinarios privilegios, embora augmentasse o commercio de Genova, nos primeiros tempos, foi diminuindo a riqueza e movimento da ilha; porque, tendo a cidade de Famagusta passado dos reis cypariotas, que admittiam todos os povos commerciantes com a mesma franqueza, para uma republica que pretendia uma situação exclusiva, os Venezianos, depois de luctarem inutilmente com os Genovezes, por causa d'isso, tomaram outro rumo, e foram procurar em Beiruth, Damasco, Alep e Alexandria, os productos que primeiramente compravam em Chypre. E o mesmo aconteceu com os outros povos europeus, que faziam tambem d'aquella cidade o centro das suas operações.

Depois d'isto, ainda as guerras dos Turcos vieram augmentar a decadencia d'este reino.

Por fim, em 1464, Jacques II, o Bastardo, tirou Famagusta aos Genovezes; e acabou-lhes com a influencia. E, tendo casado com Catharina de

Cornaro, filha d'um rico veneziano de Chypre, Veneza conseguiu, em 1489, que, por morte do marido, ella lhe cedesse a ilha, e desde então a possuiu.

Mas já Chypre estava muito abatida; e, apezar dos esforços venezianos, para a levantar, succumbiu, em 1570, ao ataque dos Turcos.

VII

A Pequena Armenia

A Pequena Armenia ficava a norte das fronteiras do principado de Antiochia, no cume do angulo formado pelas costas da Asia Menor e da Syria.

Pouco antes das cruzadas, grande numero de Armenios tinha emigrado, para conservar a sua nacionalidade, ameaçada pela preponderancia da raça grega na região superior do Eufrates. Fixando-se, primeiramente, nas montanhas do norte da Cilicia, não tardaram a descer para os valles e estabelecer-se na parte baixa d'esta provincia, cuja cessão arrancaram, metade, á boamente, e metade, pela força, aos Gregos, seus antigos senhores. Entre os chefes, havia a familia dos Rupenios ou Pagratidas, que gosava

de uma preponderancia extraordinaria. Um dos seus membros, Leão II, tomou o titulo de rei, e foi o fundador do novo estado (1187-1219).

Tendo vistas largas sobre o futuro, alliou-se com os povos commerciaes do occidente e com as suas colonias da Syria; obteve a protecção do imperador da Allemanha; distribuiu grande parte dos castellos do paiz a barões francos e a cavalleiros de S. João; e empregou todos os meios, para interessar a Europa em seu favor.

N'esse tempo de Leão II, o reino da Pequena Armenia chegou a ter um grande desinvolvimento de costas — desde o golfo de Alexandretta até perto da bahia de Satalia. Mas, depois da morte d'este principe, as conquistas do sultão Aladino Kaikobad, reduziram consideravelmente esses limites, fazendo recuar as fronteiras até á cidade actual de Selfkéh. Em todo o caso, com maiores ou menores alternativas de desgraça ou prosperidade, ora agitado pelas dissensões civis com as colonias commerciantes, ora ameaçado ou opprimido pelos sultões do Egypto, o reino subsistiu até 1374, em que foi tomado pelo sultão Amelik Alackraf e incorporado no seu estado.

*

* *

A situação commercial da Pequena Armenia era excellente; porque, além de ficar na direcção das caravanas que seguiam o caminho terrestre da Syria a Iconium e Constantinopla, ao qual vinham dar tambem os caminhos do Eufrates, possuia bons portos, especialmente na época da sua maior extensão.

Com effeito, os portos de Lajazzo e Korykos (Gorighos) tinham muita importancia e gosavam de muita prosperidade. Tarsus era tambem uma cidade maritima de valor; porque o mar não se tinha ainda retirado dos seus muros, e o Cydno (Farsus-Tchai), que a atravessa, não estava ainda açoriado. E, no interior, havia as cidades de Adana, Mamistra (a antiga Mopsueste e actual Missis), que estavam ligadas ao mar por meio de rios navegaveis.

*

* *

A par das vantagens d'esta situação da Pequena Armenia, que já bastava, para lhe attrair o commercio oriental, o reino produzia abundan-

temente algodão, lã e pêllo de cabras armenias, pellicas e mineraes do Taurus. As florestas das montanhas forneciam muita lenha e madeira; e a planicie dava, para exportar, trigo, vinhos e passas. Havia tambem muitos cavallos e mulas, que eram muito apreciadas no estrangeiro.

Por isso, desde que Leão II ahi se estabeleceu, começaram a affluir os mercadores italianos. Foram os Genovezes que primeiramente obtiveram privilegios commerciaes e depois os Venezianos; mas o trafico d'estes, embora importante, nunca egualou o d'aquelles.

*

* *

Comtudo, o grande movimento commercial d'esta região, assim como o de Chypre, começou posteriormente á queda dos estados christãos, estabelecidos pelas cruzadas.

Até ahi, a Pequena Armenia foi uma simples dependencia mercantil, d'esses estados; porém, desde que o principado de Antiochia, *boulevard* septentrional dos mesmos estados, foi primeiramente reduzido á propria cidade e a algumas praças fortes, e, por fim, absorvido na conquista do sultão do Egypto, em 1288, ficou fechado esse

mercado d'Antiochia; bem como o de Laodicea (Latakieh).

Foi preciso procurar outros mercados novos que estivessem na costa, ao abrigo dos infieis, onde os mercadores fossem bem acolhidos, e que offerecessem desembocadouro commodo aos productos do interior. N'essas condições, existiam na Pequena Armenia os dois portos de Palli (Porto di Plas), que ficava a nordoeste da embocadura do Djihan, e de Lajazzo. Este segundo foi principalmente o procurado.

Era um porto vasto e seguro, e estava protegido por dois fortes. A cidade tinha communicação breve por terra com a Syria; tinha ao pé de si o golfo de Alexandretta; e era banhada pelo Djihan, rio navegavel, que a punha em communicação, d'um lado, com a região do alto Eufrates, e, do outro, com a provincia da Asia Menor, separada apenas da Armenia pela cadeia do Taurus. Emfim, esse porto podia communicar facilmente por mar com a Syria e com Chypre.

Era, por isso, natural que Lajazzo herdasse o commercio de Antiochia, e que a sua prosperidade crescesse enormemente.

Accresce ainda que, depois da conquista da região do Tigre e Eufrates por Hulagu (1258), o centro de gravidade, politicamente fallando, pas-

sou por Tauris, ao norte, capital do novo estado. Commercialmente, a cidade de Bagdad continuou a fazer-lhe concorrencia; mas o movimento de Tauris foi crescendo successivamente, por fórma que, desde o seculo XIV, a desbancou de todo.

Era natural isso. Emquanto subsistiu o imperio dos califas, os productos do Oriente passavam, uns, por Bagdad, d'onde vinham dar ao Mediterraneo, por Antiochia e Laodicea, embora já houvesse algumas relações entre a India e Tauris; e outros passavam por Alexandria, conforme expozemos. Destruido, porém, o imperio dos califas pelos Mongoes, estes fizeram de Tauris a capital do seu poder; e começou então a effectuar-se, em grande escala, o transporte dos productos da India para esta cidade.

Ora, esses productos eram reexportados em grande quantidade para Lajazzo; e por isso ahi se estabeleceram os mercadores europeus, que esperavam as mercadorias vindas de Tauris, ou as iam buscar directamente lá.

Entre esses mercadores figuraram, de preferencia, durante as cruzadas, os Genovezes e Venezianos, como já dissemos. Depois das cruzadas, deu-se o mesmo caso; mas, então, os Pisanos Florentinos, Sicilianos, Provençaes e Catalães, fi-

zeram tambem muito commercio, e obtiveram egualmente differentes privilegios.

A todas estas circumstancias, que tão poderosamente influiram e deviam influir no movimento economico da Pequena Armenia, juntava-se ainda o empenho que os seus reis mostraram em auxiliar o commercio, principalmente pela protecção que dispensaram aos Europeus.

Este reino, porém, tinha de soffrer a sorte dos outros estados christãos. Os sultões do Egypto, olhando cubiçosamente para elle, viam com maus olhos, especialmente a Lajazzo, que lhes desviava parte da corrente commercial da Alexandria.

Assim, depois de varias luctas, obrigaram por vezes esta cidade a pagar-lhes um grande tributo. Os reis da Armenia viram-se obrigados a fazer contribuir tambem fortemente os mercadores estrangeiros para esse pagamento. Seguiram-se conflictos com o governo. E, com tudo isso, foi-se enfraquecendo o commercio. Por fim, Lajazzo, tendo sido saqueada, varias vezes, pelos Egypcios, foi tomada e arrazada, em 1322. Reedificada depois da paz de 1323, foi retomada definitivamente, em 1347. As colonias commerciaes da Pequena Armenia arrastaram, então, uma vida miseravel. O proprio reino foi, como já dis-

semos, conquistado, em 1374, pelo sultão Amelik-Alackraf, e incorporado nos seus estados, acabando de todo aquellas colonias, sem mesmo deixarem vestigios.

VIII

Trebizonda

Como aconteceu á Pequena Armenia, tambem a prosperidade de Trebizonda proveiu da erecção de Tauris em capital do imperio dos Mongoes.

É certo que, já antes d'isso, ella constituia grande centro de commercio ; porque estava fronteira do imperio bysantino ; porque n'ella se juntavam os Gregos e os Arabes, para trocarem as suas mercadorias ; e porque entretinha já relações commerciaes com a Russia e Caucaso. Além d'isso, um grande numero de mercadores musulmanos de Iconium, da Syria, da Mesopotamia, se reuniam em Sivas ; e ahi organisavam caravanas, que, passando por Trebizonda, alcançavam as costas meridionaes do mar Negro.

Mas, desde que Hulagu destruiu Bagdad, e Tauris passou a ser a capital dos Mongoes, adquirindo com isso a importancia correspondente,

uma grande corrente commercial se estabeleceu para essa capital; e, de lá, uma parte se dirigia para Lajazzo, como já notámos, e outra parte ia ter ao Ponto Euxino.

Ora o caminho a percorrer n'esta direcção, para chegar ao mar, era menor do que por Lajazzo; e Trebizonda estava exactamente no sitio onde iam desembocar as caravanas do mar Negro. Por isso, esta cidade adquiriu, desde então, um grande movimento economico.

Nem foi sómente a posição que a favoreceu: o imperio tinha tambem minas de prata, ferro e alumen de primeira qualidade, nas montanhas que lhe formavam a cintura; e a capital fabricava objectos de malha e estofos multicolores de linho muito fino, lã e seda.

Mas os habitantes do imperio tinham pouco amor ao commercio. Abandonavam-no por isso aos Europeus. E estes, especialmente os Italianos, aproveitando as condições propicias da situação de Trebizonda, conseguiram fazer tratados com os kans mongoes, para poderem transitar com segurança até á cidade de Tauris, e, muitas vezes, até o interior da Asia.

Ora, d'entre os Italianos, foram tambem os Genovezes que prepondoraram em Trebizonda, da mesma forma que na Pequena Armenia.

Era isso devido á forte posição que tinham em Galata, e á força e auctoridade que lhes resultava da colonia de Caffa e das outras suas estações do mar Negro, pontos importantes de apoio do seu commercio. E foi tão grande essa preponderancia que até, para obterem, como obtiveram, maiores privilegios, luctaram, desde 1311 a 1316, contra o proprio imperador.

O estabelecimento dos Venezianos foi posterior; e a sua influencia nunca attingiu a de Genova, embora fizessem tambem muito commercio.

Teve assim Trebizonda um periodo muito florescente, que foi, desde a erecção de Tauris em capital dos Mongoes, até 1340. E, em todo elle, constituiu um grande centro mercantil, e teve um grande movimento economico. A seguir, vinha Sinape, outro centro economico notavel.

Mas, por morte de um dos seus imperadores, Basilio I, levantou-se, em 1340, uma violenta guerra civil, que devastou o imperio. Os Turcomanos de Amid (Diarbekir) aproveitaram-se d'isso, para atacar o paiz, incendiando a propria capital; de modo que os bairros genovezes e venezianos foram reduzidos a cinzas. Accresceu ainda que, n'um dos movimentos populares, o povo de Trebizonda massacrou grande numero de Italianos. E, além d'isso, tratando os Genovezes e Venezia-

nos de levantar os seus bairros, surgiram novos conflictos, que augmentaram a desordem. Os Genovezes oppunham-se a que se levantasse o dos Venezianos; e, por outro lado, os naturaes do imperio oppunham-se ao levantamento do bairro genovez. N'esta lucta, venceram os Genovezes, que poderam realisar o seu intento e conservar o seu bairro, até á queda do imperio.

Mas tudo isto foi enfraquecendo o commercio e alluindo o proprio estado, até que Mahomet II, em 1461, n'uma só campanha, entrou victorioso em Sinape, conquistou Trebizonda, destruiu o imperio, e levou o ultimo imperador captivo para Constantinopla.

IX

Egypto

O Egypto foi no tempo de Augusto reduzido a provincia romana; e, na divisão do imperio, ficou pertencendo a Constantinopla, até o anno de 616. Os Persas apoderaram-se então d'elle, e o conservaram até 638, em que passou para o poder dos Arabes.

Em 869, Thulun arrebatou-o com a Syria aos califas de Bagdad, mas estes o recuperaram

em 905. Em 968, Moez Ledinillah apoderou-se do paiz, fundou o Cairo, e fez d'esta cidade a séde do terceiro califado, ou califado dos Fatimistas. Este califado foi destruido, em 1171, pelo ayubita Saladino, chefe de uma nova dynastia, que foi substituida, em 1254, pelos Mamelucos; e esses tiveram tambem a Syria quasi sempre submettida ao seu poder. Em 1517, e portanto já na epoca moderna, os Mamelucos foram, por sua vez, sujeitos aos Turcos.

*
* *

Como já notámos no primeiro volume d'esta obra [1], na edade antiga, a situação do Egypto era excellente para o commercio dos productos da India. Na edade media, não diminuiu a vantagem d'esta situação; porque, a mais importante das communicações conhecidas entre o oriente e o occidente era a do mar Vermelho. E, a não ser pela estreita facha de terra que separa o Nilo d'esse mar, o trajecto podia fazer-se por agua, se-

---

[1] *A Historia Economica* — Edade Antiga, pag. 114 e seguintes.

gundo a linha a mais directa, e por consequencia a mais curta, para se chegar aos portos da Italia, França e Hespanha.

Por isso, o movimento commercial tendia naturalmente a seguir esse caminho.

Até ás cruzadas, tambem o movimento se fazia abundantemente pelo golfo Persico; mas desde que os piratas da ilha de Kich começaram a infestar o mesmo golfo e seus arredores, o commercio maritimo da India seguiu quasi todo pelo mar Vermelho.

A carreira dos navios cruzava até n'esse mar com o caminho dos peregrinos africanos de Meca; pois Aidab, o porto de embarque d'estes peregrinos, era tambem o porto de desembarque das mercadorias do oriente.

E, de facto, a principio, os peregrinos seguiam por terra, atravez da peninsula do Sinai; mas, depois que os Francos[1] occuparam o reino de Jerusalem, e, uma ou outra vez, estenderam o seu dominio até o golfo Ailanitico, as caravanas, receiosas d'elles, mudaram de direcção. Subiam por isso o Nilo, e atravessavam o deserto, que se

[1] Eram assim denominados os povos que tomaram parte nas cruzadas.

estende entre o rio e o mar Vermelho, para embarcarem n'aquelle porto de Aidab, afim de tomarem o caminho de Meca.

Por este motivo, esse paiz foi, durante muito tempo, o principal mercado dos productos da India. Dizemos o principal, porque tambem elles se encontravam na Syria; mas chegavam lá, depois de um longo e custoso transporte por terra, que augmentava a carestia.

Esse trafico das mercadorias orientaes, em grande parte, devido á situação do Egypto, era o elemento preponderante do seu movimento economico. Mas tambem a abundancia de muitos productos proprios d'esse paiz e dos paizes visinhos e a carencia de materias primas no seu territorio, concorriam para animar o commercio.

Effectivamente, por um lado, o Egypto, a Nubia e a Abyssinia forneciam assucar, tamaras, limões, anil, canafistula, sene, balsamo, optimo algodão, alumen, e estofos delicados. Por outro lado, o solo egypcio carecia de mineraes. Não tinha madeira, porque os bosques abundavam apenas de sycomoros e palmeiras. Não tinha azeite; e de substancias oleosas só possuia o sezamo. Não tinha vinho; e, supposto o alcorão o prohibisse, os grandes senhores bebiam-no em segredo.

Por isso, os Europeus, ao passo que tinham

nos productos proprios do Egypto uma fonte abundante do commercio, forneciam tambem todos esses generos de que o paiz carecia, a par do mel, cera, passas, amendoas, nozes, avellãs, coral, ambar, açafrão, pellicas do norte, lã fina da Asia ou de Chypre, mastica de Chio, artigos d'ouro e metaes preciosos, e pannos fabricados no occidente. Os falcões eram outro grande artigo de commercio, que os occidentaes levavam aos Egypcios, e que estes muito apreciavam, pela grande paixão que tinham pela caça. A importação dos escravos era tambem enorme, porque os sultões faziam d'elles os seus soldados.

A abundancia, pois, de certos productos que os Europeus procuravam, e a carencia de outros, que faziam parte do commercio occidental, concorria, para alimentar e desinvolver o movimento economico d'esta região. Mas, repetimos, a parte preponderante, ou, como se diz vulgarmente, o grande chamariz, estava nas mercadorias do oriente.

A de maior importancia era a pimenta. O seu commercio podia, no dizer de Heyd, comparar-se ao commercio inglez do chá e algodão reunidos. Em seguida, vinha o cravo, a noz moscada, o gengibre, o pau do Brazil, o sandalo, o marfim, as perolas e as pedras preciosas.

*

* *

Emquanto o Egypto pertenceu ao imperio do Oriente, eram os Gregos ou Bysantinos que ahi faziam directamente o commercio dos productos da India; e os Persas constituiram os recoveiros principaes que os transportavam para lá.

Depois, surgiu o poder dos Arabes, que, logo após o periodo agitado da conquista e propaganda, e durante o esplendor do seu imperio, até o seculo X, fizeram directamente o transporte d'aquelles productos. Mas, ainda então, o Egypto ficou sendo um dos pontos principaes onde elles iam dar; e, de lá, ou pelos mesmos Arabes, ou pelos Bysantinos, ou mesmo isoladamente por algum navio italiano, eram transportados para Constantinopla.

Desde que as cruzadas abriram relações commerciaes com o oriente, foram principalmente os Genovezes e Venezianos, que fizeram o commercio do Egypto. Amalfi teve tambem no principio bastantes relações com esse paiz, mas estas relações enfraqueceram depois gradualmente.

No seculo XII, a Sicilia e Pisa estabeleceram egualmente os seus *fundacos* no Cairo e na Alexandria. Especialmente Pisa desinvolveu muito

o seu commercio; fez tratados vantajosos com varios sultões; e, tendo contribuido para a subida de Saladino (1171), obteve d'elle valiosos privilegios.

Embora os Venezianos, Genovezes e Pisanos tivessem a preponderancia, outros povos e outros commerciantes concorreram egualmente a esse mercado. Ancona, Raguza, Trani, Bari, Brindisi, Marselha, Montpellier, Catalunha, e, sobretudo, Barcellona, ahi estabeleceram tambem muito cedo os seus *fundacos,* e os conservaram, com mais ou menos accidentes.

Florença é que entrou n'esse movimento mais tardiamente, e só no primeiro quartel do seculo XV, em que os Pisanos já iam desapparecendo. E tambem o commercio do sul da França com o Egypto, verdadeiramente, só data do tempo de Jacques Cœur, depois do primeiro quartel do mesmo seculo.

*

* *

As luctas com os Sarracenos, o espirito fanatico da egreja, as rivalidades dos paizes europeus entre si, a má comprehensão de muitos imperantes ácerca dos seus deveres economicos, a am-

bição e cubiça de muitos outros, e a guerra dos sultões do Egypto e dos christãos da Palestina, a principio, trouxeram sempre, mais ou menos perturbadas, essas relações mercantis dos christãos.

Mas, em 1171 o ayubita Saladino usurpou a corôa do Egypto, e fundou uma nova dynastia. Tolerante em religião e amante do commercio, os christãos poderam traficar então livremente por algum tempo com esse paiz. Tendo elle, porém, marchado de victoria em victoria, e tomando os estados christãos da Syria, provocou a formação da quarta cruzada, que Ricardo Coração de Leão preparou directamente contra o Egypto, obtendo o auxilio dos Venezianos.

A simples ameaça e preparativos d'esta cruzada travaram, desde logo, o commercio com os Egypcios. Mas, quando ella estava preparada, aconteceu que o principe Alexis, expulso de Constantinopla, foi procurar o auxilio de seu cunhado Frederico de Suabia; e o esforço d'este imperador, para lhe arranjar protectores, proporcionou ao doge Henrique Dandolo um excellente pretexto, para a desviar do seu destino, em proveito de Veneza.

Com effeito, os Venezianos, que tinham tido a preponderancia quasi absoluta em Constantinopla,

estavam sendo preferidos pelos Genovezes; e ahi tinham já soffrido differentes humilhações [1].

E Dandolo queria adquirir a situação perdida e reparar essas humilhações. Por isso, levou aquella quarta cruzada a tomar Constantinopla e a repôr Alexis no throno (1204).

E, ao passo que, d'este modo, Veneza satisfazia a sua vingança e retomava a antiga situação, fez valer a vantagem que resultava para o Egypto d'esse desvio, afim de obter, como obteve do sultão, novos privilegios (1208-1217).

O effeito d'esse facto resentiu-se tambem nos outros povos; porque houve para todos a suspensão das hostilidades anteriores. Mas, logo em 1218 e 1219, os christãos da Syria, entre os quaes havia muitos Italianos, especialmente Genovezes, Pisanos, e até Venezianos, apezar d'aquellas boas relações, em que tinham estado com o sultão, emprehenderam nova cruzada, para se apoderarem de Damietta, a chave do Nilo.

Damietta rendeu-se, em 1219; mas foi retomada, em 1221. Durante esses dois annos, os chris-

---

[1] Vid. pag. 140 e seg.

tãos, que estavam no habito de ir commerciar na Palestina, mudaram de rumo, e o commercio de Damietta cresceu enormemente. Mas, por um lado, a audacia e animação dos cruzados, depois d'isso, por terem tomado uma cidade do Egypto, embora a conservassem pouco tempo; a convicção de que não era impossivel repetir a empreza com egual resultado; e, por outro lado, a irritação dos sultões, por esse facto, deu logar a um periodo de hostilidades permanentes. A Allemanha até prohibiu os seus subditos de venderem aos Egypcios quaesquer mercadorias que podessem servir para a guerra ou para a defeza militar; e Veneza ainda foi mais longe, impedindo que algum navio seu entrasse nos portos do Egypto, e preparando contra elle a cruzada de 1228.

Essa cruzada não chegou a realisar-se; porque Frederico II, que a dirigia, em vez de atacar o sultão Melik-el-Kamil, entabolou com elle relações commerciaes, que foram mais proveitosas do que seria a guerra. E d'ahi resultou novamente a admissão dos Europeus ao commercio egypcio, e o levantamento d'aquellas prohibições decretadas pelos estados christãos.

Em 1249, interrompeu-se outra vez a harmonia, pela cruzada preparada por S. Luiz. Essa

cruzada conseguiu apoderar-se tambem de Damietta (1250). Mas o successo foi ephemero, porque, embora os christãos penetrassem no paiz, viram-se logo reduzidos á ultima extremidade; e o proprio rei, tendo ficado prisioneiro, teve de restituir Damietta, para recuperar a liberdade.

Depois, em 1254, foi, como já dissemos, a dynastia dos Ayubitas substituida pela dos Mamelucos; e a principal preoccupação d'estes foi a conquista dos estados e colonias christãs da Syria: o que mais augmentou a indisposição dos Europeus, e mais prejudicou o movimento commercial.

Por isso, em 1270, S. Luiz preparou nova cruzada, com auxilio dos Genovezes e Marselhezes. Tendo tido a desgraçada ideia de começar a expedição por Tunis, encontrou a morte ahi; e a cruzada nada mais fez do que augmentar a irritação e hostilidade dos Egypcios, com maior desvantagem do commercio.

Entretanto, a conquista da Syria pelos Mamelucos seguia acceleradamente; e, em 1291, caía o ultimo baluarte que os christãos ahi tinham — a cidade de S. João d'Acre.

*

* *

Apezar da queda d'Acre, e apezar de estar morto o espirito das cruzadas, os papas não cessaram de pensar em reconquistar os logares santos.

N'esse proposito, os homens intendidos nas coisas do oriente aconselhavam que se enfraquecesse o inimigo, esgotando-lhe as fontes do poder e riqueza; e levaram os papas a prohibirem, sob pena de excommunhão, que os christãos vendessem aos Egypcios certas mercadorias, como escravos, de que estes faziam soldados; madeiras de que fabricavam as barcas; toda a especie d'armas; e até varios objectos de alimentação, de que o Egypto carecia. E, algumas vezes, estas prohibições se estenderam a todo e qualquer producto.

O pensamento inicial de taes interdictos, era limital-os sómente ao Egypto; mas, como os Turcos da Asia e os Sarracenos da Hespanha mantinham tambem relações commerciaes com elle, a consequencia logica foi prohibir egualmente que os christãos comprassem ou recebessem d'esses povos os productos que vinham directamente d'aquelle paiz, ou de qualquer outra parte

do oriente, por intermedio dos Egypcios. E bastava tambem que alguma mercadoria tivesse tocado o territorio do sultão, para ter de pagar taxas muito fortes.

Foi assim que, logo em 1291, em que a cidade d'Acre foi tomada pelo sultão Bibars, Nicolau IV publicou um bulla, interdizendo, sob pena de excommunhão, o commercio de muitos productos. Bonifacio VIII, em 1299, consignou egual interdicto, limitando-o, porém, a dez annos. Identica prohibição foi mantida pelos papas Bonifacio VIII (1294-1303), e por Benedicto XI (1303-1306). E, em 1308, Clemente V prohibiu, sem excepção, que os christãos comprassem ou vendessem aos Egypcios quaesquer mercadorias.

Já Nicolau IV, para tornar effectiva a prohibição, encarregara as ordens religiosas dos Templarios e dos Cavalleiros de S. João de equiparem e entreterem, nas aguas de Chypre, galeras incumbidas de protegerem este reino e o da Pequena Armenia; de fazerem guerra aos Sarracenos; e de apresarem todos os navios que levassem alguns dos objectos interdictos, com destino ao Egypto. E os Templarios e os Cavalleiros de S. João obtiveram para isso o auxilio das frotas venezianas e genovezas.

Sendo a ordem dos Templarios supprimida

em 1312, a de S. João herdou aquella tarefa; e Clemente v lhe confiou tambem expressamente a vigilancia da bacia oriental do Mediterraneo e a policia dos *maus* christãos que negociassem com o Egypto, garantindo-lhe subsidios especiaes para este serviço, e transferindo, em 1310, a sua sede, de Chypre para Rhodes.

Os reinos christãos, a principio, secundaram tambem, mais ou menos activamente, as prohibições da curia romana; e é facil de vêr quanto o commercio devia ser prejudicado com tudo isso.

Nem o prejuizo resultava unicamente das bullas pontificias e dos decretos e acção dos imperantes, que as secundavam. Para combater o contrabando christão, muitos navios se armavam em corso, e, sob esse pretexto, apresavam as proprias fazendas que se não dirigiam para o Egypto. Por isso, os governos europeus em breve começaram a fazer a vista grossa para esse contrabando, e mesmo a decretar a liberdade ampla d'aquelle commercio. Por outro lado, os proprios commerciantes, de per si, começaram tambem a illudir as bullas de excommunhão, continuando as suas transacções com os Egypcios.

Foi assim que, na Hespanha, Jayme II, rei d'Aragão, consentiu livremente aquelle commercio, renovando até, em 1292, um tratado com o

Egypto; e embora o prohibisse depois, em 1302, tornou brevemente a consentil-o. Os seus successores tambem se não oppozeram abertamente, supposto, uma ou outra vez, simulassem qualquer restricção, até que, em 1338, Pedro IV deu completa liberdade.

Os Provençaes continuaram egualmente as relações mercantis com o Egypto, mesmo quando os papas transferiram a sede para Avinhão; e até, quando Filippe, o Bello, e Clemente V, em 1312, trataram de combinar uma outra cruzada, que não chegou a realisar-se, os mesmos Provençaes forneceram aos Egypcios material de guerra e escravos, para servirem de soldados.

Genova secundou, a principio, a execução dos decretos pontificaes; mas, já em 1304, limitava a prohibição ao commercio das armas. E, tendo os cavalleiros de S. João apresado, em 1311 e 1312, umas galeras genovezas, que vinham de Alexandria, carregadas de especies e de outras mercadorias, seguiram-se violentas represalias e crueis hostilidades entre a mesma republica e Rhodes.

Ainda assim, os Genovezes deixaram terminar os seus tratados commerciaes com os sultões, não promoveram a realisação de novos accordos, e preferiram outros expedientes, para con-

tinuarem no commercio dos productos orientaes.

Recorreram por isso ás suas estações mercantis de Tana e Caffa, passando pela Syria e Persia. E apenas, de tempos a tempos, solicitavam dos papas auctorisação, para fazerem uma viagem ao Egypto.

Só, quando, em 1326, pelas questões que tiveram com o imperador Grego, Andronico II, lhes ficou cerrado o caminho do Bosphoro e mar Negro, é que Genova pediu e obteve do papa João XXII auctorisação, para a sua marinha desembarcar na costa septentrional da Syria, e de lá entrar em relações com a Persia e India. E, em 1346, Clemente VI ampliou essa licença, permittindo que os Genovezes commerciassem d'ahi mesmo com o Egypto.

Pisa tambem se não prendeu rigorosamente aos interdictos da egreja.

Os Venezianos, a principio, secundaram tambem, por medidas rigorosas, os decretos pontificios; mas, em breve, se foi relaxando esse rigor, e o proprio governo entrou em accordos commerciaes com os sultões. D'ahi proveiu um conflicto com a curia que, além da excommunhão geral contra os que praticavam o contrabando christão, excommungou tambem, em 1322, especialmente

*

alguns dos mais graduados influentes politicos e dos mais ricos negociantes da republica. Por causa d'isso, e para restabelecer as relações com Roma, o governo veneziano decretou a serio, em 1323, a prohibição de todo o commercio com o Egypto. Desde ahi até 1343, o trafico directo quasi se extinguiu; mas os Venezianos continuaram a fazer o commercio dos productos da India por Lajazzo, Trebizonda e Tana.

Quando as coisas estavam n'este pé, houve, no mesmo anno de 1343, uma dissensão entre elles e o senhor de Tana; de modo que tambem essa via se lhes tornou impraticavel para os productos do oriente. E, por outro lado, diversos acontecimentos arruinaram a Persia, e o caminho central, que a atravessava, perdeu toda a segurança.

Foi preciso por isso renovar as communicações com o Egypto; e, n'este sentido, tendo os Venezianos obtido dos papas auctorisação, para negociarem com esse paiz, restabeleceram os antigos tratados commerciaes.

A partir d'este momento, embora ás vezes a egreja renovasse os interdictos, com mais ou menos rigor, o governo de Veneza foi conseguindo a licença de commerciar. E, independentemente do governo, os proprios mercadores, da

mesma forma que os negociantes dos outros paizes, compravam frequentemente licenças particulares.

Este commercio do Egypto ainda teve outra phase curiosa. Conseguindo Pedro I, rei de Chypre, formar uma pequena cruzada contra aquelle paiz, com auxilio dos Genovezes e Venezianos, pôde, em 1365, tomar e saquear Alexandria; mas só por alguns dias, porque foi logo obrigado a reembarcar o seu exercito e a abandonar a cidade. Esta cruzada trouxe a vingança atroz dos Egypcios contra os Italianos, que residiam no paiz, e augmentou a má vontade contra os outros christãos; seguindo-se uma guerra que só terminou, em 1370, pela paz de Chypre.

Os proprios papas já então comprehendiam que os interdictos, longe de aproveitarem aos christãos, prejudicavam a sua riqueza e segurança; e levantaram por isso as excommunhões. Por este levantamento, e por se ter seguido um periodo de paz, o commercio com o Egypto adquiriu um desinvolvimento enorme, até o fim do seculo XIV, á parte algumas pequenas dissensões entre os Venezianos e os sultões.

O seculo XV é que principiou mal. Tamerlan (1400-1401) invadiu a Syria, tomou Damasco e Alep, arruinando o commercio e industria d'es-

tas cidades, e levando os christãos de Damasco prisioneiros para o interior da Asia [1].

Além d'isso, Bocicault, governador da França em Genova, (porque, já n'esse tempo, a republica genoveza se tinha entregado aos Francezes), tentou uma expedição, para tomar Famagusta, na ilha de Chypre; e, tendo conseguido o seu intento, lembrou-se de atacar Alexandria. Não aproveitando nada com esse ataque, desviou a expedição para a Syria (1404); e, tendo desembarcado em muitos pontos, bateu as tropas do sultão, e saqueou as cidades, sem poupar até os bens dos proprios Venezianos.

Genova teve de pagar depois uma forte indemnisação a Veneza, pelos damnos causados, e ainda maior ao Egypto, para conseguir a paz de 1404. Mas a desconfiança e irritação dos Egypcios não se apagou com isso; e o commercio genovez, bem como o dos outros Europeus — Venezianos, Catalães, etc., foi, até 1438, prejudicado por differentes medidas violentas, e imposições vexatorias e fiscaes dos respectivos sultões: Taradj (1404-1413), Cheik Al-

[1] Heyd, *obr. cit. — Histoire du Commerce du Levant dans le moyen âge*, vol. II, pag. 469.

mahmudi (1413-1421), Tatar (1421-1422), Bursbai (1422-1438). Sendo essas violencias tambem devidas ás hostilidades dos proprios Francos, á avareza d'alguns d'aquelles sultões, aos desejos que outros tinham de concentrar nas mãos dos subditos o commercio oriental, e ainda ás instigações do fanatismo religioso.

Depois da morte de Bursbai, um mameluco chamado Djakmark, tomou as redeas do governo (1438). Apezar do seu fanatismo, tinha um espirito mais commercial que os antecessores; e por isso os occidentaes acharam n'elle maior protecção [1].

D'ahi até o fim do seculo, embora um ou outro incidente viesse temporariamente perturbar as relações economicas dos christãos, houve um periodo relativo de tranquillidade, em que elles poderam frequentar livremente o Egypto.

Assim, os Catalães continuaram a ter o seu escriptorio na Alexandria, fazendo um grande commercio. E maior fariam, se não fôsse o incon-

---

[1] É ao reinado d'este imperante que se liga a apparição de Jacques Cœur nos mercados do Egypto, estabelecendo o grande commercio com o sul da França, a que teremos occasião de nos referir longamente, na historia d'esse paiz.

veniente dos seus corsarios, que atacavam os proprios navios da sua patria, e que levavam por isso os outros povos commerciantes a darem tambem caça aos pavilhões da Catalunha.

O commercio francez foi tambem muito grande, desde a obra de Jacques Cœur. Florença manteve egualmente boas relações com o Egypto.

Veneza conservou o seu predominio, pois era ella, como dissemos, que tinha maior importancia commercial no Egypto; visto que um dos principaes generos do seu commercio consistia na pimenta, e o Egypto representava o principal mercado d'esse producto. As boas relações entre os dois estados continuaram assim, até o fim da edade media. No seculo XVI, é que surgiram novas dissensões, mas essa parte já não pertence a este volume.

*

* *

Se, n'este final da edade media, foi grande o commercio dos christãos com o Egypto, propriamente dito, grande foi tambem com a Syria, que lhe estava ligada. Resultou isso de uma duplicada causa.

Primeiramente, os Genovezes tomaram então

Famagusta, na ilha de Chypre, tratando de monopolisar, em seu favor, a situação commercial d'essa cidade. E a consequencia foi que os Venezianos e os outros Europeus, que, até ahi, faziam tambem de Famagusta o centro das suas operações, tomaram outro rumo, e foram procurar em Beiruth, e na Syria, os productos que primeiramente compravam em Chypre [1].

Em segundo logar, com a queda da Pequena Armenia, em 1342, ficou fechado aos occidentaes o caminho de Tauris, um dos pontos por onde se fazia antes d'isso o transito mais consideravel dos productos do oriente. E, ainda depois, no principio do seculo xv, Tamerlan completou a ruina d'esse entreposto, destruindo as principaes estações commerciaes que encontrara na sua passagem.

Tudo isso fez convergir o movimento para a Syria, e fez crescer enormemente as riquezas de Alep e Damasco; porque estas cidades eram as principaes estações commerciaes dos Musulmanos n'aquella região, e estavam, de mais a mais, em communicação com Ormuz. Beiruth, cujo porto era ainda bom e seguro, tornou-se tambem o

[1] Vid. pag. 457.

ponto de reunião dos commerciantes europeus, porque se exportavam por elle os objectos comprados em Damasco. Depois de Beiruth, vinha Tripoli. E mesmo o porto de Laodicea, embora não fôsse bom, tinha ainda assim uma certa importancia.

Ao passo, porém, que a Syria septentrional gosava d'esse movimento economico, a parte meridional decaira por forma que mesmo Acre, Tyro, Jaffa e Jerusalem tinham abandonado inteiramente o commercio.

*

* *

De todos os centros economicos do Egypto, nada podia comparar-se á importancia de Alexandria.

Estava cheia de *fundacos*, pertencentes a Venezianos, Genovezes e outros Italianos, e a Hespanhoes, Francezes, Candianos, Gregos, Turcos, Mouros, Ethiopes e Tartaros. Algumas nações tinham até mais do que um.

Esses fundacos eram, em geral, grandes construcções de muitos andares, com a apparencia de castellos fortes, e com um pateo interior para carga e descarga das mercadorias.

Constituiam os mais bellos monumentos da

cidade. O rez-do-chão era occupado por armazens abobadados. Nos numerosos andares, havia muitos alojamentos para uso dos mercadores. E, em redor, havia jardins, plantados de arvores exoticas.

Á noite cada fundaco era fechado por um agente especial; e desgraçado d'aquelle que tivesse a audacia de sair! As colonias não tinham direito á propriedade d'esses fundacos; porque eram considerados como edificios do estado, postos á disposição dos estrangeiros, pelo governo egypcio, ou, mais especialmente, pela alfandega. Ao consul da respectiva nação competia a policia interior.

Cada um d'elles tinha a sua capella, e as nações mais consideraveis tinham tambem uma egreja.

Estes *fundacos* serviam egualmente de asilo aos peregrinos.

Depois de Alexandria, vinha o Cairo, cujo movimento commercial era muito avultado.

Edificada no logar da antiga Memphis, ainda então se achava nas margens do Nilo, e não como hoje, separada por uma zona de bosques e jardins, de um a dois kilometros de largura, e communicando apenas com elle por um pequeno canal.

Damietta e Rosetta constituiam egualmente grandes centros commerciaes. Muitas mercadorias eram transportadas directamente para lá, em vez de o serem para Alexandria.

Mas Damietta foi victima de alguns incidentes, que muito prejudicaram o seu movimento. Em 1250, logo depois do cerco infructuoso tentado por Luiz IX, o sultão Bibars a fez demolir e transferir para outro logar a montante, menos accessivel aos navios. E, não contente com isso, embora não fosse de todo avesso ao commercio, comtudo, sacrificando os interesses economicos á defeza militar, para evitar o perigo d'uma invasão, apertou e tornou impraticavel aos navios d'alto bordo o braço do Nilo, que banhava esta cidade, sem lhe importar que o accesso do rio ficasse tambem fechado aos navios mercantes. Ainda no seculo XV, o Nilo estava obstruido n'este logar, e os navios eram obrigados a descarregar para barcas.

*

* *

O caminho que os productos da India e China seguiam para chegar ao Egypto, foi, durante muito tempo, como já vimos, pelo mar Vermelho. Aden era o primeiro entreposto onde vinham dar; e

d'ahi muitos d'elles eram levados para Zebid, que estava situada na planicie do Yemen, porque os habitantes da costa preferiam ir prover-se lá a irem ao porto de Aden, que ficava além do estreito de Babel Mandel. Para o commercio geral, porém, como Zebid se achava situada a seis milhas do mar, aquelle porto de Aden era o grande e principal mercado.

Chegados os productos a Aden, tinha logar o trasbordo; porque o mar Vermelho estava cheio de perigos, e demandava marinheiros muito experimentados e navios muito proprios. Por isso mesmo, as mercadorias eram depositadas n'esse entreposto; eram depois reembarcadas n'outros navios, mais leves e mais ligeiros, que seguiam para Aidab [1]; e d'ahi eram levadas, na maior parte, para Alexandria, pelos caminhos já indicados a pag. 108, fazendo escala por Kus, Damietta ou Rosetta.

Esse trajecto variou desde o seculo XV.

Assim, Aden foi perdendo a importancia, porque, desde 1422, o principe de Yemen, que residia n'essa cidade, começou a empregar violencias para com os navios que lá entravam, obrigan-

---

[1] Aidab ficava nos arredores do cabo d'Elbea.

do-os a descarregar as mercadorias, a fim de elle as fazer transportar em caravanas de sua conta para o Egypto; e, por este motivo, os navios começaram a ir de preferencia para Djeddah, o porto de Meca [1].

A par d'isso, tambem o sultão do Egypto, Amelik Alachraf Bursbai, que, em 1423, tomara Meca e Djeddah, principiou a minar a concorrencia de Aden; e tudo fez com que, d'ahi por diante, ella decaisse, em proveito d'aquellas cidades.

As mercadorias leves iam de Meca, ás costas dos camellos, para o Egypto. As pesadas eram embarcadas em Djeddah, e d'ahi seguiam para Tor, cidade situada ao sudoeste da peninsula do Sinai, que se tornou tambem, desde 1378, grande porto de desembarque dos productos da India, pelos esforços de Saladino Ibn Gurram, camareiro mór do Egypto.

O porto de Aidab foi decaindo e perdendo a maior parte do seu movimento; e, se não decaiu totalmente, foi por ser o caminho das caravanas que se dirigiam de uma grande parte da Africa para Meca.

---

[1] Heyd, *obr. cit.*, vol. II, pag. 445 e seguintes.

*

* *

Expostos assim os principaes factos economicos do Egypto, n'esta epoca, diremos, em resumo, que, mesmo nos periodos mais calamitosos, os mercadores venezianos e outros se iam mantendo e traficando, em maior ou menor proporção, n'esse paiz.

Nem todos os sultões eram avessos ao commercio; e, embora tivessem de comprazer ás vezes com os sentimentos do seu povo, na animosidade contra os christãos, alguns houve que fizeram respeitar a vida e segurança d'estes, como se fossem oasis passageiros no meio da lucta de seculos.

Mas, em geral, a vida dos christãos foi uma sequencia de violencias dos sultões e dos emires, de insolencias dos empregados inferiores, de insultos, confiscações, prisões e sevicias graves.

Se um Egypcio era atacado, preso ou morto, em qualquer paiz submettido aos Europeus, lançava-se a responsabilidade aos que residiam no Egypto ou na Syria.

Ao approximarem-se as frotas occidentaes, o sultão fazia vigiar rigorosamente os estrangeiros, e muitas vezes, os encarcerava. A vida e pos-

ses dos christãos, estavam continuamente em risco, no meio das perturbações que arruinavam o Egypto. Mas elles tudo supportavam.

Sabiam que tanta paciencia e tenacidade só inspiravam aos Musulmanos animadversão e desprezo. Mas o occidente não podia prescindir das mercadorias da India; e o Egypto era o paiz por onde ellas podiam chegar, mais facil e baratamente, aos portos do Mediterraneo. Por isso, apezar de tudo, Venezianos, Genovezes, Catalães e outros povos da Europa, foram insensivelmente attraidos para o Egypto, e os grandes commerciantes do paiz tiveram sempre n'elles uma clientella segura [1].

[1] Heyd, *obr. cit.*, vol. II.

RECAPITULAÇÃO

Estamos a meio caminho do nosso estudo da edade media.

Vimos irromper os barbaros, como avalanche destruidora, abatendo na invasão o progresso dos Romanos. Mas do estrado das ruinas, como dos escombros dos grandes edificios, começou a levantar-se a vegetação forte, vigorosa, embora selvagem, d'uma nova era, com seiva quente e sadia, que tinha de retemperar os animos quebrados e despertar as energias amortecidas.

Depois, a desordem d'essa irrupção estratificou-se na fundação dos differentes reinos barbaros, e a sociedade fluctuante, como a furia das tormentas, aclimatou-se e fixou-se nos limites dos pequenos dominios feudaes.

E, por cima de tudo, o christianismo, como a lua serena e dôce no cairel dos abysmos, foi

alumiando as trevas e recolhendo as lagrimas dos afflictos, o sangue dos escravos, a devoção dos crentes, e as corôas do martyrio, na ambula mysteriosa dos grandes prodigios, para operar a transformação dos costumes e a emancipação da liberdade.

Vimos os feudaes abusarem da sua missão, opprimindo o povo que os erguera, e crear-se, como fermento de resistencia, por entre o negrume d'esses abusos, a reacção das communas e jurandas, em cujo seio recozeu, pouco e pouco, a hostia sagrada dos direitos do cidadão.

E, para seguir a marcha evolutiva da humanidade, contemplámos tambem o fluxo e refluxo entre o oriente e occidente, que resultou das cruzadas, e o inicio quasi sobrenatural e portentoso das explorações oceanicas.

Por outro lado, ao passo que se cruzava diante de nós esse quadro social, os Arabes, Gregos e Italianos volviam e revolviam, n'uma corrente enorme, a transfusão dos productos commerciaes, entre as diversas partes do mundo conhecido.

Republicas de pequeno territorio, como as de Italia, illuminaram com suas flamulas e avassallaram com suas galeras a vastidão dos mares; e despertaram com o seu movimento economico as tradições gloriosas da antiguidade.

Notámos tambem como na Asia e na Africa palpitou, e ás vezes com bastante força, a energia mercantil; e como o Egypto serviu até de mercado cosmopolita aos povos europeus.

Finalmente, ao acabar da edade media, antevimos novos mundos e novos processos de navegação, como se a humanidade já não podesse respirar livremente no circuito dos velhos continentes.

E essa antevisão de novos mundos, essa aurora boreal de novos mares, deve-se a um pequeno povo, situado n'um pequeno recanto, chamado Portugal.

Falta-nos vêr agora o quinhão que os povos do occidente e do centro da Europa tiveram tambem no movimento economico da edade media.

Será isso objecto do terceiro volume.

FIM DO SEGUNDO VOLUME

*

INDICE

CAPITULO I

Idéa geral do movimento economico na edade media

CAPITULO II

Os Gregos ou Bysantinos

CAPITULO III

Os Arabes

CAPITULO IV

A Italia

CAPITULO V

Os Venezianos

CAPITULO VII

Amalfitanos

CAPITULO VIII

Pisa

CAPITULO IX

Florentinos

CAPITULO X

Outras cidades e regiões da Italia e visinhanças

CAPITULO XI

Os Italianos, na região do mar Negro ou Ponto Euxino

CAPITULO XII

Asia e Africa

PRINCIPAES ERRATAS E OMISSÕES

Pag.	*Linhas*	*Onde se lê*	*Leia-se*
58	7	Comnenes	Comnenos
[illegible]	26	largho	largo
105	2	Sechia	Serchio
115	13	imperio do occidente	imperio do Occidente
117	15 e 16	imperio do occidente	imperio do Occidente
118	10 e 11	imperio do oriente e occidente :	imperio do Oriente e Occidente ;
132	21 e 22	dos Sassanidos,	dos Sassanidas,
157	5	grande desinvolvimento industrial	grande desinvolvimento industrial e commercial
282	17	fluxo	luxo
372	26	por este mesmo.	pelo mesmo.
378	[illegible]	notaremos Pistoia	notaremos as seguintes : Pistoia
380	5	esta cidade tinha	esta cidade tinha ainda
416	35	Fundacos dos christãos	Fundacos dos christãos. Communicações
436	13	a sujeitaram	sujeitaram a Persia
437	18	Halagu	Hulagu